

O Spurgeon que Foi Esquecido

Iain H. Murray



Publicações Evangélicas Seleccionadas
Caixa Postal 1287 – 01059-970 – São Paulo, SP
www.editorapes.com.br

Copyright:

The Banner of Truth Trust, 1966

Publicado originalmente em inglês sob o título

The Forgotten Spurgeon pela editora

The Banner of Truth Trust, Edimburgo, EH12 6EL, UK.

Todos os direitos reservados. Permissão gentilmente concedida pela editora The Banner of Truth Trust.

Primeira edição em português:

2004

Tradução do inglês:

Odayr Olivetti

Revisor:

Antonio Poccinelli

Cooperador:

Luís Christianini

Capa:

Sergio Luiz Menga

Impressão:

Imprensa da Fé

DEDICATÓRIA

*Aos oficiais e aos membros da Capela de Grove, Camberwell,
com gratidão por cinco anos de comunhão e apoio
no evangelho da graça de Deus*

Índice

Prefácio da segunda edição	9
Prefácio da edição em português	12
Datas Concernentes a Spurgeon	15
Por que <i>O Spurgeon Que Foi Esquecido?</i>	17
1. O Pregador da Rua do Parque (Park Street)	39
2. A Controvérsia Perdida	67
3. O Arminianismo Contra as Escrituras	93
4. O Arminianismo e a Evangelização	127
5. Questões da Igreja Revividas	147
6. O “Baixo Grau” (<i>The Down Grade</i>)	171
7. O Baixo Grau e Suas Lições	187
8. A Livre Graça e o Baixo Grau em Perspectiva	203
9. “Ainda que os Céus Caiam...”	231
10. Novas Germinações no Tabernáculo Metropolitano	249
Apêndice: Uma Carta Aberta	283
Índice de Autores Citados	297

Prefácio da Segunda Edição

Transcorreram onze anos desde quando a maior parte destas páginas apareceu na revista *The Banner of Truth*, e nesse período muita coisa aconteceu em relação a Spurgeon, apesar dele ter morrido há oitenta anos.¹ Aconteceram mudanças, por exemplo, quanto aos lugares associados à sua memória. Sua primeira residência em Londres, na Rua Nova Kent (*New Kent Road*) foi demolida; a capela da Rua da Artilharia (*Artillery Street*), ao longo de Hythe Hill, em Colchester, onde ele foi convertido naquele dia de janeiro de 1850, foi reaberta para cultos evangélicos; e o Tabernáculo Metropolitano, após alguns anos de dificuldades, uma vez mais estende a sua influência pelo evangelho no coração de Londres. Mas, acima e além de tudo, houve a reedição, durante os últimos quatro anos, de muitos dos volumes da sua obra *O Púlpito do Tabernáculo Metropolitano*. Até 1969, os editores dos dois lados do Atlântico parecem ter concluído que essa grande série de volumes – inquestionavelmente a obra mais influente de todas quantas Spurgeon preparou para a imprensa – nunca mais voltaria a ser publicada *in toto*; conseqüentemente, eles não fizeram mais que publicar compêndios e seleções dos escritos de Spurgeon. No entanto, depois de 1969, os editores deste livro lançaram uma reimpressão de doze volumes de *O Púlpito do Tabernáculo Metropolitano* (isto é, os volumes 26-37, correspondentes aos anos de 1880 a 1891), ao passo que a “Publicações Peregrino” (*Pilgrim Publications*), Pasadena, Texas, 77501, até aqui reeditou dezesseis volumes (8-23, relativos aos anos de 1862 a 1878), e espera continuar até completar a série.

¹ Este Prefácio traz a data de 6 de setembro de 1972. Nota do tradutor.

Um índice completo dos sermões de Spurgeon também está disponível para os interessados na aquisição das reedições inglesas. Não poderia haver mais excelente investimento espiritual para os jovens cristãos e para todos os envolvidos na obra cristã do que a presente oportunidade de comprar essa série. Certamente nunca mais será oferecida pelos preços atuais!

Fiz algumas mudanças nesta segunda edição. No capítulo 8 introduzi várias páginas de documentos tomados de recortes de jornais contemporâneos de Spurgeon e colecionados por ele em seus álbuns de recortes, os quais estão atualmente preservados em *Spurgeon's College* (na Escola de Spurgeon). O capítulo 10 é inteiramente novo. Depois da publicação da primeira edição deste livro, tive a oportunidade de discutir alguns aspectos do meu assunto com cristãos mais velhos que se lembravam do Tabernáculo Metropolitano dos primeiros anos deste século.² Um deles, pouco antes de morrer, confiou-me o raro panfleto de Charles Noble que eu acrescentei a esta edição como apêndice. Para mim foi uma forte confirmação da crença que está por trás deste livro, a saber, que os sucessores de Spurgeon e o movimento evangélico moderno que eles ajudaram a iniciar, em muitos aspectos têm sido mais fracos e menos bíblicos do que a escola de fé à qual ele pertencia. Há, porém, hoje um movimento de retorno àquelas verdades vivas que Spurgeon acreditava que as gerações futuras redescobririam no tempo determinado por Deus. Por todo o mundo jovens crentes e pregadores estão sendo cativados novamente pelas mesmas doutrinas que em geral estavam sendo postas de lado no fim do século dezenove. O certo é que, se a história desta mudança atual de pensamento alguma vez for escrita, deverá ser dito que, sob as mãos de Deus, o testemunho de Spurgeon exerceu poderosa influência na década de 1960. Essa influência, cremos nós,

² Século vinte. Nota do tradutor.

continuará, e se isso fizer com que o título deste livro seja um completo *equivoco*, ninguém ficará mais satisfeito que o autor!

Só me resta agradecer ao Dr. G. R. Beasley-Murray por me conceder graciosamente as facilidades da *Heritage Room* (Sala do Patrimônio) da Escola de Spurgeon, e registrar meu débito ao meu amigo S. M. Houghton, de Charlbury, cujo pronto auxílio mais uma vez tornou o meu trabalho consideravelmente mais fácil.

Edimburgo
6 de setembro de 1972

Iain Murray

Prefácio da Edição em Português

A primeira obra que li de Charles Haddon Spurgeon foi um volume em inglês da série *New Park Street Pulpit* uma coletânea dos sermões do jovem pregador em seu primeiro ministério, na igreja batista da Rua do Parque Novo, em Londres, quando tinha apenas 17 anos de idade. Eu era um jovem missionário no interior de Pernambuco, recém-convertido, evangelizando trabalhadores rurais de usinas de açúcar e os moradores da cidadezinha onde me alojava.

Lembro-me da noite em que li o sermão *Election* (Eleição). Terminei de joelhos, orando em lágrimas e agradecendo a Deus a minha eleição e predestinação. Tornei-me calvinista naquela noite. A influência de Spurgeon foi determinante na minha formação teológica, mesmo antes de ir ao Seminário estudar para o ministério pastoral.

Já estudante de teologia, preguei certa noite numa igreja da capital (Recife). Ao terminar, o presbítero Solano Portela veio falar comigo. Gentilmente ofereceu sugestões quanto ao conteúdo da minha mensagem e convidou-me para ir à sua casa para continuarmos a conversa. Lá, recebi de presente vários livros, entre eles *The Forgotten Spurgeon*, de Iain Murray, o livro que o leitor agora tem em mãos, traduzido em português.

Devorei a obra avidamente. Nela, com o rigor e a maestria que caracterizam suas biografias, Iain Murray descreve um aspecto do ministério de Charles Spurgeon largamente esquecido pelos evangélicos que o admiram como o Príncipe dos Pregadores. Spurgeon envolveu-se, durante seu longo ministério, em controvérsias contra o arminianismo, o

hipercalvinismo e o liberalismo teológico, os quais em diferentes fases de sua vida, assolaram e solaparam a sua denominação. Este aspecto do ministério de Spurgeon é desconhecido no Brasil, a não ser pelas referências feitas por John MacArthur em seu livro *Com Vergonha do Evangelho*, traduzido e publicado em português, e resenhado por Solano Portela na revista *Fides Reformata*.

As controvérsias nas quais Spurgeon envolveu-se não devem ser vistas como discussões históricas sobre pontos doutrinários irrelevantes. Na verdade, elas refletem tensões e questionamentos existentes de longa data entre os evangélicos e que são de natureza crucial para a Igreja de Cristo.

A leitura de *The Forgotten Spurgeon* ajudou-me a entender melhor o ministério do grande batista reformado. As controvérsias, que por vezes se tornaram amargas, certamente foram um espinho em sua carne, mas delas o famoso pregador não pode livrar-se, visto ser homem de convicções firmes e definidas quanto à autoridade das Escrituras e ao equilíbrio correto entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana. Aprendi com este livro que mesmo os maiores homens de Deus não conseguem agradar a todos, e que a controvérsia será elemento integrante de todos aqueles que ousarem publicar suas convicções teológicas conservadoras. Aprendi ainda que a defesa da verdade bíblica e do equilíbrio cristão fazem parte integrante do ministério de todo verdadeiro pastor. Numa época em que os pastores e pregadores tendem, mais e mais, a evitar posicionamentos doutrinários claros e definidos, Spurgeon aparece como um gigante de coragem entre nanicos acovardados e amordaçados pelo pragmatismo de seus ministérios.

Aprendi, por fim, que a causa maior de Spurgeon ter sido condenado e expulso da sua denominação foi a omissão dos conservadores. Tais conservadores omissos constituíam provavelmente a maioria dos batistas ingleses. Eles se omitiram, em “nome da paz”, de envolver-se na defesa de

O SPURGEON QUE FOI ESQUECIDO

Spurgeon e dos princípios e verdades que ele defendia. Não quero com isto fortalecer conservadores que dentro de suas próprias denominações promovem cruzadas teológicas por questiúnculas teológicas e litúrgicas. Desejo apenas ressaltar que a omissão dos conservadores em causas justas e cruciais abre espaço rapidamente ocupado pela heterodoxia. No caso dos batistas ingleses da época de Spurgeon, um pequeno grupo de liberais conseguiu dominar o cenário da denominação e obteve a exclusão daquele que provavelmente foi o maior pastor batista da época. O quadro repete-se hoje: em muitas denominações históricas conservadores a-teológicos e indiferentes para com a defesa da fé assistem passivamente à corrupção das doutrinas básicas, do culto a Deus e dos valores bíblicos em silêncio cúmplice, em nome de uma paz falsa e perigosa, e da manutenção de seus empregos como religiosos.

Tenho certeza que a leitura de *The Forgotten Spurgeon* trará ânimo e sabedoria aos cristãos de todas as denominações que desejam ficar firmes e batalhar pela fé que uma vez por todas foi dada aos santos. É nesta convicção que recomendo a sua leitura.

São Paulo, SP
Abril de 2004

Augustus Nicodemus Lopes, Ph.D
Pastor Auxiliar da Igreja Presbiteriana
de Santo Amaro

Algumas datas Concernentes a Spurgeon

1834	19 de junho	Nasce em Kelvedon, Essex, Inglaterra
1850	6 de janeiro	Convertido em Colchester
1851	outubro	Torna-se pastor da Capela Batista de Waterbeach, Cambridge
1854	abril	Chamado para <i>New Park Street Chapel</i> (A Capela da Rua do Novo Parque) Southwark
1855	janeiro	Começa a publicação dos sermões semanais
	outubro	Reeditada a Confissão Batista de 1689
1861	18 de março	Inaugurado o Tabernáculo Metropolitano
1864	5 de junho	Sermão sobre a “Regeneração Batismal”
1865	janeiro	Começa a publicação de <i>The Sword and the Trowel</i> (A Espada e a Pá)
1873-75		Primeiras missões de Moody-Sankey na Grã-Bretanha
1887		Começo da controvérsia sobre o Down Grade (Baixo Grau)
	28 de outubro	Renuncia à União Batista
1888	20 de abril	Por 2.000 votos a 7 a União Batista aceita uma declaração modificada de fé – coisa inaceitável para Spurgeon
1891	7 de junho	Último sermão no Tabernáculo
1892	31 de janeiro	Morre em Mentone (França)
1897-1900		É publicada A Autobiografia (<i>The Autobiography</i>)

O SPURGEON QUE FOI ESQUECIDO

- 1898 20 de abril O Tabernáculo é consumido pelo fogo
- 1905 novembro A biblioteca de Spurgeon (contendo provavelmente a melhor coleção particular de literatura puritana da Grã-Bretanha) é vendida ao *William Jewell College* (Escola William Jewell), Missouri.
- 1917 maio Fim da publicação dos sermões semanais

Por que “O Spurgeon que Foi Esquecido”?

Meu primeiro contato com Spurgeon resultou de uma visita a uma livraria de livros usados em Liverpool em 1950, embora por alguns anos depois o contato tenha sido pequeno. Alguns dos seus livros, poucos, estavam em minhas estantes, e, sendo eu então um cristão novo na fé, pude apreciar o seu calor evangélico, mas eu o via mormente à distância, como um curioso púlpito vitoriano. Naquele tempo provavelmente eu teria aprovado a opinião de um recente escritor que diz que “numa época de veementes sermões ingleses”, Spurgeon “berrava retumbantes períodos, empilhava metáfora sobre metáfora”. Certo é que eu pensava que nos seus escritos não havia nada que diferisse da série de livros evangélicos mais recentes, menos o seu volume. Não é de admirar, pois, que as compras feitas na livraria de Liverpool eram pouco utilizadas, e o meu conceito sobre Spurgeon poderia ter continuado o mesmo até ao dia de hoje, se o meu pensamento não sofresse total perturbação e não mudasse de direção quando estudei em Durham. O novo ímpeto para a minha vida espiritual veio de velhos livros – empoeirados volumes de diversos tamanhos e modelos – que tinham uma característica comum em seu apego à teologia e à doutrina experimental associadas às épocas da Reforma e dos puritanos. O poder de atração desses escritores antigos estava na maneira como eles abriam as Escrituras e apresentavam as doutrinas da graça de Deus com nova riqueza. Alguns de nós nunca esqueceremos a bênção dos nossos primeiros tempos, quando líamos os puritanos e voltávamos à Bíblia com apreciação maior que nunca antes.

Foi quando eu estava nesse processo de descobrimento que outro livro de Spurgeon chegou-me às mãos em 1953; foi sua obra *Commenting and Commentaries: Two Lectures together with A Catalogue of Biblical Commentaries and Expositions*

(Comentando e Comentários: Duas Preleções e Um Catálogo de Comentários e Exposições Bíblicas). Como sabem todos os que o conhecem o Catálogo, ele cobre todo o campo das obras expositivas na língua inglesa até 1876 e, embora abrangendo ampla variedade de escolas de pensamento, dos anglicano-católicos aos irmãos de Plymouth, um importante propósito era chamar a atenção para os comentaristas puritanos e seus sucessores. A fina obra contém uma mina de informações literárias sobre escritos do século dezessete que, não fora isso, ter-se-iam perdido nos tempos modernos. Spurgeon não se acanhava do seu objetivo: ele queria pesquisar mais as Escrituras, e acreditava que os escritos puritanos eram um dos melhores meios para se obter esse resultado. “Os nossos antepassados eram homens fortes porque viviam das Escrituras. Ninguém resistia a eles porque se alimentavam de boa carne, ao passo que os seus degenerados filhos gostam demais de comida malsã. A palha da ficção existente na publicação trimestral¹ é pobre substituto do velho trigo das Escrituras.” Não é que Spurgeon ignorava os comentários mais recentes do seu tempo, mas eles ficavam muito aquém: “Bom como este volume é”, escreveu ele em 1877 sobre a obra *Estudos sobre o Novo Testamento*, de F. Godet, “nem se compara, quanto ao peso do pensamento e à profundidade da instrução, com os velhos e grandes escritos puritanos, os quais, para nós ao menos, são sempre novos e altamente inspiradores”. Se eu já não estivesse a caminho, verificando declarações como essas, bem poderia ser que recebesse a obra *Commenting and Commentaries* com menor interesse; pois esse foi o livro que se tornou o meu *vade mecum*, ao ponto de eu vir a saber de cor os seus nomes salientes. Todavia, apesar de ter sido ajudado dessa forma a ler os puritanos, não progredi muito na apreciação do próprio Spurgeon. Sem dúvida eu passei a ter um entusiasmo exagerado pelo que geralmente se achava entre as capas de

¹ “*The Quarterlies*”. Nota do tradutor.

couro e nos “in-folio”; um entusiasmo que passava por alto o fato de que o Espírito tem dado distintos e diferentes dons aos homens de diferentes épocas. A era vitoriana não me atraía, e na época a minha idéia do principal valor de Spurgeon era que ele atuava como uma espécie de poste de sinalização, sinalizando para o século dezessete. Como Spurgeon relacionava a teologia puritana com o seu próprio ministério entre as pessoas comuns que tinham que dar duro no trabalho pesado e na confusão de uma cidade comercial, como ele fazia a destilação de velhos pensamentos passando-os para o inglês claro e simples, como ele usava doutrinas sólidas de uma era ultra-passada para evangelizar num contexto histórico diferente – todas estas eram questões que eu não considerava.

Até então eu não tinha visto as publicações mais valiosas de Spurgeon, seus sermões – que se deve distinguir das seleções e dos “extratos seletos” que se acham em volumes de diferentes tamanhos sob o seu nome. A primeira vez que vi a série encadernada em preto, já empalidecido, da obra *The Metropolitan Tabernacle Pulpit* (O Púlpito do Tabernáculo Metropolitano), e a série ainda mais estragado de *The New Park Street Pulpit* (O Púlpito da Rua do Novo Parque), foi na Igreja Livre de São João, Oxford, onde o ministro, Sidney Norton, semeou em minha mente pensamentos sobre Spurgeon, pensamentos que posteriormente haveriam de desenvolver-se.

Várias providências controlam a tendência da nossa leitura. William Robertson Nicoll narrou que, como ministro “em prova” numa povoação de Aberdeenshire, em 1874, onde eram raros os livros, teve acesso a uma série de sermões de Spurgeon e em seis meses “varou todos os volumes”!² Foi uma situação muito diferente que afinal me levou a fazer uma séria leitura dos sermões. Em 1961 fui chamado para o púlpito da Capela de Grove, em Camberwell – área muito conhecida

² *Princes of the Church* (Príncipes da Igreja), 1922, 49.

de Spurgeon, se bem que muito modificada hoje. Humanamente falando, as perspectivas da nossa igreja não eram encorajadoras, e eu percebi que nenhuma simples repetição do velho ensino resolveria os problemas da década de 1960. De um livro da biblioteca da nossa igreja caiu no chão um bilhete para o Teatro de Música de Surrey (Surrey Music Hall), assinada por um dos diáconos de Spurgeon e com o aviso de que as reservas só seriam mantidas até uma certa hora dos domingos de manhã. A época em que tais coisas aconteciam na zona sul de Londres no dia do Senhor parecia distante, e não era preciso que me fizessem lembrar o contraste que na prática se dá com os dias atuais. Nesse contexto pastoral me envolvi de novo com Spurgeon e durante alguns anos tive em mãos, quase toda semana, um ou outro dos sessenta e dois volumes da série mencionada acima. O objetivo imediato foi ajudar a minha igreja, mas a experiência redundou em que toda a concepção que eu tinha de Spurgeon foi mudada radical e permanentemente. Pareceu-me que o Spurgeon dos sermões era um homem que fora esquecido, e quanto mais eu lia, mais se aprofundava essa minha convicção. Com isso eu quero dizer que, apesar dos encômios modernos feitos a ele como “o príncipe dos pregadores”, e apesar das anedotas que ainda sobrevivem no mundo evangélico sobre as suas habilidades e sobre o seu humor, alguns dos aspectos mais importantes do seu ministério foram esquecidos.

Provar essa asserção parece difícil, à primeira vista. Pois os escritos de Spurgeon são tão volumosos – suficientemente extensos para encher os vinte e sete volumes da nossa edição inglesa da Enciclopédia Britânica – que talvez qualquer pessoa possa extrair passagens sobre um assunto preferido, passagens suficientes para fazê-lo parecer um porta-voz de causas que de fato não têm muita importância no contexto do seu ministério considerado em sua inteireza. No entanto, no caso de Spurgeon, esse argumento não é sólido, embora

possa ser no caso de vultos do púlpito do século dezenove, como Henry Ward Beecher e Joseph Parker, cuja teologia tinha pequeno ou nenhum sistema, e que podiam dizer numa década o que negariam na próxima. O que distinguia Spurgeon de tantos contemporâneos seus era que toda a sua pregação provinha de uma estrutura definida da verdade, uma estrutura maciça porque bíblica e, contudo, também suficientemente simples para ser exposta dentro de um estreito espaço. Spurgeon podia, e o fazia, declarar a sua fé numa forma confessional definida, e os seus sermões, conquanto diversificados bíblicamente e muito abrangentes, cobrindo amplamente as Escrituras, jamais perdem o contato com o sistema da verdade do evangelho no qual ele se apoiava. “É perfeitamente extraordinário”, observou um crítico, “quão capaz e poderoso o grande batista pode ser dentro dos seus limites doutrinários muito estreitos.” A prolongada leitura de Spurgeon feita por Robertson Nicoll levou-o a asseverar que “não se pode duvidar de que a sua teologia era um importante elemento da sua duradoura atração”, e pergunta: “Por que o calvinismo floresceu tão abundantemente nas regiões úmidas, de baixo nível, densamente povoadas e conflitantes da zona sul de Londres?” Dessa questão me ocupo agora. O ponto de destaque da citação é que a teologia de Spurgeon é colocada em letras nítidas e grandes em seus sermões – é tão simples e clara que não é possível representá-la mal com sucesso. Além disso, a existência de um documento como o “Catecismo de Spurgeon” (*Spurgeon’s Catechism*),³ que oferece a estrutura de toda a sua pregação numa forma que pode ser lida em dez minutos – é uma eficaz salvaguarda contra qualquer distorção das suas principais ênfases.

A única maneira de lidar com a teologia de Spurgeon é aceitá-la ou esquecê-la: este último fato, o esquecimento, é que eu acredito que aconteceu grandemente no século vinte.

³ Disponível na Evangelical Press, 136, Rosendale Road, Londres, S.E. 21.

E, sem a sua teologia, Spurgeon é quase tão distorcido como as figuras de Spurgeon em porcelana barata, postas à venda por charlatães há um século e tanto.

Nas páginas seguintes o assunto principal é o pensamento e o ensino de Spurgeon. Isto não é uma biografia. Não obstante, como as fortes ênfases da sua pregação surgiram de contextos históricos definidos, centralizei os capítulos em grande parte em torno das três importantes controvérsias do seu ministério. A primeira diz respeito ao depoimento inicial de Spurgeon contra um movimento evangélico diluído e a controvérsia que se seguiu, quando, em razão dos cultos realizados por ele no Teatro Exeter e no Teatro de Música de Surrey, ele começou a atrair a atenção dos ministros e dos jornais que por longo tempo haviam presumido que a espécie de teologia que era intenção de Spurgeon restaurar era coisa do passado. A segunda controvérsia resultou de um sermão sobre a “Regeneração Batismal”, que ele pregou em 5 de junho de 1864. Esse foi, de todos os seus sermões, o mais amplamente divulgado, e levou a um debate consideravelmente mais amplo do que o assunto sobre o batismo. O catálogo do Museu Britânico, sob o verbete “Spurgeon”, dedica quase quatro colunas aos livros e panfletos ligados a essa controvérsia. Conquanto eu mesmo não seja adepto de uma posição idêntica à de Spurgeon sobre o tema do batismo, acredito que essa foi uma das mais importantes controvérsias não resolvidas do século dezenove. A última grande controvérsia, de 1887 até sua morte, ocorrida cinco anos mais tarde, com cinquenta e sete anos de idade, centraliza-se em seu protesto contra o movimento “Baixo Grau”, nas igrejas. Essa foi certamente a luta mais penosa de todo o seu ministério, e foi inevitável, pois, como escreveu E. K. Simpson, “a ruptura entre os libertinos críticos e os arautos de Cristo crucificado foi de alto a baixo até aos fundamentos”.

Da primeira dessas controvérsias pode-se dizer algumas palavras aqui, a título de introdução. Segundo os padrões modernos, ela dizia respeito a uma disputa que jamais

deveria ter surgido. A abordagem “moderna” consiste em evitar palavras como arminianismo e calvinismo e em dizer que o evangélico bíblico não é seguidor de nenhum sistema “humano”. Esses velhos termos, assim se diz, nunca teriam surgido, se os dois lados tivessem visto que cada esquema doutrinário tinha uma ênfase escriturística, a responsabilidade humana por um lado, e a soberania divina por outro. A verdade completa é mais ampla do que qualquer dos dois lados pode ver. Mas essa solução para a controvérsia de fato não é nova, é exatamente a mesma do homem que Spurgeon critica por recomendar nos sermões “três grãos de calvinismo e dois de arminianismo”.⁴ Isso nem é bíblico, pois realmente contorna o ponto sobre o que as Escrituras querem dizer com soberania e responsabilidade. A mera citação dos termos não faz de um homem um “evangélico bíblico”.

Em seus primeiros tempos Spurgeon tendia a empregar o termo “arminiano” como um rótulo aplicável a indivíduos; essa prática, que tende a prejudicar a observância do “novo mandamento” de João 13:34, ele posteriormente abandonou quanto lhe foi possível, e nada se pode dizer a favor da retomada do seu uso nesse sentido. Contudo, desde que existe uma forma de pensamento sobre o evangelho historicamente associada ao arminianismo, é necessário que haja uma termo teológico para denotar esse modo de pensar. Ocultar a palavra não ajuda ninguém; e se um homem, como por exemplo o eminente João Wesley, pensa em termos do seu arminianismo, é porque não se envergonha do título. Para ele, esse título representa conceitos escriturísticos. Similarmente, se existe um corpo de verdade evangélica, redescoberto em grande parte no período da Reforma, e se isso difere em certos aspectos importantes de um evangelismo mais compreensivo e posterior, há necessidade de uma expressão para marcar a

⁴ *An All-Round Ministry*, 1960, reimpressão, p. 265

diferença. É quase um fato acidental da história que a teologia da Reforma se tornou conhecida como “calvinismo”, mas o nome, uma vez estabelecido, tem servido a um importante propósito: para quem acredita nele, é um sistema escriturístico, e sua associação com o nome do líder do século dezesseis é meramente acidental. É nesse sentido que Spurgeon usa o termo “calvinismo”. Para ele o calvinismo era a fé que pertencia tanto a Agostinho e a Paulo como ao reformador de Genebra. Embora, pois, repudiemos o uso desses nomes como rótulos divisórios, seu uso ocasional numa discussão provavelmente é essencial aos interesses da clareza. Não adianta a pessoa se declarar meramente bíblica, quando toda a questão é: que é que as Escrituras realmente ensinam sobre certos pontos?

Há outra matéria preliminar relacionada com a discussão acima. Quando se fala do calvinismo como um “sistema” – uma teologia que compõe um todo coerente – certo é que surge na mente de alguns a idéia de que essa é a sua fraqueza, não a sua força. O perigo dessa posição não seria que leva a lógica e a razão a extremos?

Levanto este ponto agora para que os leitores possam estar preparados para avaliar a justiça da acusação que consta nos capítulos subseqüentes. Se Spurgeon é tomado como um bom porta-voz do sistema que sustenta plenamente as doutrinas da graça soberana, talvez evidencie que o gorro foi posto na cabeça errada. Como veremos, tanto o hipercalvinismo como o arminianismo contestam Spurgeon, e, por estranho que pareça, sobre a mesma base. Spurgeon sustentava, porque cria que as Escrituras ensinam isso, que o homem é responsável por crer no evangelho, e que, todavia, por causa do pecado, ele é totalmente incapaz disso. Mas como, pergunta a razão, pode uma pessoa ser declarada responsável por uma ação da qual não é capaz? O hipercalvinismo, aceitando a questão levantada pela razão, resolve o problema negando a obrigação universal de confiar em Cristo, ao passo que o arminianismo também

segue a razão e resolve o problema diferentemente, afirmando que a capacidade tem que ser universal. De novo, Spurgeon, na linha da escola histórica a que pertencia, cria que ninguém é salvo, exceto pela graça especial e eficaz de Deus, a que a razão responde que, portanto, necessariamente, o resto da humanidade tem que perecer em pecado. Assim, o hiper-calvinismo (em suas piores formas) resigna-se à inatividade, enquanto que o arminianismo, também considerando esta resposta como logicamente inevitável, se se aceitar a doutrina da graça especial, abandona toda essa doutrina como monstruosa – e seria monstruosa se tudo o que a razão tem para dizer sobre o assunto fosse legítimo. A única réplica que o verdadeiro calvinismo pode fazer às deduções racionais do hiper-calvinista e do arminiano é asseverar, como Paulo assevera em Romanos, capítulo 9, que os processos de raciocínio humano são inadmissíveis, quando aplicados a assuntos que Deus não quis explicar. Na medida em que pretensos expoentes da teologia calvinista se apartaram dessa atitude, deram bases justas para outros cristãos se queixarem, porém uma vista geral da posição dos que sobressaíram como mestres deste sistema daria provas de que a força destes homens estava em sua determinação de resolver tudo somente pelas Escrituras e, onde as Escrituras não oferecem solução para as dificuldades, calar-se e adorar o grande Deus.⁵ “A fé”, diz Spurgeon, “é a razão repousando em Deus.”

⁵ William Tyndale, por exemplo, define a posição dos reformadores do século dezesseis sobre este assunto quando diz: “Por que Deus abre os olhos de um homem, e não os de outro? Paulo (Rom. capítulo 9) proíbe perguntar por quê, pois é profundo demais para a capacidade do homem. Vemos que Deus é honrado com isso, e Sua misericórdia mais se expõe e mais se vê nos vasos da misericórdia. Mas os papistas não suportam a idéia de que Deus tenha qualquer segredo e Se oculte. Eles têm pesquisado até o fundo da Sua sabedoria sem limite; e, porque não conseguem alcançar Seu segredo, e são orgulhosos demais para deixar de incomodá-LO e para admitir que são ignorantes, com o apóstolo (que outra coisa não conhecia senão a glória de Deus nos eleitos) eles foram adiante e erigiram o livre-arbítrio,>>

Não obstante, esta mesma escola que ensina humildade diante de Deus, também é fortíssima em afirmar o dever que a Igreja tem de sustentar um sistema de teologia, e não há nenhuma incoerência aí, porque a ciência da teologia sistemática ocupa-se da derivação das verdades oriundas das Escrituras e da formulação delas, quanto possível, num conexo corpo de doutrina. Rejeitar esta ciência como uma intromissão da razão nas Escrituras é *pré-supor*⁶ que as Escrituras não fornecem nenhum material adequado ou nenhuma orientação para a formulação daquilo que com justiça se pode chamar de sistema bíblico. Essa pressuposição, que não infreqüentemente é considerada como algo que protege as Escrituras contra “sistemas humanos”, é antibíblica. Spurgeon escreve: “Afirmar de qualquer produção humana que contivesse muitas grandes e instrutivas verdades, que seria impossível sistematizá-las sem enfraquecer cada verdade separada e sem frustrar o propósito do todo, seria uma grave reflexão sobre a sabedoria e a habilidade do autor. Quanto mais afirmar isso da Palavra de Deus! A teologia sistemática é para a Bíblia o que a ciência é para a natureza. Supor que todas as outras obras de Deus são ordenadas e sistemáticas, e quanto maior a obra, mais perfeito o sistema; e que a mais grandiosa de todas as Suas obras, na qual todas as Suas perfeições são manifestadas transcendentemente, não tem nem plano nem sistema, é um absurdo total. Se a fé nas Escrituras deve ser positiva, se deve ser coerente, se deve ser operante, se deve ser permanente, terá que ter um credo fixo e bem definido. Ninguém pode dizer que a Bíblia é seu credo, a menos que o expresse em termos da sua própria lavra”.⁷

<<acompanhando nisso os filósofos pagãos, e dizem que o livre- arbítrio do homem é a causa pela qual Deus escolhe um e não outro, contra toda as Escrituras”. *An Answer to Sir Thomas More's Dialogue* (Resposta ao Diálogo de “Sir” Thomas More), Parker Soc., reimpressão, 1850, 191.

⁶ *Sic*, para ênfase. Nota do tradutor.

⁷ *The Sword and the Trowel*, 1872, 141. Esta transcrição é parte de uma resenha da *Teologia Sistemática* de Charles Hodge.

Tendo feito essas reflexões ligadas à primeira controvérsia, passo a considerar em seguida uma objeção geral que é provável que seja levantada contra o método que segui neste livro, qual seja: é certo dar destaque a Spurgeon em termos destas três controvérsias? Na medida em que essa objeção chama a atenção para a impossibilidade de tratar de um homem tão multifacetado como Spurgeon num livro deste porte, estou de perfeito acordo. Este livro não é um substituto de uma biografia, nem uma alternativa para a leitura dos seus sermões de primeira mão; uma razão pela qual eu documentei as minhas citações dos últimos é incentivar o subsequente acompanhamento daquilo que não passa de extratos. Uma coisa que o leitor verá nos sermões é que Spurgeon sempre pregou muito do que pertence à corrente maior do cristianismo universal, e isso fez com que ele fosse valorizado por cristãos de numerosos segmentos da Igreja. Eu não gostaria de apresentar Spurgeon fazendo ele exatamente o que ele exortava os seus alunos a não fazerem, a saber, “recitar cinco ou seis doutrinas com a sempre igual monotonia da repetição”.

Mas a objeção vai mais longe. Declara-se que a controvérsia e o debate teológico não eram funções de Spurgeon e que, na extensão em que ele se envolveu neles, esteve fora da sua verdadeira vocação. Dessa opinião eu discordo inteiramente, embora não se possa saber quantos são os seus defensores. Dos tempos vitorianos até agora ele tem sido aplaudido em quase todos os papéis, exceto no de um homem que dava um vital testemunho contra os erros da Igreja. Como personalidade, pregador, escritor, batista, místico e filantropo, Spurgeon tem sido descrito e discutido, mas em meio às grandes controvérsias nas quais ele se envolveu tão zelosamente, e à teologia à qual ele se ateu com tanta tenacidade, ele em geral caiu no esquecimento. E isso tem sido justificado com base em que os aspectos polêmicos do seu ministério são os menos importantes porque a teologia não era o seu forte. Assim, quando a

controvérsia sobre o Baixo Grau estava no auge, John Clifford, vice-presidente da União Batista, declarou: “Causa-me indescritível pesar ver este “conquistador de almas” incitar milhares de cristãos a se engajarem em contenda e conflito, em vez de inspirá-los, como poderia, a manter um esforço heróico para levar as boas novas do evangelho de Deus aos nossos patrícios!”⁸ Quatro anos mais tarde, um jornal religioso, publicando um obituário de Spurgeon, fez eco ao sentimento dominante: “Nós nos afastamos das suas “teorias calvinistas” e viemos para a sua vida cristã, e aqui encontramos bondade sólida, o seu genuíno caráter amoroso, em direto contraste com o seu credo estreito”.⁹

Assim como a imagem dos puritanos depois de 1662 era formada em grande parte pelos ditos mordazes daqueles que não gostavam nem um pouco da religião deles, assim também a imagem de Spurgeon projetada no século vinte é, em grande parte, obra de homens que tinham pouca ou nenhuma simpatia por sua doutrina e que o desacreditavam como teólogo.¹⁰ Fora Robert Shindler, que escreveu abreviadamente, antes da morte de Spurgeon,¹¹ e Charles Ray, que parece ter feito pouco mais que escrever um resumo da autobiografia,¹² não vem

⁸ G. Holden Pike, *The Life and Work of Charles Haddon Spurgeon* (Vida e Obra de C. H. Spurgeon) (publicado estritamente para os subscritores, na década de 1980), vol. 6, 297.

⁹ Pike, 6, 352.

¹⁰ William Robertson Nicoll, editor de O Semanário Inglês (*The British Weekly*), foi um dos poucos críticos literários da época que viram a injustiça do juízo que ignorava Spurgeon como mestre. Sua opinião era que “a Igreja ainda não sabe que grande santo e doutor ela teve no Sr. Spurgeon”, e mais, “um grande e culto teólogo, magistral em todas as partes do seu próprio sistema, não pregava nada que não tivesse provado”. Introduction to *Sermons by Rev. C. H. Spurgeon* (Introdução aos Sermões do Rev. C. H. Spurgeon), s/data, 8.

¹¹ *From the Usher's Desk to The Tabernacle Pulpit*, “The Life and Labours of Pastor C. H. Spurgeon” (Da Escrivadinha de Usher ao Púlpito do Tabernáculo, Vida e Obras do Pastor C. H. Spurgeon), 1892.

¹² *The Life of Charles Haddon Spurgeon*, 1903.

logo à mente o nome de nenhum biógrafo de Spurgeon que pudesse subscrever sinceramente a confissão de fé afirmada por Spurgeon quando este foi para a Capela da Rua do Novo Parque. W. Y. Fullerton e J. C. Carlile, que na terceira e na quarta décadas do século vinte escreveram o que às vezes tem sido considerado como biografias modelares de Spurgeon, não poderiam subscrevê-la, e, embora esses escritores lancem luz parcial sobre algumas das controvérsias, eles nos fazem lembrar por demais os “homens de algodão e gesso” dos quais Spurgeon falava. Não se pode encontrar em suas páginas uma exposição da doutrina de Spurgeon. Quando T. R. Glover escreveu sobre Spurgeon em *The Times (Os Tempos)*, em 1932, e A. Cunningham-Burley publicou sua obra, *Spurgeon and His Friendships* (Spurgeon e Suas Amizades), em 1933, a interpretação que vinha sendo feita do finado pastor do Tabernáculo Metropolitano tinha chegado ao nível mais baixo.¹³ Este último livro ajusta-se admiravelmente a um comentário que uma vez Spurgeon impingiu a outra obra: “Útil para as criadas acenderem o fogo”.

Dessa forma, lá pela década de 1930, a predição vitoriana de que Spurgeon era “o último dos puritanos” (frase cunhada por liberais não conformistas) parecia estar amplamente demonstrada. “O antiquado evangelho” pelo qual a sua igreja e a sua escola tinham sido estabelecidas “como uma insígnia”, em grande parte foi esquecido, exceto por uns poucos que tiraram a força dos tributos denominacionais oferecidos à memória de Spurgeon por volta da data do centenário do seu nascimento, em 1934, fazendo perguntas como, “Qual destes “mais conhecidos ministros batistas” proclama a verdade da eleição divina como Spurgeon a

¹³ Uma exceção a isso foi um excelente artigo escrito por Edmund K. Simpson, como réplica a Glover, intitulado, “Spurgeon’s Intellectual Qualities” (Qualidades Intelectuais de Spurgeon), publicado em *The Evangelical Quarterly*, em outubro de 1934.

proclamava? Qual deles se gloria no precioso sangue do nosso Senhor Jesus Cristo como Spurgeon nele se gloriava?”¹⁴ Com as coisas ocorrendo dessa maneira, não admira que o conceito moderno sobre Spurgeon diminua a sua importância teológica.

Wilbur Smith escreveu em 1955: “Procurei ler de novo a maior parte dos significativos volumes autobiográficos e biográficos sobre Charles H. Spurgeon, e, ao fazê-lo, cheguei à forte convicção de que a Igreja Cristã atual ainda não viu uma obra plenamente adequada e definitiva sobre a vida deste poderoso pregador da graça de Deus”.¹⁵ Essa conclusão, acredito eu, é perfeitamente correta.

Minha principal defesa do método por mim seguido neste livro não consiste, porém, numa crítica aos biógrafos que menosprezaram ou ignoraram estas três controvérsias. Eu ponho a minha causa na própria convicção de Spurgeon de que a posição que ele assumiu sobre as doutrinas envolvidas nestas controvérsias era de grande importância – uma convicção da qual os seus sermões, a sua Autobiografia e a sua

¹⁴ Citado de *Our Outlook*, A Quarterly Message (Nossa Perspectiva, Mensagem do *Quarterly*), em conexão com a Capela da Via Highgate, Londres, N.W. 5, editado por John Wilmot, Vol.179, correspondente a 1937-1939. Em 1939 a Escola de Spurgeon filiou-se novamente à União Batista e no mesmo ano o Diretor da Escola, Percy W. Evans, foi eleito Presidente da União. Um periódico comentou: “Foi uma eleição interessante porque no tempo de Spurgeon a Escola afastou-se da União devido a divergências teológicas, e o Dr. Evans foi um importante instrumento para trazer de volta a Escola. O Dr. Evans tem mantido as tradições ortodoxas e evangélicas da Escola, mas é mais mente aberta que o famoso fundador”. Na mesma ocasião um escritor, em *Bible League Quarterly* (Publicação Trimestral da Liga da Bíblia), lamentou não ter se correspondido com o Diretor da Escola de Spurgeon, “para garantir a certeza de que a doutrina histórica da inspiração verbal das Escrituras Sagradas, nos termos em que era apregoada originalmente, é ensinada hoje como o era pelo fundador da Escola”, *ibid.*, 198,199.

¹⁵ Numa Introdução da obra *The Treasury of Charles H. Spurgeon* (Tesouro de C. H. Spurgeon), 1955, 19.

revista mensal, *The Sword and the Trowel* (A Espada e a Pá), editada por ele durante vinte e sete anos, dão abundante testemunho. Falando a seus alunos três anos antes da sua morte, ele diz: “Vou deixá-los, não demora muito. Vocês vão se encontrar e dizer: “O Presidente partiu. Que é que vamos fazer?” Eu insto com vocês: sejam fiéis ao evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo, e à doutrina da Sua graça”. Isso era característico das prioridades de Spurgeon, e foi no interesse das mesmas prioridades que ele escreveu: “A controvérsia pela verdade contra os erros da época é, nós estamos convencidos mais que nunca, o dever próprio do pregador”. A Sra. Spurgeon e J. W. Harrald estavam em plena harmonia com o ponto de vista de Spurgeon quando, em sua Autobiografia, comentando a controvérsia sobre o Baixo Grau, eles disseram: “Muitas pessoas foram bastante tolas para imaginar que ele tinha adotado um novo papel, e alguns diziam que ele teria feito mais bem simplesmente pregando o evangelho, e deixando que os “hereges”, assim chamados, seguissem seu caminho! Esses críticos devem ter sido estranhamente desconhecedores da sua história completa, pois, desde o começo do seu ministério, ele tinha combatido zelosamente pela fé uma vez entregue aos santos”.¹⁶

Naturalmente, as pessoas podem discordar da avaliação que Spurgeon fez das controvérsias. Alguns dirão que as controvérsias surgiram mais de fatores pessoais do que de pontos doutrinários importantes: em seus primeiros anos de

¹⁶ C. H. Spurgeon's *Autobiography*, 2, 259. A Autobiografia, compilada por sua mulher e por seu secretário particular, foi publicada pela primeira vez nos anos de 1897 a 1900. A maior parte dos volumes um e dois, com alguns poucos acréscimos, foi reimpressa em 1962 sob o título de *The Early Years* (Os Primeiros Anos). Quando eu citar algo da primeira parte da Autobiografia, farei referência, daqui por diante, a *The Early Years*, por ser mais acessível à maioria dos leitores. A Autobiografia será sempre a fonte mais importante de informação biográfica sobre Spurgeon, e a segunda fonte (em importância) (à exceção de *The Sword and the Trowel*) é a obra de G. Holden Pike, em seis volumes, já citada.

grande sucesso em Londres (quando não estava isento de algum matiz de egoísmo), ele provocou a inveja e até a oposição, de outros ministros; ao passo que, na controvérsia final, de 1887-1892, Spurgeon erroneamente entendeu a má vontade de seguirem a sua liderança como uma deserção geral dos batistas, que teriam abandonado o cristianismo, e isso, acrescido da gota de que sofria e do seu reumatismo, produziram o seu espírito sombrio!¹⁷ Nas páginas subseqüentes não vou entrar em nenhuma discussão dessas idéias. Fazê-lo a contento seria mais próprio de um biógrafo, e, de qualquer forma, eu estou pessoalmente convencido de que o *principal* fator em cada uma das controvérsias era escriturístico, não pessoal. Menciono essas opiniões para dizer que, embora os escritores tenham direito de ter as suas opiniões, não têm direito de suprimir as próprias convicções de Spurgeon sobre as questões envolvidas. Todavia, a supressão ocorreu, pois nós vivemos numa época de aridez na qual, como Spurgeon antecipou, muita coisa tem sido feita contra a verdade e contra a memória dos seus defensores: “Estou disposto a ser devorado por cães nos próximos cinqüenta anos”, disse ele em 1889, “mas o futuro mais distante me defenderá”.¹⁸ A minha convicção pessoal é que não haverá nenhuma reavaliação de Spurgeon enquanto estas três controvérsias não forem reexaminadas. Embora tal estudo não nos diga tudo o que seria proveitoso saber sobre Spurgeon, esse estudo porá diante de nós as coisas nas quais

¹⁷ A crítica mais ferina, nessa linha, foi talvez a “carta aberta” de Joseph Parker a Spurgeon em *The British Weekly* (O Semanário Britânico) de 25 de abril de 1890. Mas, de maneira nenhuma Parker estava sozinho nesse tipo de interpretação da controvérsia sobre o Baixo Grau. Cf. Pike, 6, 299. Robertson Nicoll não quis ter parte na crítica ao caráter de Spurgeon; a um dos seus acusadores ele escreveu: “Jamais notei um sinal sequer de que a sua imensa popularidade tenha virado a sua cabeça. Muito ao contrário – isso o deixava melancólico e deprimido”. *William Robertson Nicoll: “Life and Letters”* (Wm. R. Nicoll: Vida e Cartas), T. H. Darlow, 1925, 103.

¹⁸ *Um Ministério Ideal*, Vol. 2, 95

Spurgeon firmemente acreditava que as gerações futuras seriam habilitadas pela graça de Deus a estabelecer novamente na terra. Examinado neste contexto, não se vê Spurgeon como um genial “pulpiteiro”¹⁹ e humorista, e sim como um homem granítico, que trovejava para a sua geração as verdades eternas da Palavra de Deus. Como John Ploughman (João Lavrador) ele abriu um sulco em linha reta, e do seu exemplo podemos obter nova visão e nova determinação.

Seria possível escrever a história de Spurgeon como um conto de grande sucesso. Como pastor estabelecido de uma igreja, ele pregou a mais pessoas em sucessivos domingos do que até hoje²⁰ a Igreja Cristã jamais testemunhou em nenhum outro lugar.²¹ Quando se fez um levantamento sobre a frequência num domingo comum em Londres, o número total de presentes no Tabernáculo Metropolitano, de manhã e de noite, excedeu a 10.000 pessoas!²² Ademais, se fossem incluídos os leitores dos seus sermões, diz G. H. Pike, “pode-se calcular que o número dos seus ouvintes não seria inferior a um milhão”. Tão grande era a popularidade dos seus sermões que uma vez houve até a tentativa de, sem a permissão de Spurgeon, enviar para a América, em cabograma, o sermão matutino de domingo para publicação nos jornais de segunda-feira. Por volta de 1899, mais de cem milhões de cópias dos seus sermões tinham sido publicados em vinte e três línguas;²³

¹⁹ Pregador, num sentido pejorativo. Nota do tradutor.

²⁰ 1972. Nota do tradutor.

²¹ Em 1874 o número de membros do Tabernáculo subia a 4.366, e “agora estava classificada como a maior igreja do mundo; a segunda maior se dizia que era a Primeira Igreja Africana de Richmond, Virgínia”. Pike, 5, 124. O Tabernáculo foi construído para abrigar 6.000 pessoas, e em geral se via repleto, havendo ocasiões em que se diz que “a metade ou mais tinham que desistir, por não conseguirem entrar”. *Ibid.*, 138. O grande edifício foi destruído pelo fogo em 20 de abril de 1898.

²² *William Robertson Nicoll*: “Life and Letters”, 72.

²³ Cf. *A Marvellous Ministry* (Um Ministério Maravilhoso), História dos Sermões de C. H. Spurgeon, 1855 a 1905, Charles Ray, 1905.

antes da sua morte, 120.000 exemplares da sua obra expositiva mais volumosa, *The Treasury of David* (O Tesouro de Davi), foram vendidos, e a esse número deve ser acrescentada a influência de mais de 125 outros livros que levam seu nome, mais os números da revista *The Sword and the Trowel*.²⁴

É tentador recorrer a essas estatísticas para nos ajudar a interpretar Spurgeon nos dias atuais; afirmar, por exemplo, que, se os ministros seguissem o seu exemplo, ou esposassem plenamente a sua teologia, haveria os mesmos resultados nesta época de coisas pequenas. Mas não se pode aceitar a legitimidade dessa linha de argumentação, porquanto ela ignora considerações bíblicas primárias. Deus não dá meramente oportunidades aos pregadores, deixando o resto com eles. Ele dá aos homens e prepara os tempos nos quais eles devem agir. Como Spurgeon diz com referência a John Wycliffe, “Deus adapta o homem ao lugar e o lugar ao homem; há uma hora para a voz e uma voz para a hora”. Pela educação, pela posse de notáveis dons naturais, pelo revestimento do Espírito Santo, Spurgeon foi equipado para trabalhar numa época de colheita na história da igreja inglesa. “A minha vida”, ele pôde dizer, “tem sido um imenso celeiro”! Muito antes da sua morte, porém, as condições espirituais do território pátrio estavam mudando, e Spurgeon viu a mudança; sendo que anteriormente ele costumava sustentar a perspectiva de igreja cheia para o homem que pregasse fielmente o evangelho, teve que rever a sua opinião: “Em comparação ao que em geral acontecia, é difícil obter atenção para a Palavra de Deus. Eu pensava que bastava pregar o evangelho, e as multidões correriam para ouvi-lo. Receio que tenho que corrigir a minha

²⁴ George J. Stevenson, em sua obra *Pastor C. H. Spurgeon*, “His Life and Work” (O Pastor C. H. Spurgeon, Sua Vida e Sua Obra), por seu 43º aniversário natalício, 1877, diz que a revista *The Sword and the Trowel* tinha, naquela data, uma circulação mensal de 15.000 exemplares, “em constante aumento”.

crença neste ponto... Todos nós sentimos que um processo de endurecimento está ocorrendo entre as massas”.²⁵

A idéia de Robertson Nicoll de que havia uma espécie de afinidade natural entre as massas trabalhadoras da zona sul de Londres e um firme calvinismo é uma idéia que nenhum dos nascidos no século vinte gostaria de ter. O próprio Spurgeon a teria descartado. Ele previu uma época na qual o sucesso não seria a norma e na qual as estatísticas e as maiores seriam um enganoso guia para a verdade. Ele não reivindica a atenção para a sua mensagem por causa do sucesso dela, mas por causa da autoridade divina de que ela estava revestida. “Há muito tempo deixei de contar cabeças”, disse ele em 1887, “usualmente a verdade está em minoria neste mundo mau.”

Por essas razões, não estou interessado numa idéia de conto ou romance de sucesso sobre Spurgeon, e eu repudio todo e qualquer desejo de impor crenças aos leitores nas páginas que se seguem simplesmente porque “Spurgeon disse isso”. Em favor do tipo de despertamento do “culto” a Spurgeon que existiu nalguns círculos em dias passados, não tenho o que alegar. O referido culto basicamente não era saudável; sem dúvida levou alguns a aceitarem crenças porque Spurgeon as ensinava, e não porque as viram claramente nas Escrituras, e, na medida em que produziu isso, foi prejudicial à causa que estava mais junto do coração de Spurgeon. Pois esse tipo de atitude renega a grande ênfase do seu ministério. O legado de Spurgeon não é, nem a sua oratória, nem a sua personalidade – essas coisas seguiram o caminho de toda carne – mas é o seu testemunho de todo o conselho de Deus e a sua proclamação do grande princípio da Reforma, segundo o qual devemos ter unicamente Deus diante dos nossos olhos, e Sua honra deve ser o motivo supremo de todas as nossas ações. Nesta conexão, não foi coincidência que, como João

²⁵ *Um Ministério Ideal*, vol. 2, 64.

Calvino, que não desejava que nenhum epitáfio assinalasse o seu túmulo, Spurgeon queria que apenas as letras “C. H. S.” assinalassem a lápide da sua sepultura.

Há cem anos²⁶ Charles Haddon Spurgeon escreveu:

“Naturalmente, é muito mais fácil para a carne e o sangue tratar de generalidades, denunciar o sectarismo e dizer que temos espírito ultracatólico;²⁷ mas, ainda quando áspero e rude, requer-se do leal servo do Rei Jesus que mantenha todos os direitos da Sua realeza e responda por todas e cada uma das palavras das Suas leis. Os amigos nos censuram e os inimigos nos detestam quando somos muito zelosos pelo Senhor Deus de Israel, mas, que importância têm essas coisas, se temos a aprovação do Senhor? As palavras de Rutherford, em sua carta a William Fullarton, retinem em nossos ouvidos: “Ardentemente lhes rogo que entreguem sua honra e autoridade a Cristo e por Cristo; e que não se desanimem por carne e sangue, enquanto forem pelo Senhor, por Sua verdade e por Sua causa. E, ainda que vejamos a verdade colocada nas piores condições por um tempo, Cristo continua sendo amigo da verdade, e agirá em favor daqueles que ousam arriscar tudo o que possuem por Ele e para a Sua glória. Senhor Fullarton, o nosso belo dia vem, o tribunal será outro, e os ímpios clamarão após o meio-dia, e chorarão mais dolorosamente que os filhos de Deus, que choram de manhã. Esperemos confiantes a salvação que de Deus virá”.²⁸

²⁶ A contar de 1972, ano em que Iain Murray assinou o seu Prefácio desta obra. Nota do tradutor.

²⁷ No sentido de ultra-universal. Nota do tradutor.

²⁸ *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, 11, vi.

O SPURGEON QUE FOI ESQUECIDO



A residência onde Spurgeon nasceu, Kelvedon, Essex

Vejo que, se pudesse ter mil vidas, gostaria de vivê-las todas por Cristo, e ainda assim elas seriam um pequenino retorno por Seu grande amor por mim.

– C. H. S., SERMONS, 48, 274.

*Devo ser levado aos céus
Em florido leito de paz,
Enquanto outros lutam por prêmio
E navegam por sangrentos mares?*

*Certo, se hei de reinar, devo lutar;
Aumenta minha coragem, Senhor!
Sustento a lida, suporto a dor,
Firmado em Tua Palavra.*

– Isaac Watts

(versos citados freqüentemente por C. H. S.)

1: O Pregador da Rua do Parque

É impossível avaliar a significação da vida de C. H. Spurgeon sem conhecer algo das condições do país no tempo em que o seu ministério começou, em meados do século dezenove. O cristianismo protestante era mais ou menos a religião nacional; o domingo era observado rigorosamente; as Escrituras eram respeitadas; e, fora os milhares de pessoas não sensibilizadas de algumas das maiores cidades, a freqüência à igreja era costume geral. Essas coisas eram aceitas tão comumente e, segundo se via, tão entrincheiradas, que as mudanças que daí em diante varreram a nação eram tão remotas para a mente vitoriana média como os automóveis e os aviões. Contudo, não é preciso demorar muito num exame para ver no cristianismo que prevalecia na década de 1850 alguns sinais muito pouco parecidos com o que vemos no Novo Testamento – era muito elegante, muito respeitável, e estava em demasiada paz com o mundo. Era como se textos semelhantes ao que diz “o mundo inteiro jaz no maligno” (1 João 5:19, ARA) já não fossem certos.

A Igreja não tinha falta de riqueza, nem em homens, nem em dignidade, mas lamentavelmente lhe faltavam unção e poder. Havia a tendência geral de esquecer a diferença entre o saber humano e a verdade revelada pelo Espírito de Deus. A eloqüência e a cultura não eram raras nos púlpitos, porém era marcante a ausência da espécie de pregação que quebranta o coração dos homens. Talvez o pior de todos os sinais fosse o fato de que poucos estavam despertos para essas coisas. A Igreja era exteriormente próspera, o bastante para contentar-se em manter a rotina dos anos passados. Um

escritor contemporâneo, lamentando esse formalismo insípido, observou: “O pregador fala durante o seu tempo habitual; o povo fica sentado pacientemente quanto necessário, talvez; canta-se o número de estrofes usuais, e assim se termina a atividade do dia; em geral não há nada mais que isso. Ninguém pode negar que esta é, nem mais nem menos, uma simples exposição do real estado em que se encontra a maioria das nossas igrejas na atualidade. Se o pregador deixar cair seu lenço no seu hinário,¹ ou der um murro um pouco mais forte do que o comum com o punho eclesiástico, isso será notado, lembrado e comentado, ao passo que haverá nada menos que o total esquecimento do assunto e a natureza do tema discutido”.

Spurgeon logo se pôs a atacar, numa linguagem mais direta, esse tradicionalismo sem vida. “Vocês pensam que porque uma coisa é antiga, por isso deve ser venerável. Vocês são amigos de antiquilha. Vocês não consertam a estrada porque o seu avô dirigia a carroça pelo sulco que lá está. “Deixem-na lá como sempre estive”, vocês dirão, “deixem-na assim, com o sulco fundo até o joelho.” Seu avô não passava por lá quando o sulco, cheio de lama, dava nos joelhos? E por que vocês não fariam o mesmo? Era suficientemente bom para ele; é suficientemente bom para vocês. Vocês sempre se acomodaram bem em seus bancos na capela. Nunca viram um avivamento; e não querem vê-lo”.²

Os segmentos evangélicos (bíblicos) não escaparam às

¹ Literalmente: Livro de salmos. Nota do tradutor.

² *New Park Street Pulpit*, 4, 167-168. Todas as minhas citações, salvo indicação diversa, são dos volumes originais de *New Park Street* e de *Metropolitan Tabernacle Pulpit*. Nas referências posteriores darei só os números do volume e da página. De 1855 em diante Spurgeon publicou um sermão toda quinta-feira; estes foram reeditados em forma de livro no fim de cada ano sucessivo. Portanto, até à ocasião da morte de Spurgeon, 1892, o leitor, se quiser, poderá calcular o ano em que o sermão foi pregado pelo número do volume. O título da série foi mudado depois da construção do Tabernáculo em 1861.

tendências dominantes na época. A obra de Whitefield e a de Wesley eram admiradas, mas pouco seguidas. As lâminas cortantes da verdade evangélica tinham sido abrandadas aos poucos. As ásperas doutrinas metodistas, que tinham abalado o país um século antes, não foram abandonadas – e uns poucos ainda as apregoavam fervorosamente – porém o sentimento geral era que na era vitoriana necessitava-se de uma apresentação mais refinada do evangelho. Com essa generalizada maneira de ver as coisas, era inevitável que a precisa e forte teologia reformada da Inglaterra dos séculos 16 e 17 não gozasse nenhum favor. O historiador da Reforma Merle d’Aubigné, de Genebra, em visita a este país em 1845, declarou que se viu forçado a perguntar a si mesmo: o puritanismo “ainda existe na Inglaterra? Não terá caído sob a influência dos desenvolvimentos nacionais e do escárnio dos romancistas? Seria necessário, enfim, voltar ao século 17 para encontrá-lo?”³ Não obstante, é verdade que alguns dos líderes evangélicos do país, particularmente os mais velhos, estavam profundamente preocupados com as condições espirituais das igrejas. John Angell James, por exemplo, que fora ministro da famosa Igreja Congregacional de Carr’s Lane, Birmingham, a partir de 1805, escreveu em 1851: “O estado da religião em nosso país é baixo. Creio que nunca preguei com menos resultados salvadores desde quando me tornei ministro; e essa é a situação de muitos outros. Essa é uma queixa geral”.

Se essas coisas eram verdadeiras com relação ao país em geral, eram particularmente verdadeiras com relação a Londres, e a Capela Batista da Rua do Novo Parque, situada numa “obscura e suja” região, próxima da margem sul do Tamisa, em Southwark, não era exceção. Os membros da igreja tinham uma grande história, que se estendia até ao

³ *Germany, England and Scotland, Recollections of a Swiss minister* (Alemanha, Inglaterra e Escócia, Recordações de um ministro suíço), J. H. Merle d’Aubigné, Londres, 1848, 89.

O SPURGEON QUE FOI ESQUECIDO

século 17, todavia agora os restantes eram como os barcos largados ali perto, na lama, na maré baixa. Durante alguns anos estiveram em declínio, e o grande e bem adornado edifício, construído para acomodar cerca de mil pessoas sentadas, tinha três quartos dos seus bancos vazios. Esse foi o cenário com o qual se defrontou o jovem de Essex, com dezenove anos de idade, quando subiu pela primeira vez ao púlpito da Capela da Rua do Novo Parque na fria e sombria manhã de 18 de dezembro de 1853. Foi a primeira vez que se ouviu a voz de Spurgeon em Londres, porém quase imediatamente ele foi chamado para iniciar um pastorado que haveria de continuar por trinta e oito anos, até sua morte, em 31 de janeiro de 1892.

Se fosse preciso fazer um esboço da vida de Spurgeon, seria mais ou menos parecido com o dos seus próprios sermões – uma introdução e três divisões. Spurgeon, criança e jovem, sendo moldado e preparado na zona rural de Essex e de Cambridgeshire – seria a introdução. Depois, o primeiro período (a primeira divisão), época de despertamento e de tumulto, de zombaria e de mordaz oposição. A segunda divisão seria Spurgeon no período médio da sua vida, depois de estabelecido no Tabernáculo Metropolitano, quando a tempestade foi se acalmando e cedendo lugar a longos anos de tranqüilo progresso e bênção. Sua posição foi reconhecida e ele se tornou o admirado e popular líder evangélico de Londres. A última divisão seriam os cinco anos, mais ou menos, anteriores à sua morte, ocorrida quando ele estava com cinqüenta e sete anos de idade. Nesses tempos finais a paz foi subitamente interrompida. Mais uma vez Spurgeon viu-se em divergência com a maioria dos evangélicos em seu redor, e ele veio a ser o centro da controvérsia do Baixo Grau, ou da decadência – uma controvérsia que teria conseqüências de longo alcance neste país. Embora ainda respeitado, já não era seguido tão amplamente. Era quase como se a roda do seu ministério tivesse feito um giro completo e ele estivesse de

volta aos primeiros anos, quando sentira a censura, o sofrimento e a solidão por dar um testemunho fiel de verdades não desejadas pela Igreja professante. As palavras que ele tinha proferido no princípio, foram verdadeiras no fim. “Em nossa marcha para o céu, por um triz não chegaremos lá. Não vamos para o céu navegando com as velas impelidas a todo pano pelo vento, ou como pássaros com suas belas asas brancas, mas muitas vezes estaremos indo com velas rotas, em tiras, com os mastros rangendo e as bombas do navio funcionando dia e noite. Chegaremos à cidade quando as portas vão estar se fechando, mas nem uma hora antes”.⁴

O Spurgeon que é mais lembrado hoje é o do período médio, o pregador popular, o homem cujos sermões foram impressos em vinte e três línguas e dos quais foram publicados cem milhões de exemplares em fins do século 19. O Spurgeon da Rua do Novo Parque, o homem cuja mensagem era tão mal recebida que o único lugar em que seus livros eram vendidos em Cambridge era uma mercearia, o Spurgeon que podia falar de si mesmo como “considerado escória da criação, dificilmente um ministro olha para nós ou fala de nós favoravelmente”, este Spurgeon tem sido grandemente esquecido. Igualmente, o Spurgeon da controvérsia do Baixo Grau, da decadência – o profeta que advertia os seus companheiros evangélicos, “Estamos descendo ladeira abaixo, numa velocidade sumamente arriscada”, e que dizia, “é mero clichê gritar “Somos evangélicos; somos evangélicos”, e, contudo, negar-se a dizer o que significa evangélico” – este Spurgeon é pouco conhecido hoje. Todavia, acreditamos que o fardo dos primeiros e dos últimos anos de Spurgeon é que é o fato mais relevante para nós no presente, porquanto a ênfase do seu ensino nesses períodos lança muita luz sobre as condições do movimento evangélico hoje. Neste capítulo não faremos nenhuma tentativa de elaborar o esboço da sua

⁴ 6,37.

vida, mas, antes, vamos concentrar-nos mormente num ano do seu ministério – o ano de 1856, quando ele tinha vinte e dois anos de idade. Esse ano foi para Spurgeon o que o ano de 1739 foi para George Whitefield, e, assim como não se pode entender a vida de Whitefield sem saber o que aconteceu quando ele tinha vinte e quatro anos de idade, assim também o estudo sobre Spurgeon, na idade de vinte e dois anos, dá-nos, por assim dizer, uma chave para o entendimento do curso futuro da sua vida e também nos provê de uma vista de perto daquilo que um seu contemporâneo chamou “o estágio mais romântico, mesmo na maravilhosa vida do Sr. Spurgeon”.

Grandes mudanças ocorreram na Capela da Rua do Novo Parque desde os primeiros dias de 1854. No outono daquele ano quinhentas pessoas freqüentavam regularmente a reunião de oração semanal. A igreja foi completada, e até aumentada, porém continuava inadequada para o número de ouvintes. Logo ficou evidente que estava acontecendo em Londres uma coisa que não acontecia desde os dias de Whitefield e Wesley. Um ministro vindo da Escócia e que visitou a Rua do Novo Parque no início de 1856 fez a seguinte descrição do número de pessoas presentes no culto vespertino. Diz ele que chegou, com dois amigos, por volta das seis horas, e o culto começara meia hora antes:

“Para nosso espanto, vimos multidões que já estavam junto à porta, esperando poder ser admitidas. Só os que tinham ingressos tinham agora permissão para entrar; como nós não tínhamos nenhum, quase perdemos a esperança de conseguir entrar. Entretanto, um dos meus amigos foi falar com um oficial da segurança e lhe disse que eu era um clérigo da Escócia e que desejava muito poder entrar. O oficial, ouvindo isso, disse muito polidamente que nos deixava entrar mas que não prometia assentos. Era tudo o que nós queríamos. Um de nós (uma senhora) foi gentilmente favorecida com um lugar para sentar-se; eu e o meu amigo nos demos por felizes por podermos sentar-nos “numa janela”,

com uma densa multidão no corredor, aos nossos pés. Perguntei a um homem que estava perto de mim se ele vinha regularmente; ele disse que sim. “Então”, perguntei, “por que você não toma um assento?” “Assento!”, replicou ele; “tal coisa não se obtém nem por amizade nem por dinheiro. Tenho um ingresso que me permite entrar e ficar em pé.” Foi-me dito que a igreja comportava 1.500 pessoas sentadas; mas, com as salas da escola e os corredores que estavam totalmente lotadas, não poderia haver nela menos de 3.000”.⁵

Parecia não haver limites para o número de pessoas que estavam ansiosas para ouvir a mensagem de Spurgeon. O Teatro Exeter, no Strand (junto ao Tâmsa), que comportava cerca de 4.000 pessoas, freqüentemente era utilizado domingo à noite, em vez da capela, até que os administradores do Teatro Exeter se lamentaram mas disseram que não poderiam alugar indefinidamente sua sala para os membros de uma só denominação. Foi isso que, em outubro de 1856, levou ao uso do *Surrey Gardens Music Hall* (Teatro Musical dos Jardins de Surrey), um imenso edifício erigido só para os concertos de um músico popular, M. Jullien, e com capacidade para acomodar seis a dez mil pessoas. O fato dessas multidões estarem dispostas a ouvir o evangelho não é em si prova de um verdadeiro avivamento, porém há boa razão para acreditarmos que dessa vez centenas de pessoas estavam realmente entrando no reino de Deus. Em 1857 Spurgeon disse: “Num só ano tive a felicidade pessoal de ver não menos de mil pessoas que foram convertidas”.⁶ Spurgeon tinha a convicção de que a sua igreja estava em meio a um grande despertamento espiritual; este era de fato um solene argumento

⁵ Pike, 2, 225.

⁶ *The Early Years*, 452. Lança luz sobre o número de pessoas interessadas espiritualmente um comentário ocasional, quase incidental, presente em seus sermões. Pregando em dezembro de 1859, ele menciona “os milhares de cartas que continuamente recebo da minha congregação (dos meus ouvintes)”. 6,38.

que ele usava com vistas aos que ainda dormiam: “A incredulidade faz com que vocês fiquem sentados aqui em tempos de avivamento e de derramamento da graça de Deus, impassíveis, não chamados, não salvos”.⁷ “Penso”, disse ele noutra ocasião, “que muitos dos antigos puritanos saltariam dos seus túmulos, se soubessem o que está acontecendo agora.”⁸

Mas seria um grave engano imaginar que aqueles eram dias de pura felicidade para Spurgeon, pois justamente naquele tempo ele estava no meio de uma das mais cruéis perseguições que qualquer ministro do evangelho já sofreu isoladamente neste país. Em casa, na Via Nova Kent, 217, a Sra. Spurgeon pôs na parede do quarto de dormir o texto, “Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós”. Palavras que descrevem mais ou menos a experiência diária de Spurgeon, então com vinte e dois anos de idade. Seu nome era satirizado na imprensa e “chutado para cá e para lá na rua, como num jogo de futebol”. Os jornais não podiam ignorá-lo, pois o seu ministério era agora um assunto de conversa em todas as partes da Inglaterra, mas nenhum deles o recomendava, pois ele insultava a religião respeitável que eles apadrinhavam. *The Illustrated Times* (O “Times” Ilustrado) publicou em 1856: “A popularidade do Sr. Spurgeon é sem precedentes; em todos os eventos não tem havido nada que se assemelhe a isso, desde os dias de Whitefield. A Capela da Rua do Parque não pode acomodar a metade do número de pessoas que almejam ouvi-lo, e mesmo o Teatro Exeter é muito pequeno. De fato, de fontes autorizadas temos a informação de que os seus amigos pretendem alugar as Salas de Concerto de Surrey Gardens, e acreditam

⁷ 1, 23.

⁸ 3, 256.

firmemente que ele vai enchê-las. E a sua popularidade não se restringe a Londres; posteriormente nós mesmos vimos, num dia de semana, num remoto distrito agrícola, longas filas de pessoas convergindo para um só ponto, e, perguntando a alguém do grupo para onde estavam indo, recebemos por resposta: “*Vamo ino scuitá o mestre Spudgin, senhor*”. O jornal continuou, predizendo que era só uma questão de tempo, antes da popularidade corrente “dar-lhe as costas e partir”.⁹

Em muitas partes do país a imprensa local juntou-se ao alarido geral. A seguinte citação de um jornal de Sheffield é típico da idéia geralmente expressa: “Agora, o grande leão, astro, meteoro, ou seja como for que se lhe chame, dos batistas, é o Rev. Sr. Spurgeon, ministro da Capela da Rua do Parque, Southwark. Ele criou um perfeito *furor* no mundo religioso. Todos os domingos, multidões vão em tropel ao Teatro Exeter, como se estivessem indo a uma grande apresentação teatral. A enorme sala fica atonetada por um excitado auditório, cuja boa sorte em conseguir ingresso muitas vezes é invejada por centenas que se comprimem junto às portas cerradas. O Sr. Spurgeon prega *a si próprio*. Ele nada mais é que um ator – exibindo aquela inigualável impudência que é a sua grande característica, entregando-se a uma grosseira familiaridade com as coisas santas, declamando num estilo bombástico coloquial, pavoneando-se para cá e para lá na plataforma, como se estivesse no Teatro de Surrey, e gabando-se da sua intimidade com o céu com nauseante freqüência... Tem-se a impressão de que o cérebro do jovem se transtornou devido à notoriedade que ele adquiriu e ao incenso oferecido em seu santuário... Para crédito dos ornamentos da sua denominação, o Sr. Spurgeon não recebe nenhum apoio ou incentivo deles. Ele é uma maravilha de nove dias – um cometa que de súbito cruzou a atmosfera religiosa. Ele subiu como um rojão, e logo logo vai cair como uma vareta”.¹⁰

⁹ *The Early Years*, 325-326.

¹⁰ *Ibid.*, 321,2.

Os jornais não conseguiram silenciar Spurgeon, mas o objetivo deles quase foi atingido por outro meio em 19 de outubro de 1856, domingo à noite. Pela primeira vez a congregação da Rua do Novo Parque estava reunida no Teatro Musical dos Jardins de Surrey, e o imenso edifício, com suas três galerias, estava apinhado de pessoas, do piso ao teto. Quando se iniciou o culto e Spurgeon estava orando, ouviu-se em mais de um lugar o grito: “Fogo!” Na confusão e no pânico que prontamente se seguiram, houve outros gritos: “As galerias estão ruindo!” “O lugar está desabando!” Seguiu-se a fuga atropelada, na qual sete pessoas morreram e vinte e oito foram levadas para o hospital seriamente contundidas e feridas. Os instigadores do alarme falso – pois foi isso – nunca foram descobertos, porém as terríveis conseqüências permaneceram vívidas na mente de Spurgeon por toda a sua vida, e o choque por ele sofrido foi tal que durante algum tempo ele até ficou em dúvida se voltaria a pregar.¹¹

Logo depois do desastre do Teatro Musical de Surrey, os ataques feitos pela imprensa chegaram ao seu apogeu. *The Saturday Review* (A Revista de Sábado) publicou em 25 de outubro:

“Os feitos do Sr. Spurgeon, acreditamos nós, são inteiramente desestimulados pelos seus correligionários. Dificilmente algum ministro da Dissidência, de alguma importância, associa-se a ele. Em nenhum dos seus programas vemos os nomes, como patrocinadores ou o que o valha, de líderes do chamado mundo religioso... Em geral se sente que a religião não é beneficiada por seus procedimentos anormais... Isso de alugar lugares de diversão pública para a pregação dominical é uma novidade, e uma novidade dolorosa. É como se a religião estivesse usando o seu último recurso.... Afinal, o Sr. Spurgeon só aparenta ser o Jullien dos domingos.

¹¹ Spurgeon descreve o desastre ocorrido no Teatro Musical como “a grande e terrível catástrofe inventada por satanás para nos arruinar”. 6, 436.

Sabemos da profanidade que certamente havia no fundo da mente clerical quando a Igreja representava peças de milagres e tolerava a Festa do Asno; mas a velha prática reaparece quando pregadores populares alugam salas de concerto e pregam uma redenção particular em salões recendendo odor de tabaco, e, ainda mais, ecoando as castas melodias de *Bobbing Around* e a valsa da *Traviata*....

“O que aconteceu nos Jardins de Surrey foi um grande golpe. O deplorável acidente, no qual sete pessoas perderam a vida e dezenas ficaram aleijadas ou mutiladas ou gravemente feridas de outra maneira, o Sr. Spurgeon considera uma intervenção adicional da Providência em seu favor. “Espero que esse evento (nefasto) nos ensine a necessidade de” – sermos sóbrios, racionais e decentes? – Não; – “de temos um edifício propriamente nosso.” Pregue ele a outra multidão em que a coloque numa situação de terror frenético – matando e ferindo mais uma ou duas dezenas de pessoas – e a especulação terá sucesso”.¹²

Deixando de lado o que o mundo pensava de Spurgeon em 1856, consideremos alguns dos fatores que fizeram dele o instrumento desse grande despertar. Em primeiro lugar, Spurgeon possuía notáveis habilidades naturais, todas dedicadas à causa da proclamação da Palavra. Sua capacidade de imaginação e de descrição o habilitava a apresentar verdades conhecidas com cativante vigor. Vejam a seguinte exposição, na qual ele exorta os crentes a se despertarem para a urgência de tornar conhecido o evangelho: “Homem cristão, enquanto você está dormindo, lembre-se de que o tempo está correndo. Se você pudesse deter os ponteiros, parar o tempo, poderia dar-se ao luxo de momentos de lazer; se você pudesse, como se diz, agarrá-lo pelo cangote, poderia fazer uma pausa; mas você não deve repousar, pois as tremendas rodas da carruagem do tempo giram numa velocidade tão terrível

¹² *The Early Years*, 441- 442.

que os seus eixos ficam em brasa, e não há pausa nessa tremenda corrida! E vai, e vai, e um século voa como a vigília da noite”. Essa linguagem era um assustador contraste com o insípido estilo do púlpito do vitorianismo médio. Aos olhos do mundo religioso era algo impudente um jovem de repente levantar-se e popularizar um novo estilo de prédica. No entanto, foi o que Spurgeon de fato fez, e, ao fazê-lo, provou que possuía uma autoconfiança e uma originalidade de ordem nada comum. Ele zombava de uma apresentação dignificada e impessoal do evangelho, e falava aos seus ouvintes como se os estivesse tomando pessoalmente pela mão e conversando com eles na rua.

Spurgeon pegava verdades e assuntos que eram “lugares-comuns” e que tinham vindo a ser considerados um tanto enfadonhos e pesados, e os apresentava com linguagem tão clara e vigorosa que os homens dificilmente conseguiam deixar de empolgar-se e de vibrar de entusiasmo nas profundezas do seu ser. Que riqueza de linguagem, doutrina e ilustração há, por exemplo, na seguinte citação que dele faço sobre a perpetuidade da Igreja:

“Reflitam primeiro no fato de que a Igreja existe. Que maravilha! É talvez o maior milagre de todas as eras Deus ter uma Igreja no mundo.... Sempre uma Igreja! Quando a força total dos imperadores pagãos veio como uma trovejante avalanche sobre a Igreja, ela sacudiu de si a tremenda carga como um homem sacode da sua roupa os flocos de neve, e ela continuou a viver sem ter sido danificada. Quando a Roma papal descarregou sua astúcia maligna ainda mais furiosa e engenhosamente; quando assassinos cruéis caçavam os santos por entre os Alpes, ou os atormentavam nas terras baixas; quando os albigenses e os waldenses derramavam seu sangue nos rios e tingiam de carmesim a neve, ela continuava viva, e nunca esteve em estado mais sadio do que quando foi imersa em seu próprio sangue. Quando, após uma reforma parcial neste país, os pretensos religiosos determinaram

que os verdadeiros espirituais fossem despojados e expulsos do território, a igreja de Deus não dormiu nem suspendeu o curso da sua vida nem a carreira do seu serviço. Que a aliança assinada com sangue dê seu testemunho do vigor dos santos perseguidos! Escutem os seus salmos por entre os morros cobertos de matagal ressequido da Escócia, e sua oração nos conventículos secretos da Inglaterra. Ouçam a voz de Cargil e de Cameron estrugindo entre os montes contra um falso rei e um povo apóstata; ouçam o testemunho de Bunyan e seus companheiros, que preferiam apodrecer nos calabouços a dobrar os joelhos a Baal. Perguntem-me “Onde está a Igreja?”, e eu posso vê-la em todo e qualquer período, desde o dia em que, primeiramente no Cenáculo, o Espírito Santo desceu, até agora. A nossa sucessão apostólica percorre linha ininterrupta; não por meio da igreja de Roma; não vinda das mãos supersticiosas de papas feitos por sacerdotes, nem de bispos criados por reis (que envernizada mentira é a sucessão apostólica daqueles que tão orgulhosamente se gabam dela!), mas sim, por meio do sangue de homens bons e fiéis que jamais abandonaram o testemunho de Jesus; por meio dos lombos dos verdadeiros pastores, dos laboriosos evangelistas, dos mártires fiéis e de honoráveis homens de Deus, traçamos a nossa linha de ascendência até aos pescadores da Galiléia, e nossa glória é que, pela graça de Deus, perpetuamos a verdadeira e fiel Igreja do Deus vivo, na qual Cristo habitou e habitará até quando o mundo se despedaçar.

“A maior maravilha é que ela permanece perfeita. Nenhum dos eleitos de Deus retrocedeu; nenhum dos que foram comprados pelo sangue do Cordeiro negou a fé. Nem uma só alma eficazmente chamada pôde nem pode ser levada a negar a Cristo, nem que sua carne seja arrancada dos seus ossos por tenazes em brasa, ou que os seus corpos atormentados sejam arrojados às fauces das feras. Tudo o que o inimigo tem feito não vale nada contra a Igreja. A velha rocha foi banhada, e banhada, e banhada mais e mais por ondas tempestuosas, e

foi submersa mil vezes nas enchestes borrascosas, mas até os seus cantos e recantos permanecem inalterados e inalteráveis. Podemos dizer do tabernáculo do Senhor: nenhuma das suas estacas foi removida, nenhuma das suas cordas se rompeu. Do alicerce ao pináculo, a casa do Senhor continua perfeita: “E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu”; sim, nem uma só pedra caiu, “porque estava edificada sobre a rocha”.

Não pode haver dúvida de que uma proeminente razão da influência de Spurgeon era que ele possuía capacidades que o habilitavam a irromper contra às convenções da sua época, estabelecidas havia muito tempo, e, então, a confiança que poderia suportar a tempestade que suas ações despertavam. “Muitas vezes”, declarou ele num sermão sobre a oração, “porque prefiro não orar de maneira convencional, as pessoas dizem: “Esse homem não é reverente!” Meu caro senhor, você não é o juiz da minha reverência.... Irmãos, eu gostaria de queimar todo o estoque das velhas orações que temos usado estes cinquenta anos. Esse “óleo que passa de vaso em vaso” – esse texto mal citado e truncado, “onde dois ou três se reúnem em meu nome, tu estarás no meio deles, e para abençoá-los” – e todas aquelas outras citações que têm sido manufaturadas, deslocadas e copiadas de homem a homem. Eu gostaria que falássemos com Deus simplesmente do que está em nossos corações”.¹³ Ele era igualmente inflexível nas réplicas às críticas feitas às suas pregações: “Não sou muito especial no que prego. Não fico a cortejar homem algum por sua amizade;

¹³ 6, 338. “Nas reuniões de oração”, diz ele noutro lugar, “posso dizer prontamente quando o irmão está orando, e quando ele está apenas representando ou desempenhando um papel na oração. Vocês sabem o que se dá com algumas orações – são como uma fatura, “conforme o costume”, ou como uma lista de artigos com “idem, idem” aqui e ali. Oh, oxalá houvesse um gemido! Um suspiro da alma tem mais poder do que meia hora de recitação de belas palavras piedosas. Oh, se houvesse um soluço da alma, ou uma lágrima do coração!”

não peço a ninguém que cuide do meu ministério; prego o que quero, quando quero e como quero”.

Provavelmente só há dois evangelistas da história da Igreja inglesa com os quais se pode comparar Spurgeon adequadamente. Em alguns dos seus dons naturais ele lembra Hugh Latimer e George Whitefield, mas num único dom natural ele foi além de ambos estes predecessores. Ele tinha uma capacidade mental que o habilitava a assimilar e digerir, e depois a popularizar, praticamente tudo o que lia.¹⁴ E a isso devemos ainda acrescentar o fato de que a sua educação foi tal que, considerando a sua idade, na época em que veio para Londres, tinha lido uma enorme quantidade de livros. Ele se impregnou daquilo que ele chamava a era de ouro da teologia – o período puritano,¹⁵ e, acima de tudo, ele

¹⁴ “Sua capacidade de ler talvez jamais tenha sido igualada.... Ele captava o conteúdo quase que num relance, e sua memória nunca lhe falhava quanto ao que lia. Ele tinha como objetivo ler meia-dúzia de livros, dos mais difíceis, por semana. Várias vezes tive a oportunidade de testar sua leitura, para ver se era completa, e nunca o achei em falta.” (O Dr. Right, citado na *Autobiography* de Spurgeon, 4, 273.). Por ocasião da sua morte, Spurgeon tinha uma biblioteca de 12.000 livros, e dizem que “ele podia retirar quase qualquer deles no escuro”.

Similarmente, lemos que “O Sr. Spurgeon, uma vez em que estava no púlpito, sentado, pôde mencionar o nome de cada um dos cinco mil membros da sua igreja”.

¹⁵ A opinião de Spurgeon sobre os puritanos, com os quais ele se familiarizou primeiramente em sua meninice, permaneceu com ele todos os dias da sua vida. Em 1872 ele disse: “Asseveramos no dia de hoje que, quando pegamos um volume de teologia puritana, em qualquer página isolada encontramos mais pensamento e mais instrução, mais Escritura, mais ensino real, do que em todas as páginas das efusões do pensamento moderno. Os homens modernos seriam mais ricos se possuíssem nem que fossem as migalhas que caem da mesa dos puritanos”. 18, 322. Spurgeon não tinha paciência com os que diziam: “Não leremos nada, exceto o Livro propriamente dito, nem aceitaremos nenhuma luz, exceto a que venha de uma fenda do nosso próprio telhado. Não veremos coisa alguma por nenhuma outra luz humana; preferiríamos antes ficar no escuro”. Irmãos, não caiamos em tal loucura. 25, 630.

lia muito a Bíblia, desde os seus seis anos de idade. O que Spurgeon escreveu sobre Bunyan é igualmente aplicável a ele próprio: “Leiam qualquer coisa escrita por ele, e verão que é quase ler a própria Bíblia. Ele tinha estudado a nossa Versão Autorizada, que jamais poderá ser melhorada, como julgo, até à vinda de Cristo; ele a tinha lido até ao ponto de todo o seu ser ficar saturado pelas Escrituras.... Piquem-no em qualquer ponto; e verão que o seu sangue é *bíblino*; flui dele a própria essência da Bíblia. Ele não pode falar sem citar um texto, pois a sua alma transborda da Palavra de Deus”.¹⁶

Eu cometeria um erro, se ignorasse os dons naturais de Spurgeon e o seu estudo intenso, mas cometeria um erro muito maior se imaginasse que essas coisas explicam o seu ministério em seu primeiro período. Dizer isso, ainda que implicitamente, seria uma contradição de tudo quanto ele ensinou. Spurgeon veio para Londres consciente de que Deus estivera escondendo Seu rosto do Seu povo. Seu conhecimento da Bíblia e da história da Igreja convenceu-o de que, comparado com o que fora concedido à Igreja esperar, o Espírito de Deus Se mantinha afastado grandemente, e, se Deus continuasse a negar Seu rosto, declarou ele a seu povo, nada se poderia fazer para estender o Seu reino. E não é o conhecimento de vocês, dizia ele, nem o seu talento, nem o seu zelo, que podem realizar a obra de Deus. “Todavia, irmãos, isto se pode fazer – *clamemos ao Senhor até que Ele volte a revelar Seu rosto.*” “Tudo o que queremos é o Espírito de Deus. Amados amigos cristãos, vão para casa e orem por isso; não se permitam nenhum descanso enquanto Deus não Se manifestar; não fiquem onde estão, não se contentem em continuar nesse eterno trote lento, como têm feito; não se contentem com a mera rotina de formalidades. Desperte, ó Sião; desperte, desperte, desperte!”¹⁷

¹⁶ *Autobiography*, 4, 268.

¹⁷ A razão pela qual o local da capela (construída em 1833) é às vezes >>

Não se haviam passado muitos meses até ficar manifesto que a igreja da Rua do Novo Parque estava se despertando, e que o labor em oração se tornou característico da igreja como um fardo comum propagado do pastor ao povo. “Envie-nos o Senhor uma bênção. É preciso que Ele a envie; nossos corações se romperão, se Ele não o fizer.” Que mudança ocorreu nas reuniões de oração! Agora, em vez das velhas e insossas orações, “Cada homem parecia um cruzado sitiando a Nova Jerusalém, cada um deles parecia determinado a tomar de assalto a Cidade Celestial pela poderosa intercessão; e logo a bênção veio sobre nós com tal abundância que não tínhamos espaço para recolhê-la.”¹⁸

Até o fim da sua vida Spurgeon apontava para o avivamento ocorrido na Rua do Novo Parque como uma segura prova de que Deus responde à oração, e freqüentemente ele lembrava aos seus ouvintes aqueles primeiros tempos. “Que reuniões de oração nós tivemos! Jamais esqueceremos a Rua do Parque, aquelas reuniões de oração, quando eu me sentia compelido a deixar que vocês se retirassem sem nenhuma palavra dos meus lábios, porque o Espírito de Deus estava tão tremendamente presente que nos inclinávamos até ao pó”.¹⁹ “E que audição atenta na Rua do Parque, onde mal tínhamos ar para respirar! O Espírito Santo descia como uma chuvarada que saturava o solo até quase romper-se o piso; e não demorava muito para ouvirmos à direita e à esquerda o grito: “Que faremos para nos salvar?”

Algumas das advertências mais solenes que Spurgeon fez aos seus ouvintes foram contra o perigo de deixarem de se

<<chamada “da Rua do Novo Parque” e, mais freqüentemente, nas referências contemporâneas de Spurgeon, “da Rua do Parque”, não é clara. Os jornais citados nas páginas 35-36, acima, falam da “Capela da Rua do Parque”. Aparentemente ambos os nomes estavam em uso. Num mapa dos registros do *Southwark Borough Council* (Conselho Municipal de Southwark) não consta que a palavra “Novo” tenha sido abolida oficialmente em 1872.

¹⁸ *The Early Years*, 263.

¹⁹ 2, 397.

manter na dependência de Deus em oração. “Deus me ajude, se vocês pararem de orar por mim! Digam-me quando, e eu deixarei de pregar. Digam-me quando resolverem parar com as suas orações, e eu bradarei: “Ó Deus meu, dá-me neste dia a minha tumba, e deixa que eu descanse no pó”.²⁰ Essas palavras não eram a eloquência de um pregador; antes expressavam os sentimentos mais profundos do seu coração.²¹ Ele *acreditava* que sem o Espírito de Deus nada se poderia fazer. Quando a sua igreja reunida parasse de sentir sua “completa, inteira e absoluta dependência da presença de Deus”, ele estava certo de que “em pouco tempo ela se tornaria um escárnio, um assobio de vaia, ou então uma simples barquilha na água”.²² Durante todo o ministério de Spurgeon essa preocupação permaneceu acima de qualquer outra em seu coração. “Se só houvesse uma oração que me fosse permitido fazer antes de morrer, eu faria esta: “Senhor, envia para a Tua Igreja homens cheios do Espírito Santo e de fogo”. Dêem a qualquer denominação tais homens, e o progresso dela haverá de ser extraordinário; retirem tais homens e enviem cavalheiros oriundos da faculdade, homens de grande refinamento e de profundo saber, mas de escasso fogo e graça, cães pacatos que não sabem latir, e imediatamente essa denominação só terá que decair”.²³

A verdadeira explicação do ministério de Spurgeon deve ser encontrada, então, na pessoa e no poder do Espírito Santo. Ele próprio tinha consciência disso. Não era admiração pelo homem que ele queria, porém seu zeloso desejo era

²⁰ 3, 255-256.

²¹ Numa das suas visitas ao continente, Spurgeon encontrou-se com um ministro americano, que disse: “Há muito tempo eu queria vê-lo, Sr. Spurgeon, e fazer-lhe uma ou duas perguntas simples. Em nosso país há muitas opiniões sobre o segredo da sua grande influência. Poderia ter a bondade de me dizer seu ponto de vista?” Após uma breve pausa, Spurgeon disse: “Meu povo ora por mim”.

²² 13, 118,19.

²³ 10, 337-338.

permanecer no temor de Deus. “Deus veio até nós, não para nos exaltar, e sim para *Se* exaltar.” Além disso, ele não via nada de singular em sua confiança no Espírito Santo, pois ele a considerava o sinal do verdadeiro mensageiro de Deus. O pregador, diz ele, “deve saber se realmente possui o Espírito de Deus, e se, quando ele fala, há sobre ele uma influência que o capacita a falar como Deus quer que ele fale, de outro modo ele deveria sair imediatamente do púlpito; não tem direito de estar ali. Não foi chamado para pregar a verdade de Deus”.²⁴

A presença do Espírito Santo no ministério de Spurgeon manifestou-se em dois proeminentes aspectos. Primeiramente, no espírito da sua pregação. Como o apóstolo Paulo, Spurgeon pregava “em fraqueza, em temor, e em muito tremor” (1 Coríntios 2:3). “Trememos”, diz ele, “temendo que tenhamos fé errônea; e trememos ainda mais – se vocês são como eu – temendo errar e interpretar mal a Palavra. Acredito que Martinho Lutero enfrentaria os demônios do inferno sem medo; e, contudo, temos sua confissão de que muitas vezes seus joelhos batiam um no outro quando se levantava para pregar. Ele tremia de medo de não ser fiel à Palavra de Deus. Pregar integralmente a Palavra é uma responsabilidade terrível. Eu e vocês, que somos embaixadores de Deus, não devemos agir com pouco caso, mas sim devemos tremer ante a Palavra de Deus”.²⁵ Quando o Espírito Santo se apodera de um homem, dá-lhe algo do mesmo cuidado pela alma dos homens e das mulheres que se vê no ministério terreno de

²⁴ 1, 203. Ver também sua penetrante mas muito pouco lida palestra sobre *The Holy Spirit in Connection with our Ministry* (O Espírito Santo em Relação ao nosso Ministério), na qual ele mostra que “A falta de um definido reconhecimento do poder do Espírito Santo está na raiz de muitos ministérios inúteis”. *Lectures to my Students* (Lições aos Meus Alunos), segunda série, 1-22. (Em português: *Lições aos Meus Alunos*, três volumes, PES, primeira edição, respectivamente, 1980, 1982 e 1983).

²⁵ 35, 105.

Cristo. “Jesus jamais pregou um sermão descuidado”, disse Spurgeon, e ele procurava amoldar-se ao seu Senhor. Seguindo esse exemplo supremo, ele às vezes era levado às culminâncias da alegria – pregando sobre João 17:24, ele exclamou: “Tive um pensamento, mas não consigo expressá-lo. Eu poderia facilmente entrar no céu; é como me sinto neste momento” – mas também era levado a profundezas de agonia semelhantes às do Getsêmani, onde a pessoa toma consciência da terrível realidade do juízo de Deus contra o pecado humano. “O nosso coração fica a ponto de romper-se”, disse ele, “quando pensamos nas multidões que rejeitam o evangelho”, e era com esse espírito que ele sempre procurava falar: “Posso dizer neste momento”, exclamou ele no curso de um sermão, “que sinto tal anseio pela conversão dos meus ouvintes que não posso descrever. Eu consideraria um alto privilégio, se pudesse dormir o sono da morte esta manhã, se essa morte pudesse redimir do inferno as almas de vocês”.²⁶

O púlpito de Spurgeon era o lugar mais solene do mundo, e nada poderia estar mais longe da verdade do que a

²⁶ 8, 64. Nos últimos anos Spurgeon temia as conseqüências de uma crescente descrença na realidade do inferno. Em 1865 ele disse: “Há atualmente uma incredulidade profundamente arraigada entre os cristãos acerca da eternidade do castigo futuro. Em muitos casos, tal incredulidade não é pronunciada abertamente, mas é sussurrada; e freqüentemente assume a forma de um espírito de benevolente desejo de que a doutrina seja desaprovada. Receio que no fundo disso tudo haja uma rebelião contra a espantosa soberania de Deus. Há uma suspeita de que, afinal, o pecado não é uma coisa tão ruim como temos temido. Há uma desculpa, ou um furtivo desejo de desculpar os pecadores, vistos mais como objetos de dó do que de indignação e como realmente merecedores da condigna punição que eles voluntariamente trouxeram sobre si. Receio que a velha natureza em nós está se vestindo com o especioso garbo da caridade, levando-nos dessa forma a desacreditar um fato que é tão certo como a felicidade dos crentes”. 10, 670 - 671. “Alguns não podem suportar a idéia; mas para mim parece inevitável que o pecado terá que ser punido.... Se o pecado se tornar picuinhas, a virtude será um brinquedo.” 31, 498.

insinuação de que ele fazia dele um lugar de entretenimento. Ao contrário, desde os seus primeiros dias, seu trabalho no serviço do Senhor era assinalado pela seriedade. Quando ele se tornou professor da Escola Dominical no ano da sua conversão (1850) ele anotou em seu diário, depois de uma reunião de negócios de professores: “Muita brincadeira e leviandade quanto a concordarem com as minhas idéias do que deve ser um professor da Escola Dominical”. Três anos depois da morte de Spurgeon, Robertson Nicoll, agudo juiz de pregadores, escreveu, durante uma visita a Nova York: “O evangelismo do tipo humorístico pode atrair multidões, porém deixa a alma em cinzas e destrói os próprios germes da religião. O Sr. Spurgeon é considerado por aqueles que não conhecem os seus sermões como tendo sido um pregador humorístico. Como pura questão de fato, não houve pregador algum cujo tom fosse mais uniformemente sério, reverente e solene”.²⁷

²⁷ Todavia, a inversão disso ainda persiste naqueles que ignoram o real Spurgeon, e.g., Kenneth Slack, que fala dele como “um festejador que fazia uso de todo artifício espirituoso, e de todo humorismo, engenho e atrevimento teatral”. *The British Churches Today* (As Igrejas Britânicas Hoje), 1961, 73. Spurgeon teria concordado com Charles Simeon que, referindo-se aos pregadores do tipo brincalhão, comenta: “A respeito dos pecadores, o apóstolo Paulo disse: “Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse, e agora vos digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a perdição... que só pensam nas coisas terrenas”, Filipenses 3:18,19. Mas esses pregadores dizem a vocês aquelas coisas rindo, e não chorando. Parece que lhes falta o temor e a reverência com que todos nós, principalmente os ministros, devemos aproximar-nos de Deus e da Palavra de Deus. O cristão deve estremeecer face à idéia de agir levemente nessas coisas”. Sobre este assunto, cf. *Um Ministério Ideal*, vol. 2, 83. Não estou negando, claro, que o verdadeiro humor é um dom saudável e reanimador; o comentário acima tem a ver somente com a impropriedade do seu exercício quando um homem, no culto público, está falando em nome de Deus. Quanto a admiráveis exemplos do humor de Spurgeon, bem como de outro material valioso, ver *Personal Reminiscences of C. H. Spurgeon* (Reminiscências Pessoais de C. H. Spurgeon), W. Williams, 1895, e *Autobiography* (Autobiografia), 3, 339-361.

Spurgeon procurava tratar sua congregação como William Grimshaw tinha tratado seus muitos ouvintes em Haworth, no Despertamento do século 18. Numa ocasião em que Whitefield estava pregando para Grimshaw, este o interrompeu com as palavras: “Irmão Whitefield, não os adule, receio que a metade deles vá para o inferno de olhos abertos”.

Todo ministro pode entender o que João Wesley quis dizer quando declarou: “Se eu pregasse um ano inteiro num só lugar, eu e a maioria dos meus ouvintes dormiríamos durante a pregação”, e houve ocasiões em que Spurgeon desejava que o fardo de pregar ano após ano a milhares de pessoas fosse aliviada: “Vezes sem conta eu desejei tornar-me pastor de uma pequena igreja campestre, com duzentos ou trezentos ouvintes, por cujas almas eu pudesse velar com incessante cuidado”.²⁸ Mas ele sabia que não deveria ser assim, e orava rogando a Deus que selasse a sua boca para silêncio eterno, antes que deixá-lo ir ficando negligente ou satisfeito, enquanto almas estariam sendo condenadas: “Seria melhor que eu nunca tivesse nascido do que pregar descuidosamente a estas pessoas, ou que omitisse alguma parte da verdade do meu Mestre e Senhor. Melhor ser um demônio do que um pregador que trata ligeira e levianamente a Palavra de Deus, causando assim a ruína das almas dos homens.... Minha máxima ambição é estar limpo do sangue de todos os homens. Se, como George Fox, eu pudesse dizer ao morrer, “Estou limpo, estou limpo”, isso seria quase que todo o céu que eu poderia desejar”.²⁹

Descrever o espírito com o qual Spurgeon pregava não é, porém, expor a prova suprema da nossa crença em que o Espírito Santo estava abundantemente presente em seu ministério. Para ele o conteúdo da sua mensagem era mais importante que a maneira de pregá-la, e este é o segundo

²⁸ 19, 365.

²⁹ 19, 370; 27, 310.

ponto que devemos considerar agora. As citações anotadas acima não somente são incompletas, mas também, isoladamente, poderiam até ser enganosas. Um solene senso de responsabilidade não era o motivo impulsor da sua pregação; ele se sentia constrangido por algo mais alto que o apelo do dever –

*Se eu pudesse ter qualquer reserva,
E o dever não me movesse,
Amo meu Deus com tão grande ardor
Que eu tudo Lhe daria, tudo.*

Essas palavras nos levam ao cerne da pregação de Spurgeon. Ele amava pregar “a glória de Deus na face de Jesus Cristo”. Cristo – Ele era o “tópico glorioso, plenamente absorvente”, do ministério de Spurgeon, e esse Nome transformava os seus labores do púlpito num “banho nas águas do paraíso”.³⁰

A história que narra como um operário foi despertado por meio de um texto que Spurgeon proferiu no então deserto Palácio de Cristal, quando estava testando a acústica, preparando-se para um culto, é bem conhecida, mas o versículo anunciado por ele não é parte acidental do quadro. Quando, como ele pensava, estava sem congregação e sem nenhum ouvinte, as palavras que vieram muito simples e naturalmente a seus lábios foram: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”.

Será então surpreendente que, passando os olhos pelos títulos dos seus sermões em 1856 e 1857, vemos sempre recorrente este Nome – “Cristo em relação aos Negócios do Seu Pai”; “Cristo – o Poder e a Sabedoria de Deus”; “Cristo Levantado”; “A Complacência de Cristo”; “Cristo, nossa Páscoa”; “Cristo Exaltado”; “A Exaltação de Cristo”; “Cristo na Aliança”? Olhemos de passagem um só sermão, intitulado,

³⁰ *The Early Years*, 403.

“O Nome Eterno” e pregado logo em 1855, quando ele tinha vinte anos de idade. No curso desse sermão ele descreve algo que se tornaria coisa do mundo, se o Nome de Jesus lhe fosse retirado, e, incapaz de conter seus sentimentos, ele exclamou: “Eu não gostaria nem um pouco de estar aqui, sem meu Senhor; e, se o evangelho não fosse verdadeiro, eu invocaria a Deus, rogando-Lhe que me aniquilasse no mesmo instante, pois não valeria a pena eu viver, se vocês pudessem extinguir o nome de Jesus Cristo”.³¹ Muitos anos mais tarde, a Sra. Spurgeon ainda não tinha se esquecido desse mesmo sermão, e ela descreve a sua conclusão, quando Spurgeon estava quase sem voz de exaustão física, nas seguintes palavras:

“Recordo, com estranha clareza nesta longa distância no tempo, a noite de domingo em que ele pregou baseado no texto “O Seu Nome Durará para Sempre” (Salmo 72:17, VA). Era um assunto em que ele se rejubilava, era seu maior prazer exaltar o seu glorioso Salvador, e parecia que naquele discurso ele estava derramando sua própria alma e vida em homenagem e adoração perante seu gracioso Rei. Todavia eu realmente pensei que ele ia morrer ali, na presença de todo aquele povo! No fim do sermão ele fez um esforço extraordinário para recuperar a voz; porém, quase não pôde articular as palavras, e somente em inflexões entrecortadas se pôde ouvir a patética peroração – “Que o meu nome pereça, mas que o Nome de Cristo dure para sempre! Jesus! *Jesus!* Jesus! Coroem-nO Senhor de todos! Vocês não me ouvirão dizer nenhuma outra coisa. Estas são as minhas últimas palavras no Teatro Exeter nesta hora. Jesus! *Jesus!* Jesus! Coroem-nO Senhor de todos!”, e então deixou-se cair quase desfalecido na cadeira que estava atrás dele”.³²

Haverá prova mais forte da presença do Espírito Santo no ministério de um homem do que essa? Se houver, talvez seja aquela percepção, desconhecida de todos, menos do

³¹ 1, 208-209.

³² *The Early Years*, 294.

pregador, da presença pessoal de Cristo com ele quando fala – “Difícilmente será possível ao homem, deste lado do túmulo, estar mais perto do céu do que quando está gozando isso”, escreve Spurgeon, e houve ocasiões em que ele pôde testificar: “Tenho discernido a presença especial do meu Senhor comigo por uma percepção tão segura como a de que sei que estou vivo. Jesus tem sido tão real para mim, ao meu lado neste púlpito, que é como se eu O contemplasse com meus olhos”.

Não podemos dar por encerrado o assunto que trata do ministério de Spurgeon sem dar um exemplo de como ele pregava Cristo para toda classe de ouvinte, e Cristo como a única necessidade de todos os corações: “Lembre-se, pecador, não é *você agarrar* Cristo que o salva – é Cristo; não é *a sua alegria* em Cristo que o salva – é Cristo; não é nem mesmo a sua fé em Cristo, embora sendo ela o instrumento – é o sangue de Cristo e Seus méritos; portanto, não olhe para a sua esperança, mas para Cristo, a fonte da sua esperança; não olhe para a sua fé, mas para Cristo, o autor e consumidor da sua fé; e, se você fizer isso, nem dez mil demônios poderão derrubá-lo.... Há uma coisa que todo nós deixamos oculta demais em nossa pregação, embora, creio eu, sem nenhuma intenção – qual seja, a grande verdade que não é na oração, não é em nossa fé, não é em nossos feitos, não é em nossos sentimentos que devemos descansar, porém em Cristo, e unicamente em Cristo. Estamos sempre prontos a pensar que não estamos nas condições corretas, que não sentimos o suficiente, em vez de lembrar-nos de que o nosso interesse real não é o nosso ser, e sim Cristo. Permita-me que lhe rogue: olhe só para Cristo; nunca fique na expectativa de que a sua libertação vem de si próprio, dos ministros ou de qualquer outro meio, de qualquer natureza, independentemente de Cristo; fixe seu olhar simplesmente em Cristo; tenha sempre renovados em sua mente a morte de Cristo, Suas agonias, Seus gemidos, Seus sofrimentos, Seus méritos, Sua glória,

Sua intercessão; quando acordar de manhã, olhe para Ele; quando se deitar de noite, olhe para Ele”.³³

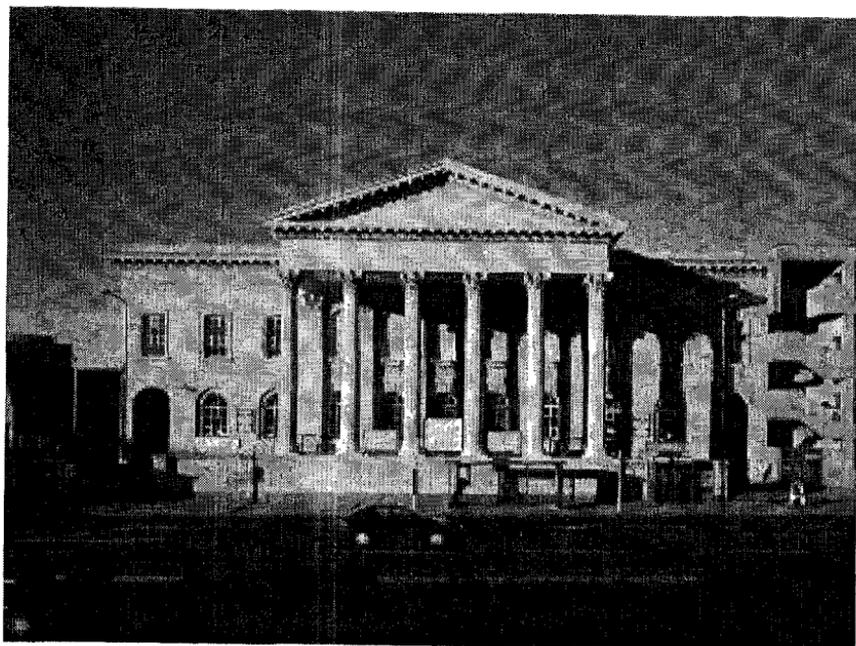
Esse era o espírito e essa era a mensagem de C. H. Spurgeon quando estava com vinte e dois anos de idade, e ao partirmos desta faceta do seu ministério, quem não há de sentir que precisamos conhecer novamente o sentido de sermos constrangidos pelo amor de Cristo? Façamos nossas as palavras de uma quadra sempre repetida, expressão de uma oração de Spurgeon:

*Quão vil, Senhor, eu seria,
Se não Te tivesse amor!
Se não Te amar, meu Salvador,
Que eu deixe de existir!*

³³ 2, 375-376.



O Tabernáculo Metropolitano nos dias de Spurgeon



O Tabernáculo Metropolitano no ano 2004

O Sr. Spurgeon é calvinista, o que atualmente são poucos dos ministros dissidentes em Londres. Ele prega a salvação, não baseada no livre-arbítrio, mas na boa vontade do Senhor, o que, deve-se rezear, poucos em Londres agora fazem.

– John Anderson, de Helensburgh
THE EARLY YEARS, 339

Não hesito em dizer que logo em seguida à doutrina da crucificação e da ressurreição do nosso bendito Senhor – nenhuma doutrina teve tanta proeminência na Igreja Cristã Primitiva como a doutrina da eleição da graça.

– C.H.S., SERMONS, 6, 302

A doutrina da graça foi lançada no quarto de despejo. Ela é reconhecida como verdadeira, pois é confessada em muitos credos; está nos artigos da Igreja da Inglaterra, está nas confissões de toda espécie de cristãos protestantes, exceto naquelas que são confessadamente arminianas, mas quão pouco é pregada! É colocada entre as relíquias do passado. É considerada como um respeitável oficial aposentado, que ninguém espera ver mais no serviço ativo.

– C. H. S., SERMONS, 12, 429

2: A Controvérsia Perdida

No capítulo anterior procuramos recuperar a imagem de Spurgeon como ele era nos dias do seu ministério da Rua do Novo Parque. O quadro que emergiu não foi do fenômeno de um púlpito jovial no qual os homens esbanjavam prazer, mas antes de um jovem cuja chegada, em meio a uma vida religiosa bajuladora e dormente em Londres, foi quase tão mal recebida como os canhões russos que trovejavam na distante Criméia. Os fatos vêm sobre nós um tanto como uma sacudidela, pois fomos mais ou menos acostumados a ver Spurgeon como um bondoso antepassado do moderno evangelismo bíblico. Quando o avivamento de 1885 em diante despertou Southwark da sua sonolência espiritual, o nome do pastor da Rua do Novo Parque era um símbolo de opróbrio, e choveram golpes de todas as direções; o nome veio a ser um símbolo da respeitabilidade evangélica, e nós nos inclinamos a consolar-nos no meio do dominante abandono dos princípios evangélicos, achando que o mundo religioso ainda tem alguma lembrança de um homem que defendia a nossa posição e cuja influência, não muitos anos atrás, circundou o globo. Contudo, quando evocamos o real caráter do seu ministério, o nosso consolo pode evaporar-se, pois nos defrontamos com a questão, não sobre quanto admiramos Spurgeon, mas sobre o que um homem como ele pensaria da Igreja atual.

Já falamos das características gerais do primeiro período da sua vida, e é preciso mantê-las em mente ao passarmos a atentar para aspectos mais detalhados da doutrina que ele pregava. Seria uma injustiça ao homem separar de algum modo

a verdade que Spurgeon sustentava do *espírito* em que ele viveu. Suas convicções doutrinárias não eram formuladas no frio alheamento de um estudo intelectual, e sim, eram postas em chamas dentro dele pelo Espírito Santo, irradiadas por seu amor a seu Redentor, e mantidas sempre renovadas em seu ministério pela comunhão com Deus. Spurgeon tinha pouca simpatia por homens que sustentavam um sistema ortodoxo vazio da vívida unção do Espírito.

Um dos primeiros ataques feitos contra o ministério de Spurgeon, após o seu estabelecimento em Londres, veio de um segmento da comunidade batista que naquele tempo poderia ser descrita como “hipercalvinista”. Spurgeon não gostava de usar esse rótulo, pois ele considerava a introdução do nome do grande Reformador como um denominativo errôneo: “Tais homens podem chamar-se calvinistas, mas, diversamente do Reformador, cujo nome eles adotam, eles trazem um sistema de teologia para a Bíblia para interpretá-la, em vez de fazer com que o seu sistema, sejam quais forem seus méritos, renda-se e dêem lugar à Palavra de Deus pura e não adulterada”. No número de janeiro de 1855 da publicação *The Earthen Vessel* (O Vaso de Barro), um escritor anônimo, pertencente à referida escola, pôs em dúvida toda a posição de Spurgeon e sua vocação para o ministério. A fraseologia não tradicional de Spurgeon, as multidões que o seguiam, seus convites e exortações a todos os ouvintes para que se arrependessem e cressem no evangelho e a “amplitude” da sua teologia eram, todas essas coisas, bases para suspeita. Ele não era nem suficientemente estreito nem suficientemente discriminatório para o seu crítico, que se queixava: “Spurgeon prega toda a doutrina e nenhuma doutrina; toda a experiência, e, portanto, nenhuma experiência”.

Por uma razão que mais adiante se verá patente, o jovem pregador não se preocupou em responder a esse ataque, se bem que por vezes ele fizesse uma pausa durante o seu sermão para tratar das idéias dos hipercalvinistas. Às vezes as

suas reflexões são algo humorísticas, como a seguinte:

“Não existem muitos bons irmãos “hiper” que tenham pleno conhecimento das doutrinas da graça; porém quando o “hiper” está lendo a Bíblia, um dia ele encontra um texto que lhe parece muito amplo e geral, e diz: “Isso não pode significar o que diz; devo apará-lo e fazê-lo acomodar-se ao comentário do Dr. Gill”! Com maior freqüência ele trata muito mais agudamente dos princípios que levam a esse tipo de prática, pois o hipercalvinismo não só causa desequilíbrio pessoal, mas, o que é mais grave, impede uma pregação completa do evangelho:¹ “Não acredito”, ele declara no curso de um sermão sobre o bom samaritano, “na maneira pela qual alguns pretendem pregar o evangelho. Eles não tem nenhum evangelho para os pecadores como pecadores, mas somente para aqueles que estão acima do nível comum da pecaminosidade geral, e são tecnicamente classificados como pecadores *sensíveis*”. Devemos interromper a citação por um momento para esclarecer a sua terminologia: o hipercalvinismo, em sua tentativa de enquadrar toda a verdade do evangelho no propósito divino de salvar os eleitos, nega que haja uma ordem universal para que o pecador se arrependa e creia, e assevera que só nos é concedido convidar para Cristo aqueles que estão *côncios* de um sentimento de pecado e de necessidade. Noutras palavras, a exortação do evangelho deve ser dirigida aos que foram despertos espiritualmente para buscar um Salvador, e

¹ “Eles se viram obrigados a mascarar uma passagem como esta, porque não a puderam entender: “Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!” Eles não ousaram pregar sobre um texto como este: “Vivo eu, diz o Senhor Jeová, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho, e viva”. Eles têm vergonha de dizer: “Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que razão morrereis?” Eles não se atrevem a sair pregando como Pedro pregou – “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados”. 6, 302.

não aos que, em sua incredulidade e indiferença, jazem na morte. Dessa maneira, foi inventado um esquema para restringir o evangelho àqueles que há razão para supor que são eleitos. “Como o sacerdote desta parábola”, Spurgeon continua, “eles vêem o pobre pecador e dizem, “Ele não está cômico da sua necessidade, não podemos convidá-lo para Cristo”; “Ele está morto”, dizem eles, “não adianta pregar para almas mortas”; e assim passam pelo outro lado, ficando junto aos eleitos e despertados, mas não tendo coisa alguma para dizer aos mortos, para não suceder que façam com que Cristo seja por demais gracioso e que a Sua misericórdia seja por demais acessível... Conheço ministros que dizem: “Bem, você sabe, devemos descrever o estado em que o pecador se encontra e adverti-lo, mas não devemos convidá-lo para Cristo”. Sim, cavalheiros, vocês devem passar de largo, depois de olhar para ele, pois, de acordo com a confissão que vocês mesmos fazem, vocês não têm nenhuma *boa* nova para o pobre coitado. Bendigo o meu Senhor e Mestre por me haver dado um evangelho que posso levar a pecadores *mortos*, um evangelho acessível ao pecador mais vil de todos os vis”.²

Spurgeon imprimia urgência a esta questão porque via que, se o que autoriza o pecador a receber o evangelho está em algumas qualificações ou em alguns sentimentos internos, os não convertidos, como tais, não têm nenhum dever imediato de crer em Cristo, e podem concluir que, porque não sentem nenhum arrependimento ou nenhuma necessidade, a ordem para crer no Filho de Deus não é dirigida a eles. Por outro lado, se o que autoriza o pecador está, não em algo existente nele, e sim unicamente na ordem e nos convites feitos por Deus, temos uma mensagem para toda criatura que há debaixo do céu. Spurgeon não acreditava que o fato da eleição deveria ser mantido oculto para os incrédulos, mas sustentava que o hipercalvinismo, por dirigir a atenção dos

² 8, 55.

homens para fora da centralidade da fé pessoal em Cristo, tinha distorcido³ a ênfase do Novo Testamento e tinha almofadado a complacência dos incrédulos. Sua alegação era que, uma vez que a fé é produzida no homem pelo poder do Espírito de Deus, não podemos ordenar aos homens que creiam, mas com isso ele passou por alto o fato cabal de que a incredulidade sempre nos é apresentada nas Escrituras como pecado pelo qual somos responsáveis: “Se você não tivesse caído, viria a Cristo no momento em que Ele lhe fosse pregado; porém você não vem, por causa da sua pecaminosidade”. A falha do homem em não obedecer ao evangelho, em vez de ser escusável, é a mais alta expressão da sua depravação.

Isso deve deixar claro que o hipercalvinismo é mais que um mero desvio teórico do evangelho, e Spurgeon falava fortemente porque sabia por experiência que essa corrente reduz a Igreja à inatividade ou até mesmo à paralisia total. “Encontrei-me com alguns irmãos que tentam ler a Bíblia do jeito errado, de baixo para cima. Dizem eles: “Deus tem um propósito que certamente se cumprirá, pelo que não nos moveremos nem uma polegada. Todo o poder está nas mãos de Cristo, pelo que vamos ficar sentados e tranquilos”; mas não é assim que se deve ler a passagem. É desta maneira: “É-me dado todo o poder no céu e na terra. *Portanto ide*, e faizei

³ “Você tem visto aqueles espelhos”, diz ele (referindo-se à área para feiras e outros eventos), “você caminha até eles e vê sua cabeça dez vezes maior que o seu corpo, ou se afasta e se coloca noutra posição, e seus pés ficam monstruosos e o resto do seu corpo fica pequeno; é um brinquedo engenhoso, mas lamento dizer que muitos se dispõem a trabalhar com a verdade de Deus seguindo esse brinquedo como modelo; engrandecem uma verdade capital até ela se tornar monstruosa; diminuem e comentam pouco outra verdade até ela vir a ser esquecida totalmente”. 8, 182. Quanto a um breve sumário das idéias de Spurgeon sobre “Preaching to Sinners” (Pregando a Pecadores), ver seu livro de mensagens intitulado *Only a Prayer-Meeting* (Tão-somente uma Reunião de Oração), 301-305.

algo!⁴ “Os mandriões das nossas igrejas ortodoxas bradam: “Deus realizará a Sua própria obra”; depois pegam o travesseiro mais macio que podem encontrar, colocam-no sob a cabeça, e dizem: “Os propósitos eternos serão efetuados; Deus seja glorificado”. Tudo isso é bela prosa, mas pode ser utilizada com os desígnios mais perversos. Disso você poderá fazer ópio, e este o vai embalar, fazendo-o cair num sono profundo e mortal, e vai impedir que você tenha alguma utilidade”.⁵

Em nenhum ponto o hipercalvinismo foi mais gravemente faltoso, aos olhos de Spurgeon, do que em sua incapacidade de caracterizar-se pelo zelo por uma evangelização militante e de abrangência mundial. Embora sabedor de que não poucos cristãos dessa linha de convicção eram melhores do que o seu credo, ele via claramente que as evidências teológicas e históricas indicavam que a influência desse ensino nunca promoveu uma zelosa obra missionária. Se o evangelho é só para pecadores *sensíveis*, como então a Igreja vai agir sob a compulsão da sua comissão, que lhe ordena: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”? Se a autorização para crer só pertence aos penitentes, então não pertence a todos os homens de todos os lugares, pois as multidões da terra não estão nessas condições: “Gostaria de levar um dos que só pregam a pecadores sensíveis e deixá-lo na capital do reino de Dahomey.⁶ Lá não existem pecadores sensíveis! Olhem para eles, com suas bocas manchadas de sangue humano, com seus corpos engordurados com os coágulos do sangue das suas vítimas imoladas – como é que o pregador vai achar alguma qualificação ali? Não sei o que ele poderia dizer, porém eu sei qual seria a minha mensagem. Minha palavra correria assim – “Homens e irmãos, Deus, que fez os céus e a terra, enviou Seu Filho Jesus Cristo ao mundo para sofrer por nossos pecados, e todo aquele que nele crê

⁴ 42, 234.

⁵ 30, 630.

⁶ Na época uma colônia africana. Nota do tradutor.

não perecerá, mas terá a vida eterna”.⁷

“Houve tempo”, diz ele noutra sermão, “em que a simples idéia de enviar o evangelho aos pagãos era considerada por nossos irmãos como uma peça de dom-quixotismo que não se deve tentar pôr em ação, e mesmo agora, se você disser, “O mundo inteiro para Jesus”, eles arregalam os olhos e dizem: “Ah, receamos que você foi contaminado pela redenção universal, ou que está partindo para o campo arminiano”. Queira Deus conceder a esses diletos irmãos um novo coração e um espírito reto; no presente, o coração deles é pequeno demais para levar a Deus muita glória. Oxalá tenham coração maior, coração algo parecido com o do seu Senhor, e oxalá recebam a graça de poderem avaliar o precioso sangue num nível mais elevado, pois o nosso Senhor não morreu para adquirir umas poucas centenas de almas, ou para redimir

⁷ 9, 538, sermão sobre “The Warrant of Faith” (O Direito à Fé). “A ordem para crer em Cristo é necessariamente o direito dado ao pecador.... Se tal direito não fosse algo do que *toda criatura* pode ter alguma participação, pregação a toda criatura seria coisa que, coerentemente, não existe.” Cf. também outro sermão sobre esse direito: *May I?* (Posso eu?) 30, 613. No século passado (século 19), talvez nenhum líder cristão tenha ministrado esse ensino sobre o direito (ao evangelho) tão claramente como o piedoso professor John Duncan, de Edimburgo. Com o seu costumeiro hábito de simplificar um problema em poucas frases, ele diz: “Se só pecadores convictos são autorizados a abraçar Cristo, então eu, antes de ser autorizado a abraçá-lo, preciso ser convencido de que sou um pecador convicto. Mas o Espírito é a única fonte de convicção infalível, e em parte alguma se promete que o Espírito Santo convence de convicção; promete-se unicamente que Ele convence de pecado. É verdade que o pecador convicto é o único sujeito capaz de fé salvadora, mas não é como pecador convicto que eu sou chamado para vir a Cristo.... Ninguém se dispõe menos a considerar-se convicto do que aquele que realmente o é.... O pecador convicto seria o último a aceitar uma oferta a pecadores convictos; porém, proclame o evangelho a um pecador culpado e vil, e ele dirá: “Esse sou eu”.... Deus precisa fazer muita coisa *para* os pecadores, a fim de convertê-los; mas Deus não requer nada dos pecadores, senão que eles retornem”. *Recollections of the late John Duncan* (Recordações do finado John Duncan), A. Moody Stuart, 1872, 96-97, 219.

para Si um punhado de pessoas; Ele derramou Seu sangue por um número de pessoas que ninguém pode contar, e os Seus eleitos excederão em multidão a areia que cinge o mar”.⁸

As citações acima são vitalmente importantes por uma variedade de razões. Primeiramente, indicam que há uma real diferença entre o calvinismo bíblico e o hipercalvinismo. Este último nome às vezes é empregado como se essa corrente fosse simplesmente uma formulação mais forte das doutrinas escriturísticas – alguma coisa além de uma posição “moderada” – mas esse uso do termo é incorreto, pois o referido sistema se desvia gravemente das Escrituras e fica aquém das Escrituras. Outro uso errado do termo, que é até mais comum, é ligar o rótulo “hiper” ou “ultra” calvinistas a pessoas que na realidade se opõem ao hipercalvinismo. Ignorando as distintas divergências teológicas que separam o hipercalvinismo da fé característica dos reformadores e dos puritanos, e não sabendo das suas origens históricas diferentes, alguns críticos empregam a expressão como se ela fosse a mais apropriada para descrever qualquer pessoa que se oponha zelosamente aos dogmas do arminianismo. Contudo, conquanto esse possa ser um meio conveniente de marcar “extremistas”, revela a confusão espiritual daqueles que fazem tal uso da referida expressão. Spurgeon, porém, teve que suportar esse tratamento, tratamento não desconhecido hoje.

Se o leitor der atenção às biografias de Spurgeon produzidas no século vinte, não terá dificuldade em encontrar referências à oposição do pregador biografado à escola “hiper”. J. C. Carlile, por exemplo, diz: “Naturalmente, a teologia do Sr. Spurgeon freqüentemente o envolveu em controvérsia”, e imediatamente passa a mencionar a controvérsia que esboçamos acima. Ficamos com a impressão de que Spurgeon era justamente como nós – opostos a extremos, e este nosso sentir é confirmado quando W. Y. Fullerton nos informa que

⁸ 20, 239.

Spurgeon “rompeu com a escola mais inflexível”.⁹ Evidentemente nos é dada uma vaga exposição do calvinismo de Spurgeon, mas Carlile acrescenta que “as verdades austeras da fé calvinista eram sustentadas praticamente por todos os protestantes”.¹⁰ Portanto, com tais certezas, é-nos permitido, sem margem a qualquer suspeita, supor que o conteúdo *doutrinário* da pregação de Spurgeon não causou grande alvoroço no mundo religioso do seu tempo. Tudo isso é totalmente enganoso. Os biógrafos do século vinte de fato passaram inteiramente por alto a maior controvérsia do primeiro período do seu ministério; não há em seus escritos sequer um murmúrio da palavra que ecoa através dos seis volumes dos sermões da Rua do Novo Parque; ela não se encontra nem mesmo nos índices dessas biografias. Por que os evangélicos modernos estariam tão preocupados em fazer desaparecer a palavra “arminianismo”?¹¹

Seja qual for o propósito, esse método de tratar Spurgeon criou de fato uma impressão do homem amplamente corrente hoje; todavia, cremos que essa impressão da natureza da posição “evangélica” de Spurgeon é totalmente demolida pelo estudo da sua Autobiografia e do texto integral dos seus

⁹ C. H. Spurgeon, W. Y. Fullerton, 1920, 290. Fullerton parece implicar que Spurgeon deixou o hipercalvinismo, mas a sua Autobiografia deixa bastante claro que ele nunca foi hipercalvinista! Foi este fato que ocasionou uma divergência com um dos seus diáconos em Waterbeach – seu primeiro pastorado. Cf. *The Early Years*, 221-222.

¹⁰ C. H. Spurgeon: *An Interpretative Biography* (C. H. S.: Uma Biografia Interpretativa), J. C. Carlile, 1933, 147.

¹¹ Mais gravemente, a palavra “arminianismo” foi até suprimida do texto de alguns sermões de Spurgeon reimpressos na edição de Kelvedon, e isso sem dar nenhum aviso ao leitor de que fora feita alguma redução. Compare-se, por exemplo, o sermão pregado em 18 de outubro de 1857, que leva o n.º 159 em *New Park Street Pulpit*, Volume 3, com o que aparece no volume 13 (*Sermons of Comfort and Assurance*) (Sermões de Consolação e Certeza), página 222 da edição de Kelvedon, publicada por Marshall, Morgan & Scott.

sermões. Quando uma pequena seleção dos seus sermões, intitulada *Revival Year Sermons* (Sermões do Ano de Avivamento), foi publicada em 1959, comemorando o avivamento ocorrido um século antes, alguns resenhistas ingleses não puderam refrear-se e expressaram a sua impressão de que os sermões eram “catados a dedo” numa tentativa de destacar uma posição partidária realmente não “spurgeônica”, de forma alguma, e quando os mesmos sermões foram traduzidos para o espanhol por um ministro da Espanha, os batistas espanhóis questionaram a veracidade da tradução! Pode fazer-nos rir a história do estudante vitoriano que achava que Spurgeon era o Primeiro Ministro da Inglaterra, mas o que se vê é que idéias similarmente selvagens sobre que tipo de homem ele era realmente, são correntes no presente.

Ao expandirmos essas declarações, primeiro é necessário mostrar que a perspectiva doutrinária reinante na década de 1850 não era calvinista, como afirma Carlile, mas arminiana, e foi principalmente porque Spurgeon se insurgiu contra isso que a sua chegada a Londres foi vista com tanto desfavor pelo mundo religioso. As trocas de argumentos com os hipercalvinistas não passaram de escaramuças, comparadas com a batalha que ele teve que travar numa frente muito mais ampla; ele julgava que o hipercalvinismo era sustentado apenas por um grupo, com influência relativamente pequena e dispersa, dentro da denominação batista, ao passo que considerava o arminianismo como um erro que exercia influência em todas as áreas do não-conformismo, bem como dentro da Igreja da Inglaterra. Conseqüentemente, ele dedicou mais tempo e energia para pôr às claras o arminianismo, e o acerto da sua avaliação da situação é demonstrado pela força da oposição que logo teve que enfrentar.

Os poucos periódicos que favoreciam o hipercalvinismo jamais poderiam causar a tempestade que rugiu ao redor do ministério de Spurgeon em seus primeiros anos. Os jornais

em geral, religiosos e seculares, estavam tão longe do hipercalvinismo que nem sabiam que Spurgeon sofria oposição dos hipercalvinistas!

Não há falta alguma de prova literária indicativa de que a posição doutrinária de Spurgeon era sua principal ofensa, aos olhos dos seus contemporâneos. Por exemplo, Silas Henn introduziu o seu livro *Spurgeon's Calvinism Examined and Refuted* (O Calvinismo de Spurgeon Examinado e Reprovado), publicado em 1858, com estas palavras:

“Por muitos a controvérsia calvinista tem sido considerada como há muito tempo definida conclusivamente, e relativamente poucos nestes tempos, em meio a idéias tão esclarecidas sobre o cristianismo, ousam proclamar, abertamente e sem disfarce, os peculiares dogmas de João Calvino. Mesmo em muitos púlpitos confessadamente calvinistas as doutrinas são grandemente modificadas, e o calvinismo genuíno é retido. Mas há alguns que o apresentam em todo o seu comprimento e largura, e entre esses, o Rev. C. H. Spurgeon, o notório pregador do Teatro Musical dos Jardins de Surrey é o mais proeminente”.

Vê-se comumente a mesma crítica em muitos dos jornais daquele período. *The Bucks Chronicle* acusou Spurgeon de tornar o hipercalvinismo essencial para a entrada no céu; *The Freeman* deplorou que ele denunciava os arminianos “em quase todos os sermões”; *The Christian News* igualmente censurou asperamente as suas “doutrinas do mais ostensivo exclusivismo” e sua oposição ao arminianismo; e *The Saturday Review* lamentou, como observamos anteriormente, a profanidade da sua pregação da “redenção particular em salões recendendo ao odor de tabaco”.

Talvez *The Patriot*, um jornal não con-formista, tenha sumariado melhor as razões por que todos se sentiam tão ofendidos pelo jovem pregador no seguinte canhoneio:

“Todos, a seu tempo, ficam sob o látego do novato precece. Só ele é um calvinista coerente; fora ele, todos são, ou

arminianos rançosos, ou antinomistas licenciosos, ou infieis confessantes das doutrinas da graça. A educação universitária não faz senão afastar as simpatias do povo; e “realmente, os lavradores fariam pregadores muitíssimo melhores”. A doutrina da eleição é, “em nossa época, escarnecida e odiada”. “A religião útil atualmente” é “só exposta em salas evangélicas.” “Quantos pregadores piedosos no dia de descanso, são muito ímpios pregadores durante o resto da semana!” Ele “nunca” ouviu seus irmãos ministros “afirmarem a positiva satisfação e substituição operadas pelo nosso Senhor Jesus Cristo”. Esses pescadores de homens “passam a vida toda pescando com linhas de seda e de ouro e com anzóis de prata, mas o peixe nem belisca nada disso; ao passo que nós, de tipo mais rude”, acrescenta o censor autocomplacente, “temos posto o anzol nas mandíbulas de centenas”. Mais “rude” ainda, se possível, é o tratamento dado pelo Sr. Spurgeon aos teólogos que não são da sua escola especial. “As perversões arminianas deveriam afundar de volta no poço onde nasceram.” Sua idéia da possibilidade de uma queda final da graça é “a mais ímpia falsidade da terra”.¹²

Essas citações são coloridas pelo aborrecimento dos escritores, mas todos eles são unânimes em duas acusações, a saber: que a doutrina de Spurgeon não era a que caracterizava o protestantismo seu contemporâneo, e, em segundo lugar, que ele se opunha aberta e repetidamente ao arminianismo. Ao invés de procurar limpar-se da culpa dessas acusações, Spurgeon prontamente as aceitava.¹³ “Não precisamos ter

¹² Pike, 2, 196.

¹³ 4, 341. “Dificilmente um ministro batista de boa reputação quererá ter-me ao seu lado”, Spurgeon escreveu numa carta a um amigo, e noutra ele comentou que os pregadores contemporâneos “têm medodorealcalvinismo do evangelho” (*The Early Years*, 342,343). O eminente Thomas Binney, após ouvir um sermão no interesse da Associação das Igrejas Batistas de Londres, em 1855, no qual o pastor da Rua do Novo Parque falou contra o arminianismo, declarou: “Nunca ouvi tal coisa antes em minha vida”!

vergonha das nossas raízes”, diz ele, “muito embora os calvinistas estejam sendo considerados heterodoxos atualmente”. Sua estimativa da situação religiosa era que a Igreja estava sendo tentada “por atacado pelo arminianismo”¹⁴ e que a sua necessidade primária não era simplesmente mais evangelização nem mesmo mais santidade (em primeiro lugar), mas retornar à verdade completa das doutrinas da graça – as quais, por comodidade, ele estava disposto a denominar calvinismo. É evidente que Spurgeon não se via simplesmente como evangelista, porém também como um reformador cujo dever era “dar mais proeminência, no mundo religioso, às velhas doutrinas do evangelho”¹⁵.... “A velha verdade que Calvino pregava, que Agostinho pregava, que Paulo pregava, é a verdade que eu tenho que pregar hoje, ou então ser falso para a minha consciência e para o meu Deus. Não posso ficar modelando a verdade; não conheço tal coisa como desbastar as rudes arestas de uma doutrina. O evangelho de John Knox é o meu evangelho. Aquilo que trovejava através da Escócia precisa trovejar através da Inglaterra outra vez.”¹⁶ Essas palavras nos levam de volta ao coração do seu ministério na Rua do Novo Parque; há um zelo reformador e um fogo profético em torno do homem que, enquanto despertava alguns, provocava ira e hostilidade em outros. Spurgeon falava como um homem convicto de que *sabia* qual era a razão da ineficácia da Igreja, e ainda que ninguém mais dissesse isso somente, ele não ficaria em silêncio.

“Despontou e floresceu na Igreja de Cristo a idéia de que existem muitas coisas ensinadas na Bíblia que não são essenciais; que devemos alterá-las só um pouco para adequá-las à nossa conveniência; isso feito, vamos direto aos fundamentos, as outras coisas não são de nenhum interesse... Saibam, porém, isto, que a mais ligeira violação da lei divina trará juízo sobre a Igreja, e já trouxe juízo, e está

¹⁴ 1, 208.

¹⁵ *The Early Years*, 350.

¹⁶ *Ibid.*, 162.

precisamente no dia de hoje retendo a mão de Deus para não nos abençoar... A Bíblia, toda a Bíblia, e nada senão a Bíblia é a religião da Igreja de Cristo. E enquanto não voltarmos a isso, a Igreja terá que sofrer...

“Ah, quantos são os que têm dito, “Os velhos princípios puritanos são demasiado rudes para estes tempos; tratemos de alterá-los, de abaixar um pouco o seu tom”. Quem é você, Senhor? Quem é você, que ousa tocar numa só letra do Livro de Deus, que Ele cercou com trovões, naquela tremenda sentença na qual escreveu: “Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa”. É algo assolador e terrível quando nos pomos a pensar nisso, pois os homens não formam um juízo justo e próprio acerca da Palavra de Deus; porquanto, o homem deixar um único ponto sem averiguação, um único mandado sem ser estudado, fazendo com que outros se extraviem enquanto que nós mesmos estamos agindo em desobediência a Deus...

“As vitórias da Igreja, que temos tido, não têm sido como as vitórias dos velhos tempos. Por quê? Eis a minha teoria para explicar isso: em primeiro lugar, é devido à ausência do Espírito Santo de nós em grande medida. Mas, se vocês forem à raiz do problema para saber a razão, minha outra resposta, mais completa, é esta: a Igreja tem abandonado sua pureza original, e, portanto, perdeu seu poder. Se desde logo déssemos cabo de tudo quanto é errôneo, se, por vontade unânime de todo o corpo de Cristo, fossem podadas e eliminadas todas as cerimônias más, todas as cerimônias não ordenadas pelas Escrituras; se fossem rejeitadas todas as doutrinas não sustentadas pelas Escrituras Sagradas; se a Igreja fosse pura e limpa, sua marcha seria para a frente, triunfal, vitoriosa...

“Isso pode parecer para vocês de pouca conseqüência, porém é realmente questão de vida e morte. Faço este apelo a cada cristão – pense bem nisso, meu querido irmão. Quando alguns de nós pregam o calvinismo e alguns o arminianismo, não podem estar ambos os lados certos; não adianta querer pensar que podemos estar – “Sim” e “não” os dois não podem ser verdadeiros. A verdade não oscila como o pêndulo, que se move para lá e para cá. A verdade não é como um cometa, que está aqui, ali e em toda parte. Um ensino tem que estar certo; o outro, errado”.¹⁷

Este elemento reformador do ministério de Spurgeon em seus primeiros tempos só pode ser corretamente interpretado se entendermos as suas convicções sobre a tendência teológica da sua época. Ele acreditava que Deus o tinha chamado para representar uma revivescência do velho evangelismo calvinista outrora predominante na Inglaterra, e é porque essa convicção estava tão interligada com o curso do seu ministério durante os seus primeiros anos em Londres que ele tem em sua Autobiografia, neste ponto, um capítulo intitulado “Uma Defesa do Calvinismo”. Uma interessante carta de Spurgeon, que só recentemente veio à luz, sustenta o mesmo ponto. A carta foi enviada a Charles Spiller, ministro batista em Chipping Campden, e embora Spurgeon mencione a agressão que sofreu do setor hipercalvinista em *The Earthen Vessel* (O Vaso de Barro), é evidente que a maior atenção é voltada numa direção completamente diferente. Ele se regozija em que por intermédio da tribuna do Teatro Exeter Deus lhe deu oportunidade de importunar a apatia religiosa generalizada que ele acreditava estar ligada à ausência da velha ortodoxia.

¹⁷ 6, 166-70.

75 Dove-road,
Boro
13 de fevereiro de 1855

Meu caro irmão,

Em meio ao trabalho de uma enorme correspondência, ainda encontro um momento para acusar o recebimento da sua missiva. Bendigo a Deus por eu ter feito soar um alarme em Sião, pois vejo que o som se propagou. Você pode imaginar a minha situação, um jovem de 21 anos incompletos pregando naquela ocasião a todos os ministros de Londres (quase), mas dou graças a Deus que até hoje nunca temi o homem, e, embora no domingo passado mais de 4.000 pessoas estivessem reunidas no Teatro Exeter, e cada polegada do espaço tenha sido ocupada, havendo muitos grudados nas colunas e por toda parte, nada disso me abalou, pois Deus em nós torna até o bebê poderoso. A minha posição como pastor de uma das igrejas mais influentes habilita-me a me fazer ouvido, e o meu labor diário consiste em revivificar as velhas doutrinas de Gill, Owen, Calvino, Agostinho e Cristo.

Meus sermões são impressos semanalmente; junto um deles – a venda é grande – e você pode procurá-los em qualquer livraria, até por assinatura. Também são impressos na “Penny Pulpits”.

Se você já viu “The Earthen Vessel”, terá visto como eu tenho sido atacado e rebaixado como enganador – a consequência foi que mais interesse foi despertado, todos os exemplares de The Earthen Vessel foram vendidos – centenas de réplicas foram enviadas ao editor – enquanto eu fico observando, regozijando-me em que todas as coisas cooperam para o bem. Penso que você vai se divertir se ler aquela revista dos meses de dezembro, janeiro e fevereiro. Não me derrubam facilmente; vou em frente, e não me inquieta nenhum homem na face da terra, criada por Deus.

Você faria bem em orar rogando que Deus me mantenha junto d'Ele, pois, levando socos e pancadas – se não me apoiasse

em Seu braço, eu seria o mais miserável de todos os homens. Não é fácil ser espancado pelos nobres e plebeus, e continuar firme.

Bendigo a Deus porque a minha igreja aumenta numa porcentagem animadora – vinte pessoas serão ouvidas esta noite, e mais virão. Toda a honra a Deus – por Seu nome posso suportar vitupério – mas a verdade eu tenho que proclamar. Sua missiva é como uma flor no inverno – traz em si a beleza do verão. Oxalá, ter Cristo no coração, o Espírito Santo na alma, e a glória em perspectiva – em troca disso poderíamos muito bem dar mundos, e por isso hamos de lutar, não só com palavras no púlpito, e sim, real e verdadeiramente em nossos quartos, a sós com o nosso Pai.

*Fraternalmente,
C. H. Spurgeon¹⁸*

O fato de que foi sua ênfase em restabelecer a velha doutrina que provocou intensa oposição a seu ministério, Spurgeon não tinha a menor dúvida. “Somos depreciados como hipers; somos considerados a escória da criação; dificilmente um ministro nos dá atenção ou fala favoravelmente de nós, porque sustentamos fortes idéias sobre a venerável soberania de Deus, Seus soberanos atos eletivos e Seu amor especial

¹⁸ Esta carta foi impressa em *The Baptist Times*, em 17 de janeiro de 1963.

Nesse período (o período da referida carta) Spurgeon dava a mesma ênfase doutrinária em suas muitas visitas às províncias para pregar. Em 1879 um escritor, por exemplo, recorda que ouviu pela primeira vez Spurgeon na Capela de Arley, Bristol, quase um quarto de século antes. Depois de descrever seus modos e sua aparência, ele continua: “Ainda vejo e ouço o Sr. Spurgeon quando pregou naquela manhã na Capela de Arley. O ponto do seu sermão que permanece mais claro em minha mente foi o muito marcante ensino sobre a doutrina da eleição, e a asserção feita pelo pregador de que estava em consonância com Calvino e Agostinho, dos quais, como também da doutrina, o meu conhecimento naquele tempo não era nem um pouco extenso”. *Sword and Trowel*, 1879, 420.

para com o Seu povo”.¹⁹ Pregando à sua igreja local em 1860, ele disse: “Não há uma outra igreja de Deus na Inglaterra, que durante os últimos cinqüenta anos, teve que passar por maiores provações do que as que nós temos tido... raro é o dia que rola sobre a minha cabeça em que a mais vil ofensa, a mais terrível difamação, não seja proferida contra mim, tanto privadamente como pela imprensa pública; todo engenho é empregado para pôr abaixo o ministro de Deus – todas as mentiras que o homem pode inventar são lançadas contra mim.... Eles não impediram a nossa utilidade como igreja; não diminuíram o número dos nossos congregados; aquilo que se esperava fosse mero espasmo – um entusiasmo que se esperava que duraria apenas uma hora – Deus tem aumentado diariamente; não por minha causa, e sim por causa do evangelho que eu prego; não porque havia alguma coisa em mim, mas porque me apresentei como um expositor do calvinismo claro, honrado e sincero, e porque procuro falar a Palavra de forma simples”.²⁰

Spurgeon não se surpreendia com a inimizade que manifestada para com a sua proclamação das doutrinas da graça: “Irmãos, em todos os nossos corações há esta inimizade natural contra Deus e contra a soberania da Sua graça”.²¹ “Sei de homens que mordem seus lábios e rangem os dentes de raiva quando prego a soberania de Deus.... Os visionários doutrinários atuais admitem a existência de um Deus, porém Ele não deve ser Rei: quer dizer, eles preferem um deus que não é deus, e dão preferência ao servo, e não Àquele que exerce governo sobre os homens.”²² O fato de que a conversão e a salvação são obra de Deus é uma verdade humilhante. É por seu caráter humilhante que os homens não gostam dela. Ouvir dizer-me que, se hei de ser salvo é preciso que Deus me salve, e que estou em Suas mãos, como o barro está nas

¹⁹ 2, 391.

²⁰ 6, 435-456.

²¹ 29, 85.

²² 36, 416.

mãos do oleiro, “Não gosto disso”, dirá alguém. Bem, eu achava que você não gostaria; quem sonharia que você iria gostar disso?”²³

Por outro lado, Spurgeon considerava o arminianismo como popular porque servia para aproximar mais o evangelho do pensamento do homem natural; trazia a doutrina das Escrituras para mais perto da mente do mundo. A idéia comum sobre o cristianismo era aceita pelos homens simplesmente porque *não* era o ensino de Cristo: “se a religião de Cristo ensinasse que o homem é um ser nobre, só um pouco decaído – se a religião de Cristo ensinasse que Cristo, por Seu sangue, eliminou o pecado de todos os homens, e que todos os homens, por seu livre-arbítrio, sem a graça divina, podem ser salvos – o cristianismo seria na verdade a religião mais aceitável para as multidões”.²⁴ O aguilhão do comentário feito por Spurgeon foi ocasionado pelo fato de que era justamente isso que um protestantismo superficial estava pregando como fé cristã! Por isso, ao atacar as idéias mundanas sobre o cristianismo, então correntes, Spurgeon não podia deixar de solapar também o que muitos de dentro da Igreja estavam de fato pregando. Não admira que houvesse tanto alvoroço! Mas Spurgeon não se abateu, pois ele acreditava que as velhas verdades eram suficientemente poderosas para virar sua época de ponta-cabeça. Num sermão sobre “The World Turned Upside Down” (O Mundo Virado de Ponta-Cabeça) ele declarou: “Cristo virou o mundo de ponta-cabeça, no que se refere às nossas *noções religiosas*. Pois a grande maioria da humanidade acredita que, se qualquer homem quer ser salvo, isso é tudo o que lhe é necessário. Muitos dos nossos pregadores efetivamente pregam essa máxima. Eles dizem aos homens que é preciso que eles se façam querer a salvação. Ora, simplesmente escutem e vejam como o evangelho transtorna isso. “Não depende do

²³ 6, 258.

²⁴ 7, 475-476.

que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece”. O mundo também tem uma religião universal, porém, vejam como Cristo põe isso abaixo: “Eu rogo por eles: não rogo pelo mundo”. Deus nos ordenou *dentre* os homens: “Eleitos de acordo com o pré-conhecimento de Deus Pai, pela obra santificadora do Espírito e pela fé na verdade”.²⁵

Obviamente, Spurgeon considerava a diferença entre o calvinismo e o arminianismo como algo concreto e definível, e não mera questão de “equilíbrio” ou de proporção da verdade. Com o termo arminianismo ele não queria dar uma “ênfase” à responsabilidade humana, pois ele pregava a responsabilidade do homem tão fortemente como qualquer que já viveu.²⁶ Menos ainda ele achava que uma coerente posição escriturística abranja as duas posições; na verdade, ele achava difícil ser paciente quando refutava essa confusão. “Não pensem”, diz ele, “que vocês precisam ter erros em sua doutrina para se tornarem úteis. Temos alguns que pregam

²⁵ 4, 230 (tradução direta).

²⁶ O erro do arminianismo não é que ele sustenta a doutrina bíblica da responsabilidade, e sim que ele *igual*a essa doutrina à doutrina antibíblica do “livre-arbítrio” e prega as duas coisas como se fossem sinônimas. Mas a vontade humana é sempre exercida em harmonia com a sua natureza, e, assim como a sua natureza está em inimizade contra Deus, assim também o está a sua vontade. Como o homem está caído, a sua vontade *não pode* ser neutra ou “livre” para agir contra a sua natureza. “O livre-arbítrio tem levado muitas almas para o inferno, mas ainda nunca levou nenhuma alma para o céu.” Cf. “Livre-Arbítrio – Um Escravo”, 1, 395, e para um tratamento mais completo, “A Vontade de Deus e a Vontade do Homem”, 8, 181. A incapacidade espiritual do homem deve-se unicamente ao seu pecado, e, portanto, de maneira nenhuma diminui a sua responsabilidade. Que o homem precisa ser capaz de crer e de arrepender-se para ser responsável pela incredulidade e pela impenitência é uma concepção filosófica que não se acha em parte alguma nas Escrituras; de fato, essa concepção é diretamente contrária às Escrituras porque, se a responsabilidade fosse dimensionada pela capacidade, significaria que quanto mais pecador um homem se tornar, menos responsável será! >>

calvinismo em toda a primeira parte do sermão, e o concluem com arminianismo, porque acham que isso os fará úteis. Um absurdo útil! É tudo o que isso é. Se um homem não pode ser útil com a verdade, não pode ser útil com um erro. O que há na doutrina pura é suficiente, sem a introdução de here-sias, para pregar aos pecadores.²⁷ O fato é que existem questões doutrinárias definidas envolvidas na controvérsia entre os dois sistemas, e quando defrontado por uma dessas questões o homem deve sustentar ou uma ou outra.

Algumas dessas questões podem ser expostas como segue:

Haveria um plano de redenção pelo qual Deus Se deter-minou a salvar, mediante Cristo, algumas pessoas que Ele escolheu?

Acaso esse plano provê a concessão gratuita de todas as coisas necessárias para o seu cumprimento, ou seria o seu cumprimento condicionado pela aceitação do homem?

<< Quando Spurgeon e os teólogos reformados falam da livre-agência do homem – que é essencial à responsabilidade moral – ocasionalmente se referem à vontade do homem como sendo “livre”, isto é, que é livre de qualquer compulsão externa para pecar; nesse sentido o homem tem livre-arbítrio (o que obviamente é diferente do uso arminiano do termo) e isso faz com que a nossa situação seja de uma terrível responsabilidade por nossas ações. Cf. Spurgeon sobre Atos 13:46, 48: “Você escolhe o pecado; você escolhe permanecer não purificado da culpa; você escolhe permanecer sob a ira de Deus.... Isso é que se deve temer.... Seria um inferno para o homem ter ele sua própria escolha confirmada e tornada imutável. Ó senhores, o que eu receio acima de todas as coisas é que por toda a eternidade os senhores sejam deixados entregues ao seu livre-arbítrio!” 34, 532-533. O verdadeiro calvinismo nunca diminuiu isso. Spurgeon teria concordado inteiramente com as palavras de John Duncan: “Quanto mais velho fico, a questão da vontade humana me parece mais terrível – o poder de abandonar a Deus”. *Colloquia Peripatetica* (Colóquios Peripatéticos), 1907, 168.

²⁷ 1, 381. “Conhecemos homens que criam nas doutrinas calvinistas mas que pregavam calvinismo de manhã e arminianismo de noite, porque temiam que o evangelho de Deus não convertesse pecadores, e por isso manufaturavam um evangelho deles mesmos.” 2, 179.

Porventura Cristo, em Sua morte, assegura infalivelmente a redenção de todos aqueles que Ele representou como substituto?

Ao regenerar pecadores, será que o Espírito Santo efetua plenamente o propósito do Pai e aplica infalivelmente a obra redentora de Cristo?

Seria possível resistir à obra regeneradora do Espírito?

Acaso somos regenerados, ou nascemos de novo, por causa da nossa fé e arrependimento, ou seria a fé *efeito* e resultado da regeneração?

Provavelmente há alguns que objetariam até mesmo à formulação de perguntas como essas. Os breves artigos doutrinários do movimento evangélico moderno – diferentemente das confissões reformadas dos séculos 16 e 17 – nada dizem sobre essas questões, presumivelmente porque isso não é mais considerado necessário. A atitude predominante tem sido a de desdenhar as proposições definidas da verdade e contender por obscuridade e indefinição, como se isso fosse mais espiritual e bíblico, e contribuísse mais para a manutenção da unidade. Portanto, não é surpreendente que em tal atmosfera de baixa visibilidade espiritual tenha se tornado corrente a idéia de que um homem pode ser arminiano e calvinista. William Cunningham expõe a real situação com sua usual exatidão quando diz que uma consideração de todas as discussões e controversas sobre esses pontos “confirma decisivamente a impressão de que há uma clara linha de demarcação entre o princípio fundamental dos sistemas agostiniano e calvinista, e o sistema pelagiano ou arminiano – que o verdadeiro *status quaestionis*²⁸ da controvérsia entre estas partes pode ser fácil e exatamente asseverada – que ela pode, sem dificuldade, levar a um ponto no qual os homens podem dizer “sim” ou “não”, e, de acordo com o que eles digam a um ou a outro sistema, podem ser declarados calvinistas ou

²⁸ Estado da questão. Nota do tradutor.

arminianos, e assim podem ser chamados com toda a segurança”.²⁹

Não tencionamos formular as respostas de Spurgeon às referidas questões (em todo caso, elas estarão suficientemente óbvias nas citações que virão a seguir), mas, em vez disso, pretendemos examinar nos dois próximos capítulos as razões pelas quais ele acreditava que os erros do arminianismo devem ser vistos como tão prejudiciais à Igreja. Só com base nas Escrituras é que se pode determinar se ele estava certo em sua atitude e em advertir o protestantismo da sua época como ele o fez, mas deveria ser óbvio para todos que esse é um tema de vital importância para nós, pois afeta radicalmente a nossa maneira de ver a posição evangélica no presente. Ao explorarmos os motivos pelos quais Spurgeon se levanta contra o arminianismo, devemos, pois, não apenas fazer escavações nalgum velho campo de batalha de antigüidades teológicas; o fato de que a questão é tão controvertida prova que ela é muito relevante para a situação corrente nas igrejas.

Antes de prosseguirmos, porém, é necessário expor alguma coisa do lado negativo que talvez esclareça um possível entendimento errôneo. Spurgeon não atacou o arminianismo por acreditar que seus erros significam que uma pessoa que os defende não pode ser cristã; ele não acreditava nem um pouco nisso. Na verdade, ele sustentava que o homem pode ser um arminiano evangélico, à semelhança de João Wesley ou de John Fletcher, de Madeley, e pode “viver muito acima do nível habitual dos cristãos comuns”;³⁰ ele sabia que um homem pode ser zeloso pela

²⁹ *The Reformers and the Theology of the Reformation (Os Reformadores e a Teologia da Reforma)*, 188.

³⁰ *The Early Years* 173. Ao mesmo tempo, Spurgeon teria concordado totalmente com as seguintes palavras de William Cunningham: “Não há na terra um homem convertido e crente em cuja consciência não exista ao menos o germe, ou o embrião, de um testemunho em favor da substância da doutrina calvinista da eleição. Esse testemunho pode ser mal >>

eleição e “ser tão orgulhoso como Lúcifer”, ao passo que outros cristãos, que não enxergam estas verdades, podem ter vida humilde e benéfica: “Longe de mim sequer imaginar que São só tem cristãos calvinistas dentro de suas muralhas, ou que não há salvos senão os que sustentam as nossas idéias”. Noutras palavras, Spurgeon via – o que precisamos ver – que se deve traçar uma distinção entre os erros e as pessoas. Todos os que estão dentro do círculo do amor de Cristo devem estar dentro do círculo do nosso amor, e contender por doutrina de um modo que ignore essa verdade é rasgar a unidade da Igreja, que é Seu Corpo. Não obstante, é igualmente evidente que nenhuma crença ou pregação de um homem está acima da necessidade de comprovação, e é dever dos ministros opor-se aos erros, mesmo quando sustentados por crentes piedosos e sinceros.³¹ Spurgeon harmonizava essas duas coisas quando escrevia sobre João Wesley: “Só posso dizer concernente a ele que, embora eu deteste muitas das doutrinas que ele pregava, não obstante, quanto ao homem propriamente dito, tenho por ele uma reverência não inferior à de qualquer wesleyano”. Ele faz um sumário da sua posição nestes termos: “Ao atacar o arminianismo, não temos nenhuma

<<compreendido, ou pode ser pervertido, ou pode ser suprimido; mas existe no inerradicável senso que todo homem convertido tem de que, se Deus não o tivesse escolhido, ele nunca teria escolhido Deus, e que, se Deus, por Seu Espírito, não tivesse exercido uma decisiva e determinante influência na matéria, ele nunca se teria voltado das trevas para a luz, e nunca seria levado a abraçar Cristo como o seu Salvador. Esta é realmente a suma e a substância do calvinismo”. *The Reformers and the Theology of the Reformation*, 209.

³¹ “Estou inteiramente seguro de que a melhor maneira de promover a união é promover a verdade. De nada nos valerá manter-nos todos unidos pela rendição a erros uns dos outros. Devemos amar-nos uns aos outros em Cristo; mas não devemos ser unidos de tal modo que não sejamos capazes de enxergar os defeitos uns dos outros, especialmente os nossos próprios defeitos. Não; expurguemos a casa de Deus, e então tempos grandiosos e abençoados raiarão sobre nós.” 6, 171.

hostilidade para com os homens que levam esse nome sobre si, e nos opomos, não a nenhum grupo de homens, e sim às idéias por eles esposadas”.³² Em nossa caridosa época desde logo se presume, mesmo entre evangélicos, que as opiniões antagônicas de um homem são um reflexo da sua personalidade; mas não deve ser assim, e todos nós devemos estar prontos a ter os nossos conceitos julgados pelas Escrituras, sem qualquer afronta pessoal. Muito freqüentemente a Igreja do século vinte sucumbiu à tentação (da qual Spurgeon falava referindo-se ao século anterior) a censurar toda controvérsia como “espírito partidário” e sectarismo. Falando do “incalculável benefício da controvérsia para dar vida à letargia natural da Igreja”, ele declarou:

“Eu me glorio naquilo que nos dias atuais é tão combatido – o sectarismo. Vejo o termo aplicado a todo tipo de cristãos; não importa quais sejam as idéias sustentadas, se um homem simplesmente tem zelo, é desde logo um sectarista. Sucesso ao sectarismo! Que ele viva e floresça! Quando acabarem com ele, estarão dando adeus ao poder da vida piedosa. Quando cessarmos, cada um de nós, de sustentar os nossos conceitos sobre a verdade, e de sustentá-las firme e estreitamente, a verdade fugirá da terra, e o erro imperará sozinho”.³³

³² 7, 300. Esta citação é do seu discurso introdutório, em 11 de abril de 1861, dia separado para uma “Exposição das Doutrinas da Graça” por vários ministros no Tabernáculo Metropolitano. Fazia menos de um mês que o Tabernáculo havia sido inaugurado, e, evidentemente, por essa ocasião, Spurgeon quis deixar claras as verdades sem as quais aquele edifício nunca teria vindo a existir. Numa data posterior, coube-lhe declarar aos seus alunos: “Os edifícios nos quais vocês irão pregar foram erigidos como monumentos em honra ao poder das doutrinas da graça. Importa que vocês preguem neles essas doutrinas. As doutrinas que alguns pregam atualmente não poderiam construir nem uma ratoeira”.

³³ 8, 181.

Acredito que muita coisa do arminianismo corrente é pura ignorância.

– C. H. S., SERMONS, 11, 29

Quando eu estava vindo a Cristo, pensava que eu mesmo estava fazendo tudo, e achava que tinha buscado ardorosamente o Senhor, e não tinha idéia de que o Senhor me estava buscando. Não acredito que o recém-convertido tenha de início consciência disso. Posso recordar precisamente o dia e a hora em que recebi pela primeira vez aquelas verdades em minha alma – quando elas, como diz Bunyan, queimaram o fundo do meu coração como ferro em brasa; e posso lembrar que me senti como se tivesse crescido repentinamente, de bebê a homem – que eu tinha feito progresso no conhecimento das Escrituras, por ter encontrado, definitivamente, a pista da verdade de Deus.

– C. H. S., THE EARLY YEARS, 164

3: O Arminianismo Contra as Escrituras

Para Spurgeon era óbvio, não só pelas Escrituras mas também por sua experiência pessoal, que um homem – ou uma criança – pode tornar-se crente com bem pouco conhecimento além do fato de que o Filho de Deus levou os seus pecados em Seu próprio corpo no madeiro. O que o trouxe à fé, ou o que levou Cristo ao Calvário, ele pode não saber então – “não sabemos se Deus nos converteu ou se nós nos convertemos”.¹ Ele nos dá o seu testemunho sobre este ponto: “Lembro-me de que quando fui convertido a Deus eu era um arminiano completo.... Às vezes eu me sentava e pensava: “Bem, durante quatro anos procurei o Senhor, antes de encontrá-lo”.² Outra vez, noutro sermão, pregado vinte e oito anos depois do recém-citado, ele diz: “Conheci alguns que quando primeiramente convertidos não estavam muito esclarecidos no evangelho, e se tornaram evangélicos pelas descobertas que fizeram da sua necessidade pessoal de misericórdia. Eles não conseguiam soletrar a palavra “graça”. Começavam com G, mas logo prosseguiram com L, até que a palavra era articulada como “livre-arbítrio” antes de a terminarem. Mas depois ficaram sabendo da sua fraqueza, depois de haverem caído em falta grave, e de Deus os ter restaurado, ou, depois que passaram por profunda depressão mental, passaram a cantar um cântico novo. Na escola do arrependimento aprenderam a soletrar. Começaram a escrever a palavra “livre”, mas da palavra livre passaram, não a “arbitrio”, e sim a “graça”, e aí, com maiúsculas, “LIVRE GRAÇA”.... Ficaram mais esclarecidos em sua teologia, e mais fiéis que

¹ 7, 85.

² 4, 339.

nunca antes em sua fé”.³

Reconhecendo então que doutrina errada não significa necessariamente falsa experiência, ou a descristianização de crentes verdadeiros, voltamos à pergunta: por que Spurgeon se opõe tão resolutamente ao arminianismo? Se os homens podem ser levados a Cristo sob uma pregação que não é distintamente calvinista, e se eles podem ser crentes sem aprenderem claramente estas doutrinas, será este um assunto que deve perturbar a paz da Igreja? Afinal estariam os evangélicos modernos certos em relegar toda essa questão ao limbo e em considerar o arminianismo como uma espécie de fantasma teológico, que uma vez pode ter vivido e que ainda pode ser trazido de volta ocasionalmente, mas sobre o qual nenhum cristão sensato deve perder tempo em discutir? Ou, para empregar a distinção popular, acaso não corremos o perigo de confundir pontos essenciais com não essenciais, se dermos proeminência a essas questões? Ouçamos a justificação que Spurgeon faz da sua posição.

Em primeiro lugar, Spurgeon afirmava que o arminianismo não afeta meramente umas poucas doutrinas que podem ser separadas do evangelho, mas sim que ele envolve a unidade geral da revelação bíblica e afeta a nossa idéia do plano de redenção em quase todos os pontos. Ele considerava a ignorância do pleno conteúdo do evangelho como uma importante causa do arminianismo, e que os erros desse sistema impedem então os homens de compreenderem a unidade divina das verdades das Escrituras e de as conhecerem em suas verdadeiras relações e em sua ordem certa. O arminianismo trunca as Escrituras e milita contra a *completitude* de conceituação que é necessária para glorificar a Deus, para a exaltação de Cristo e para a estabilidade do crente. Qualquer coisa que dessa forma incline os cristãos a ficarem

³ 35, 226. Em minha documentação das idéias de Spurgeon sobre as doutrinas da graça se verá que não me limito aos seus sermões dos primeiros tempos.

aquém desta plenitude de visão é, pois, uma questão grave que requer oposição: “Eu gostaria de conseguir que vocês estudassem muito a Palavra de Deus, até obterem uma idéia clara de todo o esquema, da eleição em diante, até à perseverança final, e da perseverança final até ao segundo advento, à ressurreição e às glórias que se seguirão, para todo o sempre”.⁴ Spurgeon nunca se cansou de apresentar em seus sermões sumários da amplitude e vastidão do plano divino de salvação e, ademais, da gloriosa unidade de todas as suas partes. O que vem a seguir é um exemplo típico, extraído de um sermão sobre Gálatas 1:15, intitulado “Aprouve a Deus”.

“Penso eu que vocês perceberão que o plano divino de salvação é formado com muita clareza. Ele começa, vejam vocês, na vontade e no beneplácito de Deus: “Quando aproouve a Deus”. O alicerce da salvação não é posto na vontade do homem. Não começa pela obediência do homem, prosseguindo dali em diante para o propósito de Deus; mas aqui está o começo, aqui estão as cabeceiras das quais fluem as águas vivas: “Aproouve a Deus”. Depois da vontade soberana e do beneplácito de Deus vem o ato de separação, comumente conhecido pelo nome de eleição. O texto declara que este ato ocorreu já no ventre materno, o que nos ensina que se deu antes do nosso nascimento, quando ainda não poderíamos ter feito nada para obtê-lo ou merecê-lo. Deus nos separou desde a mais primitiva parte e desde o primeiríssimo tempo da nossa existência; e, na verdade, desde muito antes disso, quando os montes e os outeiros ainda não tinham sido erigidos, e os oceanos ainda não tinham sido formados por Seu poder criador, Ele, segundo o Seu propósito eterno, separou-nos para Si. E então, depois desse ato de separação, veio a vocação eficaz: “e me chamou pela sua graça”. A vocação não causa a eleição; mas a eleição, brotando do propósito divino, causa a vocação. A vocação vem como uma conseqüência do propósito divino

⁴ 11, 29.

e da separação divina, e vocês certamente notarão que a obediência segue a vocação. Portanto, todo o processo corre assim – primeiro, o sacro e soberano propósito de Deus, depois a distinta e definida eleição ou separação, depois a vocação eficaz e irresistível, e a seguir, a obediência para a vida e os doces frutos do Espírito que dela brotam. Erram aqueles que, ignorando as Escrituras, põem qualquer parte deste processo antes das demais, não concordando com a ordem das Escrituras. Aqueles que colocam a vontade humana em primeiro lugar, não sabem o que dizem, nem o que afirmam”.⁵

O arminianismo é, pois, culpado de confundir doutrinas e de agir como uma obstrução para uma clara e lúcida compreensão das Escrituras; visto que expõe mal ou ignora o propósito eterno de Deus, ele desloca o sentido do plano geral de redenção. Na verdade, a confusão será inevitável, se se desconsiderar esta verdade fundamental:

“Sem isto, falta unidade de pensamento e, falando em termos gerais, eles não têm nenhuma idéia do que seja um sistema de teologia. É quase impossível fazer de um homem um teólogo, a não ser começando por isto. Você pode colocar um jovem crente numa faculdade e deixá-lo lá por anos, mas, se não lhe mostrar este plano básico da aliança eterna, ele fará pouco progresso, porque os seus estudos não serão coerentes, ele não verá que uma verdade se ajusta a outra e que todas as verdades se harmonizam coesas. Uma vez que você lhe dê uma clara idéia de que a salvação é pela graça, deixe que ele descubra a diferença entre a aliança das obras e a aliança da graça; que entenda claramente o sentido da eleição, a qual demonstra o propósito de Deus e que enfeixa outras doutrinas que mostram o cumprimento desse propósito, e desse momento em diante ele estará na via expressa para tornar-se um crente capacitado a instruir. Ele sempre

⁵ 56, 230.

estará preparado para dar uma razão da esperança que há nele, com mansidão e com temor. A prova é palpável. Tome qualquer comarca de qualquer parte da Inglaterra e verá que pobres trabalhadores braçais têm melhor conhecimento teológico do que a metade daqueles que saem das nossas academias e faculdades, pela razão simples e completa de que aqueles homens aprenderam primeiro, em sua mocidade, o sistema cujo centro é ocupado pela eleição, e depois viram sua experiência enquadrar-se exatamente nela. Eles edificaram sobre esse bom alicerce um templo de santo conhecimento que fez deles pais na Igreja de Deus. Todos os outros sistemas são nulos, nada se podendo edificar sobre eles, são apenas madeira, palha, restolho. Empilhe o que quiser sobre eles, e se desmoronará. Eles não têm nenhum sistema de arquitetura; não pertencem a nenhuma ordem de raciocínio ou de revelação. Um sistema desconjuntado faz a pedra de cobertura maior que o alicerce; faz uma parte da aliança discordar de outra; faz do corpo místico de Cristo algo disforme; dá a Cristo uma esposa que Ele desconhece e que não é de Sua escolha e O traz ao mundo para casar-Se com qualquer que queira tê-lo; mas Ele mesmo não tem nenhuma escolha. Tal sistema estraga todas as figuras empregadas com referência a Cristo e Sua Igreja. O velho e bom plano da doutrina da graça é um sistema que, uma vez recebido, raramente haverá desistência; quando retamente aprendido, molda os pensamentos do coração, e dá um cunho sagrado ao caráter daqueles que uma vez descobriram o seu poder”.⁶

Freqüentemente se tem dito que o calvinismo não tem mensagem evangelística quando chega à pregação da cruz – porque não pode dizer que Cristo morreu pelos pecados de todos os homens de todos os lugares. Mas a expiação está no centro da pregação de Spurgeon, e, longe de pensar que uma expiação universal é necessária para a evangelização, ele

⁶6, 305.

sustentava que, se a posição arminiana fosse verdadeira, não teria nenhuma real redenção que pudesse pregar, porque poria em confusão a mensagem do evangelho. Ele acreditava que, uma vez que os pregadores deixem de colocar a cruz no contexto do plano de salvação, e uma vez que o sangue que foi derramado não seja visto como “o sangue da aliança eterna”, então, não é só a extensão da expiação que será posta em questão, e sim a sua própria natureza. Por outro lado, se sustentarmos, com as Escrituras, que o Calvário é o cumprimento daquele grande plano sobre a graça segundo o qual o Filho de Deus Se tornou o Representante e Cabeça daqueles que foram amados pelo Pai desde antes da fundação do mundo (Efésios 1:4), então, imediatamente a extensão da expiação estará estabelecida. Que a Sua morte foi substitutiva (Cristo sofrendo a penalidade dos pecados de outros), e que Ele morreu a favor daqueles com quem Ele estava relacionado por uma aliança eterna, são duas verdades essencialmente entrelaçadas.⁷

Contra essas pessoas, as Escrituras declaram, nenhuma acusação de pecado pode ser lançada, e a dádiva de Cristo em

⁷ Como Hugh Martin mostra em sua obra *The Atonement in its relations to the Covenant, the Priesthood, the Intercession of our Lord* (A Expição em suas relações com a Aliança, o Sacerdócio, a Intercessão do nosso Senhor), 1887, o meio mais seguro de enfrentar uma objeção contra a alegada injustiça de uma expiação vicária (o Inocente morrendo em lugar do culpado) é expor a verdade da “responsabilidade e chefia pactual de Cristo e da Sua unidade pactual com aqueles cujos pecados Ele expia morrendo em vez deles e em seu lugar” (p. 10). A unidade pactual é a base da Sua substituição, e, por esse fato, “o caráter vicário do Seu sacrifício não é meramente trazido à luz, mas também é vindicado. Não é meramente verdade que Ele sofre por nós; também é verdade que nós sofremos nEle. E esta última proposição justifica a veracidade e a justiça da primeira. Ele *nos* substituiu porque Ele é *um conosco* – identificado conosco, e nós com Ele” (p. 43). Essa é a verdade bíblica: Cristo, por decreto e dádiva do Pai, foi unido ao Seu povo antes da Sua encarnação, e foi por causa disso que Ele morreu por Seu povo.

favor delas estabelece além de toda dúvida o fato de que Deus lhes dará também com Ele, gratuitamente, *todas as coisas* (Romanos 8:32-33).

Só pode ser isso, pois a expiação significa, não somente que foi providenciada a salvação que nos livra do pecado, no sentido de que este afeta a natureza humana (a escravidão e a corrupção do pecado), mas também, coisa mais maravilhosa, que somos salvos do pecado no sentido de que ele nos faz culpados e condenados aos olhos de Deus. Cristo sofreu a condenação divina, uma condenação que só terá sentido se sustentarmos que tal condenação foi o juízo devido aos pecados de pessoas,⁸ e que por Seu sacrifício Ele satisfaz e remove dessa maneira a ira devida ao Seu povo. Em Sua Pessoa Ele satisfaz plenamente as exigências da santidade de Deus e da Sua lei, de modo que agora, com base na *justiça*, o favor divino foi *assegurado* para aqueles em cujo lugar o Salvador sofreu e morreu. Noutras palavras, a cruz tem uma referência com vistas a Deus; foi uma obra propiciatória mediante a qual o Pai é pacificado, e é nesta base, a saber, o sangue e a obediência de Cristo, que *todas as bênçãos da salvação* fluem gratuita e seguramente para os pecadores. É isso que é ensinado tão claramente em Romanos 3:25,26. Escrevendo sobre esses versículos, Robert Haldane diz: “Deus é revelado não somente como misericordioso para perdoar, mas também como *fiel e justo* para perdoar ao pecador os seus pecados. A justiça recebeu seu pagamento completo, e garante a sua libertação. Até os maiores pecadores são apresentados no sacrifício propiciatório dAquele que é a sua segurança, como sendo perfeitamente dignos do amor divino, não por serem perfeitamente inocentes, mas porque têm a *justiça de Deus*.”

⁸ “Exatamente como o pecado é de pessoas, assim também a ira pesa sobre as pessoas que são agentes do pecado.” John Murray, monografia sobre *The Atonement (A Expição)*, 1962; cf. o mesmo autor sobre *The Epistle to the Romans (A Epístola aos Romanos)*, vol. 1, 1960, 116-121.

“Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.”⁹ Spurgeon gloriava-se nesta verdade: “Ele puniu Cristo; por que puniria duas vezes a mesma ofensa? Cristo morreu pelos pecados de todo o Seu povo, e, se estás na aliança, és um dos que pertencem a Cristo. Condenado você não poderá ser. Sofrer por seus pecados não pode. Enquanto Deus não for injusto e não exigir dois pagamentos por uma só dívida, Ele não poderá destruir a alma pela qual Jesus morreu”.¹⁰

O arminianismo evangélico prega uma expiação substitutiva e também se apega a uma redenção universal, mas, porque sabe que essa universalidade não garante salvação universal, necessariamente enfraquece a *realidade* da substituição, e a apresenta como algo indefinido e impessoal¹¹ – uma substituição que realmente não redime, mas que torna possível a redenção de todos os homens. Segundo o arminianismo, a expiação não tem nenhuma relação especial com qualquer pessoa individual e não torna segura e certa a salvação de ninguém. Por esta mesma razão, esse ensino tem também a tendência inevitável de subestimar o significado da

⁹ *Exposition of the Epistle to the Romans* (Exposição da Epístola aos Romanos), 1958, 154.

¹⁰ 5, 245.

¹¹ Thomas Goodwin, em seu comentário de Efésios, capítulos 1-2:11, expondo “o grande amor com que ele nos amou”, observa: “*Que Deus, em Seu amor, lança sobre pessoas.* Deus não lança sobre proposições apenas, como se dissesse: Eu amo aquele que crê, e o salvo, como os que adotam a opinião arminiana afirmam; não, Ele lança sobre pessoas. E Cristo morreu, não por proposições apenas, mas por pessoas.... Ele nos amou em toda a nossa desnudez; Ele *nos* amou, não *o que temos*. Não foi por nossa fé, por qualquer coisas que houvesse em nós; “não vem das obras”, diz o apóstolo; não, nem tampouco da fé. Não, Ele lança sobre pessoas desnudas; Ele ama você, não o que é seu. Portanto, aqui está a razão pela qual o Seu amor nunca falha, porque é lançado sobre a pessoa, simplesmente como tal.... A aliança da graça é uma aliança de pessoas, e Deus dá a Pessoa de Cristo a nós, e a Pessoa da Espírito Santo a nós...”. *Works of Thomas Goodwin*, 1861, vol. 2, 151.

propiciação e de obscurecer o fato de que a justificação só vem aos pecadores por causa da obra realizada por Cristo.¹² Não é a fé que torna a expiação eficaz para nós, antes foi a expiação que garantiu a justificação e a justiça dos pecadores, e até a fé, pela qual apreendemos estas bênçãos, é um dom do qual Cristo é o autor e o adquirente. Assim, embora o arminianismo não negue a natureza vicária da expiação, há sempre o perigo de que a negue, e essa é uma razão pela qual, em mais de um período da história, o arminianismo levou a um modernismo que nega totalmente a substituição e a propiciação. Uma vez que uma idéia nebulosa e indistinta da expiação seja aceita na Igreja, é mais que provável que a próxima geração se igualará à obscuridade máxima de um homem como F. W. Robertson, de Brighton, de quem se dizia: “Robertson cria que Cristo fez uma coisa ou outra, que, de um modo ou de outro, tinha uma relação ou outra com a salvação”.

Aqueles que quiserem estudar mais amplamente a rela-

¹² Como diz Charles Hodge, comentando o ensino de Romanos 3:21-31, “A base da justificação não é o nosso mérito, nem a fé, nem a obediência evangélica; não a obra que Cristo realiza em nós, mas a que Ele realiza por nós, isto é, a Sua obediência até à morte, v.25”. Historicamente, o arminianismo tem comprometido repetidamente a doutrina da justificação, e foi exatamente esse o perigo que Calvino e outros reformadores previram quando declararam que é impossível haver acordo sobre a justificação, a não ser que entendamos a doutrina no contexto do propósito gracioso de Deus de salvar os eleitos: “Se esses pontos não forem colocados acima de controvérsia, ainda que repitamos freqüentemente como papagaios que somos justificados pela fé, nunca defenderemos a verdadeira doutrina da justificação pela fé. Não é nem um pouco melhor ser secretamente desencaminhado do único fundamento da salvação do que ser abertamente impelido para longe dele”. João Calvino, *Tracts* (Tratados), vol. 3, 254. O calvinismo e o arminianismo só podem ser amalgamados quando não se dá à justificação o seu pleno conteúdo. “É mais que certo”, diz Jerônimo Zanchius, “que a doutrina da justificação gratuita mediante Cristo só pode firmar-se na da nossa predestinação gratuita em Cristo, visto que esta é a causa e o fundamento daquela.”

ção entre as doutrinas da graça e a expiação encontrarão um extenso exame das passagens pertinentes na obra de John Owen, *The Death of Death in the Death of Christ* (A Morte da Morte na Morte de Cristo), e a posição de Spurgeon era a mesma do grande puritano.¹³ O nosso propósito em pôr em relevo esta particular doutrina no presente contexto é unicamente mostrar que Spurgeon a considerava como envolvendo mais do que uma disputa sobre a extensão da redenção. Pregando sobre “Redenção Particular” em 1858, ele disse: “A doutrina da redenção é uma das mais importantes doutrinas do sistema de fé. Um erro neste ponto levará inevitavelmente a um erro em todo o sistema da nossa crença”.¹⁴ Mais de vinte anos depois, esta continuava sendo a sua convicção: “A graça de Deus não pode ser frustrada, e Jesus Cristo não morreu em vão. Penso que estes dois princípios estão na raiz de toda sã doutrina. *Afinal de contas, a graça de Deus não pode ser frustrada.* Seu propósito eterno será cumprido, Seu sacrifício e selo será eficaz; os escolhidos pela graça serão conduzidos à glória”.¹⁵ “Os arminianos sustentam que Cristo, quando morreu, não morreu com a intenção de salvar alguma pessoa particular; seu ensino é que a morte de Cristo não garante, sem qualquer dúvida, a salvação de nenhum homem vivo... eles são obrigados a sustentar que, se a vontade do homem não cedesse e não se rendesse voluntariamente à graça, a expiação de Cristo seria inútil... Nós dizemos que de tal maneira Cristo morreu que assegurou infalivelmente a salvação de uma multidão de pecadores que homem

¹³ Quanto à opinião de Owen sobre a impossibilidade de concessão ao arminianismo, ver sua “Display of Arminianism” (Exposição do Arminianismo), *Works of John Owen*, vol. 10, 5-7. Spurgeon tinha feito um bom estudo dos textos que se alegava que ensinam uma redenção universal, e não teve medo de explicá-los. Ver, por exemplo, a sua solene advertência concernente àqueles que “destroem com a sua comida aqueles por quem Cristo morreu”, 12, 542.

¹⁴ 4, 130.

¹⁵ 26, 252.

nenhum pode contar, os quais, mediante a morte de Cristo, não somente podem ser salvos, mas sim que terão que ser salvos, e não haverá nenhuma possibilidade de se dar o caso de lhes suceder qualquer outra coisa, senão que serão salvos”.¹⁶

Para Spurgeon, o erro de acreditar que Cristo morreu igualmente por todos os homens levou a mais um afastamento da Bíblia por enganar os ouvintes do evangelho sobre a natureza da fé salvadora.

“Às vezes eu pensava, quando ouvia palestras de alguns irmãos avivalistas, que ficavam repetindo vez após vez, “Creiam, creiam, creiam”, que eu gostaria muito mais de saber, no que me diz respeito, no que é que devemos crer para a nossa salvação. Há, receio eu, muita imprecisão e muitos aspectos toscos sobre esta questão. Muitas vezes ouvi afirmarem que, se você crer que Cristo morreu por você, será salvo. Meu caro ouvinte, não se iluda com essa idéia. Você pode acreditar que Jesus Cristo morreu por você, e pode crer em algo que não é verdadeiro; pode crer em algo que não lhe trará benefício algum. Isso não é a fé salvadora. O homem que tem a fé salvadora logo se convence de que Cristo morreu por ele, mas isso não constitui a essência da fé salvadora. Não fique com isso na cabeça, ou, se não, você se destruirá. Não diga “Eu creio que Jesus Cristo morreu por mim”, achando que com isso está salvo. Rogo-lhe que se lembre de que a fé genuína, que salva a alma, tem como seu principal elemento – a confiança – absoluto repouso da alma – no Senhor Jesus Cristo para me salvar, quer Ele tenha morrido em particular ou em especial para me salvar ou não; e me fiando, como me fio, total e unicamente nEle, sou salvo. Depois eu venho a perceber que tenho um interesse especial pelo sangue do Salvador; mas, se penso que percebo isso antes de crer em Cristo, então inverti a ordem escriturística das coisas, e tomei um fruto da minha fé que de direito só obtém o homem que confia

¹⁶4, 130, 135.

absolutamente em Cristo, e em Cristo somente, para a sua salvação”.¹⁷

Numa linguagem mais sucinta, Charles Hodge também indicou que o arminianismo solapa a coerência geral da revelação bíblica. Depois de declarar que a divergência radical dos sistemas arminiano e agostiniano diz respeito à doutrina da eleição feita por Deus de alguns da decaída família dos homens para a vida eterna (com a conseqüente provisão do Seu Filho para a redenção deles e do Seu Espírito para garantir o seu arrependimento, a sua fé e o seu viver santo até o fim), ele continua: “Embora se possa dizer que esse é o ponto divisório entre estes grandes sistemas, ponto que tem dividido a Igreja em todas as épocas, contudo ele envolve necessariamente todas as outras questões de diferença, a saber, a natureza do pecado original; o motivo pelo qual Deus provê a redenção; a natureza e o desígnio da obra de Cristo; e a natureza da graça divina, ou a obra do Espírito Santo. Dessa forma, em grande medida, o sistema geral de teologia e, necessariamente, o caráter da nossa religião, dependem da idéia que se tenha desta questão particular. É, pois, uma questão da mais alta importância prática, e não uma questão de especulação ociosa”.¹⁸

Uma segunda razão pela qual Spurgeon se opunha ao

¹⁷ 58, 583-584.

¹⁸ *Systematic Theology*, 2, 230-231. (A editora Hagnos publicou a referida *Teologia Sistemática*, tradução de Valter Martins; 1ª. edição: março de 2001.) A teologia que a família Hodge ensinou em Princeton durante um século é o mesmo sistema que Spurgeon procurou implantar na mente dos seus alunos no *Pastor's College* (Escola do Pastor). A obra *Outlines of Theology* (Esboços de Teologia, 1ª. edição lançada no Brasil, 2001, PES), de A. A. Hodge, era de fato o livro-texto deles para o estudo de teologia sistemática. Numa visita à Inglaterra em 1877, o Dr. Hodge estava presente no convencote anual da referida escola quando Spurgeon disse: “Quanto mais tempo vivo, mais claro me parece que o sistema de João Calvino é o que está mais próximo da perfeição”. Pike, 6, 197.

arminianismo tão fortemente era que o espírito desse sistema leva diretamente ao regime da lei,¹⁹ pois, embora os arminianos evangélicos neguem a salvação pelas obras, a tendência dos erros que eles defendem é de elevar a importância da atividade do pecador e de dirigir sua ênfase primariamente à vontade e ao esforço humanos. Essa é uma decorrência lógica de um sistema que considera a decisão humana como o fator crucial na determinação de quem é salvo, e que apresenta a fé como algo que todo homem pode pôr em exercício, se assim decidir. Um evangelista moderno, por exemplo, escreveu: “Não conhecemos Cristo por meio dos cinco sentidos físicos, mas O conhecemos pelo sexto sentido que Deus deu a todos os homens – que é a capacidade de crer”. Se Deus tivesse dado essa capacidade a todos os homens, o ponto decisivo dependeria da resposta humana, pois é evidente que nem todos são salvos. Esta consequência é aceita pelo arminianismo. Nas palavras de um contemporâneo pregador dessa idéia, “Este amor de Deus, que é imensurável, inequívoco e imorredouro, este amor de Deus que alcança o que quer que o homem seja, pode ser rejeitado inteiramente. Deus não Se impõe forçosamente a nenhum homem contra a sua vontade.... Todavia, se você realmente o quiser, terá que crer – precisará aceitar o amor de Deus, precisará tomar posse do Seu amor”. A intenção é que a ênfase recaia em “você”, e a inevitável impressão dada é que é somente a nossa fé que nos pode salvar – como se a fé fosse a *causa* da salvação. Isso é o inverso da concepção que Spurgeon tinha do espírito da pregação do evangelho. “Eu não poderia pregar como arminiano”, diz ele, e na seguinte passagem ele nos diz precisamente por quê: “O que o arminiano quer fazer é despertar a atividade do homem; o que nós queremos fazer é matá-la de uma vez por todas, para mostrar-lhe que ele está perdido e arruinado, e que as suas

¹⁹ “A tendência do arminianismo é para a legalidade; nada senão a legalidade é o que está na raiz do arminianismo.” 6, 304.

atividades não se igualam agora à obra da conversão; para esta ele tem que olhar para o alto. *Eles* procuram fazer o homem manter-se de pé; *nós* procuramos derribá-lo, e fazer com que ele sinta que está nas mãos de Deus e que o que lhe compete fazer é sujeitar-se a Deus e clamar bem alto: “Senhor, salva-nos, ou perecemos”. Nós afirmamos que o homem nunca está tão perto da graça como quando começa a sentir que não pode fazer nada. Quando ele diz “Eu posso orar, eu posso crer, eu posso fazer isto, isso e aquilo”, os sinais da auto-suficiência e da arrogância estão em sua frente”.²⁰

O arminianismo, por fazer com que o amor e a salvação de Deus girem em torno do cumprimento de condições da parte do pecador, em vez de em torno da graça, estimula um erro tão grave que não se consegue fazer contra ele uma oposição exageradamente forte: “Vocês não vêem logo que isso é legalismo”, diz Spurgeon – que é fazer a nossa salvação depender das nossas obras – que é fazer a nossa vida eterna depender de algo que nós fazemos? Ora, a própria doutrina da *justificação*, pregada por um arminiano, nada mais é que a doutrina da salvação pelas obras, afinal; pois ele sempre acha que a fé é obra da criatura e uma condição para que ela seja aceita. É tão falsa a idéia de que o homem é salvo pela fé como obra, como a idéia de que ele é salvo pelas obras da Lei. Somos salvos pela fé como dom de Deus, e como o primeiro sinal do Seu favor eterno para conosco; contudo não é a fé como obra nossa que salva; de outro modo, afinal de contas, seríamos salvos pelas obras, e não pela graça”.²¹ “Nós não Lhe pedimos que fizesse a aliança da graça”, declara ele noutro

²⁰ 6, 259.

²¹ 6, 304. “A nossa fé não causa a salvação, nem a nossa esperança, nem o nosso amor, nem as nossas boas obras; estas são coisas que atendem a ela como sua guarda de honra. A origem da salvação está na vontade soberana de Deus o Pai; na infinita eficácia do sangue de Jesus – Deus o Filho; e na influência divina do Espírito Santo.” 3, 357. “Só sei de uma resposta à pergunta “Por que alguns crêem?”, e a resposta é: *Porque Deus o quis*”. 9, 355.

sermão, “Não Lhe pedimos que nos elegeisse. Não Lhe pedimos que nos redimisse. Essas coisas foram feitas antes de nascermos. Não Lhe pedimos que nos chamasse por Sua graça, pois, lastimavelmente, não sabíamos o valor dessa chamada, e nós estávamos mortos em ofensas e pecados, mas Ele nos deu tudo isso livremente, por seu amor insondável, mas ilimitado. A graça preveniente nos veio, superando todos os nossos desejos, todas as nossas vontades e todas as nossas orações.”²² “Porventura Deus me ama porque eu O amo? Deus me ama porque a minha fé é forte? Ora, se é assim, Ele só pôde me amar por causa de alguma coisa boa existente em mim, e isso não está de acordo com o evangelho. O evangelho apresenta o Senhor como amando indignos e justificando ímpios, e, portanto, devo lançar para longe da minha mente a idéia de que o amor divino depende de condições humanas.”²³

Por obscurecer a glória que pertence unicamente à graça de Deus, o arminianismo fica sujeito à condenação apostólica²⁴ e, portanto, é um erro suficientemente grave para não deixar lugar para nenhuma concessão. Podemos ter

²² 14, 573.

²³ 24, 440.

²⁴ Ver o profundo tratamento que Thomas Goodwin dá a isto em sua exposição de Efésios 2:5. “Toda a nossa salvação é pela graça”, diz ele, “é a coisa mais grandiosa de todas as demais, a mais momentosa para os crentes saberem e conhecerem bem. “Pela graça sois salvos”. Esse é o grande axioma, o grande princípio que ele quer fazer brotar em todos os corações deles. E é para o progresso do desígnio de Deus, para a glória da Sua graça, que vocês a têm, versículo 7. Essa é a essência e a substância do evangelho, e é a essência do grande desígnio de Deus.... Por conseguinte, vocês verão que quando um homem se afasta do rumo e do caminho da livre graça para qualquer outra coisa, declara-se que ele se afastou de Deus. Gálatas 1:6: “Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou” – foi porque eles não se mantiveram firmes na doutrina da livre graça – “à graça de Cristo para outro evangelho”. Um grande propósito de Deus foi promover a graça, e, por isso, ele descreve o seu abandono da respectiva doutrina como uma ação frustradora da graça de Deus, Gálatas 2:21, o que os homens fazem misturando alguma outra coisa com ela.” *Works*, vol. 2, 230-231.

comunhão com irmãos que estão sob a influência desses erros, mas na pregação e no ensino da Igreja não pode haver nenhuma vacilação ou indefinição sobre tal questão.

Num nível pessoal, é a plena proclamação das doutrinas da graça que dá a paz tão belamente expressa nos versos de Horatius Bonar:

*Muitas vezes meu amor é fraco,
Meu gozo baixa e se esvai;
Mas a paz com Ele permanece a mesma –
Não há mudança em Jeová.*

*Eu mudo, Ele não muda,
O Cristo jamais pode morrer;
Seu amor, não o meu, é o lugar de repouso,
Sua verdade, não a minha, é o vínculo.*

Foi essa fé que deu suporte a Spurgeon nos períodos de enfermidade e de trevas pelos quais por vezes teve que passar, e ele estava expressando os sentimentos do seu coração quando disse: “Nunca posso entender o que um arminiano faz quando cai na doença ou na tristeza ou na aflição”.²⁵ Não obstante, C. T. Cook cancela essas palavras na Edição de Kelvedon da reimpressão do sermão em que ocorre a citada observação.²⁶ A rigor, não encaixa nas idéias modernas considerar o arminianismo como algo que mina a paz de coração, mas em que outro lugar poderá o crente encontrar repouso em tempos de aflição, senão na certeza de que foi salvo e de que está protegido e destinado à glória unicamente pela graça eterna e imutável de Deus?!

Sobre o mesmo assunto ele dá testemunho noutro lugar:

²⁵ 4, 463.

²⁶ Ver *Sermons of Comfort and Assurance* (Sermões sobre Conforto e Segurança), C. H. Spurgeon, 1961, 36.

“Eu deixaria de lado alegremente muitas doutrinas, se acreditasse que elas não passam de chavões de partido, empregados apenas para a manutenção de uma seita, no entanto, quanto a essas doutrinas da graça, a essas preciosas doutrinas da graça, contra as quais tantos lutam, não posso renunciar ou abater sequer um jota delas, porque elas são a alegria e o regozijo do meu coração. Quando você está cheio de saúde e vigor e tudo lhe vai bem, talvez você possa viver e sentir-se muito tranqüilo com base nas verdades elementares do cristianismo; mas nas ocasiões de forte pressão sobre o espírito, quando a alma está na fossa, você sente falta da gordura e do tutano. Em tempos de conflito interior, a salvação tem que ser totalmente de graça, do começo ao fim”.²⁷

Em terceiro lugar, Spurgeon levantou-se contra o ensino que já era corrente na década de 1850 porque afirmava que esse ensino continha erros que diminuía a gravidade da situação dos incrédulos. O arminianismo não descortina plenamente o testemunho bíblico concernente às condições dos pecadores e não faz justiça à terrível extensão das necessidades deles. As Escrituras nos descrevem não somente como sendo, por natureza, necessitados de salvação da culpa do pecado, porém também de uma força onipotente para dar-nos vida e tirar-nos da condição de “mortos em ofensas e pecados”. Não só estamos sob condenação por nossas ofensas, estamos também sob o domínio de uma *natureza caída*, que está em inimizade contra Deus. Não é só que cometemos pecados pelos quais precisamos receber misericórdia, como também que temos uma natureza carente de ser refeita. O arminianismo prega o novo nascimento, mas como consequência ou acompanhamento da decisão humana; apresenta o homem como nascido de novo pelo arrependimento e pela fé, como se estes atos espirituais estivessem dentro da capacidade de pessoas não convertidas. Esse ensino

²⁷ 18, 621.

só é possível por se subestimar a total ruína e incapacidade do pecador. As Escrituras dizem que o homem natural *não pode* receber as coisas espirituais, e é por causa disso que a vivificação operada por Deus *tem que* preceder à resposta humana.

O chamamento divino que efetua o novo nascimento precede causativamente à fé e à justificação, como as evidências do Novo Testamento mostram.²⁸ Na exposição de *The Baptist Confession* (A Confissão Batista), reimpressa por Spurgeon em 1855, lê-se: “Esta vocação eficaz é unicamente pela livre e especial graça de Deus, não por qualquer coisa prevista no homem, nem por qualquer poder ou agência presente na criatura, sendo então o homem totalmente passivo nisso, estando morto em ofensas e pecados, até ser vivificado e renovado pelo Espírito Santo, pelo qual ele é habilitado a responder a este chamado, e a abraçar a graça oferecida e comunicada por esse meio”.

Noutras palavras, a vocação, o chamado, é o ato de Deus pelo qual Ele convoca o pecador e o retira do reino das trevas. É eficaz porque leva consigo a graça salvadora e operativa, que renova interiormente aqueles que dessa forma são chamados e os habilita a reagirem com a conversão – quer dizer, com arrependimento e fé. A conversão é causada pela regeneração que, por sua vez, é relacionada com a vocação e com o propósito eterno de Deus. Foi sua compreensão dessa seqüência que levou Spurgeon a afirmar: “Se um homem é salvo, não é porque ele quis ser salvo. Se algum homem é levado a Cristo, não é por algum esforço desse homem, mas a raiz, a causa, o motivo da salvação de qualquer ser humano, e de todos os escolhidos no céu, só se acha no propósito da predestinação divina e na vontade distintiva e soberana do Senhor nosso Deus”.²⁹

Note-se que o ponto em disputa entre o ensino bíblico e

²⁸ Ver nota no fim deste capítulo. (p. 121-125)

²⁹ 9, 355.

o arminianismo não é se a vontade humana tem parte ativa na *conversão*; isso não se pode questionar; o ponto em questão é como se originou essa atividade. Num sermão intitulado “All of Grace” (Tudo pela Graça), publicado poucos anos antes da sua morte, diz Spurgeon:

“O homem crê, porém esse crer é apenas um dos muitos resultados dos implantes da vida divina que Deus faz dentro da alma do homem”.

“Assim, até mesmo a própria vontade de sermos salvos pela graça não é de nós mesmos, mas é dom de Deus. Aí está a ênfase da questão. O homem deve crer em Jesus: é seu dever receber Aquele que Deus enviou para propiciação pelos pecados. Todavia, o homem não quer crer em Jesus; prefere qualquer outra coisa à fé em seu Redentor. A menos que o Espírito o convença do juízo e constanja a sua vontade, o homem não tem coração para crer em Jesus para a vida eterna. Peço a qualquer homem que examine o seu passado, a sua conversão, e explique como foi que se deu. Você se voltou para Cristo e creu em Seu nome: esses atos e feitos foram pessoalmente seus. Mas, que é que o fez voltar-se como se voltou? Qual foi a sagrada força que o fez voltar-se do pecado para a justiça? Você atribui essa singular renovação à existência em você de alguma coisa melhor do que aquilo que até agora se descobriu em seu vizinho não convertido? Não, você confessa que poderia ser o que ele é agora, não fora a ocorrência de algo poderoso que pressionou a mola da sua vontade, iluminou o seu entendimento e o guiou aos pés da cruz. Agradecidamente confessamos esse fato; é como deve ser”.³⁰ A tomada de consciência dessa verdade eleva-nos acima da esfera dos debates, e Spurgeon nunca se cansou de citar com admiração e louvor:

*Por que fui movido a ouvir Tua voz,
E a entrar enquanto há lugar;*

³⁰ *Sword and Trowel*, 1887, 8.

*Quando outros escolhem pura miséria,
Preferindo morrer a entrar?*

*E foi o mesmo amor, que o festim divulgou,
Que suave me forçou a adentrar;
Eu pereceria em meu pecado.
Se recusasse experimentar.*

O ensino arminiano inverte a ordem das Escrituras e coloca a decisão humana antes do ato divino. Por isso vemos um livro evangelístico, escrito com base nesse ponto de vista, asseverar o seguinte: “O santo olhar de Deus discerne a pecaminosidade de todos os corações e os chama para que todos se ponham ao lado de Deus contra si mesmos. Enquanto isso não for feito, a fé será absolutamente impossível. Isso não limita a graça de Deus, mas o arrependimento abre caminho para a graça de Deus”. Evidentemente a “vocação”, nesse contexto, não é o chamamento interior e especial de Cristo, e sim o chamamento exterior e geral do pregador que nos conclama à decisão.³¹ De acordo com esse conceito, enquanto não for tomada a decisão, nada mais será possível. O arrependimento deve preceder ao renascimento, e o apelo característico desse tipo de evangelização é coerente com a teologia em foco: “Abre o coração, e deixa Cristo entrar. Renuncia a todo o pecado e a todos os pecados. Desiste de resistir e renda-se a Ele pela fé. E nesse preciso momento dá-se o milagre do novo nascimento. Você se torna realmente uma nova criatura moral. Ocorre então o implante da natureza divina”.

É claro e patente que não se trata simplesmente de uma diferença na terminologia, e sim de uma diferente avaliação

³¹ Na sua resenha do *Compendium of Christian Theology* (Compêndio de Teologia Cristã – W. B. Pope) Spurgeon menciona o erro de não distinguir “entre o chamado especial e pessoal, e o chamado geral do evangelho” como característico do esquema arminiano. *Sword and Trowel*, 1877, 484.

da situação dos não regenerados. As citações aqui feitas revelam uma crença em que, por meio de uma influência geral da graça de Deus, o homem natural pode agir de um modo que resultará em salvação. Nesse contexto é evidente que a graça não é a graça salvadora, porque se estende igualmente aos que perecem; de fato, não é graça nenhuma, segundo o uso que as Escrituras faz do termo. O calvinista faz uma estimativa diferente, tanto do pecador como da graça. Concernente ao pecador, crê que ele caiu numa condição muito mais terrível e que a sua necessidade é muito maior, é colossal. E, concernente à graça, o calvinista se gloria em que ela é *eficaz*, atingindo o homem mesmo nessa situação: “Você olha o termômetro espiritual e diz: “Quão baixo a graça de Deus irá? Descerá ao calor do verão? Chegará ao ponto de congelamento? Irá ao ponto zero?” Sim, ela descerá até ao ponto mais baixo que se possa imaginar – mais baixo do que qualquer instrumento possa indicar: descerá ao ponto zero da morte”.³²

É nesse ponto, da morte espiritual, que o Espírito Santo vem ao encontro dos homens com poder salvífico e os levanta do sepulcro do pecado. Enquanto a vida não for implantada, o arrependimento e a fé não podem ser exercidos e, portanto, estes atos espirituais são “o primeiro resultado visível da regeneração”.³³ “O arrependimento evangélico jamais pode existir numa alma não renovada.” Somos tão inválidos e incapazes de cooperar em nossa regeneração como o somos de cooperar na obra do Calvário, e, como é somente a cruz que enfrenta vitoriosamente a culpa do pecado, assim é somente a regeneração que enfrenta triunfalmente o seu poder. Essa é a doutrina que ao mesmo tempo faz justiça tanto à real natureza da condição do pecador como à grandiosidade da obra realizada pelo Espírito:

³² 30, 502.

³³ 35, 494.

*Pode algo sob um poder divino
O obstinado subjugar?
É Teu o poder, Espírito Eterno,
O novo coração formar.*

*Cabe a Ti anular as paixões
E alçá-las em nova criação;
E derribar as escadas do erro
Dos cegos olhos da razão.*

*Expulsar as sombras da morte
E o pecador reviver;
Luzes do céu, raio vital,
Só a Ti cabe conceder.*

Spurgeon sustentava que a realidade da situação do pecador não poderia ser reconhecida plenamente enquanto esta verdade da necessidade da obra especial do Espírito de Deus não se fizesse inconfundivelmente clara: “Pecador, pecador não convertido, eu o advirto de que nunca poderá fazer com que nasça de novo, e, conquanto o novo nascimento seja, como é, absolutamente necessário, é-lhe absolutamente impossível, a menos que Deus o Espírito o realize....”³⁴ “Faça o que fizer, e ainda que faça o melhor que puder, haverá uma divisão tão larga como a eternidade entre você e o homem regenerado.... É preciso que o Espírito de Deus crie vocês de novo, vocês precisam nascer de novo. O mesmo poder que ressuscitou Cristo Jesus dos mortos precisa ser exercido para ressuscitar vocês dos mortos; exatamente a mesma onipotência, sem a qual nem anjos nem vermes existiriam, precisa sair da sua recâmara secreta e realizar uma obra tão grande como a que realizou na primeira criação, criando-nos de novo em Cristo Jesus, o nosso Senhor. Constantemente a Igreja Cristã tenta

³⁴ 3, 340.

esquecer isso, mas tantas vezes quantas esta velha doutrina da regeneração é apresentada marcadamente, Deus Se agrada em favorecer a Sua Igreja com um avivamento...”.³⁵ Se Deus o Espírito Santo, que “opera em vós tanto o querer como o efetuar”, não agisse na vontade e na consciência, a regeneração seria uma impossibilidade absoluta, e, por conseguinte, a salvação também o seria. “O quê?”, perguntará alguém, “você quer dizer que Deus Se interpõe absolutamente na salvação de todo e qualquer homem para torná-lo regenerado?” Sim, é o que eu quero dizer de fato; na salvação de toda pessoa há uma real imposição do poder divino pelo qual o pecador morto é vivificado, o pecador que não a quer é movido a querê-la, o pecador desesperadamente endurecido tem mais enternecida a sua consciência; e aquele que rejeitava a Deus e desprezava a Cristo é levado a lançar-se aos pés de Jesus. Tem que haver uma interposição divina, uma ação divina, uma influência divina, ou, se não, faça você o que fizer, sem isso você perecerá e estará destruído – pois “aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus...”³⁶ “Jamais nos esqueçamos de que a salvação de uma alma é uma criação. Ora, nenhum homem jamais pôde criar um inseto.... Somente Jeová cria...”.³⁷ Nenhum poder angélico ou humano pode intrometer-se nesta gloriosa província do poder divino. A criação é domínio pessoal de Deus. Pois bem, em todo cristão há uma criação absoluta – “criados (de novo) em Cristo Jesus”. “O novo homem... segundo Deus é criado em verdadeira justiça.” A regeneração não é a reforma de princípios que já existiam, e sim a implantação de algo que não tinha existência; é a introdução no homem de algo novo chamado Espírito, o novo homem – a criação, não de uma nova alma, mas de um princípio ainda mais alto – tão mais alto que a

³⁵ 7, 479.

³⁶ 3, 188.

³⁷ Note-se que Deus cria do nada; o clone é produzido por meio dos elementos vitais criados por Deus. Nota do tradutor.

alma como a alma é mais alta que o corpo.... Quando um homem principia a crer em Cristo, ocorre uma tão real e própria manifestação do poder criador como quando Deus fez os céus e a terra....”³⁸ “Unicamente Aquele que modelou os céus e a terra pode criar uma nova natureza. É obra sem paralelo, é única e sem rival, visto que o Pai, o Filho e o Espírito cooperam nela; para que seja implantada a nova natureza no cristão, tem que haver o decreto do Pai Eterno, a morte do Filho, bendito para sempre, e a plenitude da operação do adorável Espírito. É realmente uma operação. Os labores de Hércules não passam de ninharia, comparados com esta obra divina; matar leões e hidras, e lavar os estábulos de Áugias – tudo isso é brincadeira de criança, comparado com o ato de renovar um espírito reto na natureza decaída do homem. Observem que o apóstolo afirma (Filipenses 1:6) que essa boa obra *foi iniciada por Deus*. Evidentemente ele não acreditava naqueles poderes extraordinários que alguns teólogos atribuem ao livre-arbítrio; ele não era adorador dessa moderna Diana dos efésios.”³⁹

Essas palavras, é preciso lembrar, não são palavras de um preletor, mas de um evangelista e conquistador de almas que ansiava por ver homens conduzidos a Cristo. Para Spurgeon isso não era apenas uma questão de ortodoxia teológica; ele sabia que estas verdades exercem um profundo e prático impacto na consciência dos ouvintes. Elas esmurram e derrubam a auto-suficiência dos homens até eles se virem desamparados aos olhos de Deus e não poderem escapar da desesperada natureza da sua situação: “Há algo nestas doutrinas que vai direto à alma do homem. Outras formas de doutrina escorrem como óleo numa laje de mármore, mas esta cinzela os homens, corta rápido e fundo. Eles não podem deixar de sentir que há algo aqui, algo que, se eles rebaterem, ainda assim tem força, e eles têm que

³⁸ 9, 566.

³⁹ 15, 291.

perguntar a si mesmos: “Será que isso é verdade, ou não?” Não podem contentar-se em zombar disso e em não se dar por achados”.⁴⁰

A gloriosa verdade é que é precisamente a desesperança do pecador que lhe mostra onde está a esperança. Portanto, diminuir essa condição de desespero – como faz o arminianismo – não é o meio de revelar o esplendor da esperança que refulge no evangelho. Ouçam ainda algumas palavras de conclusão ditas por Spurgeon a uma imensa congregação no Teatro Exeter: “Você, que ainda não foi convertido, e não tem parte ou quinhão na presente salvação, a você basta que eu diga: homem, homem, você está nas mãos de Deus. Você continuar vivo ou não até chegar à sua casa, depende absolutamente da vontade de Deus.”⁴¹ Seria isso enviar os homens ao desespero? Não, é impulsioná-los para Deus! São justamente as verdades que revelam a nossa desesperança que nos fazem buscar a nossa verdadeira esperança e revelam que há onipotente graça no Pai de misericórdias para fazer por nós o que não podemos fazer por nós mesmos. “O calvinismo dá a você dez mil vezes mais razões para esperança do que o pregador arminiano que se levanta e diz: “Há lugar para todos, mas eu não acho que exista alguma graça especial para fazê-los vir; se não quiserem vir, não virão, e isso põe fim na coisa; a culpa é deles, e Deus não os fará vir”. A Palavra de Deus diz que eles não conseguem vir, embora o arminiano diga que conseguem; o pobre pecador sente que não consegue, embora o arminiano tenha declarado positivamente que ele poderia vir, se quisesse”.⁴² Quando se diz a um homem que chegou a esse ponto que *Deus Se determinou* a salvar pecadores e que, assim como Ele indicou o meio no sangue do Calvário, assim também deu o Espírito para aplicar os méritos desse sacrifício e para vivificar os mortos em pecado – o propósito é de Deus, o dom é Seu, o meio é Seu, o poder é

⁴⁰ 6, 258.

⁴¹ 6, 324.

⁴² 53, 268.

Seu – essa é exatamente a boa nova da qual necessita essa alma que vai desfalecendo.⁴³ A uma pessoa que não depende mais de si mesma e que sente o irremediável mal do seu coração, não poderia haver mensagem mais necessária do que uma que a ensina a ver a livre graça de Deus e a confiar nela: “O grande sistema conhecido como “As Doutrinas da Graça” traz Deus, e não o homem, à mente do homem que verdadeiramente a aceita. Todo o esquema dessas doutrinas olha para Deus”,⁴⁴ e é exatamente nessa direção que a alma convicta precisa olhar. Ele é despojado das suas frívolas idéias sobre religião – “Você antes se jactava: “Posso crer no Senhor Jesus Cristo quando eu quiser, e tudo estará bem”. Você pensava que crer é coisa muito fácil; mas já não pensa assim. “Ora”, agora você clama “não consigo sentir. O que é pior, não consigo crer. Não consigo lembrar. Não consigo conter-me. Pareço um possesso do diabo. Deus me ajude, pois eu não posso ajudar a mim mesmo”.⁴⁵ “Quando um homem sabe e sente que é um pecador em grande necessidade diante de Deus, é um milagre ele crer no perdão de pecados; nada senão a onipotência do Espírito Santo pode produzir nele esta fé.”⁴⁶

Spurgeon tinha suficiente conhecimento da real natureza da convicção de pecado para saber que a pregação da graça irresistível é um doce cordial para aqueles cujas esperanças estão somente em Deus. Ele se gloriava em expor a verdade segundo a qual o desvalimento humano não é barreira para a onipotência divina: “O Senhor, quando visa salvar pecadores, não pára para perguntar se eles pretendem ser salvos, mas, como um forte e impetuoso vento, a influência divina varre para longe todo e qualquer obstáculo; o coração relutante inclina-se diante do poderoso vendaval da graça, e os pecadores que não estão querendo se render, Deus os faz render-se.

⁴³ Ver 7, 565, sobre como as doutrinas da graça são o verdadeiro pão para os pecadores famintos.

⁴⁴ 34, 364.

⁴⁵ 36, 690.

⁴⁶ 29, 551.

Sei bem que, se o Senhor quisesse, não haveria aqui, esta manhã, alguém tão desesperadamente ímpio que Ele não fizesse agora mesmo buscar misericórdia, por mais infiel que fosse; por mais arraigado que ele estivesse em seus preconceitos contra o evangelho, bastaria que Jeová o quisesse, e estaria feito. Em seu tenebroso coração, ó você que nunca viu a luz, jorraria a luz; se Ele apenas dissesse “Haja luz”, haveria luz. Pode cerrar os punhos e levantar sua boca contra Jeová; mas Ele ainda é seu senhor – seu senhor para destruí-lo, se continuares em sua iniquidade; mas é seu senhor para salva-lo agora, para mudar o seu coração e alterar a sua vontade, como altera o curso dos caudais dos rios”.⁴⁷

O título do sermão do qual vem a última citação acima, “A Revival Sermon” (Um Sermão de Avivamento), pregado em janeiro de 1860, lembra-nos que a fonte dessa tremenda certeza estava em seu consciente conhecimento, não somente da doutrina dada pelo Espírito, mas também da presença desse mesmo Espírito poderoso, acompanhando a pregação da Palavra. Nunca ele se gloriou mais no poder de Deus do que nesses anos de avivamento.

Entre as memoráveis experiências daquele tempo está a noite de 4 de setembro de 1855, quando aproximadamente 12.000 pessoas estiveram num campo ao lado da *King Edward's Road* (Via do Rei Eduardo) para ouvir o pastor da Rua do Novo Parque. “Penso que jamais esquecerei”, escreveu ele mais tarde em sua Autobiografia, “a impressão que tive quando, antes de nos separarmos, aquela imensa multidão uniu-se no cântico do hino *“Praise God from whom all blessings flow”* (Louvai a Deus, de quem todas as bênçãos fluem). Naquela noite eu pude entender melhor que nunca antes por que o apóstolo João, em Apocalipse, comparou o “novo cântico” no céu com “a voz de muitas águas”. Naquele glorioso aleluia as poderosas ondas de louvor pareciam rolar vibrantes rumo

⁴⁷ 6, 86.

ao céu, com majestosa grandeza, como as vagas do velho oceano se quebram na praia”.

Uma leitura das palavras apregoadas aquela noite torna fácil entender por que o culto terminou com os corações se elevando ao céu com enlevo e louvor. Pregando sobre as palavras, “Muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus”, Spurgeon gloriava-se na vitória da graça:

“Oh, como gosto das expressões de Deus quanto ao futuro! Não há nada que se lhes compare. Um homem fala do futuro, com que benefício? “Farei”, diz o homem, e nunca o realiza; “Darei”, e quebra a sua promessa. Mas nunca é assim com os “futuros” de Deus. Se Ele diz “será”, assim será; quando Ele diz “farei”, Ele o fará. Pois bem, aqui Ele diz: “Muitos *virão*”. O diabo diz: “Não virão”; mas “eles virão”. Vocês mesmos dizem: “Não queremos vir”; Deus diz: “Vocês virão”. Sim! Há alguns aqui que riem da salvação, que podem zombar de Cristo e escarnecer do evangelho; mas eu lhes digo que alguns de vocês ainda virão. “O quê?!” , você pergunta, “poderá Deus fazer com que me torne cristão?” Digo-lhe que sim, pois nisso está o poder do evangelho. Ele não pede o seu consentimento; mas o obtém. Ele não indaga: você quer ter isto? Mas torna você desejoso no dia do poder de Deus.... O evangelho não carece do seu consentimento; ele o consegue. Ele expulsa do seu coração a inimizade. Você diz: “Eu não quero ser salvo”; Cristo diz que você o será. Ele faz a sua vontade dar um giro completo, e então você clama: “Senhor, salva-me, ou pereço!” Ah, quisera que o céu exclamasse: “Eu sabia que faria você dizer isso”; e então Ele Se regozija sobre você porque mudou a sua vontade e o fez querer no dia do Seu poder. Se Jesus estivesse nesta tribuna esta noite, que será que muitos fariam com Ele? Se Ele viesse e declarasse: “Aqui estou, Eu os amo, querem ser salvos por Mim?”, nenhum de vocês cederia, se fossem deixados entregues à sua vontade. Ele mesmo disse: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me

enviou o não trazer”. Ah, nós queremos isso; e aqui o temos. Eles virão! Eles virão! Podem rir, podem desprezar-nos; mas Jesus Cristo não terá morrido por nada. Se alguns de vocês O rejeitarem, existem alguns que não O rejeitarão. Se há alguns que não são salvos, outros *serão*. Cristo *verá* a Sua semente, *prolongará* os Seus dias, e o prazer do Senhor *prosperará* em Suas mãos. Eles virão! E nada no céu nem na terra nem no inferno poderá impedi-los de vir”.⁴⁸

NOTA SOBRE A REGENERAÇÃO E A FÉ

Que o exercício da fé na conversão é resultado do propósito de Deus e da Sua vocação eficaz, renovando a natureza dos pecadores, é claramente ensinado em bom número de referências: Atos 13:48: “Creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna”; Romanos 8.30: “Aos que destinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou”; João 6:65; 10:26,27; Efésios 2:1-8; etc. Por vezes tem sido argumentado que dois textos, Tiago 1:18 e 1 Pedro 1:23, parecem ensinar que a regeneração é “pela palavra de Deus” e que, como as Escrituras lidas ou pregadas não são eficazes sem a fé, decorre então que o novo nascimento de algum modo tem que ser determinada pela resposta do ouvinte. Mas a exegese desses dois textos não exige tal conclusão, antes a analogia das Escrituras a impede. O ato de Deus que dá nascimento ou vida aos espiritualmente mortos distingue-se da verdade, assim como a faculdade de ver distingue-se da luz; e, uma vez que a vivificação é um ato imediato e criador, nenhuma causa instrumental ou secundária é ligada a ela. As Escrituras só são eficazes nos que são renovados (1 Coríntios 2:12-14), elas não podem produzir vida. É porque o homem

⁴⁸ 1, 304-5.

é nascido do Espírito que ele *vê* (João 3:3), e, assim que ele passa a possuir a faculdade da visão, a Palavra é indispensável para guiá-lo na fé e no arrependimento, de modo que a regeneração só ocorre, graças à determinação de Deus, onde a mensagem do evangelho está presente. Teologicamente, a regeneração pode ser considerada como uma parte distinta da salvação, e uma parte não realizada pela Palavra externa da verdade, porém na experiência dos adultos o renascimento é imediatamente ligado à conversão e, no processo de conversão – a saber, na atividade da fé e do arrependimento – a Palavra é indispensável (Romanos 10:17). “É pela Palavra”, diz Charles Hodge, “que a Pessoa e a obra de Cristo são reveladas, e todos os objetivos aos quais a atividade da alma regenerada visa são apresentados à mente. É pela Palavra que todas as graças do Espírito são chamadas ao exercício, e sem ela a santidade, em todas as suas manifestações conscientes, seria tão impossível como é impossível ver sem luz.

“Se o termo regeneração for empregado no sentido amplo e compreensivo, incluindo a conversão, então deve ser dado um importante lugar instrumental à Palavra da verdade. Tiago 1:18 e 1 Pedro 1:23 apontam para esse sentido mais amplo, mas nas outras passagens do Novo Testamento os termos empregados para descrever o novo nascimento comunicam o sentido mais estrito e se referem ao ato instantâneo de Deus pelo qual Ele infunde a nova vida. O sentido mais amplo não é o normal, e, portanto, é errôneo atribuir, com base nesses dois textos, instrumentalidade à Palavra no ato de vivificação, pois esses dois textos não se referem ao *ato*, e sim à mudança completa e abrangente que ocorre naqueles que são levados a Cristo – uma mudança na qual a regeneração e a conversão são partes distintas, embora inseparáveis. Cf. Charles Hodge, *Systematic Theology* (Teologia Sistemática), 1960, vol. 2, 702-703, e W. G. T. Shedd, *Dogmatic Theology* (Teologia Dogmática), 1960, vol. 2, 509.

Em termos da apresentação do evangelho, a consciência

que o pregador tem da necessidade da regeneração para efetuar a conversão dos seus ouvintes não o impede de convocar todos os homens para a fé imediata em Cristo. Pois, como já foi mencionado quando tratamos do hipercalvinismo, a incapacidade dos pecadores, decorrente da natureza depravada deles, não os escusa de responderem à ordem para que creiam, e, visto que a prioridade da regeneração sobre a conversão é só de ordem e de natureza, não de tempo, não há garantia alguma que autorize os pregadores a esperarem um longo intervalo de tempo entre a obra eficaz do Espírito (que em todo caso é invisível para o homem) e o exercício da fé. Como a regeneração não é ato do homem, nunca é apresentada como dever (embora João 3:7 seja freqüentemente exposto como se Cristo ensinasse isso). As exigências que o evangelho faz aos pecadores são exclusivamente em termos de arrependimento e fé (Atos 20:21), e não é destituído de importância notar que, conquanto o arminianismo moderno tenha cunhado novas frases para descrever os deveres dos incrédulos (“abra o seu coração”, “decida-se por Cristo”, etc.), a velha evangelização reformada, que tinha uma verdadeira doutrina da regeneração, também dava à fé a centralidade que ela tem na apresentação neotestamentária da salvação. Nesta conexão Spurgeon notou com preocupação, em 1890, o novo estilo de exortações que estava sendo utilizado por pregadores e mestres, na busca de resposta dos seus ouvintes: “O evangelho é: “Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo”. Se pensarmos que podemos fazer mais benefício substituindo a ordem do evangelho por outra exortação, nos veremos cair em sérias dificuldades. Se, por um momento, os nossos melhoramentos parecerem produzir maior resultado que o velho evangelho, será crescimento de cogumelos, poderá até ser crescimento de cogumelos venenosos; mas não será o crescimento das árvores do Senhor”. *Um Ministério Ideal*, vol. 2, 100-101. A terminologia que Spurgeon menciona, como “Dê seu coração a Cristo”, não pode ser empregada

sem violar o evangelho do Novo Testamento, ao passo que a doutrina da regeneração, como esboçada acima, protege a pureza da evangelização e de maneira nenhuma tira do seu lugar a ênfase apostólica à fé. Comentando Romanos 1:16,17, John Murray sublinha o ensino escriturístico que declara “que a salvação não se realiza independentemente da fé”, e acrescenta esta observação: “Não se deve permitir que a prioridade da vocação eficaz e da regeneração na *ordo salutis* (ordem da salvação) prejudique esta verdade, nem em nosso pensamento, nem na pregação do evangelho. É verdade que a regeneração é causalmente anterior à fé. Mas é anterior só *causalmente*, e a pessoa adulta que é regenerada sempre exerce a fé. Daí a salvação que é pelo evangelho nunca é nossa sem a fé... Há ordem na aplicação da redenção, mas é uma ordem naquilo que constitui uma unidade indissolúvel de elementos. É salvação em sua unidade integral da qual fala o apóstolo, e isso nunca será nosso sem a fé – somos salvos pela graça, por meio da fé (Efésios 2:8). A pessoa que é *meramente* regenerada não está salva, sendo que a razão simples disso é que não existe tal pessoa. A pessoa salva é *também* chamada, justificada e adotada”. *Commentary on Romans*, 27. Ver também a obra do mesmo autor, *Redemption: Accomplished and Applied* (A Redenção: Realizada e Aplicada), capítulos sobre “Effectual Calling” e “Regeneration” (Vocação Eficaz e Regeneração).

A. A. Hodge, escrevendo sobre a pergunta “Qual a diferença entre a regeneração e a conversão?”, faz um sumário do ensino escriturístico da seguinte maneira: “O termo conversão é empregado muitas vezes num sentido lato, incluindo tanto a mudança da natureza como também o exercício dessa natureza depois de mudada. Contudo, quando se faz distinção entre ela e a regeneração, significa o primeiro exercício da nova disposição implantada na regeneração, isto é, o ato de voltar-se livremente para Deus.

“A regeneração é ato de Deus; a conversão é ato nosso. A regeneração é a implantação de um princípio concedido

pela graça; a conversão é o exercício desse princípio. A regeneração nunca é matéria de consciência direta de quem é regenerado; a conversão o é para o convertido. A regeneração é um só ato, completo em si, e nunca repetido; a conversão, sendo o começo de uma vida santa, é o começo de uma série constante de atos, sem fim e progressiva”. *Outlines of Theology* (Esboços de Teologia), 1949, 460.⁴⁹

Essa era precisamente a crença de Spurgeon: “A regeneração é uma obra instantânea. A conversão a Deus, fruto da regeneração, ocupa toda a nossa vida, mas a regeneração propriamente dita é efetuada num instante”. 4, 293.

⁴⁹ Transcrição da edição em português, *Esboços de Teologia*, primeira edição lançada no Brasil, 2001, PES, p. 641.

Creemos que a obra de regeneração, conversão, santificação e fé não é um ato da livre vontade e do poder do homem, mas da poderosa, eficaz e irresistível graça de Deus.

– Da “Declaração de Fé e Prática” sustentada pelos membros da igreja da Rua do Novo Parque. THE EARLY YEARS, 552.

Nenhuma doutrina mais destruidora de almas poderia ser tão bem planejada do que a doutrina de que os pecadores podem regenerar-se a si mesmos, arrepender-se e crer simplesmente quando for do agrado deles.... Como é verdade, tanto das Escrituras como da experiência, que o homem não renovado não pode fazer nada de si para assegurar a sua salvação, é essencial que ele seja levado a uma convicção prática dessa verdade. Quando é convencido dessa forma, e não antes, ele busca ajuda da única fonte da qual esta pode ser obtida.

– Charles Hodge, SYSTEMATIC THEOLOGY (Teologia Sistemática), 2, 277.

4: O Arminianismo e a Evangelização

Os extratos de sermões em nosso capítulo anterior deixam bastante claro que Spurgeon não acreditava na existência de um evangelho que de algum modo possa ser desligado da estrutura geral da teologia bíblica. Ele entendia que a verdade completa tem lugar na evangelização. Mas o que provavelmente deve ser questionado em função das declarações acima, tão distantes da nossa moderna concepção da obra evangelística, é se, afinal, o evangelho pode ser pregado com base numa doutrina como esta. Deve-se admitir desde logo que, se por evangelho queremos dizer que Cristo morreu por todos, que Deus “respeita o dom do livre-arbítrio dado por Ele”, e que “uma decisão por Cristo” é o nó da questão da salvação, tal evangelho não é reconhecível nos sermões de Spurgeon. Entretanto, ele expunha incessantemente a grandeza do amor de Cristo pelos pecadores, a gratuidade do Seu perdão e a plenitude da Sua expiação; e procurava persuadir e exortar todos a arrepender-se e a crer em tal Salvador. O ponto em que ele divergia do hipercalvinismo e do arminianismo é que ele se negava a racionalizar sobre *como* é possível ordenar aos homens que façam o que não está em seu poder.¹ Os arminianos

¹ A mesma dificuldade é levantada quando se indaga: como é que os homens podem ser responsáveis se perecem em pecado, se só a graça pode impedir tal fim? “Diz alguém : “Mas eu não entendo esta doutrina”. Talvez não, porém lembre-se de que, conquanto seja nossa obrigação dizer-lhe a verdade, não é nossa obrigação dar-lhe o poder de entendê-la; e, além disso, este não é um assunto para entender, e sim para crer, porque é revelado na Palavra de Deus. É um dos axiomas da teologia que, se o homem se perder, não se deve culpar a Deus por isso; e é também um axioma da teologia que, se o homem é salvo, a Deus cabe toda a glória disso.” 56, 294.

dizem que os pecadores recebem ordem para fazê-lo e que, portanto, têm que ser capazes de fazê-lo; os hipercalvinistas dizem que os pecadores não são capazes disso e, portanto, não podem receber ordem para que o façam. Mas as Escrituras e o calvinismo expõem *as duas* verdades: a incapacidade do homem e o seu dever, e ambas constituem uma parte indispensável da evangelização – a primeira revela a necessidade que o pecador tem de uma ajuda que só Deus pode dar, e a segunda, que é expressa em exortações, promessas e convites das Escrituras, mostra-lhe o lugar em que a paz e a segurança estão, a saber, na Pessoa do Filho de Deus.

O fato de que a regeneração é obra de Deus certamente nos proíbe dizer aos homens que eles podem nascer de novo no momento escolhido por eles ou pelo pregador, porém isso não impede o evangelista de fazer o seu verdadeiro trabalho, que é mostrar aos homens que eles só podem ser salvos pela graça, por meio da fé, e que a confiança em Cristo é o caminho da paz com Deus. Por mais longe que esteja da capacidade da razão conciliar a ordem aos pecadores para crerem no Filho de Deus para a salvação com a verdade segundo a qual somente a graça pode capacitá-los a isso, não há conflito entre as duas coisas nas Escrituras. Spurgeon tomava essas duas coisas, o *dever* do homem de crer e a sua pecaminosa *incapacidade* para cumpri-lo, e as utilizava como as duas mandíbulas de um torno para agarrar a consciência do pecador. Vejam o seguinte exemplo:

“Deus pede que você que creia que, por meio do sangue de Jesus Cristo, Ele pode continuar sendo justo e ainda ser o justificador do ímpio. Ele requer que você confie em Cristo para ser salvo. Acaso você pode esperar que Ele o salve se não confiar nEle? Saiba que a coisa mais razoável do mundo é Ele exigir de você que creia em Cristo. E é isto que Ele exige de você nesta manhã: “Arrependa-se, e creia no evangelho”. Ó amigo, ó amigo, como é triste, como é triste o estado da alma do homem que não quer fazer isso! Podemos pregar-lhe,

mas você não quer nunca arrepender-se e crer no evangelho. Podemos meter as ordens de Deus como um machado na raiz da árvore, mas, apesar de razoáveis como são essas ordens, você se recusa a dar a Deus o que Lhe é devido; você quer continuar em seus pecados; não quer vir a Ele para ter vida; e é neste ponto, no dia do Seu poder, que o Espírito de Deus precisa entrar em ação na alma dos eleitos para fazê-los crer. No entanto, em nome de Deus eu o advirto de que, se depois de ouvir este mandado você continuar a recusar obediência a este evangelho tão razoável, como sei que fará sem o Espírito de Deus, verá no fim que o evangelho será mais tolerável para Sodoma e Gomorra do que para você; pois, se as coisas que são pregadas em Londres tivessem sido pregadas em Sodoma e Gomorra, há muito tempo aquela gente teria se arrependido e se teria posto em pano de saco e em cinza. “Ai de vocês, habitantes de Londres!”²

Mas ele não abandona os pecadores nesse ponto. Ouçam a maneira pela qual ele conclui o sermão que acabei de citar. Com um grandioso crescendo da verdade, ele veio atacando a consciência dos incrédulos de todas as direções e agora, numa agonia de zeloso fervor, chega a esta tremenda conclusão: “Responsabilizo vocês pelo Deus vivo, responsabilizo vocês pelo Redentor do mundo, responsabilizo vocês pela cruz do Calvário, e pelo sangue que deixou suas marcas no pó do Calvário, obedeçam a esta mensagem divina, e terão a vida eterna; porém, recusem-na, e sobre as suas cabeças estará o sangue de vocês para todo o sempre!”³

Além disso, ele não somente exortava os pecadores, mas também freqüentemente falava diretamente a eles. Numa linguagem que parece muitíssimo distante da presente fórmula para encerramento de uma mensagem evangelística, ele aconselhava os homens sobre como buscar a Cristo: “Antes de saírem deste local”, diz ele numa tal ocasião, “soprem

² 8, 405.

³ 8, 408.

anelantes uma fervorosa oração a Deus, dizendo: “Ó Deus, sê misericordioso para comigo, pecador que sou. Senhor, preciso ser salvo. Salva-me. Clamo por Teu nome”. Juntem-se a mim em oração neste momento, eu lhes imploro. Juntem-se a mim enquanto eu ponho na boca de vocês, e digam-nas por si mesmos – “Senhor, sou culpado, mereço Tua ira. Senhor, eu não posso salvar-me a mim mesmo. Senhor, quero ter um novo coração e um espírito reto, mas, que posso fazer? Senhor, não posso fazer nada; Senhor, por Tua boa vontade, vem e opera em mim o querer e o efetuar.

*Só Tu tens poder, bem sei,
Para salvar este mísero ser;
Para quem ou para onde fugirei,
Se de Ti eu correr?*

“Mas agora, do fundo do meu coração clamo a Ti, ó Senhor. Confio no sangue e na justiça do Teu amado Filho... Senhor, salva-me esta noite, pelo amor de Jesus”.

Outros versos que ele utilizava para dirigir-se aos pecadores era a seguinte estrofe de Charles Wesley:

*O íntimo de minh'alma muda, ó Deus;
No fundo do meu tenso coração
Imprime valores eternos;
Dá-me sentir o seu solene peso,
E a tremer em face do destino,
Desperta-me para a Tua justiça!*

Dessa maneira as almas anelantes eram dirigidas a Deus somente, e, embora se esperasse que os membros do Tabernáculo estivessem sempre procurando aqueles que necessitavam de ajuda espiritual, não se requeria nenhum sinal externo dos interessados. É justamente nesse ponto, Spurgeon sabia, que o arminianismo faz estrago chamando

a atenção para a ação humana, em vez de para a divina. “Não se abale”, ele costumava dizer, “confie em Jesus”. “Eu gostaria de ir à sala de perguntas.” Imagino que sim, mas não queremos fomentar nenhuma superstição popular. Tememos que nessas salas os homens são induzidos a uma confiança fictícia. Muito poucos são os pretensos convertidos em salas de perguntas que se saem bem. Vá diretamente a seu Deus, aí mesmo onde você está. Lance-se aos cuidados de Cristo, agora, imediatamente, sem se mover uma polegada!” Essas palavras foram proferidas antes da sala de perguntas desenvolver-se chegando ao sistema moderno de apelos e decisões; com que tristeza Spurgeon veria esse desenvolvimento não é difícil imaginar. Ele sabia que tão logo tais coisas se tornassem parte da evangelização, os homens depressa começariam a imaginar que podem salvar-se por *fazerem* certas coisas, ou que essas coisas ao menos os ajudam a salvar-se – “Deus não designou salvação por meio de salas de perguntas” torna-se uma advertência recorrente em seus últimos sermões.

O homem estabeleceu uma conexão entre vir à frente após um apelo e “vir a Cristo”, porém Spurgeon teria repudiado vigorosamente qualquer conexão desse tipo. Não somente esse método evangelístico inexistia nas Escrituras, mas também ele vicia o que as Escrituras ensinam sobre como vir a Cristo: “É um movimento do coração rumo a Ele, não um movimento dos pés, pois muitos vieram a Ele no corpo, e, contudo, nunca vieram a Ele em verdade ... a vinda aqui referida é realizada por desejo, oração, assentimento, confiança, obediência”.⁴ Além disso, Spurgeon tinha bastante experiência da poderosa obra do Espírito para saber que a suposta utilidade desses adendos humanos à pregação do evangelho não os justifica; o homem genuinamente convencido pela verdade pode muito bem ser o último a desejar pôr em prática as ações públicas que um “apelo” lhe imporia: “Na

⁴ 19, 280.

maior parte, uma consciência ferida, como uma corça ferida, só se contenta em ficar sozinha para poder sangrar secretamente. É muito difícil pegar um homem que está sob convicção de pecado; ele se recolhe tão fundo dentro de si mesmo que é impossível segui-lo.⁵ A prática levada a efeito no Tabernáculo estava inteiramente em harmonia com estas conexões. No fim dos cultos a congregação de 5.000 pessoas era induzida a inclinar-se em solene serenidade, sem nenhum órgão ou outra música para romper o silêncio, e depois os membros da igreja estavam prontos para falar com quaisquer estranhos que acaso estivessem sentados por perto e desejassem ajuda.

Essas considerações sobre como o arminianismo afeta a apresentação do evangelho levam-nos à razão final pela qual o ensino necessariamente deve ser considerado de maneira séria. É porque esse tipo de evangelização, onde quer que prevaleça, tem a inevitável tendência de produzir uma perigosa superficialidade religiosa. O arminianismo, devido passar por alto, como já vimos, a contundente verdade de que toda a experiência salvadora tem que *começar* pela regeneração, e por implicar que os homens chegam à fé e ao arrependimento sem a direta e anterior obra do Espírito Santo, estabelece um modelo de conversão que é *inferior* ao modelo bíblico. Sob a pregação arminiana o pecador é instruído no sentido de que deve começar a obra tornando-se desejoso, e Deus a completará; ele deve fazer o que pode, e Deus fará o resto. Logo, se for tomada uma “firme decisão por Cristo”, a pessoa é imediatamente aconselhada a confiar em que a obra divina também foi realizada, e a considerar textos como João 1:12 como descritivos do seu caso. Todavia a verdade é que o arminianismo erigiu um modelo de conversão que é sub-bíblico e que pessoas não regeneradas *podem* alcançar. Apresentando o arrependimento e a fé como

⁵ 23,428.

algo possível aos homens não renovados, ele abre o caminho para uma experiência na qual a vontade própria do pecador, e não o poder de Deus, pode ser a principal característica. As Escrituras apresentam em toda parte a vontade e o poder de Deus em primeiro lugar, não em segundo, na salvação, e um ensino que promete que a vontade de Deus deve seguir a nossa pode ter o efeito de fazer os homens confiarem numa ilusão – uma experiência que absolutamente não é a salvação. É contra essa ilusão que as Escrituras nos advertem muitas vezes. E a premência da advertência surge em parte do fato de haver uma “fé” que pode ser exercida por homens não regenerados e cujo exercício pode até levar a pessoa a sentir gozo e paz. Mas o arminianismo, em vez de acautelar os homens contra esse perigo, inevitavelmente o estimula, pois lança os homens, não aos cuidados de Deus, e sim aos cuidados dos seus próprios atos. A impressão distintivamente dada ao ouvinte do evangelho é que a escolha não é de Deus, mas do referido ouvinte, e que este é capaz, ali e nessa ocasião, de decidir a hora do seu renascimento.

Por exemplo, um opúsculo de grande circulação na evangelização estudantil na atualidade formula “Três passos simples” para se tornar cristão: primeiro, reconhecimento pessoal do pecado, e, segundo, fé pessoal na obra substitutiva de Cristo. Esses dois passos são descritos como preliminares, mas “o terceiro (é) tão final que dá-lo me fará cristão.... *Tenho que vir a Cristo e reivindicar a minha participação pessoal naquilo que Ele fez por todos*”. Esse terceiro passo, absolutamente decisivo, fica comigo, Cristo “espera pacientemente até eu abrir a porta. Então Ele entra...”. Uma vez tendo feito isso, imediatamente posso considerar-me cristão. O aconselhamento continua: “Conte a alguém *hoje* o que você fez”.

Nessa base, o homem pode fazer profissão de fé sem nunca ter prejudicada a sua confiança em sua própria capacidade; nada lhe é dito sobre a sua necessidade de mudança da natureza que não está dentro do seu poder, e,

conseqüentemente, se ele não experimentar essa mudança radical, ele não sofrerá consternação. Nunca lhe foi dito que isso é essencial, e por isso ele não vê razão para duvidar de que é cristão. Na verdade, o ensino sob cuja influência ele se colocou milita coerentemente contra o surgimento de tais dúvidas. Freqüentemente se diz que o homem que tomou uma decisão com pouca evidência de uma vida transformada pode ser um cristão “carnal”, necessitado de instrução sobre a santidade, ou, se o mesmo indivíduo for perdendo aos poucos os seus interesses recém-encontrados, freqüentemente a culpa é atribuída à falta de “acompanhamento”, ou de oração, ou a alguma outra deficiência por parte da igreja. A possibilidade de que esses sinais de mundanismo e de extravio sejam decorrentes da ausência de uma experiência salvadora no começo raramente é considerada; se esse ponto fosse encarado, todo o sistema de apelos, decisões e aconselhamento entraria em colapso, porque se colocaria em primeira plana o fato de que a mudança da natureza não está no poder do homem, e que leva muito mais tempo do que algumas horas ou alguns dias para estabelecer se a declarada resposta ao evangelho é genuína. Mas, em vez de encarar isso, declara-se que duvidar de que um homem que “aceitou a Cristo” é cristão equivale a duvidar da Palavra de Deus, e que abandonar os “apelos” e seus adjuntos é desistir completamente da evangelização. Que tais coisas podem ser ditas é uma trágica prova da extensão em que o modelo arminiano de conversão chegou a ser considerado como o modelo bíblico. Tanto assim que, se alguém faz objeção ao uso de expressões antibíblicas como “aceite a Cristo”, “abra o coração para Cristo”, “deixe que o Espírito Santo salve você”, isso geralmente é considerado como mera contestação de palavras.

Spurgeon viu o arminianismo como um afastamento da pureza da evangelização neotestamentária e vê-se que, ao afirmar que a superficialidade religiosa é uma das suas conseqüências subordinadas, ele percebeu o que veio a se

tornar tão característico do movimento evangélico moderno. O que o deixava alarmado não era tanto o advento do acompanhamento musical e da sala de perguntas, embora se preocupasse com essas coisas e não lhes dedicasse tempo, mas o que o alarmava era que estava desaparecendo a ênfase à necessidade da ação do Espírito e que a longa caudal da conversão estava cedendo lugar a uma atividade apressada. “Vocês sabem”, perguntou ele num sermão intitulado “Semeada entre Espinhos”, pregado não muito tempo antes da sua morte, “por que tantos cristãos professos são como o terreno cheio de espinhos? É porque têm sido omitidos processos que teriam ido muito mais longe para alterar a condição das coisas. Era dever do dono arrancar os espinheiros ou queimá-los ali mesmo. Há anos, quando as pessoas eram convertidas, esse tipo de coisa era utilizada como meio para a convicção de pecado. O grande e penetrante arado das angústias da alma era utilizado para dilacerar fundo a alma. O fogo também queimava na mente com fortíssimo calor: os homens viam o pecado, sentiam seus resultados terríveis, e o amor ao pecado era queimado e eliminado deles. Mas agora nos dão de comer bazófilas de salvação rápida. Quanto a mim, acredito em conversões instantâneas, e me alegro ao vê-las; mas fico mais contente ainda quando vejo uma completa obra da graça, um profundo sentimento de pecado e um eficaz ferimento feito pela lei. Jamais nos livraremos dos espinhos com arados que raspam a superfície...”⁶

Junto com um rebaixado modelo de conversão veio uma rebaixada concepção da real natureza da experiência cristã, e Spurgeon viu consternado o abandono da aplicação de penetrantes testes bíblicos que deveriam ser aplicados aos

⁶ 34, 473-4. Poderíamos apresentar muitas outras citações. “Devo confessar”, diz ele, “a minha preferência por estas formas antiquadas de convicção: em meu juízo, elas produzem crenças melhores e mais estáveis do que os superficiais métodos modernos”. 30, 446-447.

que professavam conversão. “Tenho ouvido jovens dizerem: “Sei que estou salvo, porque me sinto tão feliz!” Não se fiem nisso. Muitos se consideram muito felizes, e, todavia, não estão salvos.”⁷ Sentimento de paz ele não considerava como sinal seguro de conversão veraz. Comentando o versículo, “O Senhor mata e faz viver; ele fere, e suas mãos curam” (cf. Deut. 32;39 e Jó 5:18), ele pergunta: “Mas, como poderá Ele fazer viver os que nunca foram mortos? Vocês, que nunca foram feridos, vocês, que esta noite estão sentados aqui e sorriem em sua tranqüilidade, que é que a misericórdia pode fazer por vocês? Não se congratulem por sua paz”.⁸ Há uma paz do diabo bem como a paz de Deus. Em todo o seu ministério Spurgeon advertia os homens desse perigo, mas nalguns dos seus derradeiros sermões esta nota de alarme é cada vez mais urgente. Num desses sermões, intitulado “Curados ou Iludidos? Qual?”, pregado em 1882, Spurgeon fala do grande número de pessoas enganadas por uma falsa cura. Este pode ser até o caso, ele mostra, daqueles que passaram por um período de ansiedade espiritual: “Convencidos de que precisam de cura, e em certa medida levados a estar ansiosos por encontrá-la, o perigo que correm os despertados é que repousem contentes com uma cura aparente, e percam a verdadeira obra da graça. Estamos perigosamente sujeitos a descansar satisfeitos com uma cura ligeira e, com isso, a perder a grande e completa salvação que só de Deus provém. Desejo falar com o mais zeloso ardor a cada um dos aqui presentes sobre este assunto, pois sinto em minha própria alma a força disso. Para entregar esta mensagem fiz um esforço desesperado, deixando meu leito de enfermidade sem a devida permissão, movido por um perturbador anseio de adverti-los contra as imitações dos dias atuais”.⁹

Onde quer que o arminianismo se torne a teologia predominante, a verdadeira religião, para ser promovida, se

⁷ 23, 647.

⁸ 36, 691.

⁹ 28, 255.

vê forçada a degenerar, decaindo a uma condição de falsa segurança. Separando a necessidade que o pecador tem de crer da sua necessidade de regeneração, o arminianismo deixa nos fundos o fato de que “a mudança do coração é o cerne e a essência da salvação”.¹⁰ É inevitável que ele não dê proeminência a esta última verdade porque ninguém pode fazer com que a sua natureza se divorcie para sempre do amor e do domínio do pecado, e a regeneração não significa nada menos que isso. Ao contrário disso, o arminianismo descreve a regeneração como algo que está dentro do alcance da escolha do homem, ou como algo que acompanhará a sua decisão, e, ao fazer isso, sua tendência é levar os homens a imaginarem que o novo nascimento é algo inferior ao que de fato é. “A sua regeneração”, Spurgeon costumava dizer, “não se deveu à vontade do homem, nem do sangue, nem do berço; se fosse, então deixem que lhes diga, quanto mais cedo vocês se livrassem dela, melhor. A única regeneração verdadeira é da vontade de Deus e pela operação do Espírito Santo.”¹¹

O arminianismo não faz advertência nenhuma aos homens, e o seu silêncio é perigoso porque deixa de mostrar claramente a verdade que salvaguarda os homens de uma segurança falsa – a saber, que Deus nunca perdoo o pecado sem ao mesmo tempo mudar a natureza do pecador. “Falo criteriosamente”, diz Spurgeon, “quando digo que a doutrina que diz “creia e viva” será muito perigosa se não for acompanhada da doutrina da regeneração.”¹² Salientar que “a fé salva”, sem igualmente insistir em que onde quer que exista a fé verdadeira há uma nova vida, criada à semelhança do caráter de Deus e manifestando-se no ódio a todo pecado, o arminianismo abre o caminho para um “fideísmo” que rebaixa o sentido da conversão e não atribui a essa palavra o seu conteúdo completo.

Apesar da nova vida comunicada na regeneração nunca

¹⁰ 24, 526.

¹¹ *Ibid.*

¹² 52, 163.

ser a base da nossa justificação, não obstante as Escrituras desconhecem totalmente a possibilidade de um homem justificado que não experimentou “a lavagem da regeneração” (Tito 3:5). O arminianismo freqüentemente separa a conversão da santificação porque perdeu a verdade segundo a qual a regeneração é a causa da conversão; mas, assim que se compreende a doutrina da regeneração, vê-se que significa que ninguém pode ser um crente *verdadeiro*, se não possui uma nova vida. tendo sido “criado em verdadeira justiça e santidade” (Ef. 4:24). Segundo as Escrituras, é completamente impossível ser justificado pela fé e não experimentar o começo da verdadeira santificação, porque a vida espiritual comunicada pelo Espírito no ato da regeneração (que introduz o novo poder para crer) tem afinidade moral com o caráter de Deus e contém em seu interior o germe de toda a santidade. Assim é que jamais se encontrará a fé salvadora isolada. Como ensina a Confissão de Westminster, a fé “é o único instrumento da justificação; ela, contudo, não está sozinha na pessoa justificada, mas sempre anda acompanhada de todas as demais graças salvíficas” (XI, II).

Por causa desse ensino bíblico, as doutrinas da graça são uma barreira contra a negligência e a superficialidade. Justamente o sistema que tem sido acusado de diminuir a responsabilidade do homem tem, onde quer que tenha prevalecido, produzido gerações de pessoas tementes a Deus, sérias e piedosas, pois o calvinismo sempre salientou que é pela obediência e santidade que cumprimos a ordem apostólica para tornar a nossa eleição e vocação seguras: “Se a vocação divina produziu em nós o fruto da obediência, podemos crer firmemente que fomos separados para Deus antes do tempo vir a existir, e que esta separação foi de acordo com o eterno propósito e vontade de Deus”.¹³ Por outro lado, o arminianismo, que alega ser protetor da doutrina

¹³ 56, 290.

da responsabilidade humana, tem em seu ensino a inevitável tendência de rebaixar o padrão bíblico da verdadeira experiência cristã. Nessa conexão é significativo que o evangelismo moderno popularizou a frase “a segurança eterna dos crentes”, ao passo que o calvinismo histórico sustenta a perseverança final dos *santos*: “Cremos na perseverança dos santos, porém muitos não são santos e, portanto, não perseveraram.”¹⁴

É verdade que o arminianismo tem produzido muitas reuniões e convenções sobre “santidade”, mas esse fato, ao invés de refutar a acusação feita acima, antes a confirma, porque, enquanto o arminianismo não começou a prevalecer na evangelização, não havia necessidade de um ensino especial sobre a santificação. O calvinismo sustentava que a *mesma* mensagem que salva os homens os faz santos, e que a fé que não esteja entrelaçada com a santidade não é a fé salvadora. Foi porque Spurgeon sabia disso que ele não participava de convenções sobre santidade, mas, se fosse convidado para dirigir-se a “crentes” mundanos necessitados de santificação, não há dúvida sobre o que ele teria para dizer: “Aqueles que têm uma fé que lhes permite pensar levemente sobre o pecado passado, tem a fé dos demônios, e não a fé dos eleitos de Deus. ...Os que consideram o pecado uma bagatela e nunca se entristeceram por causa dele, saibam que sua fé não é genuína. Os homens que têm uma fé que lhes permite viver negligentemente no presente e que dizem “Bem, estou salvo por uma fé simples”, ... e gozam dos prazeres carnis e das luxúrias da carne, tais homens são mentirosos; eles não têm a fé que salva a alma.... Oh, se algum de vocês tem esse tipo de fé, rogo a Deus que jogue tudo fora – embalagem e bagagem”.¹⁵

Como veremos num capítulo subsequente, a idéia arminiana de conversão recebeu uma forma bem mais concreta

¹⁴ 35, 222. ¹⁵ 8, 403.

na Inglaterra, na década de 1780, quando adquiriu sabor lógico no método de Moody de fazer um “apelo” no fim de um discurso evangelístico. Como não era salientado que é necessário ocorrer uma mudança da natureza para efetuar uma verdadeira resposta ao evangelho, foi logo popularizada a idéia de que um homem pode ser convertido e depois, num estágio posterior da sua vida cristã, pode receber a “santificação”. O “ensino sobre a santidade”, como veio a ser chamado, baseava-se largamente num conceito de santificação como algo um tanto separado e distinto da conversão, e é significativo que isso entrou em voga juntamente com uma evangelização que promovia uma defeituosa teologia a respeito do novo nascimento. Como B. B. Warfield assinalou, o referido ensino devia não pouco da sua imensa influência ao fato de que ele “foi tecido na superfície” das missões (ou campanhas evangelísticas) de Moody e Sankey.¹⁶ Num prefácio do seu livro *Holiness* (Santidade), J. C. Ryle, um contemporâneo vitoriano do movimento “santidade”, observou o defeito fundamental desse ensino sobre a santidade quando escreveu: “Hoje em dia falam em “*Consagração*” muitos que ignoram os “princípios elementares dos oráculos de Deus” sobre “*Conversão*”.”¹⁷

A superficialidade que acompanha o arminianismo pode ser rastreada até o centro mesmo do sistema. “Se vocês acreditarem que tudo gira em torno do livre-arbítrio do homem”, diz Spurgeon, “naturalmente vão ter o homem como a figura central da paisagem”.¹⁸ Sendo assim, há inevitavelmente a tendência de considerar a verdade divina só como um meio de conquistar as pessoas, e, seja qual for a verdade que não nos pareça eficiente para levar a esse fim, ou seja qual for

¹⁶ *Perfectionism*, 1931, 1, 315.

¹⁷ *Holiness*, 5^a. ed., 1900, viii. Esse prefácio foi omitido na reimpressão moderna.

¹⁸ 34, 364.

a verdade que pareça um obstáculo à evangelização mais ampla possível, está conseqüentemente sujeita a ser posta de lado. O fim tem que ser maior que os meios. Todavia, o que neste ponto é esquecido é que o *fim* supremo do evangelho não é a conversão dos homens, e sim a glória de Deus.

A realidade suprema não é a necessidade que o homem tem de salvação e, uma vez que se compreenda isso, a atitude daquele que pensa, “temos que conseguir que os homens se convertam”, e deixa de perguntar se os meios estão de acordo com as Escrituras, é vista em sua verdadeira luz. “Na Igreja da época atual há o desejo de fazer algo por Deus, mas poucos perguntam o que Ele quer que eles façam. Muitas coisas realizadas em prol da evangelização das pessoas nunca foram ordenadas pelo grande Cabeça da Igreja, e não podem ser aprovadas por Ele.”¹⁹ Somente pela Sua Palavra conhecemos a Sua vontade, e, a menos que a verdade antecipe os resultados, as conversões logo serão consideradas mais importantes que a glória divina. Spurgeon denunciou a espécie de evangelização na qual há “um infeliz rebaixamento da verdade em muitos pontos a fim de incentivar os homens”;²⁰ ele viu que isso iria

¹⁹ 30, 245.

²⁰ 30, 447. Em seu livro, *Truth and Error* (Verdade e Erro), Horatius Bonar fez um sumário da causa desse crescente hábito: “Toda a nossa ansiedade é, não como assegurar a glória de Jeová, e sim, como podemos multiplicar as conversões? Toda a corrente dos nossos pensamentos e ansiedades vai nessa direção. Deixamos de considerar ambas as coisas juntas; achamos que é suficiente ter os olhos postos numa só delas; e a questão é que logo nos vemos perseguindo nossos próprios caminhos. Dessa maneira, passamos a avaliar a retidão dos nossos planos simplesmente levando em conta se parecem contribuir para o nosso objetivo favorito. Avaliamos a veracidade da nossa doutrina, não por sua tendência de exaltar e glorificar Jeová, mas inteiramente pela aparente facilidade com que nos habilita a conseguir que os pecadores abandonem os seus caminhos. A respeito de qualquer doutrina, não se questiona se ela, *em si*, é uma verdade que honra a Deus, porém será que ela nos dará facilidades para a conversão de almas”. Edição de 1861, 16.

terminar “num completo fracasso”, e não traria glória a Deus nem duradoura bênção para a Igreja. Ele deplorava o fato de que se permitia que os homens “saltassem para dentro da sua religião como costumam entrar no banho de manhã, e depois saltam para fora com a mesma rapidez, convertidos às dúzias, e depois desconvertidos um por um, até se dissolverem as dúzias”.²¹ Em contraste com esse tipo de coisa, certa ocasião ele declarou solenemente: “Não quero sucesso no ministério, se Deus não me der, e rogo que vocês, que trabalham para Deus, não queiram sucesso no ministério, a não ser que venha de Deus e pelo método de Deus; pois, se vocês pudessem amontoar convertidos como a areia do mar por meios estranhos e não cristãos, eles iriam embora como a areia logo que viesse outra maré”.²²

Para Spurgeon, estes são os sinais da verdadeira conversão:

“Quando a Palavra de Deus converte um homem, *tira dele o seu desespero, mas não tira dele o seu arrependimento.*

A verdadeira conversão dá perdão ao homem, mas não o torna presunçoso.

A verdadeira conversão dá um perfeito repouso ao homem, mas não detém o seu progresso.

A verdadeira conversão dá segurança ao homem, mas não permite que ele deixe de ser vigilante.

A verdadeira conversão dá ao homem poder e santidade, mas nunca lhe permite jactar-se.

A verdadeira conversão dá harmonia a todos os deveres da vida cristã; ...equilibra todos os deveres, emoções, esperanças e alegrias.

A verdadeira conversão leva o homem a viver para Deus. Tudo o que ele faz é para a glória de Deus – quer coma ou beba ou seja o que for que faça. A verdadeira conversão faz o homem viver diante de Deus.... Ele deseja viver como que aos olhos de Deus em todas as ocasiões, e se alegra por estar ali....

²¹ 38, 434.

²² 36, 688.

E tal homem agora vem *viver com Deus*. Ele tem uma bem-aventurada comunhão com Ele; fala com Ele como um homem fala com o seu amigo”.²³

Antes de darmos por terminado o assunto da relação das doutrinas da graça com a evangelização, devemos ouvir uma característica réplica de Spurgeon à objeção segundo a qual a fé “calvinista” necessariamente se evidencia um obstáculo ao esforço prático em testemunho do evangelho. Não infreqüentemente a objeção tem sido considerada tão válida que as críticas teológicas à evangelização arminiana têm sido postas impacientemente de lado, presumindo-se que, se não fosse *essa* evangelização, não haveria nenhum esforço evangélico. Spurgeon enfrentou esse preconceito voltando-se das teorias sobre os supostos efeitos da fé no amor eletivo de Deus para a prova histórica do zelo evangelístico que se vê naqueles cuja teologia era contrária ao arminianismo. Sobre essa comprovação Spurgeon gostava de estender-se:

“Os maiores missionários que já existiram criam que Deus os escolhera; e, em vez desta doutrina levar à inação, sempre foi uma irresistível força motriz, e assim será de novo. Essa foi a energia secreta da Reforma. É porque a livre graça foi relegada para segundo plano que temos tão pouca coisa realizada em muitos lugares. Ela é, nas mãos de Deus, a grande força que pode impulsionar a Igreja ao esforço máximo. Pode não produzir avivamentos superficiais, mas, quanto a um trabalho mais profundo, ela é inapreciável. Lado a lado com o sangue de Cristo, esta é a esperança do mundo. Como é que os homens podem dizer que a doutrina que faz distinção (eletiva) torna negligentes os homens (pregadores) acerca das almas? Acaso eles nunca ouviram falar da faixa evangélica chamada A Seita Clapham?²⁴ Porventura Whitefield era um

²³ 50, 79-80.

²⁴ *The Clapham Sect* (A Seita Clapham), pequeno grupo de amigos políticos, todos eles humanitários e firmes na doutrina evangélica. Vulto dominante: William Wilberforce, político e filantropo evangélico que realizou >>

homem que não tinha cuidado nenhum pela salvação das pessoas? Aquele que voou como um serafim por toda a Inglaterra e América incessantemente proclamando a graça de Deus era egoísta? No entanto, ele era distintamente um pregador da livre graça. Será que Jonathan Edwards não se preocupava com as almas dos outros? Oh, como ele chorava, e clamava, e os advertia da ira vindoura! Faltar-me-ia o tempo para falar daqueles que, amando as pessoas, amavam esta verdade”.²⁵

<<grandes obras sociais, a maior delas sua grande contribuição para a abolição da escravatura. Assumiu a liderança do movimento pró-libertação em 1787 e vinte anos depois a lei proposta teve a aprovação real. Todos os membros desse grupo residiam na então vila Clapham, nas proximidades de Londres. Nota do tradutor.

²⁵ 34, 372.

No íntimo de minha alma tenho estado diante do Senhor com o profundo temor de que estes dias do Filho do homem, que por tanto tempo vimos gozando em grande medida, sejam tirados de nós. Tremo ante a possibilidade de ficarmos dormindo, sem fazer nada: fico alarmado, temendo que não haja conversões, e que ninguém cuide que haja alguma... Vocês, protestantes, que hoje estão jogando fora as suas liberdades a preço vil, um dia chorarão o dia em que permitiram que as velhas algemas fossem colocadas nos seus pulsos. O romanismo papal acorrentou e matou os nossos pais, e, todavia, você estão fazendo dele a religião nacional!

– C. H. S., 12 de novembro de 1876,
SERMONS, 22, 633-634.

5: Questões da Igreja Revividas

Uma conseqüência do Avivamento Evangélico do século 18 foi que a divisão que havia entre os evangélicos da Igreja Estabelecida e os não-conformistas evangélicos fosse parcialmente sanada, ao menos na esfera da atividade espiritual. O metodismo, com os seus líderes itinerantes, Whitefield e Wesley, muito fez para apagar as velhas diferenças. O impacto de ministérios como o de William Grimshaw em Yorkshire e o de John Newton em Buckinghamshire, igualmente operou no sentido de uma nova medida de harmonia entre a Igreja e os dissidentes, enquanto que em Londres, em decorrência de um esforço conjunto, organizações interdenominacionais como a Sociedade Missionária de Londres (1795) e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (1804) mostraram o resultado prático do novo espírito. É verdade que ainda restavam tensões subjacentes, como foi testemunhado, por exemplo, no conflito entre Thomas M'Crie e Charles Simeon, em 1813, por causa do sermão de Simeon sobre "A Excelência da Liturgia"; não obstante, conforme avançava o século 19, todas as probabilidades parecia estar contra a repetição das controvérsias sobre questões da Igreja que tanto se haviam aprofundado dois séculos antes. Os evangélicos de "igreja" ou de "capela" estavam preparados para maior medida de neutralidade benévola sobre pontos não diretamente relevantes para o progresso do evangelho, e vemos o líder congregacional, John Angell James, em 1844, aconselhar, com relação à formação da Aliança Evangélica, que a prelazia não fosse objeto de antagonismo: "Se continuarmos com ela", escreve ele a um

amigo, “não poderemos levar conosco os episcopais”.¹

Na área rural do condado de Essex o novo espírito encontrou expressão genuína na vila de Stambourne, onde Spurgeon passou grande parte da sua infância. Desde 1662, quando o pároco local foi expulso da Igreja da Inglaterra, uma casa de reuniões de não-conformistas tinha dado testemunho do evangelho. No entanto, na década de 1830, quando James Spurgeon, avô de C. H. Spurgeon, era pastor dos dissidentes de Stambourne, o pároco era de novo evangélico, e os dois homens trabalharam juntos harmoniosamente; uma das “alegrias” da escolha de Stambourne, de acordo com Spurgeon, ocorreu quando ele, rapazote, comeu pão doce com manteiga na companhia do seu avô e do pároco na casa do magistrado numa tarde de segunda-feira! Assim Spurgeon foi ensinado a apreciar eclesiásticos evangélicos desde a sua juventude, e *The Evangelical Magazine* (A Revista Evangélica), editada por tais homens, era leitura obrigatória na velha residência pastoral de Stambourne. Houve outro sinal de tolerância religiosa do seu pano de fundo dissidente quando, com a idade de catorze anos, ele se tornou aluno interno de uma escola da Igreja da Inglaterra em Maidstone.

A despeito disso tudo, porém, Spurgeon envolveu-se mais tarde numa das mais violentas controvérsias eclesiásticas do século 19. A controvérsia brotou e desabrochou como uma tempestade súbita em 1864, mas, conquanto relativamente curta em sua duração real, é significativa no sentido de marcar um estágio de uma nova tendência religiosa – tendência que era contra a harmonia e que agiu poderosamente pela revivescência de questões que tinham sido deixadas em repouso por muito tempo.

Spurgeon não foi, de modo algum, responsável por essa

¹ *Life and Letters of J. A. James* (Vida e Cartas de J. A. James), R. W. Dale, 1861, 421.

tendência. Ela havia começado em 1833 – ano anterior ao do seu nascimento – quando o primeiro dos “Tracts for the Times” (Tratados para os Tempos) tinha sido lançado em Oxford e, embora a primeira agitação e o alarme ocasionados pela produção dos tratados tenham fenecido depois de 1841, e embora o não-conformismo tenha sido lento para compreender a significação a longo prazo do que estava acontecendo na Igreja oficial, havia sido posto em ação um movimento que haveria de colorir as questões da Igreja por muito tempo. O tema dos tratados de Oxford era “a Igreja”. Eles clamavam por reforma; pelo reconhecimento de que a Igreja em nenhum sentido deve estar subordinada ao controle do Estado ou depender da legislação do parlamento; e pela renovada compreensão de que os seus oficiais recebem sua autoridade, e a Igreja os seus privilégios, unicamente de Jesus Cristo. Se isso fosse tudo o que os “tractarianos” disseram, essas reivindicações poderiam ter recebido considerável apoio dos evangélicos; em vez disso, os evangélicos consideraram o novo movimento como uma ameaça direta à pureza e à preservação do evangelho.

A posição “tractariana”, formulada por John Henry Newman (1801-1890), o culto vigário de “St Mary’s”, Oxford, juntamente com outros homens de Oxford, baseava-se na mesma definição da Igreja dos defensores do papado em sua pressão contra os Reformadores no século 16. “O Senhor Jesus Cristo”, disse Newman no Tratado 1, “deu o Seu Espírito aos Seus apóstolos; eles, por sua vez, impuseram suas mãos naqueles que deveriam sucedê-los, e estes novamente noutros, e assim o dom sagrado passou aos nossos bispos atuais que nos nomearam como seus assistentes e, num sentido, como seus representantes.” Noutras palavras, a autoridade apostólica continua no “episcopado”, e é do episcopado que a validade das ordens dos outros clérigos e o seu direito de administrar os sacramentos dependem. Logo, onde não há bispos não pode haver nenhum ministério

designado por Cristo, e, se não há nenhum ministério, não pode haver nem Igreja nem salvação. Dessa forma, esse ensino sobre a “sucessão apostólica” era não somente uma questão de governo da Igreja, mas envolvia toda a questão da salvação. Sua alegação era que a graça é comunicada por uma série de atos clericais – batismo, confirmação e “santa comunhão” – e a certeza de que esses atos têm a bênção de Cristo é que sejam realizados pelos legítimos sucessores dos Seus apóstolos. Portanto, os “tractarianos” não só aceitavam a estrutura da Igreja da Inglaterra de sacerdote-bispo, porém também reviveram a “verdade suprimida” de que a referida estrutura deveria ser reverenciada, não meramente por sua antigüidade e porque a experiência tinha mostrado que é a melhor espécie de ordem eclesiástica, e sim mormente porque a própria existência da Igreja dependia dela.

O “tractarianismo”, descrito pelo então bispo de Oxford como “O movimento mais extraordinário, que, por ao menos três séculos, tem ocorrido entre nós”, foi destinado a mudar a perspectiva geral da Igreja da Inglaterra. Até então a Igreja, mesmo quando tinha perseguido os evangélicos, geralmente havia sido protestante em sua atitude face ao papado. Contudo, embora os tratados a princípio não o dissessem, logo se viu que, se esse ensino fosse verdadeiro, a separação de Roma não deveria ser mantida permanentemente. Como poderia justificar-se a posição da Igreja da Inglaterra isoladamente da descendência dos seus bispos em sucessão histórica da grande igreja “católica” dos tempos medievais? E como continuaria a mesma sucessão em Roma, se ambas as igrejas não fossem essencialmente um só corpo? William Ewart Gladstone não deve ter-se espantado muito em 1842, quando lhe foi dito confidencialmente por um simpatizante do Movimento de Oxford que a reunião com Roma era a esperança mais visada.

Houve diversas razões para o rápido progresso do Anglicano-catolicismo – nome pelo qual finalmente o

movimento se tornou conhecido. O Despertamento Evangélico do século 18 nunca alcançou mais que uma minoria dos clérigos, e o protestantismo nominal da maioria não fez mais que deixar a casa “varrida e adornada” (Mat. 12:44). Na maior parte, as paróquias da Inglaterra estavam mal preparadas para fazer frente a uma influência que só um ministério do evangelho plenamente abrangente poderia suportar. A mesma coisa é verdade quanto à Ordem dos Bispos, na qual os evangélicos nunca poderiam esperar ser nada mais do que numericamente fracos.

Mas às vezes é dada uma razão diferente para explicar o progresso dos tractarianos: seu progresso tem sido atribuído à sua prontidão para tolerar desonestidade intelectual nalguma medida. O próprio Newman certamente ficou exposto a essa acusação quando, em fevereiro de 1841, procurou, no Tratado 90, conciliar os 39 Artigos com os dogmas romanos do Concílio de Trento. Quatro anos mais tarde ele aderiu à igreja católica romana, mas muitos outros clérigos que tinham estado sob a influência do ensino de Oxford continuaram na Igreja, e, embora mantendo nominalmente artigos que ensinam que “os sacrifícios das missas” são “fábulas blasfemas” (Art. 31), trabalharam para promover doutrina inconciliável com a sua própria profissão de fé.² A subscrição dos Artigos estava em processo de tornar-se inútil.

Todavia, não é suficiente representar os tractarianos agindo de maneira inteiramente incoerente com a constituição de um protestantismo oficial. Também é necessário dizer que, possivelmente, o fator mais importante dos que contribuíram para o sucesso final da sua influência foi a existência de pontos da estrutura e das fórmulas da Igreja da Inglaterra aos quais eles podiam recorrer para testemunho

² O principal membro desse grupo era E. B. Pusey (1800-1882), cuja proeminência no movimento anglicano-católico levou à cunhagem do termo depreciativo “puseyita”.

favorável aos deles. Acaso não afirma o Livro de Oração que as ordens de bispos e de presbíteros existiam “desde o tempo dos apóstolos”?, que a consagração ou ordenação era necessária a um ministério legítimo?, que, ao impor as mãos a presbíteros, na ordenação, o bispo deve dizer “Recebi o Espírito Santo”?, que só os bispos podem administrar a confirmação, impor as mãos a candidatos e, ao fazê-lo, reivindicar a autoridade do “exemplo dos Teus apóstolos”? E mais, não ensina o Livro de Oração que a pessoa a quem é administrado o batismo é então regenerada, é “feita membro de Cristo, um filho de Deus”, e, conseqüentemente, na morte (desde que o falecido não tenha sido excomungado nem suicida) não se requer que o ministro officie o seu sepultamento com “verdadeira e certa esperança da ressurreição para a vida eterna, mediante nosso Senhor Jesus Cristo”? E ainda, por que se dá sanção a termos como “sacerdote” e a uma expressão como esta “Absolvo-te de todos os teus pecados”, se estas palavras não devem ser tomadas em seu sentido mais natural?

Os tractarianos foram rápidos em recorrer a declarações como essas, e a dificuldade que os seus oponentes tiveram em fazer uma simples réplica tornou mais eficientes os recursos para os quais eles apelaram. Os evangélicos poderiam demonstrar que nenhum líder anglicano do primeiro período elizabetano interpretava esses termos no sentido romanista. Contudo, isso não prova que o sentido romanista não era o significado mais antigo. Entretanto, foi perguntado aos defensores do protestantismo da Igreja estabelecida como o sentido romanista poderia ser admissível, sabendo-se que os mesmos reformadores tinham autorizado tanto o Livro de Oração como os Artigos? Teriam eles composto ou aceitado fórmulas que permitiam tanto a interpretação protestante como a romanista? Ao longo de linhas como estas, eclesiásticos evangélicos se esforçaram para mostrar que todo o conteúdo do Livro de Oração poderia conciliar-se

com o evangelho puro e com a fé evangélica.

Significativamente, o debate sobre o tractarianismo demonstrou que a roda tinha feito um giro quase completo desde os tempos dos puritanos. No século 17 os prelados e as autoridades da Igreja tinham se queixado de que os escrúpulos puritanos quanto à plena conformidade com o Livro de Oração Comum não tinham base, visto nada haver nesse livro que desse apoio aos erros de Roma. A isso os puritanos replicavam assinalando justamente as coisas que – com propósito completamente diverso – os tractarianos assinalaram em meados do século dezenove. Os puritanos alegavam que o Livro de Oração revelava o caráter insuficientemente reformado da Igreja da Inglaterra; ele permitia a permanência de “ninhos” de romanismo papal aos quais, eles profetizaram, “as gralhas” voltariam um dia. Mas o estranho foi que agora eram evangélicos que asseveravam a inexistência de “ninhos” no Livro de Oração, ao passo que dignitários e bispos começaram a falar sobre o caráter “católico” desse livro. Ou os puritanos ou os eclesiásticos evangélicos do século 19 estavam errados.

Dessa maneira o tractarianismo reviveu a velha questão sobre até que ponto a Igreja nacional tinha sido reformada de acordo com as Escrituras no tempo da Reforma. Se Newman, no Tratado 90, errou em sua interpretação dos Artigos, não estariam igualmente errados mais tarde os anglicano-católicos em ver um sentido “católico” nas passagens do Livro de Oração às quais recorreram? E se, de fato, expressões da liturgia e das instruções sugerem ou dão lugar a ensino falso, não autorizado pelos Artigos, como explicar então a discrepância? Quanta força havia no argumento segundo o qual os Reformadores não elaborariam fórmulas que não se harmonizassem plenamente entre si?

Questões como essas requeriam inevitavelmente renovada atenção ao caráter e à natureza da Reforma na Inglaterra e levaram ao surgimento de muitas reimpressões de obras e

de nova pesquisa histórica sobre a história do século 16. Do lado evangélico, a Sociedade Parker publicou sua monumental edição das obras dos Reformadores ingleses, e a velha obra de John Foxe, *Acts and Monuments of the Martyrs* (Atos e Monumentos dos Mártires) teve diversas novas edições, mas, no que se refere à produção de novas e compreensivas histórias da Reforma na Inglaterra, o lado anglicano-católico levou as palmas com escritores como R. W. Dixon, em sua *History of the Church of England from the Abolition of the Roman Jurisdiction* (História da Igreja da Inglaterra desde a Abolição da Jurisdição Romana) (6 volumes), e James Gairdner, em sua *Lollardy and the Reformation in England* (Os Lolardos e a Reforma na Inglaterra) (4 volumes). Esses homens trabalharam com infatigável operosidade sobre o período da Reforma e, conquanto a sua aversão pelo cristianismo evangélico colorisse toda a sua perspectiva, eles ficaram muito bem equipados pelo prolongado estudo para desafiar uma série de pressupostos protestantes tradicionais no campo da história. Chamando a atenção para as influências mistas e mundanas em ação na Reforma inglesa, eles deram força à alegação de que a legislação daquele período não deveria ser considerada norma permanente para a Igreja oficial; mostrando a natureza opressiva do poder secular nas alterações da constituição da Igreja da Inglaterra, eles procuraram salientar o erro de subordinar a autoridade eclesiástica à civil. Sobre pontos como esses havia suficiente verdade fatural para dar à reinterpretção da Reforma um forte poder de influência.

Esse novo exame histórico da Reforma foi um subproduto do tractarianismo, e seria irrelevante para o nosso propósito comentar mais alguma coisa sobre isso, exceto observar que, também neste caso, os anglicano-católicos estavam apontando para questões que os puritanos tinham discutido e debatido dois séculos antes. O puritanismo sempre tinha visto uma distinção entre a Reforma como movimento espiritual e a legislação oficial para reconstituição da Igreja

inglesa; no Livro de Oração, que foi redigido e imposto a todo o clero, os puritanos viam muita coisa escriturística, porém viam também várias coisas que, dado o caráter misto da reforma oficial levada a efeito pelo governo, não tinham nenhuma sanção escriturística. Eles argumentavam que o Livro de Oração refletia o caráter da época na qual foi redigido, uma era na qual o barro vinha misturado com o ouro. Fechar os olhos para os defeitos do estabelecimento da Reforma na Inglaterra, os puritanos do século 17 tinham alertado, era fechar os olhos para as Escrituras, e Dixon, Gairdner e outros inconscientemente confirmaram os achados puritanos quando disseram que também significava fechar os olhos para os fatos da história.

O rápido progresso feito pelo tractarianismo naturalmente foi visto com pesar por todos os que amavam o evangelho na Inglaterra. Vários clérigos abandonaram a Igreja oficial,³ ao passo que outros, sob a liderança de homens como J. C. Ryle (1816-1900), procuraram repelir as influências romanizantes permanecendo em seu grêmio. Ryle argumentava que a presença do mal na Igreja não era motivo suficiente para separação. A seus olhos, o fato de que o sistema anglicano estava funcionando mal não era prova de que o sistema *propriamente dito* era mau, ou “que toda a máquina da Igreja da Inglaterra estava podre e corrompida”. Ao mesmo tempo, Ryle era realista e não teve medo de declarar que, em seu juízo, a situação poderia deteriorar-se a tal ponto que permanecer nela seria pecar. Se, por exemplo, os Artigos fossem alterados ou mais ou menos esvaziados, se uma veste sacrificial fosse legalizada formalmente para uso à mesa da

³ Segundo J. C. Philpot, entre quarenta e cinquenta clérigos ordenados, de diversas partes da Inglaterra, deixaram a Igreja Estabelecida nos anos de 1830-1835. Em certo ponto Philpot parece ter antecipado uma maior secessão dos evangélicos, mas isso não ocorreu. *The Seceders*, “The Story of J. C. Philpot e de William Tiptaft” (Os Dissidentes, História de J. C. Philpot e de William Tiptaft), 1964, 85.

comunhão,⁴ se houvesse união com igrejas falsas, como a Ortodoxa Oriental”⁵, e, acima de tudo, se os princípios do sacerdotalismo fossem aceitos em lugar dos do evangelho da graça, então, acreditava ele, a Igreja estabelecida “não mereceria ser preservada. Ela seria uma ofensa a Deus, e não um lugar de repouso para qualquer cristão verdadeiro”.

Num sermão sobre “Temores Apostólicos” Ryle escreveu:

“No passo em que vamos, penso que estamos à beira da possibilidade de que em poucos anos a Igreja da Inglaterra poderá voltar a unir-se à igreja de Roma. A coroa da Inglaterra poderá estar mais uma vez na cabeça de um papista. O protestantismo poderá ser repudiado formalmente. Outra vez mais um arcebispo pró-Roma poderá ocupar a presidência do Palácio de Lambeth – e outra vez se poderá dizer missa na Abadia de Westminster e na Catedral de São Paulo (Londres). E uma conseqüência será que todos os cristãos que lêem a Bíblia terão, ou que sair da Igreja da Inglaterra, ou que sancionar também a adoração de imagens e tornar-se idólatras! Queira Deus que jamais cheguemos a esse estado de coisas! Mas, no passo em que vamos, parece-me muito possível!”⁶

⁴ “Se algumas pessoas quiserem que uma veste sacrificial seja legalizada formalmente, decidamos firmemente que jamais o consentiremos.” Citado num artigo sobre Ryle em *The Sunday at Home* (O Domingo em Casa) (1876), 104.

⁵ Deduzo isto de declarações como a seguinte, na qual Ryle fala das igrejas armênia, grega e católica romana: “Quem é prudente deve ter o cuidado de jamais se deixar tentar a pertencer a tais igrejas, ou de jamais pensar superficialmente na conduta daqueles que se unem a tais igrejas, como se apenas tivessem cometido um pequeno pecado”. *Knots Untied* (Laços Desfeitos), 1896, 274.

⁶ *Knots Untied* (Laços Desfeitos), 506. Contraste-se isso com as palavras de M. A. P. Wood em seu Discurso Presidencial dirigido aos clérigos evangélicos reunidos na Conferência Clerical de Islington, em 1960, quando a sua única referência ao catolicismo-romano foi uma censura feita aos “sombrios profetas que temem que a igreja católica romana queira tomar posse da Igreja da Inglaterra”! >>

Noutra ocasião ele declarou:

“Que o nosso lema, em toda a Inglaterra e em todo o Gales seja – “Uma Igreja Estabelecida Protestante, ou nenhuma Igreja Estabelecida”... Afirmo que seria melhor que a Igreja Estabelecida da Inglaterra fosse desestabelecida, despojada e despedaçada, do que unir-se de novo à igreja de Roma... Antes que voltar a unir-se à idolatria da igreja de Roma, eu preferiria ver a minha amada Igreja perecer e romper-se em pedaços. Melhor ela morrer, que tornar-se novamente papal!”⁷

Contra esse pano de fundo de um “catolicismo” ressurgente na Igreja Estabelecida, voltamo-nos para Spurgeon e para a outrora famosa controvérsia de 1864, sobre a regeneração batismal. Por volta desta última data, Spurgeon tinha completado dez anos em Londres e quando, vez por outra, ele fazia referências à Igreja Estabelecida, elas eram de caráter moderado. Duro quando tratava do ritualismo e do sacramentalismo, não fez nenhum ataque ao sistema anglicano como tal: “meio reformado, num estado de transição, um tanto

<< Todavia, desde quando Ryle escreveu, estabeleceu-se plena intercomunhão entre a Igreja da Inglaterra e as igrejas “Velhas Católicas” (papais em tudo, exceto em não aderir à infalibilidade papal); dizem-se missas na Abadia de Westminster e na Catedral de Southwark; as orações pelos mortos foram declaradas legais na igreja oficial; vestes com sentido sacrificial tradicional foram introduzidas legalmente, com votação episcopal unânime, embora ao mesmo tempo tenha sido afirmado que a Igreja da Inglaterra não liga nenhum significado doutrinário ao que o ministro usa; e o bispo de Ripon (líder dos observadores anglicanos no Concílio do Vaticano) não foi contestado por nenhum dos seus colegas de episcopado quando declarou sua crença em que a comunhão anglicana, “como um todo, estava preparada para aceitar o fato do papado” (cf. *The Times*, 22 de outubro de 1963). As idéias do arcebispo da Cantuária sobre este último assunto são bem conhecidas. Não surpreendentemente, o papa disse aos bispos de Southwark e de Salisbury no Vaticano, em abril de 1964: “Vocês sempre têm sido aguardados e esperados”.

⁷ *The Sunday at Home*, op. cit. Denúncia à Diocese de Liverpool, 1887, reimpresso em *Charges and Addresses* (Denúncias e Mensagens), J. C. Ryle (1903), e *Knots Untied*, 505.

entre a verdade e o erro... muito bom para ser rejeitado, muito ruim para ser aceito totalmente”,⁸ isso foi o máximo a que ele chegou em seu julgamento. Contudo, em 1864 a pregação de Spurgeon sobre questões da Igreja entrou numa nova fase, e logo eclesiásticos evangélicos estavam se queixando de que nunca teriam dado qualquer apoio à edificação do Tabernáculo Metropolitano, três anos antes, se tivessem previsto isso. Parecia que ele estava tomando uma nova atitude. Até certo ponto provavelmente foi esse o caso, e, no sermão que deu começo a toda a controvérsia, ele foi inteiramente franco em assinalar o assunto sobre o qual as suas convicções tinham mudado:

“É um fato terrível que em nenhuma época, desde a Reforma, o papado fez tão tremendos avanços na Inglaterra como durante os recentes poucos anos. Eu acreditava comodamente que o papado só estava se alimentando de subscrições estrangeiras, de uns poucos aristocratas pervertidos e de monges e freiras importados. Eu sonhava que o progresso dele não era real. De fato, muitas vezes eu ri do ar alarmado de muitos dos meus irmãos ante o progresso do papado. Mas, meus caros amigos, nós erramos, erramos gravemente...

“O papado está fazendo avanços tais que vocês nunca acreditariam, ainda que um espectador lhes contasse... E a que se deve atribuir esse avanço? Digo, com base na probabilidade, que não é de causar espanto nenhum que o papado cresça quando vocês têm duas coisas que o fazem crescer: primeiramente, a falsidade daqueles que professam uma fé que não têm, o que é totalmente contrário à sinceridade do romanista que, bem ou mal informado, sustenta sua fé; e depois, em segundo lugar, vocês têm esta forma de erro conhecida como regeneração batismal, comumente chamado puseysmo, que não é só puseysmo, mas também

⁸ 8, 112.

é Igreja-da-Inglaterra, porque esse erro está no Livro de Oração, tão claramente quanto as palavras podem expressá-lo – vocês têm essa regeneração batismal que abre sólido caminho para facilitar que os homens rumem para Roma. Só tive que abrir um pouco os olhos para prever o romanismo rompante em toda parte no futuro, uma vez que os germes estão se espalhando por toda parte no presente. Numa de nossas cortes de legislatura, há bem pouco, na última terça-feira, o Lorde Juiz Supremo mostrou sua superstição ao falar do “risco da calamidade das crianças morrerem sem terem sido batizadas!” Entre os dissidentes, vê-se uma veneração pelas estruturas, uma crença modificada no caráter sagrado de locais, sendo que tudo isso é idolatria; pois, crer na natureza sagrada de alguma coisa, exceto Deus e Sua Palavra, é adorar ídolos, seja crer no caráter sagrado dos homens, dos sacerdotes, ou na natureza sagrada dos tijolos e da argamassa, ou do linho fino, ou seja o que for que se use no culto de Deus. Vejo isso crescendo por toda parte – uma crença em cerimônias, um repousar no cerimonial, uma veneração por altares, pias batismais e igrejas – veneração tão profunda que não devemos aventurar-nos a fazer nenhuma observação, pois imediatamente seríamos dos pecadores o maior. Aí está a essência da alma do papado, mostrar-se sob a aparência de um decente respeito pelas coisas sagradas. Não é nada impossível que a igreja de Roma se espalhe, quando nós, que somos os cães de guarda do campo, ficamos quietos, e outros estão gentil e suavemente gramando a estrada, e colocam relva tão branda e macia quanto possível, de modo que os convertidos podem descer e ir às maiores profundezas do inferno do papado. Queremos João Knox de volta. Não me falem de homens indulgentes e gentis, de maneiras suaves e de palavras delicadas, queremos o feroso Knox, e mesmo que a sua veemência “transformasse nossos púlpitos em espadas”, bom seria, desde que impelisse nossos corações à ação”.⁹

⁹ 10, 322,3.

As palavras acima foram apregoadas a cerca de 5.000 ouvintes, em 5 de junho de 1864, num sermão sobre Marcos 16:15,16, e seu título “Regeneração Batismal”, deu nome à controvérsia que se seguiu imediatamente. Logo, 180.000 exemplares do sermão estavam impressos (subindo o número para 350.000), até que provavelmente mal havia um ministro do país que não soubesse do debate ocasionado por sua publicação. “Nunca”, escreveu o Dr. John Campbell, o influente editor de *The British Standard* (O Estandarte Britânico), “o erro foi exibido aos olhos do público com colorido tão vívido, e nunca foi inculcado na consciência clerical com força tão comovente, irresistível e terrível!”

Logo estava na imprensa também uma multidão de artigos, panfletos e sermões em réplica a Spurgeon.¹⁰ Muitos deles não foram escritos por defensores da regeneração batismal, e sim por evangélicos da Igreja Estabelecida que ficaram exasperados por Spurgeon negar-se a distinguir entre o tractarianismo e o Livro de Oração, e em particular eles repudiavam como imputação desonrosa a acusação feita por Spurgeon de que eles eram culpados de equívoco e desonestidade ao jurarem assentimento a um livro que ensina o que eles não crêem. Spurgeon tinha feito essa acusação em seu sermão quando considerou o caso de clérigos da Igreja que não criam na regeneração batismal. Ele fez de novo a mesma acusação três semanas mais tarde noutro sermão: “Sigamos Avante”:

“Vejo agora diante de mim uma Igreja que tolera a verdade evangélica em sua comunhão, mas, ao mesmo tempo, amorosamente abraça o puseysmo, e dá lugar a infiéis e a homens que negam a autenticidade das Escrituras. Não é hora de falar em amizade com uma corporação tão corrupta. Os fiéis que estão em seu meio enganam-se se pensam em amoldá-la dando-lhe uma forma que seja mais benigna...”¹¹

¹⁰ Spurgeon colecionou suficientes panfletos sobre o assunto para enfeixar em cinco grandes volumes!

¹¹ 10, 370.

O dever dos crentes, em tal situação, era o dever de “sair dela, e dar testemunho da verdade”. O que segurava os homens numa igreja apóstata, ele prosseguia dizendo, era a falta de disposição de pagar o preço de serem deixados “fora do campo”. Em alguns casos, talvez em muitos, a acusação era verdadeira, mas o que foi espantoso e ofensivo foi que Spurgeon a fez em termos universais. Ele alegava que qualquer evangélico exercer um ministério de batizar todas as crianças e enterrar todos os mortos segundo os termos do Livro de Oração Comum era uma desonestidade porque tal prática só poderia ser posta em harmonia com os princípios do evangelho por evadir-se do sentido natural das palavras, e evadir-se é prova da falta de vontade de confessar a verdade completa.

Essa acusação, como já dissemos, provocou ressentimento nos eclesiásticos protestantes, os quais argumentavam que, qualquer que fosse o sentido especioso ou aparente das palavras empregadas no culto batismal, eles estavam persuadidos de que os compiladores do Livro de Oração nunca tiveram a intenção de deixar implícito que toda administração do sacramento era acompanhada pelas influências salvíficas do Espírito Santo (dogma negado no artigo 25 dos 39 Artigos); o sentido era somente que a ordenança se torna um meio de graça (não necessariamente na hora em que é administrada) para aqueles que a recebem corretamente. A autoridade para batizar crianças era pela posição pactual de um pai *crente*, e, segundo os evangélicos da Igreja, foi concernente a tais crianças que foi feita a caridosa suposição de que elas eram recebedoras da graça da regeneração.

Essa é uma interpretação do batismo infantil que, quando se busca respaldo nas Escrituras, não pode ser descartada facilmente, e, devido alguns homens não terem consciência de qualquer insinceridade em crer que *esse* era o ponto de vista do Livro de Oração, Spurgeon foi imprudente em parecer atribuir motivo indigno a todos os que, embora

evangélicos, aceitavam o referido culto do Livro de Oração.

Contudo, sobre o argumento acima pode-se fazer algumas observações: (1) Há evidência que indica que certo número dos que estavam associados à formulação de 1552 do Livro de Oração *de fato* criam que uma eficácia acompanhava o batismo infantil na hora da sua administração,¹² e é muito difícil negar que essa crença é ensinada no catecismo. (2) A autorização para a administração do batismo a crianças não é qualificada no Livro de Oração, em termos das promessas pactuais de Deus aos pais *crentes*. Pode-se replicar que os compiladores do Livro de Oração presumiram a posição cristã daqueles que o usavam, mas essa pressuposição seria extraordinária, tendo-se em mente que o Livro de Oração foi destinado a ser imposto no país todo, numa época em que a maioria dos paroquianos ingleses estavam muito longe de ser cristãos.¹³ Além disso, os Cânones da Igreja, em resposta à tentativa puritana de introduzir disciplina na administração do batismo, explicitamente requeria que “Nenhum ministro recuse ou protele batizar qualquer criança, conforme a fórmula do Livro de Oração Comum, que seja trazida à igreja para ele nos domingos ou nos dias santos para ser batizada” (Cânon 68). Quando o peso desses dois pontos é considerado, ele vai pesadamente contra a tentativa de defender a prática do batismo infantil nos termos em que é autorizada nas fórmulas da Igreja da Inglaterra, e dá justificação a que se pergunte se os evangélicos que se submetem a um juramento

¹² Cf. uma carta de Pedro Mártir a Bullinger, justamente no tempo em que o Livro de Oração Comum estava sendo redigido: “Muitos a terão, e àqueles que, de outro modo, não são nem ignorantes nem maus, essa graça é conferida, como eles dizem, pelos sacramentos”. Publicado em *Letters, Treatises of John Bradford* (Cartas, Tratados de John Bradford), Parker Society, 1853, 403-406.

¹³ Baseio essa declaração no veredicto de muitos dos reformadores que, em suas cartas e noutros escritos, apresentam uma avaliação do estado espiritual do povo no reinado do rei Eduardo (1547-1553).

de ordenação que contém a declaração de “que o Livro de Oração Comum não contém nada que contraria a Palavra de Deus” não comprometem a sua posição.¹⁴

Em seu último sermão relacionado com esta controvérsia, Spurgeon ampliou a área de debate alegando que as questões envolvidas iam além da terminologia de um ou dois cultos particulares. Em 25 de setembro de 1864, ele se ocupou do assunto geral da autoridade das Escrituras num sermão sobre Ezequiel 11:5: “Assim diz o Senhor: ou, *O Livro de Oração Comum Pesado na Balança do Santuário*”. Partindo do texto por ele escolhido, argumentou que “Assim diz o Senhor” é (1) a mensagem do ministro; (2) a única autoridade na Igreja de Deus; (3) a palavra mais adequada para repreender os santos em seus erros; (4) a única base sólida para consolar o povo de Deus; (5) aquilo com que devemos confrontar os inimigos do Senhor; (6) uma autoridade que não deve ser desprezada sem acarretar ao ofensor a penalidade mais severa”.

Depois dessas observações gerais, Spurgeon passou a sete considerações sobre as quais ele sustentava que o Livro de Oração ou a Constituição da Igreja Estabelecida (Anglicana) era destituída de autoridade bíblica. Não há nada de original

¹⁴ John Newton (1725-1807) é muito ingênuo quando trata das dificuldades acima exaradas, e é difícil ver como a sua admissão não o levou a questionar a retidão dos juramentos requeridos do clero. Ele escreve: “Algumas pessoas que tiveram alguma participação em concílios da Igreja no tempo de Eduardo Sexto, embora não tenham impedido completamente a Reforma, tiveram influência suficiente para estorvá-la e dificultá-la. Elas não quiseram aceitar só as Escrituras como suficiente regra de fé e prática, mas conseguiram superpor os Pais dos primeiros seis séculos... sua autoridade deu sanção a diversos sentimentos e expressões que as Escrituras não autorizam, particularmente com relação ao batismo.... Os Pais, ou alguns deles, falaram do batismo e da regeneração ou novo nascimento como sinônimos; mas, embora as Escrituras, a experiência e a observação os contradigam, dou pouca atenção ao seu juízo”. John Newton, *An Autobiography and Narrative* (J. N., Autobiografia e Narrativa), Josiah Bull, 1868, 316-317.

em seu material; todo ele existira muito tempo antes da rejeição final, em 1662, das petições de reforma feitas pelos puritanos.¹⁵ O elemento novo da situação, que indicava um contraste com o século 17, era que um número substancial de evangélicos não conseguia enxergar nada de anti-escuritístico no sistema da Igreja, e nesse ponto Spurgeon se condoia, lamentando o fato de que eles deixavam de aplicar a si mesmos a autoridade das Escrituras para as quais apelavam contra Roma. Ele especifica, por exemplo, a forma de “Ordenação dos Ministros”, o bispo impondo as mãos, à maneira apostólica, e dizendo “Recebei o Espírito Santo”. “A maneira de ordenar sacerdotes na igreja de Roma seria pior que essa? Que os apóstolos conferiam o Espírito Santo, nunca pensamos em negar, mas que Oxford, Exeter ou quaisquer outros ocupantes de uma sé possam dar o Espírito Santo, precisamos de melhor prova do que a que podem fornecer-nos os aventais de seda e as mangas de cambraia.” Mais adiante, nesse mesmo sermão, ele examina as palavras a serem empregadas pelo ministro na “Ordem para a Visitação dos Enfermos”, e passa à seguinte pergunta:

“Depois disso, como podem os ministros da Igreja da Inglaterra denunciar os católicos romanos? É muito fácil fumar e roncar contra puseytas e papistas, porém, assim que começarmos a ter caridade em casa e dermos aos nossos irmãos evangélicos o mesmo benefício que eles conferem aos romanistas declarados, eles serão enaltecidos além da conta. Contudo, diremos a eles na cara que, apesar dos seus belos discursos, eles são tão culpados como aqueles que eles denunciam, pois há muito mais papismo nesta fabricação de ministros do que em qualquer passagem do missal... Estou limpo nessa questão perante o Altíssimo, ou espero

¹⁵ Naturalmente, Spurgeon sabia disso: “As contendas dos pactuários do passado precisam ser renovadas neste momento. A luta da época dos puritanos precisa retornar uma vez mais à Igreja”. 10, 372.

estar antes de dormir na tumba; e, tendo feito soar a trombeta, ela continuará ecoando até meus lábios se calarem”.¹⁶

Nos vinte e oito anos restantes da sua vida, Spurgeon não se apartou do que tinha ensinado concernente à Igreja Estatal em 1864. Uma união de Igreja e Estado que nega a espiritualidade do reino de Cristo,¹⁷ uma liturgia “que ignora a distinção entre os regenerados e os não regenerados”,¹⁸ subscrições clericais que compeliavam os homens a jurar a erros, o pagamento de homens que tinham “a marca da besta em suas testas” para ensinarem o povo, a prática generalizada da idolatria com a conivência episcopal,¹⁹ em todas estas coisas ele continuava a insistir, qualificando-as como marcas do espírito do anticristo. Ele unia o anticristo romano e o anglicano: este último sendo “um sólido caminho para o papado”²⁰ e um sistema que um dia seria julgado: “Que todos os que amam o Senhor e odeiam o mal saiam dessa igreja cada vez mais apóstata, para não suceder que sejam participantes da praga que virá sobre ela no dia da sua visitação”.²¹ Mas ele reconhecia que esse dia poderia ainda não estar próximo. Pregando sobre João 10:16 em 25 de março de 1883, ele diz:

“Ouvimos muita coisa sobre a unidade da Igreja, e as idéias sobre esse assunto são deveras extravagantes. (Tudo indica que) vamos ter as igrejas romana, grega e anglicana todas juntas numa só: se assim acontecer, muito mal virá. Deus, não duvido, tem um povo escolhido no seio de todas essas grandes

¹⁶ 10, 544. Sobre a pretensão de que os *charismata* ainda são conferidos pelas mãos episcopais, ver o excelente artigo de R. L. Dabney “Prelacy A Blunder” (Prelazia, Um Erro Crasso), em sua obra *Discussions: Evangelical and Theological* (Discussões: Evangélicas e Teológicas), reeditada em 1967.

¹⁷ 24, 368; 19, 50; 17, 354.

¹⁸ 29, 362.

¹⁹ “A idolatria que adora a imagem do diabo é menos blasfema que a que adora a imagem de Cristo. É um sacrilégio terrível fazer com que o santo Jesus pareça um cúmplice na violação do mandamento divino: sim, e transformar aquele bendito memorial da morte num rito idolátrico no qual são prestadas honras divinas a um pedaço de pão.” 23, 378.

²⁰ 11, 392; 11, 605; 14,333, etc.

²¹ 15, 294.

corporações, porém a união dessas organizações questionáveis seria um deplorável agouro de dano ao mundo: a idade das trevas e um papado pior que nunca logo estariam sobre nós”.²²

Provavelmente, a coisa mais significativa sobre a grande controvérsia de 1864 estava em sua natureza triangular. Ela mostrou que o movimento anglicano-católico posto em ação pelos tractarianos não deveria contar com a solidariedade protestante em seu caminho; pois a crescente harmonia entre os evangélicos que, como temos observado, assinalara o início do século, tinha deixado não resolvidas algumas diferenças denominacionais. As pretensões tractarianas colocaram em proeminência essas diferenças subjacentes, separando mais uma vez os eclesiásticos evangélicos dos não-conformistas evangélicos. Aos olhos dos evangélicos da Igreja Estabelecida, as acusações de Spurgeon em 1864 prestaram serviço à causa do papado porque enfraqueceram a fé nas fórmulas da Igreja nacional numa época em que essas fórmulas – particularmente a doutrina dos 39 Artigos – já estavam sofrendo ataque dos ritualistas. Spurgeon, por outro lado, argumentava que só de fora da Igreja Estabelecida é que se poderia tomar uma posição eficaz contra Roma, porquanto os evangélicos da Igreja estavam já comprometidos em sua luta pelos juramentos da ordenação que compeliavam a uma aquiescência a práticas não escriturísticas.

Como já foi observado, John Angell James tinha argumentado em 1844 que o silêncio sobre as questões da Igreja na base da Aliança Evangélica preservaria a unidade evangélica; e poderia ter sido esse o caso, se não tivessem surgido circunstâncias que compeliaram homens pertencentes à Aliança a falarem francamente sobre princípios que de propósito não tinham sido declarados quando da formação da Aliança. A oposição de Spurgeon em 1864 abalou a Aliança, e

²² 29, 191.

a paz só foi restaurada por sua renúncia. Essa foi a causa da sua carta pública, intitulada “Carta à Aliança Evangélica”.²³

A controvérsia, embora esquecida por muito tempo, indica lições importantes. A divisão entre os evangélicos em 1864 insinuou onde o perigo real jaz para o protestantismo nos anos futuros – o perigo de se desenvolverem crises maiores envolvendo questões concernentes às quais os evangélicos estavam desunidos. A controvérsia sobre a regeneração batismal foi uma antecipação da espécie de crise que poderia surgir e à qual a unidade evangélica interdenominacional estaria mal preparada para resistir.

Seja qual for a fraqueza pessoal acaso demonstrada por Spurgeon nessa controvérsia, ele não pode ser com justiça acusado – como se deu na época – de “singularidade de intolerância”. Seu supremo interesse era pelo futuro do protestantismo; ele não tinha má vontade para com os clérigos evangélicos, nem era impaciente com os dissidentes

²³ O embaraço dos evangélicos na divisão ocorrida dentro da Aliança refletiu-se nas declarações conflitantes que apareceram sobre a causa da renúncia de Spurgeon. Um porta-voz da Aliança afirmou que não foi por causa de nenhuma exigência da parte dela, mas Spurgeon asseverou que o secretário lhe solicitara que se retratasse de sua dura linguagem ou se retirasse, e, em 1870, ele ainda se considerava “sob o banimento da Aliança Evangélica”. Obviamente, as emoções subiram muito em 1864, como ilustram as palavras de um proeminente leigo anglicano, membro da Aliança, o Lorde Shaftesbury, que disse a Spurgeon: “Você é muito ignorante; para dizer a verdade, você é um sujeito muito atrevido”. Contudo, da Aliança veio, em 1870, uma declaração de que a carta do secretário nunca tinha sido autorizada. Subseqüentemente, Spurgeon tornou a entrar na Aliança, embora evidentemente mantendo a sua crença em que a Aliança não poderia tratar eficientemente das questões da Igreja. Atendendo a uma solicitação de que anunciasse no Tabernáculo uma semana de reuniões de oração organizadas pela Aliança em Londres em 1874, Spurgeon observou que o assunto de oração para uma noite seria “Confissões dos pecados das igrejas”, que o levou a comentar: “Se alguém ousasse confessar a metade dos queridos pecados da Igreja Episcopal, seria posto fora da reunião por sua angústia!” (Cf. *Autobiography*, 3, 86; Pike, 4, 338, e 5, 126.)

só por serem dissidentes. E quando ia alto a controvérsia, ele nunca abandonou a sua convicção fundamental de que a maior necessidade da Inglaterra era de que fosse pregado todo o conselho de Deus. Procurar influir no parlamento ou provocar agitação nas publicações denominacionais não era seu método de animar os homens a buscarem reforma; antes, ele se apegava firmemente à proclamação da Palavra como o método determinado por Deus. Referindo-se ao versículo “Deus é espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade”, ele diz: “só essa verdade, se viesse com poder do céu sobre a mente dos homens, faria as catedrais de São Paulo e São Pedro (Londres) estremecerem desde a sua cruz mais alta até à sua cripta mais funda”.²⁴ Quando se sentia chamado a exortar os evangélicos que estavam na Igreja estatal, não era por nenhum desejo de contar ponto em debate público, e ele mantinha invariavelmente o desejo de cooperação e de unidade com tais homens: “Jamais posso esquecer os numerosos homens benignos e fiéis que permanecem nessa Igreja, nem posso deixar de orar por eles. Para com esses irmãos, como adeptos e promulgadores da verdade evangélica, nutro sinceramente o mais caloroso amor... Oxalá a providência de Deus e o poder do Seu Espírito tornem mais claro o caminho para a comunhão visível dos crentes”.²⁵

²⁴ 18, 428.

²⁵ Pike, 4, 372. Quanto a alguns pensamentos gerais sobre este assunto, ver o seu sagaz artigo “A unidade e como não promovê-la”, em *The Sword and the Trowel*, 1886, 513-518. Suas últimas palavras foram: “Acima de tudo, não devemos almejar a unidade colocando-nos como a Igreja e denominando “sectários” todos os demais. Fazê-lo é rebocar nossas paredes com dinamite e lançar os alicerces da paz sobre barris de pólvora”.

**RESENHA DE LIVRO
FEITA POR C. H. SPURGEON
DE *THE SWORD AND THE TROWEL*, 1879**

Church Principles and Church Comprehensiveness (Princípios da Igreja e Abrangência da Igreja). Duas brochuras – uma lida na Conferência da Igreja em Derby, e a outra no Congresso de Sheffield. Com Introdução. Autor: Rev. J. C. Ryle, Londres: W. Hunt & Co.

Não há nenhum partido dentro da Igreja da Inglaterra com o qual eu esteja mais proximamente de acordo do que o dos evangélicos, e, contudo, eles inspiram mais o nosso espanto e piedade do que a nossa simpatia. Fico a me perguntar se eles não se envergonham de estar ligados a homens que desafiam abertamente a lei (do país) e pregam a pior forma de papismo. Tenho pena deles porque, embora permaneçam na Igreja Estabelecida, seus protestos contra os erros dela têm pouca força. O autor das presentes brochuras é um campeão evangélico, por quem temos profunda consideração. A primeira delas é um forte protesto contra as práticas supersticiosas dos anglicanos; mas, não obstante, na segunda brochura ele apela para que haja uma abrangência que inclua crentes em doutrinas diametralmente opostas umas às outras. Essa é a triste influência de uma posição falsa. Um dos melhores e mais bravos homens se vê contemporizando de um modo que entristece milhares, até mesmo da sua própria denominação. Congressos em que Cristo e anticristo são apresentados juntos só podem exercer influência malsã, mesmo sobre os mais decididos seguidores da verdade. Gostaríamos que o Sr. Ryle pudesse rever a sua posição pessoal à luz das Escrituras, e não nas trevas do eclesiasticismo; então ele sairia do meio deles, e não tocaria mais em coisa imunda.

As igrejas têm verões, como os nossos jardins, quando todas as coisas estão em sua plenitude; mas depois vêm os seus invernos e, infelizmente, que esvaziamentos se vêem! Acaso não temos visto, todos nós, a enchente que ocorre quando a maré alta invade a praia, e não temos observado a maré vazante, quando cada onda fica muito aquém da que a precedeu? Tais fluxos e refluxos existem na história do reino de Cristo. Um dia “se faz violência ao reino dos céus, e pela força se apoderam dele” (Mateus 11:12); noutra ocasião os homens parecem envergonhar-se da fé cristã, e saem vagando em busca de mil ilusões, e a Igreja é depreciada e rebaixada por heresias, pelo mundanismo, pela indiferença e por toda espécie de males.

– C. H. S., 19 de fevereiro de 1882,
SERMONS, 28, 110.

Faz muito tempo que eu deixei de contar cabeças. Geralmente, a verdade está em minoria neste mundo. Quanto a mim, tenho fé no Senhor Jesus Cristo, uma fé que me queima por dentro como que com ferro em brasa. Graças a Deus, o que creio creerei, mesmo que somente eu o creia.

– C. H. S., 16 de outubro de 1887,
SERMONS, 33, 575.

6: O “Baixo Grau”

À luz do seu imenso interesse pelo futuro do protestantismo, poder-se-ia esperar que Spurgeon seria proeminente na liderança do movimento cujo propósito era tornar mais unidas as denominações da Igreja Livre – o movimento que resultou no Congresso de Manchester, de 1882, e que tinha entre os seus objetivos a resistência ao anglicano-catolicismo. Contudo, não foi assim. Não só Spurgeon não tomou parte nesses desenvolvimentos, mas também, cinco anos antes dessa data, ele até se havia retirado da sua própria União denominacional. Ele não acreditava mais que os corpos não-conformistas fossem prover algum baluarte contra esse mal. Poucos concordavam com ele. No país todo a junção das igrejas livres era bem vinda com entusiasmo, e milhares de libras provenientes das denominações foram despejadas num fundo central: “Por toda parte a reação era indicativa da resolução de tornar o cristianismo do século 20 mais puro, mais agressivo, não sacerdotal e livre”; assim escreveu Silvester Horne em 1903.¹ Para Spurgeon, essa expectativa era uma ilusão, e o sermão publicado no *Metropolitan Tabernacle Pulpit* para 17 de janeiro de 1892 transmitiu a sua perspectiva pessoal sob o título “Is God in the Camp?” (Estaria Deus no Campo de Luta?).

A explicação da atitude de Spurgeon pode ser encontrada em sua avaliação da ascensão da Alta Crítica dentro das igrejas protestantes. Em muitas esferas do conhecimento o século 19 testemunhou avanços espetaculares: na ciência, na

¹ *A Popular History of the Free Churches* (História Popular das Igrejas Livres), C. Silvester Horne, 1903, 425.

filosofia, nas línguas e na história via-se um renascimento da cultura e um novo interesse pela acurácia e pelo progresso. Nesse esforço para avanço, conceitos tradicionais foram questionados, todas as fontes foram examinadas criticamente, e foi feito um genuíno progresso. Mas, se em todas essas esferas foram possíveis avanços, por que o conhecimento espiritual do homem haveria de permanecer estático? Que conquistas o cristianismo faria, se a Igreja se dispusesse a adotar uma atitude menos rígida e menos crítica com relação ao conteúdo das Escrituras? Na verdade, seriam essenciais uma nova abordagem da interpretação das Escrituras e uma nova definição da sua inspiração, se é que o cristianismo não devia perder contato com a marcha progressiva da ciência? E não poderia dar-se o caso de que alguns dos aspectos “mais difíceis” das Escrituras – aspectos que já estavam recebendo uma decrescente ênfase na pregação – poderiam ser explicados com maior facilidade, se fosse abandonada a velha maneira de ver que os justificava por referência ao caráter de Deus?

Perguntas desse jaez estavam sendo feitas bem cedo, já na década de 1850. Os não-conformistas se defrontaram com elas na famosa “Controvérsia de Rivulet”, em 1856, na qual o caráter questionável de um novo hinário preparado por Thomas Lynch foi discutido. Elas vieram abertamente à tona dentro da Igreja Estabelecida em 1860, com a publicação de *Essays and Reviews* (Ensaio e Análises), volume no qual vários escritores procuraram dar expressão a verdades que tinham estado sujeitas a sofrer “linguagem convencional e métodos tradicionais de tratamento”.

A atitude geral para com esse novo espírito na Igreja foi que ele não produziria nenhuma mudança revolucionária e que os benefícios resultantes de uma nova ênfase intelectual seriam gradativamente assimilados por uma fé não modificada mas progressiva. Conseqüentemente, houve uma indisposição geral quanto a confrontar o novo ensino; e aqueles que consideravam a circulação das novas idéias

como um perigo incipiente encontraram pouco apoio. Quando irrompeu uma séria controvérsia na Escola Congregacional de Lancashire entre dois professores sobre a inspiração das Escrituras, ela foi resolvida mediante o compromisso dos dois homens se aposentarem. Uma semelhante falha em não tratar diretamente da questão revelou-se em conexão com o notório caso de Colenso, bispo de Natal (África do Sul). Por causa de uma obra publicada em 1862, impugnando a autenticidade do Pentateuco, Colenso foi deposto na África do Sul; contudo, quando ele voltou para a Inglaterra, a validade da sua deposição não foi homologada. Era a esse tipo de coisa que Spurgeon se referia em 1864, quando disse: “A Palavra de Deus, nesta época, é coisa de somenos; alguns nem acreditam que ela é inspirada; e aqueles que declaram respeitá-la lançam outros livros numa espécie de rivalidade com ela. Ora, hoje em dia há grandes dignitários da Igreja que escrevem contra a Bíblia, e ainda encontram bispos que os defendem. “Nem por um momento pensamos em condenar seus livros, nem a pessoa deles; são nossos amados irmãos, e não devemos acorrentar seu pensamento.” Quantos dias já passaram desde que um bispo falava dessa maneira numa assembléia?”²

Uma notável tentativa de preservar a ortodoxia pelo uso da disciplina ocorreu na Igreja Livre da Escócia, onde W. Robertson Smith, professor de Velho Testamento na Faculdade de Aberdeen, foi demitido em 1881. Mas nesse tempo, mesmo na Escócia, uma nova “apreciação” crítica das Escrituras foi estabelecida firmemente, e, quando Robertson Smith veio para o sul para o cargo de professor em Cambridge, as suas idéias não foram consideradas heréticas num influente segmento do presbiterianismo inglês. W. G. Elmslie, que fora instruído sobre a abordagem feita pela Alta Crítica por A. B. Davidson, de Edimburgo, inculcou a mesma abordagem

² 10, 372.

das Escrituras na Escola Presbiteriana Inglesa e, longe de considerar a influência desse ensino como produtor de apostasia, acolheu-o bem, como algo que propiciava “nova luz”. Esse foi também o ponto de vista geral do influente jornal não conformista, *The British Weekly* (O Semanário Britânico), fundado em 1886 e editado, como noticiamos anteriormente, por William Robertson Nicoll.³

Por volta da década de 1880 a nova escola era dominante no congregacionalismo. Em 1874 R. W. Dale tinha se declarado contra a punição eterna dos pecadores, preferindo a teoria do aniquilacionismo. Foi adiante, e declarou que a aceitação doutrinária da Deidade de Cristo não era essencial à experiência da fé salvadora em Sua Pessoa, e em seu livro, *The Living Christ and the Four Gospels* (O Cristo Vivo e os Quatro Evangelhos) (1890), ele afirmou que não perderemos Cristo, ainda que rejeitemos a velha crença na inerrância das Escrituras. Na verdade, alegou ele, agora é dada maior honra ao Salvador. Falando a ministros, Dale declarou: “Agora já não há nenhuma autoridade que interfira entre nós – entre as

³ A parte desempenhada por Robertson Nicoll (1851-1923) nas controvérsias do seu tempo só pode ser explicada em termos da sua equivocada fé em que a abordagem das Escrituras feita pela Alta Crítica não é prejudicial ao evangelho; ele era um ardoroso admirador dos sermões de Spurgeon. No “Baixo Grau” Nicoll tomou o lado oposto ao de Spurgeon, porém, em anos posteriores, em muitas ocasiões ele passou a observar com profunda tristeza sinais de um crescente ceticismo nas igrejas. Ao professor A. S. Peake ele escreveu em 1898: “Também estou extremamente impressionado com a maneira pagã como certas “Constituições” não-conformistas são efetuadas. Há, é verdade, certa pretensão de ensino cristão, mas o que é ensinado não é cristianismo”. Em 1908 ele escreveu ao professor H. R. Mackintosh sobre a sua preocupação com a posição de James Denney, cujo ensino teológico era popular na Escócia. Denney, diz ele, “opõe-se à afirmação de que Jesus se declarava Deus.... Há um singular veio de ceticismo nele, em toda a sua aparente ortodoxia. Por exemplo, ele não crê na existência do diabo e dos maus espíritos. Tampouco crê no Segundo Advento”. *William Robertson Nicoll*, 345, 364.

congregações às quais eu e vocês temos que ministrar, e Aquele que é a própria verdade de Deus”. Alexander MacKenna, presidente da reunião de outono da União Congregacional em 1887, apelou para um novo sentimento quando distinguiu entre dogma, como declaração final, e doutrina, que é algo sempre em progresso. Os congregacionalistas rejeitavam o dogma, mas retinham a doutrina. Um dos “dogmas” rejeitado por eles foi salientado no ano seguinte, quando R. F. Horton, um ministro de idéias “progressistas”, publicou sua obra, *Inspiration of the Bible* (A Inspiração da Bíblia).

Foi a essa situação que Spurgeon se dirigiu publicamente em 1887, nas colunas da sua revista, *The Sword and the Trowel*. Em seu primeiro artigo, em agosto, ele chamou a atenção para as conseqüências que já acompanhavam o novo ensino:

“A freqüência aos locais de culto está diminuindo, e a reverência pelas coisas santas está se desvanecendo; e nós solenemente acreditamos que, em grande parte, deve-se atribuir isso ao ceticismo que chamejou nos púlpitos e se espalhou entre o povo.... Será que estes avançados pensadores enchem as suas capelas? Afinal de contas, teriam eles prosperado por sua rejeição dos velhos métodos?... Nas salas de reunião que comportam mil, mil e duzentas, ou mil e quinhentas pessoas, lugares que ficavam lotados até o teto de ouvintes ardorosos, quão pequeno é o número agora!”

Na conclusão, ele levanta uma questão que outros tinham evitado encarar: “Agora uma grave questão é, quantos que permanecem na fé uma vez por todas entregue aos santos se confraternizariam com aqueles que partiram para outro evangelho? O amor cristão tem suas exigências, e as divisões devem ser evitadas como graves males; mas, até onde seríamos justificados por estar em coligação com aqueles que estão abandonando a verdade?”

No número da revista de setembro Spurgeon continuou a insistir no ponto, replicando aos críticos e acrescentando

evidências para provar que “Uma brecha está se abrindo entre os homens que crêem na Bíblia e os que estão dispostos a um avanço sobre as Escrituras”. Chegara a hora dos cristãos se mexerem: “A casa está sendo assaltada, suas paredes estão sendo perfuradas, mas as boas pessoas que estão na cama estão gostando muito do calor, e estão com demasiado medo de levar pauladas na cabeça para descerem as escadas e enfrentarem os ladrões.... A inspiração e a especulação não podem andar juntas em paz. Não pode haver concessões. Não podemos sustentar a inspiração da Palavra, e contudo rejeitá-la; não podemos crer na expiação, e negá-la; não podemos sustentar a doutrina da Queda e, todavia, falar em evolução da vida espiritual proveniente da natureza humana; não podemos admitir a punição dos impenitentes e, ainda assim, favorecer a “esperança mais ampla”. Temos que seguir um dos dois caminhos. Decisão é a virtude da hora”.

Essas palavras foram escritas pouco antes das reuniões de outono da União Batista, em Sheffield, e é evidente que Spurgeon esperava ação. S. H. Booth, secretário da União, já diversas vezes trocara impressões com Spurgeon, expressando a sua preocupação pelo declínio da ortodoxia e fornecendo fatos a Spurgeon. Antes das reuniões Spurgeon tinha escrito: “Confiamos em que os batistas de maneira nenhuma irão tão longe como foram os independentes; na verdade, estamos certos disso”. Mais tarde ele teve que admitir: “O erro que ocorre na denominação batista está dez vezes mais amplamente aberto do que sabíamos... A princípio não visávamos o corpo batista, pois os nossos pensamentos sobre ele eram muito esperançosos, porém a controvérsia revelou aquilo que jamais teríamos sonhado”.⁴ A verdade é que em Sheffield a questão do “Baixo Grau” foi evitada inteiramente. Em 28 de outubro Spurgeon retirou-se da União, e na revista de novembro de 1887 de *The Sword and the Trowel*, ele

⁴ *Sword and Trowel*, 1888, 249.

apresentou a razão do seu afastamento. A União estava preferindo a paz denominacional ao dever de dar o devido tratamento ao erro e, assim, por tolerar pecado, tornou inevitável a retirada dos cristãos:

“Crentes na expiação de Cristo estão agora em declarada união com aqueles que fazem pouco caso dela; crentes nas Escrituras Sagradas estão em coligação com aqueles que negam a inspiração plenária; pessoas que sustentam a doutrina evangélica estão em aberta aliança com as que dizem que a Queda é uma fábula, que negam a personalidade do Espírito Santo, que dizem que a justificação pela fé é imoral, e que sustentam que há mais um estágio de prova depois da morte.... Sim, temos diante de nós o miserável espetáculo de cristãos professadamente ortodoxos confessarem publicamente sua união com aqueles que negam a fé e que mal escondem o seu desprezo por aqueles que não podem ser acusados de tão grosseira deslealdade a Cristo. Para falar com franqueza, não podemos chamar estas coisas de uniões cristãs; elas começam a assemelhar-se a coligações do mal....

“É nossa solene convicção que, onde não pode haver real comunhão espiritual, não deve haver pretensa comunhão. *Comunhão com erro conhecido e vital é participação no pecado*”.

Após a renúncia de Spurgeon, a controvérsia, como estava ligada à relação pessoal de Spurgeon com a União, tomou o seguinte rumo: em novembro de 1887, quando ele se encontrava em Mentone, explicou, em correspondência com ministros pertencentes à Conferência do Colégio de Pastores, que a sua decisão de renunciar não fora súbita; na verdade, diz ele, foi tomada depois que “meus protestos privados dirigidos a oficiais, e meus repetidos e claros apelos feitos ao corpo (ministerial) em geral, não tinham tido nenhum valor”.⁵ Não obstante, quando o Conselho da União Batista se reuniu, no dia 13 de dezembro, os oficiais, e notadamente S. H. Booth, o

⁵ Pike, 6, 290.

secretário, negaram que tivessem recebido de Spurgeon qualquer acusação de afrouxamento da fé “que justificasse sua apresentação perante o Conselho”.⁶ O Conselho considerou que o procedimento escriturístico seria procurar ter uma entrevista pessoal com Spurgeon. Spurgeon espantou-se com a negação de Booth: a declaração dele de que, como secretário, não tinha recebido nenhuma denúncia *formal* de Spurgeon foi uma evasiva, pois ele e outros tinham conhecimento da opinião de Spurgeon desde muito antes da sua renúncia. Avolumou-se a desconfiança por parte de Spurgeon, e ele não teve nenhum respeito pelo chamado procedimento “escriturístico” que fora defendido. “Que farsa esses irmãos quererem me entrevistar privadamente, conforme Mateus 18:15! Ora, estive com o Secretário e com o Presidente repetidas vezes; e depois publiquei a minha queixa, e só saí da União quando não se podia fazer mais nada. Agora, alguma coisa será feita. Enquanto não dei o passo decisivo, nada podia ser feito”.⁷ Nesta altura Spurgeon poderia ter provado sumariamente a extensão dos encontros nos quais se consultara com oficiais da União apresentando a correspondência recebida de Booth, mas Booth privadamente insistia que esse material era confidencial e não deveria ser divulgado. O assentimento de Spurgeon ao desejo de Booth foi magnânimo, especialmente considerando que na reunião de 13 de dezembro fora lançada dúvida sobre a honestidade de Spurgeon por aparentemente negar que tal comunicação tivesse ocorrido. Em termos gerais, Spurgeon limpou-se dessa calúnia numa carta a *The Baptist*, em 19 de dezembro de 1887.⁸

⁶ Pike, 6, 292.

⁷ *Autobiography*, 4, 256.

⁸ Pike, 6, 292-293. Ao co-pastor e aos diáconos do Tabernáculo ele escreveu de Mentone: “Não me é possível comunicar a ninguém tudo o que aconteceu sob meu conhecimento; mas tive abundantes motivos para cada passo que dei, como o dia dos dias revelará”. *Autobiography*, 4, 261. Sobre a correspondência com Booth, cf. Carlile, 247-251.

Quando Spurgeon voltou de Mentone, quatro doutores em teologia, como deputados do Conselho, encontraram-se com ele no Tabernáculo no dia 13 de janeiro de 1888. O propósito dessa reunião, conforme telegrama a ele enviado pelo Conselho, era “deliberar com você como a unidade da nossa denominação, na verdade e no amor, e nas boas obras, poderia ser mantida”. A isso Spurgeon deu aos seus visitantes uma resposta franca, a saber, que o objetivo proposto só poderia ser alcançado pela adoção de uma base evangélica definida da fé (como a da Aliança Evangélica), sendo que a base existente nada mais era que a crença em que “a imersão dos crentes é o único batismo cristão”. Mas Spurgeon sentiu que havia um propósito subsidiário e não declarado na visita dos representantes do Conselho; teve o receio de que visasse a fixar nele “a odiosidade de ser implacável”,⁹ e o seu receio foi confirmado em sua própria mente quando, uma semana depois, em 18 de janeiro, o Conselho, tendo ouvido os seus representantes enviados a Spurgeon, não retirou a sua renúncia e o que fez foi aprovar um voto de “censura” contra ele. Suas acusações de afrouxamento doutrinário, não tendo o apoio dos nomes daqueles que ele considerava partes ofensoras, “não deviam ter sido feitas”.¹⁰

Esse ato da parte do Conselho, antes de tratar do seu apelo para a formulação de uma base evangélica, confirmou em Spurgeon a sua idéia de que não havia esperança de uma ação firme: “Eu gostaria que toda a cristandade soubesse”, escreveu ele em *The Sword and the Trowel* em fevereiro, “que tudo o que eu pedi da União é que ela seja formada sobre uma base escriturística”.¹¹ Restava ver como a União propriamente dita, em sua Assembléia de abril, trataria das questões que o grupo mais restrito de membros do Conselho até então tinha debatido. Numa reunião realizada no dia 21 de fevereiro, o Conselho adotou uma declaração a ser apresentada à

⁹ *Autobiography*, 4, 258.

¹⁰ Carlile, 251.

¹¹ 1888, 82.

Assembléia, e muitos consideraram que ela proveria bases para a renovação da união. Na superfície, o documento era evangélico – de fato, não muito distante da base da Aliança Evangélica. Mas Spurgeon, que pelo que parece teve permissão de vê-lo confidencialmente antes de abril, desconfiava dele totalmente.¹² Sua atitude nesse ponto precisa de esclarecimento, pois, à primeira vista, parece que, tendo solicitado uma base evangélica, não ficou satisfeito quando uma foi apresentada. Diz Carlile: “Embora no início Spurgeon tenha pedido uma simples declaração do que a União Batista ensinava, alguns dos seus pronunciamentos posteriores davam a impressão de que ele queria uma autoridade teológica definida”. A explicação é que Spurgeon estava insatisfeito com o espírito geral com o qual a declaração foi formulada. Ele escreveu a *The Baptist*:

“O que quer que o Conselho faça, que acima de tudo ele evite o emprego de linguagem que legitimamente tenha dois sentidos, os quais sejam contrários um ao outro. Falemos alto e bom som. *Existem graves divergências* – que se confesse isso honestamente. Por que alguém haveria de envergonhar-se de fazê-lo? A política não deve ser o nosso guia, nem o desejo de manter este partido ou aquele. O que é certo é seguro, e o compromisso assumido pelo uso de sentidos duplos, a longo prazo nunca poderá ser sábio”.¹³

Foi precisamente essa a política que o Conselho não seguiu. Spurgeon lhe tinha solicitado uma resolução que mostrasse “que é rejeitado o sonho da futura prova e restauração como coisa anti-escriturística”;¹⁴ em vez disso, a declaração sobre o juízo futuro, evidentemente, deixou lugar, em suas próprias palavras, para “os irmãos da União” que não defendiam “a interpretação comum”. Spurgeon queria uma declaração que fosse um real meio de pôr a descoberto

¹² Pike, 6, 296.

¹³ *Sword and Trowel*, 1888, 148.

¹⁴ *Ibid.*, 1888, 91.

quantos se posicionavam a favor da velha fé e quantos advogavam a nova;¹⁵ esse teste e a conseqüente ruptura o forte partido intermediário do Conselho desesperadamente queria evitar. Spurgeon buscava uma base que, quanto possível, não permitisse que os homens “dissem uma coisa e quisessem dizer outra”, uma base que decisivamente respondesse à pergunta: “A União seria um concílio de igrejas evangélicas, ou uma coleção indiscriminada de comunidades que praticam a imersão?”¹⁶ Escrevendo para *The Sword and the Trowel* antes da Assembléia de abril, Spurgeon expressou o seu pessimismo sobre o resultado; o corpo denominacional, embora não querendo recusar a solicitação de que declarasse sua fé, “avalia as frases, discute tudo, menos a questão principal, e profere uma ordinária imitação de declaração, em lugar daquilo que dele se espera. Escrevendo antes da reunião anual”, continua ele, “nós escrevemos sem nenhuma esperança... O que se diz de nós não é nada; mas, poder-se-ia vender a verdade para manter uma comunhão mais ampla?”¹⁷

Essas palavras não apareceram na imprensa senão depois de finda a Assembléia. Se tivessem aparecido antes, poderia ter havido uma ligeira alteração no número dos votantes, porém, sendo como foi, deve passar à história o extraordinário fato de que, quando a adoção da declaração “evangélica” do Conselho foi posta a votos, foi aprovada por 2.000 votos contra 7! Sem dúvida, muitos dos evangélicos que votaram não puderam entender sobre o quê estavam votando: tanto eles como os liberais penavam que a moção era para vantagem deles, e o próprio irmão de Spurgeon, James, que votou a favor, considerou a votação como “uma grande vitória”.¹⁸

¹⁵ *Sword and Trowel*, 1888, 198.

¹⁶ Pike, 6, 294.

¹⁷ *Sword and Trowel*, 1888, 249.

¹⁸ “Meu irmão acha que obtivemos uma grande vitória, mas eu acredito que fomos vendidos miseravelmente. Quebranta-me o coração. Certamente >>

Poucos foram os que viram o que aconteceu sob a mesma luz que Spurgeon o viu; muitos pensavam ingenuamente que, com tão maciça votação pelo “evangelho”, a controvérsia sobre a posição evangélica da União “estava encerrada para sempre”.¹⁹ Para Spurgeon, longe de ser uma base para nova união, apenas confirmou a sua convicção de que a sua renúncia teria que ser irrevogável. Seus comentários em *The Sword and the Trowel* correspondente a junho, sobre a decisão da Assembléia de adotar a declaração, falam-nos dos seus sentimentos:

“A resolução, com sua nota de rodapé, com a interpretação do seu proponente, e com a reeleição do velho conselho, representa muito bem o que se pode fazer quando todos estão com a sua melhor disposição. Seria satisfatória? Será que todos a entendem no mesmo sentido? Acaso a virtude em geral não está naquilo que agrada um pouco a ambos os lados? E não seria esse o mal e a condenação dela?”

Contudo, não me preocupo em criticar o ato de um corpo do qual agora estou finalmente separado. O que foi feito deixa bem claro o meu curso de ação. Desde o começo eu temia que a reforma da União Batista era algo sem esperança de ser realizada, e por isso renunciei. Estou muito mais certo disso agora, e nunca, em nenhuma provável circunstância, sonharia em voltar.”²⁰

Concluimos esta breve narrativa da controvérsia do “Baixo Grau” com as palavras de uma testemunha ocular que esteve presente nas sessões da Assembléia naquele memorável 23 de abril de 1888. Henry Oakley escreveu as seguintes palavras em 1934 e, da sua vantajosa posição na história, ele viu a acachapante votação da União pelo que ela foi – uma

<<ele fez exatamente o contrário do que eu teria feito. Contudo, não se deve culpá-lo, pois ele seguiu o seu melhor juízo. Ore por mim, para que minha fé não desfaleça.” C. H. S., numa carta a um amigo pessoal, em 26 de abril, citada em Fullerton, 313.

¹⁹ Pike, 6, 301.

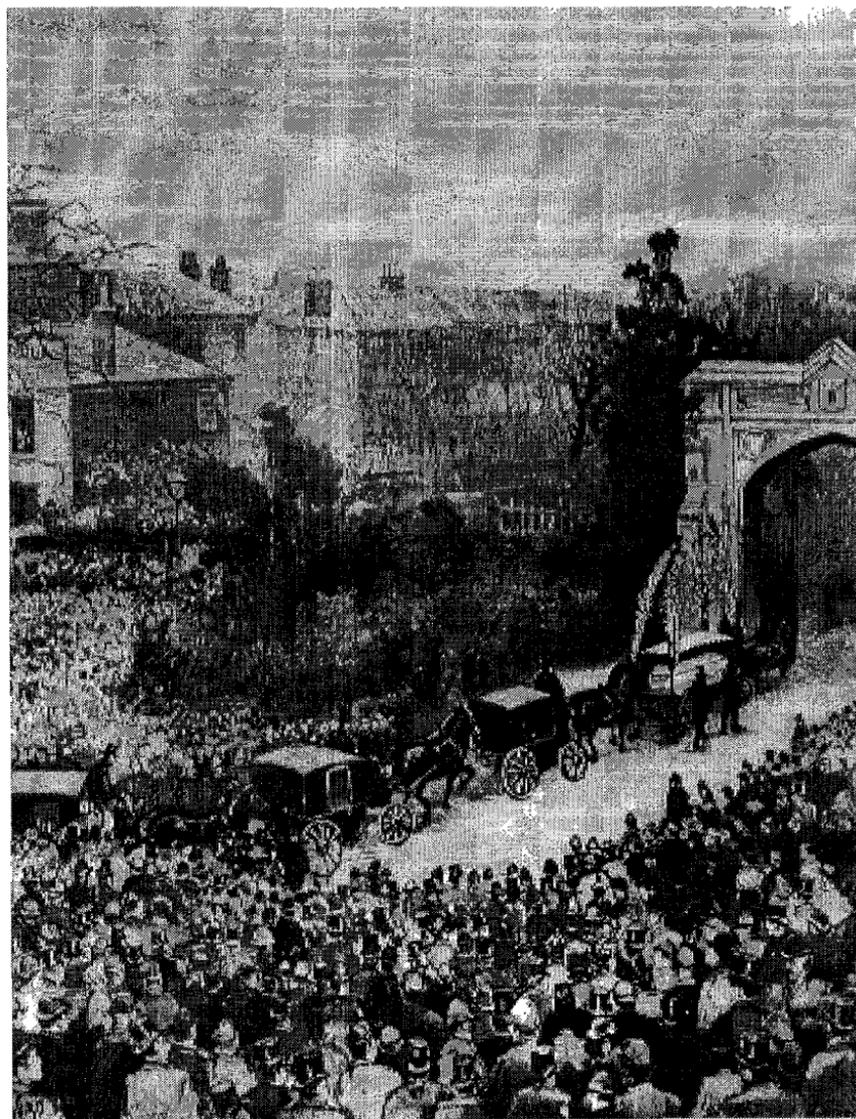
²⁰ *Sword and Trowel*, 1888, 299.

implícita censura à posição que Spurgeon tinha tomado, mas é preciso entender que naquela ocasião muitos estavam longe de vê-la sob essa luz:

“Estive presente no Templo da Cidade quando a moção foi proposta, apoiada, e efetivada. Possivelmente, o Templo da Cidade estava tão cheio quanto poderia estar. Cheguei bem cedo, mas só achei “assento em pé” na passagem que há por trás da galeria. Ouvi os discursos. O único do qual guardo distinta lembrança foi o do Sr. Charles Williams. Ele citou Tennyson em favor de uma teologia liberal e da justificação de dúvida. O momento de votar chegou. Só os que se achavam na área própria foram qualificados para votar como membros da assembléia. Quando a moção de censura foi apresentada, uma floresta de mãos foi levantada. “Contra”, chamou o presidente, Dr. Clifford. Não vi mão alguma, porém a história registra que houve *sete*. Sem nenhum anúncio dos números, a imensa assembléia explodiu em tumultuosos aplausos, aplausos e mais aplausos. De alguns dos mais velhos, a hostilidade contida achou escape; de muitos dos mais jovens, a feroz resistência oferecida por “alguns estorvos obscurantistas”, como eles diziam, afrouxaram. Foi uma cena estranha. Vi-a quase com lágrimas. Eu estava perto de um “aliado de Spurgeon”, que eu conhecia muito bem. O Sr. Spurgeon lhe tinha dado boa acolhida, vindo ele de uma posição muito humilde. Ele perdeu a compostura, quase com prazer pela censura feita a seu grande e generoso mestre. Digo que foi uma estranha cena, aquela vasta assembléia deleitar-se de maneira tão ultrajante com a condenação do mais grandioso, mais nobre e maior líder da sua fé”.²¹

²¹ *The Witness* (A Testemunha), 1934. Reimpresso no número de julho-setembro de 1934 de *Our Outlook* (Nossa Perspectiva), fonte da qual faço a citação. E. J. Poole-Connor, que morreu em 1962 e que escreveu uma das poucas narrativas fiéis do “Baixo Grau” do século 20, engana-se quando diz que houve mal-entendido em se pensar que a resolução que deu à >

<<Assembléia a base da sua fé foi uma censura a Spurgeon, “e que foi com esse entendimento que votaram a favor dela”. *Evangelicalism in England* (O Evangelicalismo na Inglaterra), 1951, 248. Pode ser que na ocasião alguns não tenham visto na adoção dessa inadequada base e declaração do “caráter evangélico das igrejas da União” uma censura à ação de Spurgeon, cf. *Autobiography*, 4, 255. O “Baixo Grau” submeteu os subseqüentes escritores sobre Spurgeon a uma prova pela qual poucos passaram de forma merecedora de consideração: Pike procura apresentar um relato objetivo, mas, tendo escrito muito perto da ocasião dos fatos, muita coisa não foi dita. Fullerton e Carlile mostram pouco discernimento teológico, e ambos não escrevem com acurácia. Fullerton atribui à carta de Spurgeon na qual ele renuncia à União a data de 8 de outubro, em vez de 28 de outubro de 1887, e Carlile se distancia um ano ao datar a reunião de Spurgeon com os quatro doutores em teologia como tendo ocorrido no dia 13 de janeiro de 1888.



Desenho (tirado de jornal) da chegada da carruagem funerária ao portão do cemitério de Norwood, Londres, 4 de fevereiro de 1892, na ocasião do sepultamento do Sr. C.H. Spurgeon.

É uma grande tristeza para mim que, até aqui, muitos dos nossos amigos mais honrados da União Batista tenham, com forte determinação, fechado os olhos para sérias divergências da verdade. Não duvido que o seu motivo foi em parte louvável, pois eles desejavam preservar a paz, e esperavam que o erro, que eram forçados a ver, seria removido à medida que os seus amigos avançassem na idade e no conhecimento.

Mas afinal mesmo estes, espero eu, descobrirão que as novas idéias não são a velha verdade com melhor vestido, e sim, erros mortais com os quais não podemos ter comunhão. Considero o “pensamento moderno”, em seu desenvolvimento completo, uma seita totalmente nova, não tendo com o cristianismo mais relação que a que existe entre a névoa da noite com os montes eternos.

– C. H. S., 23 de novembro de 1887,
PIKE, 6, 291.

Cuidemos de expor o nosso Senhor Jesus Cristo como o Mestre infalível, mediante Sua Palavra inspirada. Não entendo a lealdade a Cristo que é acompanhada pela indiferença para com as Suas palavras. Como podemos reverenciar Sua Pessoa, se as Suas próprias palavras e as dos Seus apóstolos são tratadas com desrespeito? Se não aceitamos as palavras de Cristo, não podemos aceitar Cristo; a não ser que aceitemos as palavras dos Seus apóstolos, não podemos aceitar Cristo; pois João diz: “Aquele que conhece a Deus ouve-nos; aquele que não é de Deus não nos ouve. Nisto conhecemos nós o espírito da verdade e o espírito do erro” (1 João 4:6).

– C. H. S., UM MINISTÉRIO IDEAL, vol. 2, 99.

7: O Baixo Grau e Suas Lições

Há muitos aspectos sob os quais se pode estudar a controvérsia do Baixo Grau. O aspecto com o qual nos preocupamos aqui é a questão da lealdade denominacional, questão central da controvérsia em geral. Indubitavelmente, havia genuínos batistas evangélicos que ficariam contentes ao ver sustado o erro que se propagava, mas conseguir isso à custa da ruptura da União era uma possibilidade que eles não podiam enfrentar. Booth, o secretário, era típico daqueles que na crise recuavam, e, como foi dito, “Booth sem dúvida acreditou até o fim que Spurgeon não iria retirar-se da União”. Agora, quando Spurgeon se pôs a falar claramente contra as condições do não-conformismo, ele foi censurado por dar material a anglicanos para fortalecer a posição deles. Nas declarações de Spurgeon, observou um crítico não-conformista, geralmente os anglicanos encontravam abundantes evidências da decadência da verdade evangélica nas comunidades da Igreja Livre. Todavia, agora Spurgeon sustentava o que havia declarado mais de vinte anos antes, na grande controvérsia de 1864:

“Seja a Igreja Batista, ou a Episcopal, ou a Presbiteriana que se aparte do caminho de Cristo, não há nada que qualquer de nós possa fazer; é de Cristo e da verdade de Cristo que devemos ocupar-nos, e isso havemos de seguir, mesmo por cima de todas as barreias e valas dos feitos dos homens”.¹

E logo no começo da controvérsia do Baixo Grau Spurgeon declarou que o que os evangélicos tinham que enfrentar era uma “política que nos forçaria a subordinar a

¹ 10, 372.

manutenção da verdade à prosperidade e unidade denominacional”.² E pouco se pode duvidar de que a suprema razão humana do seu fracasso em não obter a ação disciplinar foi o poder dessa política. Como escreve o Dr. Payne, o fator que reteve a multidão na União da qual ele saiu foi que “a grande maioria dos batistas tinha passado a considerar a organização nacional das suas igrejas como essencial ao seu bem-estar”. “Nos primeiros estágios da controvérsia Spurgeon talvez tenha deixado de perceber como a União se arraigara na vida das igrejas.”³ O pastor do Tabernáculo Metropolitano poderia aconselhar o dever de retirar-se, mas, continua o mesmo escritor: “Para o ministro da igreja batista média a situação era diferente. Os fundos Pró-Aumento e da Anuidade, as Missões Domésticas e a Junta de Iniciação estavam juntando e suplementando os recursos das igrejas individuais, realizando tarefas que de outro modo elas não poderiam realizar”.

Noutras palavras, a União originariamente planejada como uma sociedade para propagar a verdade, agora se recusava a refrear um erro que minava as partes vitais do evangelho, e, contudo, era um poder (do qual muitos não poderiam desenredar-se facilmente) que mantinha juntas congregações cujo único acordo firmado consistia em sua idéia comum do batismo.

Antes do fim de 1887, Spurgeon passou a questionar o caráter geral da União, pois a frágil natureza dos seus fundamentos originais tinha sido desmascarada completamente:

“A União, como está constituída no presente, não tem força disciplinar, pois não tem base doutrinária nenhuma, e não vemos nenhuma razão pela qual toda e qualquer forma de crença e descrença não seja abrangida por ela, tendo-se em

² *Sword and Trowel*, 1887, 400.

³ E. A. Payne, *The Baptist Union: A Short History* (A União Batista: Breve História), 1958, cf. 127-143.

conta que só a imersão é reconhecida como batismo. Não adianta acusar a União de abrigar erros do tipo extremista, pois, quanto nos é possível ver, ela seria incapaz de ajudar a si mesma, se alguma vez desejasse fazê-lo. Aqueles que originariamente a criaram fizeram-na “sem forma e vazia”, e assim deve permanecer. Ao menos não vemos nada que se pareça com uma mudança. Para um grande número de pessoas este estado de coisas é objeto de admiração, e continuará sendo assim; nós não temos essa admiração, e por isso desistimos dela...”⁴

“Toda União, se não for mera ficção, deve basear-se em alguns princípios. Como poderíamos unir-nos, senão fundados em algumas grandes verdades? E a doutrina do batismo por imersão não é suficiente como alicerce. Certamente, ser batista não é tudo. Se eu discordar de um homem em noventa e nove pontos, porém acontecer que estou unido a ele no batismo, isso nunca poderá propiciar uma base de unidade como a que terei com outro com quem eu creio em noventa e nove pontos, só diferindo sobre uma ordenança... Alterar o alicerce de um edifício é tarefa difícil. Reforçá-lo sob o prédio é dispendioso e arriscado. Poderia ser mais satisfatório pôr abaixo a casa e reconstruí-la. Se eu acreditasse que a União Batista poderia tornar-se uma estrutura mais satisfatória, eu não poderia permanecer nela; fazê-lo seria violar a minha consciência. Mas a *minha* consciência não é guia para outros. Aqueles que acreditam na estrutura e acham que podem retificar o seu alicerce, têm minha cordial simpatia em sua tentativa”⁵.

⁴ *Sword and Trowel*, 1887, 560. Numa carta ao Dr. Culross, em 26 de novembro de 1887, ele escreve: “Os bons homens que formaram a União, imagino, não tinham idéia de que ela viria a ser o que é agora, ou a teriam modelado de outra forma. Com sua centralização e absorção de várias sociedades, ela se tornou uma coisa muito diferente do que era no princípio. Isso é boa coisa, mas envolve uma pressão sobre a frágil estrutura que ela está mal adaptada para suportar”. *Autobiography*, 4, 263.

⁵ *Sword and Trowel*, 1888, 82-83.

Mais tarde, em julho de 1889, ele falou mais decisivamente: “Virá o dia em que aqueles que pensam que podem reparar a casa que não tem alicerce verão a sabedoria de desistir dela completamente. O tempo todo temos visto que sair de uma associação que tem doutrinas questionáveis é a única solução possível de uma dificuldade que, por mais que se negue, não deve ser menosprezada por aqueles que estão cômnicos da sua terrível realidade”.⁶

A controvérsia do Baixo Grau não embargou a apostasia no não-conformismo; antes deu prova concreta da existência de novas atitudes – atitudes que haveriam de dominar as denominações da Igreja Livre durante diversas gerações futuras. Podemos descrever algumas dessas atitudes como segue:

1. Falta de disposição para definir precisamente qualquer ponto doutrinário, uma prontidão para reduzir a um mínimo aquilo que constitui o conteúdo do cristianismo ortodoxo, e uma “caridade” que leva os homens a não quere-m questionar a posição de nenhuma denominação aos olhos de Deus, desde que ela *tenha professado* a “Fé Evangélica”. A União Congregacional, embora o erro estivesse grassando entre os seus ministros, tinha feito essa profissão de fé em sua Assembléia de 1877, afirmando a lealdade dos congregacionais à “Fé Evangélica revelada nas Escrituras Sagradas”. Quando, como já vimos, a União Batista fez declaração similar, acoplada a uma breve lista de seis doutrinas, em sua Assembléia de abril de 1888, poucos foram os que se posicionaram com Spurgeon, quando ele considerou inútil essa profissão de fé da União.

Quando examinamos as últimas décadas do século 19, não podemos desculpar os ministros que permitiram que o termo “evangélico” fosse rebaixado: eles não tiveram forças para declarar que não são ministros de Deus aqueles homens

⁶ *Sword and Trowel*, 1889, 389-390.

que, embora professando “Fé Evangélica”, ou nunca pregavam essa fé, ou praticamente a repudiavam nos detalhes do seu ensino. Essa transigência foi o começo de um processo que daí por diante muitas vezes fez da palavra “evangélico” uma cobertura para a frouxidão doutrinária. O século 20 está repleto de casos que ilustram o mal resultante dessa perversão da terminologia. Lemos, por exemplo que, quando o liberal progressista Arthur S. Peake foi nomeado para servir na Escola Metodista de Manchester – uma escola que “tinha sustentado a mais rígida ortodoxia” – os estudantes reconheceram em seu novo mestre “uma singular combinação do seguidor da Alta Crítica e do evangelista; enquanto ele os levava a penetrar inexplorados campos do conhecimento, eles não ficavam menos admirados por seu fervor evangélico”. Esse tipo de uso do termo “evangélico”, que os autores de um livro sobre *The Methodist Church* (A Igreja Metodista) aplicaram a Peake em 1932, de maneira nenhuma é único. Quanto à denominação batista, foi-nos informado, a respeito de T. R. Glover (1869-1943) que “aqueles que o conheceram bem sabiam da profundidade da sua experiência evangélica”;⁷ no entanto, foi Glover que passou uma considerável parte da sua vida tentando fazer uma demolição intelectual do cristianismo histórico, e que, em 1932, gloriou-se no fato de que não tinha sobrado mais nenhuma escola que aderisse à posição das velhas confissões evangélicas. Pode causar surpresa que nessa data, quando homens como Glover estavam recebendo tanta honra na União Batista, outro batista, J. C. Carlile, pôde escrever: “A denominação é hoje mais evangélica, no espírito, do que em qualquer período da sua história”,⁸ mas isso só serve para indicar até que ponto a confusão e

⁷ A. C. Underwood, *A History of the English Baptists* (Uma História dos Batistas Ingleses), 1947, 258.

⁸ C. H. Spurgeon: *An Interpretative Biography* (C. H. S.: Uma Biografia Interpretativa), 257.

obscuridade espiritual tinha vindo a prevalecer na Inglaterra antes da Segunda Guerra Mundial. Henry Oakley, escrevendo na mesma época em que Carlile escreveu, foi uma voz solitária quando disse: “A União Batista deixou de ser uma união de homens e igrejas de igual pensamento, e se tornou uma união de homens e igrejas largamente separados na fé e na prática – uma espécie de obra de Woolworth teológica,⁹ onde a variedade é o elemento principal. Tudo o que Spurgeon viu, e muito mais, aconteceu”.¹⁰

2. O movimento do Baixo Grau revelou que as Escrituras não eram mais a regra de fé e prática dentro do não conformismo.

Spurgeon agiu decididamente porque acreditava que essa era a única maneira de agir coerente com a Palavra de Deus. No entanto, muitos não reconheceram isso. Eles não conseguiam enxergar que “o príncipe das potestades do ar está solto de maneira extraordinária por um tempo, confundindo até os piedosos, e triunfando grandemente naqueles cuja mente dá voluntário assentimento aos seus ensinamentos enganosos”.¹¹ Conseqüentemente, eles não estavam preparados para aplicar as instruções do Novo Testamento concernentes à resistência às influências demoníacas. Eles percebiam que a Alta Crítica estava modificando o conteúdo doutrinário das velhas confissões, mas dizer que os liberais estavam introduzindo “outro evangelho” e que “há uma diferença essencial

⁹ Família Woolworth: comerciantes e homens de negócio. Inauguraram, numa segunda etapa, que a primeira não teve muito êxito, uma loja de artigos múltiplos a preço baixo e fixo. De Lancaster, Pensilvânia, propagou-se uma rede de cerca de mil lojas desse tipo controladas por eles. Durante muito tempo o edifício “Woolworth” foi o arranha-céu mais alto de Nova York. Nota do tradutor.

¹⁰ Citado em *Our Outlook*, 1934, 51. Oakley escreveu muito sobre a condição espiritual da União Batista; suas denúncias eram por demais verdadeiras para serem respondidas, porém a maré contra a posição que ele representava era tão forte que provavelmente as suas palavras foram lidas por poucos.

¹¹ *Sword and Trowel*, 1888, 160.

de espírito entre o velho crente e o homem de idéias novas e progressistas”,¹² era mais do que eles poderiam persuadir-se a fazer. A associação denominacional junto com os que eram conhecidos como simpatizantes do novo ensino ou como seus defensores, homens cuja fé era alardeada como eminentemente “cristocêntrica”, também foi um poderoso fator para nublar as questões. Não seria causar uma ruptura da unidade separar-se daqueles que tinham sido batizados e que participavam da mesma vida denominacional? Alguns mais dotados de discernimento poderiam ver que a comunhão com a nova escola dos liberais era um erro, porém, se os liberais eram só uma minoria, por que os ortodoxos deveriam deixar a União nas mãos deles, retirando-se dela? E, como cada congregação pertencente à União era capaz de preservar a sua fé e o seu próprio governo, haveria algum prejuízo em permanecer nela?

A tragédia do Baixo Grau foi que havia muitos que não conseguiam enxergar que as Escrituras falam definidamente sobre a situação existente. Spurgeon estava numa posição solitária porque, diversamente da maioria dos seus colegas de ministério, ele enxergava muito bem os pontos principais:

Para os cristãos estarem ligados em associação com ministros que não pregam o evangelho de Cristo é incorrer em culpa moral.

Uma União que pode continuar existindo sem levar em conta se as suas igrejas membros pertencem a uma fé comum não está cumprindo nenhuma função escriturística.

A preservação de uma associação denominacional quando ela não tem força para disciplinar hereges, não pode ser justificada com base na preservação da “unidade cristã”.

É o erro que rompe a unidade das igrejas, e permanecer num alinhamento denominacional que fecha os olhos para o erro é dar apoio ao cisma.

¹² *Sword and Trowel*, 1888, 610.

“Quanto a uma ruptura da unidade”, diz Spurgeon em réplica à acusação feita freqüentemente contra ele, “nada jamais promoveu mais grandemente a união dos verdadeiros do que a ruptura com os falsos”.¹³ Um artigo em *The Sword and the Trowel*, intitulado “Separação, não Cisma”, ocupa-se do mesmo ponto: “A separação daqueles que são coniventes com erro fundamental, ou que negam o “Pão da Vida” às almas que perecem, não é cisma, e sim somente o que a verdade, a consciência e Deus exigem de todos os que haverão de ser achados fiéis”.¹⁴

A crise no fim do século 19 revelou a fraqueza das fundações das Uniões que tinham sido estabelecidas mais cedo nesse século. Os fundadores das Uniões tinham estado preocupados com os benefícios práticos imediatos da associação mais estreita entre congregações que adotavam a mesma política eclesiástica. Não se preocuparam muito com a prospectiva a longo prazo. Eles tinham abandonado em grande parte o esforço puritano para ver a unidade do corpo de Cristo, que é a Igreja visivelmente manifesta em toda a nação, e tinham renunciado, ao menos na ocasião, à preservação dos seus princípios distintivos nas respectivas denominações. Por necessário que isso tenha sido, foi um expediente, um ato de conveniência, e não um caminho plenamente escriturístico, pois a permanente separação de cristãos, isto é, daqueles que são fiéis ao único evangelho apostólico, dificilmente se pode justificar em termos de diferenças sobre os aspectos externos da política da Igreja. O Novo Testamento não menospreza a importância de uma firme ordem da igreja e seu governo, entretanto, sejam quais forem as dificuldades relacionadas com o assunto, nunca se poderá admitir que as Escrituras autorizam a divisão permanente das igrejas *verdadeiras*, existentes na mesma localidade geográfica, em grupos distintos. Contudo, conforme o prestígio e a força das denominações

¹³ *Sword and Trowel*, 1888, 249.

¹⁴ *Ibid.*, 1888, 127.

não-conformistas se desenvolveram durante o século 19, obscureceu-se a consideração de que nenhum homem pode igualar a sua denominação com a Igreja única do Novo Testamento, e a confusão aumentou ao ponto de se tratar uma saída de uma denominação como se fosse sair “da Igreja”. Dessa forma, os liberais castigaram a saída de Spurgeon da União como os bispos do século 17 tinham denunciado os puritanos – como se ele tivesse cometido alguma ofensa. “Aqueles que são generosamente liberais, magnânimos e amplos”, Spurgeon observou, “poderiam ser igualmente bondosos, permitindo que nos privemos dos encantos da sua sociedade sem cairmos debaixo da plena violência da sua ira.”¹⁵ Outros, de convicção mais ortodoxa, ficaram muitíssimo confusos em sua opinião sobre a relação entre lealdade à denominação e lealdade às Escrituras, ou quanto a censurar Spurgeon ou concordar com ele. Eles foram apanhados numa paralisia de indecisão e se fizeram vítimas fáceis de uma política de conveniência.

3. A controvérsia do Baixo Grau mostrou uma prontidão, por parte de muitos ministros, para justificar a sua falta de firme ação com base no benefício maior a ser obtido por uma política de maior acomodação. Essa foi a atitude daqueles que simpatizavam com a preocupação de Spurgeon, mas que lamentaram a sua renúncia quando procuravam contrabalançar esse procedimento com a influência que ele poderia ter exercido se permanecesse na União. Os jornais refletiam a mesma perspectiva. *The Scotsman* (O Escocês) perguntava: “Não deveria ele, antes, permanecer nela e usar toda a sua influência para deter seu curso decadente?” Igualmente *The Standard* (O Estandarte), de Chicago: “Melhor resistir a essa tendência, enquanto existir, onde estamos de frente a ela, do que de qualquer posição de fora”.¹⁶

Esse argumento não era novo para Spurgeon. Pregando

¹⁵ *Sword and Trowel*, 1888, 620.

¹⁶ Pike, 6, 288.

sobre Daniel, capítulo 6, em 1868, e fazendo referência à provável tentação sobrevinda a Daniel na forma de uma sugestão de que ele ajudaria mais a religião verdadeira se adotasse uma política prudente e permanecesse vivo na corte de Dario, Spurgeon declarou: “Esse argumento eu tenho ouvido centenas de vezes, quando as pessoas são concitadas a abandonar posições falsas e tomar a certa. Todavia, que obrigação eu e vocês temos de manter a nossa influência à custa da verdade? Nunca é certo praticar um pequeno mal para obter o maior bem possível... O dever de vocês é fazer o que é certo: as conseqüências estão com Deus”.¹⁷ Não há dúvida de que na controvérsia do Baixo Grau Spurgeon estava ciente (sem o conselho de “judiciosos” amigos e jornais) de que a sua decisão de se manter contra a corrente de opinião dominante poderia enfraquecer grandemente a sua posição de líder. Nos meses de relativo isolamento que se seguiram à sua saída da União em outubro de 1887, ele teve bastante tempo para observar que não estava levando pessoas após si como em dias passados, porém estava convencido de que estava envolvido um princípio escriturístico que punha todas as considerações pessoais fora da conta. “Não me preocupo com homem algum, nem com jornal algum, mas unicamente com Deus”, disse ele numa assembléia de pastores em abril de 1888. Mais tarde, no mesmo ano, uma breve passagem da sua pena em *The Sword and the Trowel* narra uma tentação que ele mesmo pode muito bem ter sentido nesta crise:

“Cometer uma falha num momento crucial pode frustrar totalmente o bom êxito de uma vida. O homem que tem usufruído luz especial faz-se ousado para prosseguir no caminho do Senhor, e é ungido para guiar outros nele. Ele sobe a uma posição em que desfruta amor e estima entre os piedosos, e isso promove o seu progresso entre os homens. E então? Vem a tentação para que ele cuide da posição

¹⁷ 14, 331.

conquistada e que não faça nada que a ponha em perigo. O homem, até então fiel a Deus, compromete-se com mundaneidades e, para aquietar a sua consciência, inventa uma teoria pela qual tais compromissos são justificados e até recomendados. Ele recebe elogios dos “judiciosos”; na verdade, ele passou para o lado do inimigo. Toda a força da sua vida pregressa agora favorece o lado mau.... Para evitarmos esse fim, convém que sempre resistamos firmes”.¹⁸

Em 1891, o último ano da sua vida, houve outro sermão baseado no livro de Daniel, desta vez sobre a determinação dos três companheiros de Daniel que foram lançados na fornalha ardente por sua recusa a sujeitar-se a Nabucodonosor. Na primeira divisão do sermão ele faz uma lista das desculpas que os três homens poderiam ter usado para justificar uma obediência que os manteria fora da fornalha. Eles poderiam ter dito: “Poderemos fazer mais bem vivendo”, morrer “acabaria com as nossas oportunidades de sermos úteis”. Isso Spurgeon expande:

“Ah, meus diletos irmãos! Muitos são os que se deixam enganar por esse método de raciocínio. Eles ficam onde a sua consciência lhes diz que não devem ficar porque, dizem eles, serão mais úteis ficando do que se partirem e ficarem “fora do arraial”. Isso é praticar o mal para que venha o bem, e nunca pode ser tolerado por uma consciência iluminada. Se um ato de pecado multiplicar a minha utilidade por dez, não tenho direito de praticá-lo; se um ato de justiça parecer destruir toda a minha aparente utilidade, ainda assim devo praticá-lo. Cabe a mim e a vocês fazer o que é reto, ainda que os céus caiam, e seguir o que Cristo manda, sejam quais forem as consequências. Isso é “comida forte”, vocês dizem? Sejam fortes, então, e alimentem-se dela...”

*Pois o certo é certo, desde que Deus é Deus,
E o certo o dia há de ganhar;*

¹⁸ *Sword and Trowel*, 1888, 620.

*Duvidar seria deslealdade,
Vacilar seria pecar*.¹⁹

Spurgeon não sobreviveria à luta do Baixo Grau. Depois de passar as primeiras semanas de 1891 em Mentone – lugar que fazia muito tempo ele escolhera para seus retiros quando a saúde lhe fugia – Spurgeon voltou para os nevoeiros e geadas de Londres em fevereiro, e continuou seu trabalho regular até 17 de maio, domingo, quando foi dominado pela enfermidade e pela dor antes do culto vespertino. Depois de um diagnóstico errado de gripe, ele não voltou a pregar até domingo de manhã, dia 7 de junho, e esse culto evidenciou-se o fim dos seus trinta e oito anos de ministério na congregação que, desde a distante primavera de 1854, o tinha cercado de amor e de orações. A semana seguinte ele passou em sua amada Essex, entre os cenários da sua meninice, sendo o seu objetivo guiar um fotógrafo que deveria tirar fotos para inclusão em seu pequeno livro *Memories of Stambourne* (Memórias de Stambourne). Diziam de James Spurgeon, o velho ministro Independente²⁰ de Stambourne, que, depois de sofrer o martírio da gota na meia-idade, mais tarde sobrepujou a moléstia e viveu até à idade de noventa anos. A esperança era que o seu neto tivesse a mesma experiência. Mas não foi assim. Além da gota, agora ele tinha uma doença mortal nos rins. Voltando a Londres, houve três meses de doença terrível, antes de poder dar uns passos aproveitando o calor do sol de setembro. Quanto a ler, escrever e pensar, ele pouco podia fazer agora, conquanto ainda pesassem em seu coração os fardos da controvérsia dos cinco anos passados. De pé na plataforma da estação de *Herne Hill*, no dia 26 de outubro de 1891, antes de partir para Mentone pela última vez, suas palavras de despedida aos seus amigos foram: “A luta está me matando”.

¹⁹ 17, 426.

²⁰ Com inicial maiúscula para indicar categoria em termos denominacionais, não uma independência meramente pessoal. Nota do tradutor.

Contudo, no *Hotel Beau-Rivage*, em Mentone, onde se hospedou com a Sra. Spurgeon, ele ainda esperava um retorno das forças para dar fim aos seus “mudos Sabbaths”. Na última noite do ano e no dia primeiro de janeiro de 1892, quando, apesar do estado muito avançado da sua moléstia nos rins, houve uma enganosa aparência de recuperação da saúde, ele fez duas palestras a um grupo de pessoas em seu quarto. No dia seguinte ele escreveu a Archibald Brown: “Devedores à graça livre e soberana, juntos cantaremos hinos ao nosso Senhor e Redentor, no mundo sem fim”. O último cântico que ele entoou na terra foi com as palavras do hino de Samuel Rutherford: “A areia do tempo escorre”, hino que foi cantado no encerramento de um breve culto no quarto, em 17 de janeiro. Perto do fim daquela semana Spurgeon dissera a seu fiel amigo e secretário, J. W. Harrald:²¹ “Minha obra está feita”. A maior parte da última semana de janeiro ele passou na inconsciência até que, na última hora do último dia do mês,

²¹ J. W. Harrald, nascido em Bury St Edmunds em 1849, era, ele próprio, um ministro do evangelho, e, se necessário, tinha capacidade para ocupar o púlpito do Tabernáculo. Teologicamente era da mesma opinião de Spurgeon. Da primavera de 1878 em diante ele dedicou seus dons literários e de taquígrafo às funções de secretário particular. O valor do seu serviço indispensável e infatigável parece ter sido passado por alto pelos biógrafos de Spurgeon, mas em sua modesta obra sobre a vida de *Joseph William Harrald*, A. Harwood Field provavelmente não exagera quando diz: “Com a morte do seu amado chefe, o Sr. Harrald perdeu o gosto de viver. Ele tinha vivido, pensado, agido e sido uma força para Spurgeon”. Em grande parte, foi graças a Harrald que os sermões de Spurgeon continuaram sendo revisados tão cuidadosamente para publicação nos vinte anos seguintes à sua morte, como tinham sido anteriormente. Quando estava revisando um desses sermões, Harrald foi serenamente chamado para o lar, para Cristo, no dia primeiro de julho de 1912. Depois disso, outros prepararam os manuscritos dos sermões semanais de Spurgeon, cujo número foi decrescendo, até que a grande série foi concluída em 1917. Outro secretário e assessor literário de Spurgeon foi J. L. Keys (falecido em 1899), por cujas mãos passaram todas as publicações de Spurgeon, de 1867 a 1891. *Autobiography*, 3, 201.

O SPURGEON QUE FOI ESQUECIDO

ele cruzou a refulgente ponte para a glória. Seu testemunho pessoal do evangelho do seu Salvador foi completo. Anos antes ele tinha testificado:

“Ah, a ponte da graça suportará o seu peso, irmão. Milhares de enormes pecadores têm passado por essa ponte, sim, dezenas de milhares têm passado por ela. Posso ouvir o ruído dos seus passos agora, quando eles atravessam os grandes arcos da ponte da salvação. Eles vêm aos milhares, às miríades; desde o dia em que primeiro Cristo entrou em Sua glória, eles vêm, e, todavia, nem uma só pedra se soltou daquela ponte. Alguns têm sido os maiores pecadores, e alguns só vieram no último dia de sua vida, mas o arco nunca cedeu ao peso deles. Eu irei com eles, confiante no mesmo suporte; este me agüentará sobre ele, como os tem agüentado”.

No dia primeiro de fevereiro, segunda-feira, nas grades externas do Tabernáculo Metropolitano foram fixadas cópias impressas do telegrama que deu a notícia:

“Mentone, 23h50.

Tabernáculo de Spurgeon, Londres,

O nosso amado pastor entrou no céu domingo, às 11 e 5 da noite. Harrald.”

Uma semana depois, o caixão, com os restos terrenos, permaneceu num ambiente silencioso no Tabernáculo, tendo uma singela inscrição, cuja relevância os que permaneceram com ele na controvérsia sobre o Baixo Grau puderam entender:

Em Saudosa Memória de

CHARLES HADDON SPURGEON

Nascido em Kelvedon em 19 de junho de 1834.

Dormiu no Senhor Jesus domingo, 31 de janeiro de 1892.

“Combati o bom combate, acabei a carreira,
guardei a fé.”

Tornou-se opinião corrente que Spurgeon tinha empregado as palavras do versículo de Paulo como suas últimas palavras pessoais, mas o seu “escudeiro”, J. W. Harrald, que esteve com ele até o fim, negou isso: “Ele não as proferiu; fazê-lo seria contrário a todo o espírito da sua vida; ele tinha uma opinião sobre a sua própria obra e o valor dela, tão humilde que não usaria a linguagem inspirada para referir-se a ela”.²²

²² *Sword and Trowel*, 1892, 131.

Em 5 de fevereiro de 1882, pregando sobre as palavras, “Desde então muitos dos seus discípulos tornaram para trás, e já não andavam com ele” (João 6:66), Spurgeon disse:

“A deserção nesse caso foi por causa da doutrina... A verdade era dura demais para eles, não podiam agüentá-la. “Duro é este discurso; quem o pode ouvir?” Um discípulo verdadeiro senta-se aos pés do seu Mestre e crê no que lhe é dito, mesmo quando não consegue compreender o sentido, ou não vê as razões pelas quais o seu Mestre o diz; mas estes homens não tinham o espírito essencial de discípulo, e, conseqüentemente, quando o seu Instrutor começou a desvendar as partes mais recônditas do rol da verdade, eles não quiseram ouvir a Sua leitura delas. Eles estariam dispostos a crer quanto pudessem entender, porém quando não puderam compreender, giraram nos calcanhares e se foram da escola do Grande Mestre. Além disso, o Senhor Jesus Cristo tinha ensinado a doutrina da soberania de Deus e da necessidade do Espírito de Deus para que os homens sejam levados a Ele, “porque bem sabia Jesus, desde o princípio, quem eram os que não criam, e quem era o que o havia de traír. E dizia: por isso eu vos disse que ninguém pode vir a mim, se por meu Pai lhe não for concedido”. Aqui o nosso Senhor proferiu um bocado da velha e antiquada doutrina da livre graça, doutrina da qual hoje em dia o povo não gosta. Chamam-na “calvinismo”, e a colocam de lado, entre os velhos dogmas repelidos, dos quais esta época iluminada nada sabe. Que direito eles têm de atribuir ao reformador de Genebra uma doutrina velha como os montes eu não sei. Mas o nosso Senhor nunca hesitou em arremessar essa verdade no rosto dos Seus inimigos. Disse-lhes Ele: “Vós não credes porque não sois das minhas ovelhas, como já vo-lo tenho dito”; “Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxe”. Aqui Ele lhes diz claramente que não poderão vir a Ele, a não ser que o Pai lhes dê a graça para virem. Essa doutrina humilhante eles não puderam aceitar, e por isso foram embora.

– C. H. S., SERMONS, 28, 111-112.

8: A Livre Graça e o Baixo Grau em Perspectiva

Nas páginas anteriores procuramos rastrear as convicções de Spurgeon nas três principais controvérsias da sua vida – a controvérsia resultante da sua forte proclamação do “calvinismo” do evangelho no ministério da Rua do Novo Parque, a controvérsia de 1864, sobre a regeneração batismal, e, finalmente, a do Baixo Grau, que drenou as energias dos seus anos finais. Escritores, contemporâneos dele e posteriores a ele, têm igualmente expressado pesar por Spurgeon ter dedicado suas forças a essas disputas: “Aflige-me indescritivelmente”, disse John Clifford em 1888, “ver esse eminente “conquistador de almas” incitar as energias de milhares de cristãos a se engajarem em luta e contenda pessoal, em vez de inspirá-los, como ele podia, a perseverante e heróico esforço para levar as boas novas do evangelho de Deus aos nossos concidadãos”.¹ Spurgeon, o controversista, não foi o verdadeiro Spurgeon, argumentou Clifford. E, de modo geral, estas três controvérsias têm sido tratadas muito superficialmente (se, de fato, tratadas) baseadas no fato de que não representam o Spurgeon “real”. Na Rua do Novo Parque ele era jovem e seus pontos de visto imaturos, ou, na controvérsia Baixo Grau ele estava doente e falhando no seu juízo!

Esse é certamente um modo sumário de lidar com assuntos controvertidos, mas é diretamente contrário às mais profundas convicções do próprio Spurgeon, para quem estas três controvérsias foram eventos da maior importância em

¹ Pike, 6, 297.

seu longo ministério. Indubitavelmente, ele considerava as questões em jogo como de vital significação para o protestantismo e para a futura felicidade da Inglaterra, pois ele via o andamento dos assuntos em disputa lançar sombras sobre o futuro distante – “ajustando aqui, falsificando ali, afetará filhos ainda não nascidos, geração após geração”.² A antítese que Clifford traçou entre a evangelização e a controvérsia era inteiramente falsa.

Spurgeon nunca se afastou da crença expressa tão vigorosamente no primeiro período do seu ministério, em que as doutrinas da graça constituem a única base para uma evangelização válida e para uma fé bíblica, e, por amor da clareza no debate, ele se dispôs a aceitar a designação comum dessas doutrinas como calvinismo. Dessa posição ele nunca se retirou. Um anúncio no *Brighton Examiner*, em 1859, de que ele estava renunciando às suas doutrinas calvinistas provocou a réplica: “A declaração que vocês fizeram quanto à minha retratação da doutrina calvinista é uma invencionice do começo ao fim.... Na doutrina sou como sempre fui, e espero continuar fiel à mesma grande verdade até à morte”.³ Em 1884 ele ainda pôde declarar: “Se todos os homens que vivem ou que viverão rejeitarem o velho calvinismo, restará um que o sustentará, por esta razão – ele não poderia sustentar nenhuma outra coisa. Terei que ser esmagado e posto fora da existência, antes de poderem ser-me tiradas as minhas convicções da verdade das doutrinas da graça em sua forma antiquada”.⁴

Reconhecidamente, quando Spurgeon teve uma congregação mais bem estabelecida no Tabernáculo Metropolitano, onde ele pregou durante trinta e um anos, algumas das ênfases dadas nos tempos da Rua do Novo Parque e do Teatro Musical de Surrey não eram tão proeminentes, e a fusão do calvinismo na ação totalmente abrangente do seu ministério

² *Um Ministério Ideal*, vol. 2, 94-95.

³ Pike, 2, 327.

⁴ 30, 672-683.

era exercida de maneira mais amadurecida que antes. Mas, se o modo de apresentá-la era mais refinado, a doutrina permaneceu inalterada; as mesmas convicções estão subjacentes a toda a sua pregação, e, em vez de achar que tinha ido longe demais em seu calvinismo inicial, ele não perdia de vista a manifesta bênção de Deus àquela mensagem. Falando em 1872, ele disse: “Há quase vinte anos, o nosso ministério teve início nesta cidade, sob muita oposição e crítica hostil... cada um dos nossos sermões estava repleto do antiquado evangelho.... Apresentamos ao mundo as velhas doutrinas dos Reformadores, a verdade calvinista, o ensino agostiniano, o dogma Paulino. Não nos envergonhávamos de ser “o eco de uma evangelização explodida”, como certo sabichão nos chamou”.⁵

Perto do fim da sua vida, quando ele tinha reexaminado os primeiros sermões, antes da sua reedição, ele escreveu: “Alegrei-me por ver que em nenhuma ocasião tive que alterar qualquer das doutrinas que preguei naqueles primeiros tempos do meu ministério”.⁶

Nas três décadas entre a primeira controvérsia de Spurgeon e a última, ocorreram grandes mudanças religiosas na Inglaterra. Por um lado, houve o surgimento do movimento da Alta Crítica, do qual já falamos, e por outro, uma nova enxurrada de atividade evangélica. Os anos que transcorreram em torno de 1859 – época do grande avivamento ocorrido em Ulster (Irlanda do Norte) – viram uma imensa agitação de

⁵ 18, 559. Como resultado dessa maneira de pregar, diz Spurgeon, aqueles que se candidatavam a tornar-se membros da igreja davam “clara prova de que estavam bem instruídos nas doutrinas agrupadas em torno da aliança da graça”. Ele acrescenta: “Acredito que uma razão pela qual a nossa igreja tem sido assinaladamente abençoada por Deus durante todos estes anos é que a grande maioria daqueles que foram acrescentados às nossas fileiras foi muito bem estabelecida na antiquada fé dos puritanos e dos pactuários”. *The Early Years*, 530.

⁶ *The Early Years*, 396.

energia entre os evangélicos: evangelistas como Brownlow North enchiam os teatros da famosa zona do oeste de Londres, sociedades protestantes atulhavam o Teatro Exeter com grandes reuniões, literatura devocional e folhetos eram despejados pela imprensa, e as sociedades missionárias, velhas e novas, estavam enviando homens para todas as partes do império sobre o qual o sol nunca se punha. Em toda essa atividade Spurgeon era proeminente. Suas agências bem sustentadas, como o Orfanato de Stockwell, a Associação de Colportagem e a Sociedade de Evangelistas, estavam em harmonia com o espírito geral de esforço, e Spurgeon dedicava muito do seu tempo a realizações práticas e a uma vigorosa organização.

Contudo, conforme os anos se foram passando, houve indicações de que o evangelismo popular e amplamente espalhado que estava agitando a terra não estava produzindo nas igrejas um compromisso mais profundo com os credos e confissões históricos que os evangélicos (à exceção dos wesleyanos) até então comumente consideravam como declarações definitivas do cristianismo bíblico. Ao contrário, uma tendência distante da velha posição doutrinária estava se desenvolvendo entre aqueles que estavam à testa da obra evangelística e do seu aparente sucesso. Observando essa mudança, o Dr. R. W. Dale, líder congregacional em Birmingham, foi um dos primeiros a assinalar que as convicções doutrinárias de Spurgeon não eram mais representativas do evangelismo da Igreja Livre como um todo. Escrevendo no *Daily Telegraph* no dia de Natal, em 1873, Dale deu as boas-vindas ao novo evangelismo, que ele francamente admitia diferir da velha ortodoxia, e deu sua opinião de “que o calvinismo seria quase obsoleto entre os batistas, não fosse ainda mantido pela poderosa influência do Sr. Spurgeon”. Isso levou Spurgeon a escrever um editorial em *The Sword and the Trowel* intitulado “A Posição Atual do Calvinismo na Inglaterra”, e é de grande interesse como um artigo em que

ele expõe a sua avaliação da situação em fevereiro de 1874. Seu veredicto foi muito diferente do de Dale: “É nossa convicção que o calvinismo, que é nosso deleite pregar, muito longe de ser uma teoria obsoleta, é cada vez mais operativo na mente de uma grande parte do povo cristão.... O que o nosso calvinismo considera idéias firmes da verdade está em ascensão”.⁷

O sentimento e os prospectos de que as verdades calvinistas continuavam e permaneciam uma força no movimento evangélico eram, pois, otimistas. Contudo, ao mesmo tempo em que houve esse intercâmbio com Dale, ocorriam eventos no norte da Grã-Bretanha que, como resultado, imprimiriam poderosa aceleração à mudança que Dale já havia observado. No verão de 1873, D. L. Moody e Ira D. Sankey tinham chegado à Inglaterra com o declarado objetivo de conquistar “dez mil almas para Cristo”. Quase desconhecidos a princípio, suas campanhas em York, Newcastle e Sunderland fizeram com que fossem notados. Depois, chegando à capital escocesa, a convite de alguns ministros, quase no fim de novembro de 1873, eles deram início a nove meses de evangelização que despertou as esperanças dos cristãos de toda a Grã-Bretanha. A resposta à pregação direta de Moody e aos hinos cantados por Sankey foi grande e parecia indicar que uma nova era de avivamento tinha começado. Uma mensagem publicada por Archibald Brown no número de março de 1874 de *The Sword and the Trowel* intitulada “The Coming Revival” (O Esperado Avivamento), falava de “o espírito de avivamento” e sobre “a ressoante maré de entusiasmo religioso em Edimburgo”.⁸ No mesmo número apareceram “Algumas Palavras sobre Objeções a Avivamentos”, de Spurgeon, e, sem mencionar os dois americanos, ele expressou a convicção de “que a presente visitação graciosa que muitas partes da Inglaterra e da Escócia estão desfrutando é do Senhor”.⁹ O número de abril continha o relato de uma fervorosa testemunha ocular sobre

⁷ *Sword and Trowel*, 1874, 49-53.

⁸ *Ibid.*, 113.

⁹ *Ibid.*, 139.

“O Despertamento no Norte”, com a notícia de que pessoas convertidas estavam sendo “acrescentadas à Igreja às centenas” na capital escocesa.¹⁰

Havia muita coisa em Moody que atraía a afeição de Spurgeon. Ele gostava da clareza e simplicidade do ianque. Simpatizou com o espírito empreendedor que levou Moody a sair em busca de homens para Cristo, mostrando compaixão por suas almas, e com a prontidão de Moody para passar por cima de muitas tradições rançosas. Acima de tudo, ele o secundava em sua proclamação da imediata salvação pela fé no sangue de Jesus. Durante muito tempo Spurgeon fora um crítico dos “avivalistas” americanos, mas acreditava que na obra realizada por Moody na Escócia havia algo diferente. Havia um poder presente que era maior do que o homem, e não poucos líderes espirituais da Escócia viam o que acreditavam ser uma visitação divina. Eles consideravam Moody um servo do evangelho num despertamento de escopo mais amplo do que as áreas alcançadas pelos dois americanos; e o fato de que a obra pôde espalhar-se e aprofundar-se em lugares não tocados por Moody confirmava a crença deles num movimento do Espírito de Deus.

Não é de admirar, então, que, quando Moody e Sankey vieram a Londres em 1875, tenham recebido firme apoio do pastor do Tabernáculo Metropolitano. Todavia, a obra no sul não foi semelhante à que fora testemunhada no norte. A tentativa de alguns ministros de usar a visita deles para um amplo esforço evangélico falhou porque havia um “quase instantâneo colapso das reuniões” tão logo os evangelistas partiam para outro distrito.¹¹ Sobre as reuniões missionárias que foram mantidas Spurgeon escreveu: “As grandes salas ficavam cheias de cristãos, e assim os incrédulos eram deixados fora, e o trabalho era completamente diferente do que se fazia em todos os locais de culto, e muitos que foram

¹⁰ *Sword and Trowel*, 1874, 153.

¹¹ Pike, 5, 154.

convertidos ainda não se deram bem em freqüentar as casas de oração regulares. O estado de coisas em Londres era muito diferente do da Escócia, e se (como receíamos) o resultado é diferente, os honrados homens de Deus são, não obstante, aceitos por seu Senhor”.¹²

Esse é o pano de fundo das missões de Moody de 1873-1875. Nosso propósito em introduzir o assunto não é avaliar a frutificação espiritual da obra, e sim relacioná-la com o modelo emergente de mudança doutrinária. Spurgeon aceitou Moody como pertencente à tradição calvinista. Falando da reação a Moody em Sunderland em 1873, ele comenta: “Tendo farejado a sua “teologia calvinista”, os wesleyanos teriam encontrado motivo para justificar uma firme oposição, se o sábio conselho do Dr. Punshon não os tivesse levado a adotar um curso de ação oposto”. Moody foi para a Escócia, diz ele, com “inatacável testemunho de que tudo era ortodoxo”.¹³

O subsequente desdobramento dos eventos, como agora os conhecemos, tornou-nos impossível concordar com a atitude de Spurgeon de colocar Moody no lado calvinista.

¹² *Sword and Trowel*, 1876, 87. “Vimos poucas conversões decisivas, depois das missões em Londres”, disse Spurgeon. Essa idéia ele reviu mais tarde (*ibid.*, 530), embora pareça que a sua opinião seja: “Os Srs. Moody & Sankey são dois abençoados homens de Deus, e se os que foram convertidos naquela ocasião se desvaneceram, a culpa não é deles”. *Letters of C. H. Spurgeon*, 1923, 219. As missões de Moody não tinham por base a igreja, mas a frouxa cooperação de todas as denominações. Para Spurgeon, notando ele o crescente abandono da verdade na Igreja da Inglaterra, essa política foi um sério empecilho para a ação unida, e ele falou enfaticamente contra a cooperação com “uma Igreja estabelecida semipapal. Isso está honestamente registrado em *The Sword and the Trowel*, e não é uma “nova luz subsidiária sobre Spurgeon”, como um recente biógrafo de Moody supõe, *Moody Without Sankey* (Moody sem Sankey), J. C. Pollock, 1963, 139.

¹³ Essas palavras aparecem no mais longo comentário de Spurgeon sobre a obra de Moody, num artigo em que analisa o livro, *D. L. Moody and His Work* (D. L. Moody e Sua Obra), de W. H. Daniels, *Sword and Trowel*, 1876, 84-87.

Contudo, não era fácil ver na ocasião o rumo que a evangelização de Moody estava tomando. Uma coisa é certa: exceto quanto à necessidade de salvação imediata, nenhum tipo de teologia era proeminente na pregação. “Certamente os sermões de Moody não eram intelectuais”, escreveu um simpatizante chegado, “eram apelos claros, sinceros, um tanto bruscos.”¹⁴ A doutrina como tal não era a esfera de Moody. Mas, o respaldo de presbiterianos calvinistas e o aparente toque de genuíno avivamento deram às pessoas a certeza de que havia pureza na pregação.

Ao menos um contemporâneo de Spurgeon, homem que foi um dos maiores pregadores evangélicos que já surgiram na Escócia, dissentiu do conceito popular. Trata-se de John Kennedy (1819-1884), de Dingwall, que, num provocante panfleto intitulado, *Hyper-Evangelism* (Hiperevangelização), criticou algumas das principais características do ensino e da prática de Moody. A barragem de censuras que Kennedy recebeu colocou Spurgeon nalguma dificuldade, pois os dois homens eram amigos firmes. Acreditando que Kennedy estava enganado, Spurgeon, não obstante, saiu em defesa do seu caráter:

“Entristece-nos ler a cada passo as mais amargas reflexões sobre o Dr. Kennedy, como se ele fosse um inimigo do evangelho. Ora, nós sabemos que ele é o melhor e o mais santo dos homens, e absolutamente não é merecedor de severa censura. Nada senão o zelo pela verdade o moveu, estamos totalmente certos disso. Ele receia que as doutrinas da graça sejam esquecidas, e é zeloso pela soberania divina. Preocupa-se também de que a obra deva mais à música que

¹⁴ W. G. Blaikie, *An Autobiography*, 1901, 334. Blaikie, em cujo lar, em Edimburgo, Moody passou a maior parte do inverno de 1873-1874, acrescentou ainda: “É um fato significativo que o Sr. Moody encontrou as pessoas que mais se impressionaram e que mais simpatizaram com ele entre os membros das nossas famílias piedosas e das nossas congregações piedosas”.

à força da verdade, e que seja mais obra de vibração carnal do que do Espírito Santo. Acaso seria um pecado totalmente imperdoável sentir tão sagrada inquietação?”¹⁵

Moody parecia um bom exemplo de alguém que, diferentemente dos evangelistas anteriores, podia pregar o simples evangelho da conversão e do perdão sem ser distintivamente calvinista ou arminiano. Enquanto que, no caso de Brownlow North e de Charles G. Finney, a evangelização deles imediatamente exibia o seu sistema teológico, com relação a Moody era diferente. Por isso muitos calvinistas aceitaram Moody como evangelista, embora conscientes de suas deficiências como mestre. Mas Kennedy não podia aceitar essa análise. Ele não cria na existência de algo como um evangelho simples, um ponto a meio caminho entre o calvinismo e o arminianismo; antes, alguém que prega as centralidades da salvação *tem que* ser, ou calvinista, ou arminiano, mesmo que à primeira vista ele não *pareça* ser nem um nem outro. Kennedy se opôs a Moody, não meramente porque Moody deixava de lado certas verdades, mas porque, ao fazer isso, ele estava silenciosa porém inevitavelmente promovendo um tipo de pregação do evangelho que, em sua tendência geral, forçosamente iria enfraquecer tanto a ortodoxia como a evangelização conhecidas pela Escócia desde a Reforma.¹⁶ Escritores do século vinte que escreveram sobre a

¹⁵ *Sword and Trowel*, 1875, 142. A obra de J. C. Pollock, *Moody Without Sankey*, repete as velhas caricaturas de Kennedy, 118-120.

¹⁶ A diferença entre os calvinistas então contemporâneos em sua avaliação de Moody é carregada de interesse. Horatius Bonar, conhecido por sua oposição ao arminianismo nos primeiros anos, replicou à obra *Hyper-Evangelism* de Kennedy. Kennedy respondeu com *A Reply to Dr. Bonar's Defence of Hyper-Evangelism* (1875). Como Spurgeon, Bonar não diferia de Kennedy quanto à teologia básica, mas sim quanto à questão sobre se, de fato, as missões de Moody eram de tendência arminiana. A minha própria impressão probatória desse desacordo é que Bonar se indispôs a dar azo à crítica teológica por causa da frutuosidade das missões, ao passo que > >

influência das missões de Moody – a favor ou contra a teologia de Kennedy – concordam com sua opinião sobre a tendência da nova evangelização. Carnegie Simpson, em sua obra *Life of Principal Rainy* (Vida do Diretor Rainy), observa que o velho calvinismo estava em declínio na Escócia antes de 1873 (“já não eram Hodge ou Cuningham os homens lidos principalmente, nem talvez sequer Agostinho ou Calvino”), e passa a expor como a missão de Moody apressou a mudança operada na atmosfera teológica – mudança que Simpson considerava como estando na direção certa: “A pregação de Moody, de um “evangelho livre” para todos os pecadores fez mais até do que o ensino de John MacLeod Campbell para aliviar a Escócia em geral – quer dizer, exceto um limitado número de mentes seletas – da velha doutrina do hipercalvinismo e daquilo que os teólogos chamam “expição limitada”, e para dar a conhecer o sentido do amor e da graça de Deus para com todos os homens”.¹⁷

O finado Diretor John MacLeod, da Faculdade da Igreja Livre, Edimburgo, escrevendo do ponto de vista oposto, refuta a acusação de que Kennedy não pregava a oferta do evangelho, e passa a avaliar a razão pela qual Kennedy levantou uma advertência em relação ao ensino de Moody. Falando primeiro de Kennedy, ele diz:

“Nenhum homem, em sua geração, teve mais consciência

<< Kennedy provavelmente não deu suficiente valor aos benefícios imediatos que acompanhavam a obra de Moody na Escócia. Bonar viu as bênçãos imediatas e não viu necessidade de cautela; Kennedy viu primeiro as implicações doutrinárias a longo prazo, e com isso chegou a conclusões muito mais críticas. A abordagem de Spurgeon foi praticamente a mesma de Bonar. Ele de modo nenhum pensava em dar assentimento ao arminianismo (na verdade, Charles G. Finney foi fortemente criticado nessa ocasião em *The Sword and the Trowel*, 1876, 213-218; o que aconteceu foi só que ele não via o perigo que Kennedy discerniu. O panfleto de Kennedy, *Hiper-Evangelism*, pode ser lido em *The Banner of Truth*, N°. 6.

¹⁷ *The Life of Principal Rainy* (edição popular), 1, 408. Campbell (1800-72) foi deposto do ministério da Igreja Escocesa em 1831, após acusação de heresia.

do que ele em proclamar como o evangelho uma mensagem tão completa quanto livre, e tão livre quanto completa. Era, porém, o dia de maré vazante e o calvinismo definido e extremo de outros tempos estava saindo da moda e cedendo lugar a uma apresentação do evangelho que, sem ser pronunciadamente arminiana, evitava a ênfase que os velhos evangélicos davam ao novo nascimento como uma intervenção divina. Essa mensagem modificada colocava a sua ênfase na necessidade que o pecador tem de perdão, com a eclipse da necessidade igualmente urgente que ele tem da regeneração. Salientava a retificação da sua vida e não dava suficiente proeminência à sua necessidade de mudança do coração. Nesta conexão o evangelismo mais recente falava menos do Espírito e Sua obra e da provisão feita em Cristo para o andar em novidade de vida, do que o fazia a mensagem mais completa que mostrava de maneira igualmente clara a urgente necessidade do homem ter renovada a sua natureza e a de ter aceita a sua pessoa”.¹⁸

Parece-nos que as idéias de Spurgeon sobre o estado do calvinismo em 1874 não estavam bem fundamentadas. Sem ter sofrido mudança em suas crenças, ele foi otimista ao acreditar que a tendência evangélica era em direção à sua posição, não em afastar-se dela. Com essa esperança, ele refutou as referências de Dale ao calvinismo como obsoleto, e, diversamente do Dr. Kennedy, não considerou que as missões de Moody tinham grave tendência para deserções doutrinárias.

Uma coisa é certa: por volta da década de 1880, Spurgeon passou a ver que a maré não era pró, mas contra o calvinismo. Quando Dale, em 1881, ratificou a sua crença em que “O Sr. Spurgeon está sozinho entre os líderes modernos

¹⁸ *Scottish Theology* (Teologia Escocesa), 1943. Quanto à penetrante análise que J. C. Ryle faz do tipo de teologia popularizada pelas missões de Moody, cf. *Holiness* (Santidade), 1952, 74-75.

do não-conformismo evangélico em sua fidelidade ao velho credo calvinista”, Spurgeon não tentou refutá-lo.¹⁹ Falando com o editor da *Pall Mall Gazette*, em junho de 1884, Spurgeon fez a seguinte significativa declaração:

“Em teologia, estou onde estava quando comecei a pregar, e estou quase só... Mesmo aqueles que ocupam púlpitos batistas não pregam exatamente as mesmas verdades que eu prego. Eles vêem as coisas diferentemente; e, naturalmente, pregam a seu modo. Embora poucos neguem o maravilhoso poder da verdade pregada no Tabernáculo, ela não está em consonância com os métodos deles; contudo, é o método calvinista de ver as coisas que faz com que os meus sermões tenham tanta aceitação na Escócia, na Holanda, e até no Transvaal,²⁰ onde um viajor recente expressou a sua surpresa ao ver traduções deles junto da Bíblia de família em muitas quintas ou chácaras do país. Estou ciente de que as minhas pregações causam repulsa a muitos; isso eu não posso evitar”.²¹

A mesma consciência da crescente rejeição da velha teologia transparece também em seus últimos sermões. Pregando na Capela de Upton, em Lambeth, disse ele:

“*Cremos na Aliança de Deus*. Essa é uma palavra estranha, ignara, para os ouvidos de alguns. Temos amigos dos quais se sabe que nunca a ouviram; se perguntassem aos seus pastores porque nunca pregaram sobre a aliança, eles responderiam: “Aliança! Isso é coisa escocesa, não é? Não seria algo que tem a ver com os puritanos e com homens dessa laia? Eles estão todos mortos agora; ao menos quase todos; só restam alguns deles, como fósseis de antigos tempos; eles se agarram a essa forma obsoleta de religião, porém são tão poucos que logo estarão completamente extintos!” É o que *eles dizem*, irmãos; mas veremos; e, enquanto isso, nós, pobres fósseis, cremos na

¹⁹ *Sword and Trowel*, 1881, 85.

²⁰ Populosa província da região norte da República da África do Sul. Nota do tradutor.

²¹ *Autobiography*, 4, 240-241.

aliança; somos quase tão absurdos como Davi, que disse: “(Deus) estabeleceu comigo um concerto eterno, que em tudo será bem ordenado, e guardado” (2 Samuel 23:5). Quem entende o concerto, a aliança, chegou ao âmago e à essência do evangelho; entretanto, quão poucos se preocupam com isso hoje em dia!”²²

Embora ciente, como estava por volta da década de 1880, da crescente hostilidade para com as doutrinas da graça, Spurgeon não poderia antecipar o furacão de críticas e insultos que irrompeu contra o calvinismo assim que começou a controvérsia do Baixo Grau. Na verdade, ele tinha direito de ficar surpreso, pois, à primeira vista, o calvinismo não tinha nenhuma conexão com a controvérsia do Baixo Grau, e ele tivera o cuidado de salientar logo no início que a questão se relacionava com a negação moderna daquelas verdades cristãs básicas que por longo tempo eram posse comum dos evangélicos, tanto calvinistas como arminianos. Dirigindo-se a colegas pastores batistas em 1881, ele declarou: “Não desejo impor nenhuma doutrina minha, nem mesmo o velho e grande calvinismo; mas isso não é questão de calvinismo, e sim da deidade de Cristo”.²³ Novamente, falando sobre “Os Males da Época Atual”, ele disse: “Costumávamos debater a redenção particular e a geral, mas agora os homens questionam se há alguma redenção que mereça o nome”.²⁴

Não obstante, mal a acusação de Spurgeon contra a incredulidade religiosa foi feita, no verão de 1887, ele foi atacado por causa daquelas doutrinas “estretas” que o distinguiam dos outros. Ele estava fora do passo em relação a todos os demais, diziam, porque o espírito de João Calvino “flutuava sobre ele como um pesadelo”. Segundo *The Birmingham Daily Post*, a chave da renúncia de Spurgeon à

²² *Sword and Trowel*, 1892, 391.

²³ Pike, 6, 301.

²⁴ *Um Ministério Ideal*, vol. 2, 60. Ver também *Sword and Trowel*, 1888, 563.

União Batista foi que ele era “um calvinista convicto e veemente”.²⁵ *The Sunday School Chronicle* culpou Spurgeon de “fazer dos contornos precisos da sua própria teologia o padrão pelo qual ele mede a fidelidade ao evangelho”. “Ele é calvinista”, continua o mesmo periódico, “mas não é justo julgar a ligação de um homem ao ensino de Cristo e dos Seus apóstolos nem mesmo pelo padrão de uma autoridade tão respeitada como o catecismo da Assembléia”.²⁶ Um ministro escreveu em *The Congregational Review*: “O que tem sido recusado não é a fé, e sim, mormente o calvinismo... Uma geração anterior era calvinista à medula. Na verdade, não faltavam aqueles que tratavam o calvinismo como o credo essencial dos congregacionais. Não é mais assim... pelo que me parece, não só os mais jovens, mas os ministros congregacionais se afastaram em massa para longe daquele ponto de vista calvinista que o Sr. Spurgeon ainda sustenta corajosamente”. *The Methodist Times* pensava o mesmo: “Não se pode ocultar mais que o Sr. Spurgeon não tem contato com a nova democracia e com a mais nova geração de evangélicos devotos. Ele está parado, mas a Igreja de Deus move-se para a frente... as antiquadas fórmulas puritanas o estão impelindo a um campo reacionário e vencido”.

Outros empregavam linguajar menos moderado. Um incrédulo, escrevendo em *The National Reformer*, asseverou: “Se existisse um ser tão terrível como o Deus do Sr. Spurgeon, eu não o adoraria”.²⁷ Similarmente, vieram declarações dos de

²⁵ Citado por Pike, 6, 288.

²⁶ Esta citação, e muitas de outros jornais e periódicos religiosos que se seguem, tomei dos álbuns de recortes originalmente pertencentes a Spurgeon e agora preservados na *Heritage Room* (Sala de Bens Herdados), na Escola de Spurgeon, Londres. Esses álbuns de recortes, pouco utilizados, deverão ser uma fonte principal para quaisquer biógrafos futuros de C. H. S.

²⁷ “A Word to Mr. Spurgeon” (Uma Palavra ao Sr. Spurgeon), primeiro de junho de 1890.

dentro da igreja. Um ministro batista de Leicester escreveu em *The Christian World*, número de 22 de setembro de 1887: “Espero que amo o Livro Santo, porém não o leio como o Sr. Spurgeon o lê. O Deus da teologia do Sr. Spurgeon não é o meu Deus”. No mesmo número dessa publicação, J. P. Williams, um ministro congregacional de Yorkshire, escreveu: “Endosso plenamente a opinião do finado Henry W. Beecher, de que a velha forma calvinista de expor a verdade cristã está na raiz de grande parte do ceticismo da época. Então, em vez de eu temer, saúdo com deleite o desejo que prevalece no púlpito e em seus ouvintes atuais de uma nova exposição da verdade cristã”. Um periódico de Glasgow, *The Theological Reformer*, trouxe, em outubro de 1887, um artigo intitulado “O Calvinismo e o Sr. Spurgeon”. O escritor elogiou Charles G. Finney e João 3:16, mas protestou: “Contudo, o calvinismo é um infinito afastamento dessa concepção evangélica das coisas. *João Calvino (o papa infalível do Sr. Spurgeon)* nunca foi convertido, porém toda a sua vida foi um ímpio...”.

O Rev. T. R. Stevenson, membro do Conselho da União Batista em 1887, achou necessário enviar suas rigorosas censuras contra a crença de Spurgeon ao *Derby Daily Telegraph*:

“O Rev. C. H. Spurgeon é um homem nobre. Todos nós o admiramos. Sua generosidade e sua abnegação são notórias. Amá-lo e valorizá-lo chega a ser um dever. *Mas ele não é infalível.* Muita coisa da sua teologia não é digna dele. Choca-se com a Bíblia; opõe-se aos melhores instintos da humanidade.

“Para ser franco, o calvinismo teve o seu dia. Ele está mortalmente enfermo. Todos os restaurativos, tão diligentemente administrados por seus amigos, não o salvarão. Graças aos céus, o mundo superou isso e nada mais lhe resta fazer senão sorrir de dó por causa da ignorância que ele manifesta. Uma perna está no túmulo; onde estará a outra daqui a cinquenta anos? Que ali descanse para sempre.

“Seu servo a seu dispor, T. R. Stevenson – 7 de abril de 1887.”

O mesmo escritor escreveu em *The Christian World* de 16 de fevereiro de 1888: “A insatisfação dominante, para não dizer a repugnância, causada pelo calvinismo é mais que óbvia. Não há nada que choque mais a gente. A imprensa e os freqüentadores das igrejas, em nove casos entre dez, manifestam completo horror pelas odiosas doutrinas de Genebra”.

Apesar de tudo o que Spurgeon asseverava contrariamente, por todos os lados se repetia a acusação de que o que ele realmente queria era levar a União Batista a comprometer-se com o calvinismo. E quando a associação dos ex-alunos da sua escola foi dissolvida a fim de ser realinhada sobre uma base que incluía três pontos, as doutrinas da graça, o batismo dos que crêem e os zelosos esforços para a conquista de almas para Cristo, houve mais um brado de ultraje sobre o primeiro ponto. George Hill, um ministro em Leeds, escreveu: “O Sr. Spurgeon deseja excluir da Conferência todos os ministros que, depois dos seus tempos escolares, aprenderam alguma coisa acerca dos procedimentos de Deus com os homens, a não ser que o seu novo aprendizado concorde com o que se acha nas obras *Esboços de Teologia*,²⁸ de Hodge, e *Divine Sovereignty* (Soberania Divina), de Coles. Outro enraivecido escritor, em *The Christian World*, depois de citar Hodge e Coles juntamente com passagens calvinistas extraídas dos sermões de Spurgeon, deplorou o que ele alegava ser a intenção de Spurgeon: “A fim de fazer desses dogmas terríveis, mais uma vez, a base do credo da União Batista, tumultuar a Assembléia Anual e partir em duas a Associação”.

Essas citações indicam a tempestade de opiniões que havia contra a fé calvinista dentro do não-conformismo na década de 1880. Elas revelam também algo da hostilidade

²⁸ Publicado em português pela PES, em 2001

mostrada para com o único líder da Igreja Livre que permanecia fiel àquilo que uma vez fora igualmente a fé histórica dos presbiterianos, dos congregacionais e dos batistas. Às vezes a crítica tocava profundidades que bem poderiam ter sido deixadas no olvido, e, todavia, se devemos entender os anos finais de Spurgeon e, mais importante, a revolução teológica daquele tempo, é preciso conhecer tudo o que foi registrado. Em 1890, *The Christian World*, jornal que tanto havia feito para atacar a ortodoxia, apresentou Spurgeon como “consumindo-se em desespero”. A descrição era falsa, mas certamente havia bastante crueldade e desonestidade em alguns dos oponentes de Spurgeon para levar ao desespero qualquer homem não sustentado pela graça de Deus. Para espanto de muitos, foi o jornal declaradamente evangélico, *The British Weekly*, que foi mais longe ao publicar, em 25 de abril de 1890, um “Carta Aberta a Spurgeon”, de Joseph Parker – um líder não-conformista de Londres que provavelmente só era superado por Spurgeon na influência do púlpito na capital. Entre as mordentes palavras de Parker estavam as seguintes:

“Quando as pessoas me perguntam o que penso de Spurgeon, sempre pergunto qual Spurgeon – a cabeça ou o coração – o Spurgeon do Tabernáculo ou o Spurgeon do orfanato? A espécie de calvinismo ocasionalmente apresentado eu simplesmente odeio tanto como odeio o egoísmo e a blasfêmia. É o calvinismo sardônico, escravizador, manhoso e fingido que diz: “Louvado seja Deus, estamos todos bem, garantidos como estamos de ir direto para o céu, e de primeira classe”... Mas, quando me volto para o orfanato, tudo muda. Tudo é beleza. Tudo é amor...”

Difícilmente a inimizade para com a verdade pode descer mais baixo do que essa caricatura da graça de Deus envolta na linguagem de parcial admiração por seu porta-voz!

À luz do que acima foi exposto, não admira que os jornais de fora do círculo do não-conformismo tenham considerado o Baixo Grau como um protesto inútil de

Spurgeon pelo passamento do calvinismo.

Do lado anglicano, *The Church Review*, de 12 de abril de 1889, continha um artigo intitulado “*The Revolt Against Calvinism, e Depois... ?*”:

“O movimento mortal contra a Confissão de Fé parece avolumar-se rapidamente... mesmo os formidáveis e duríssimos ataques feitos pelo Dr. Parker à Igreja presa a um credo são apenas velados protestos contra o documento ao qual ele, como tantos irmãos dele, está preso...

“Quanto à Confissão de Westminster, naturalmente é desnecessário dizer que não temos a menor simpatia por ela. Esse tenebroso epítome do calvinismo foi composto expressamente contra a Igreja (Anglicana) em tempos tumultuosos, e, como aconteceu com muitas armas dirigidas contra ela, agora, quase 300 anos depois, ele está se voltando contra aqueles que até aqui sustentavam suas provisões... Com relação ao recuo e abandono do calvinismo, não vemos nada senão motivo para congratulações”.

O conceito geral foi habilmente resumido por *The Unitarian Herald* de 11 de novembro de 1887. O escritor concordou com o julgamento que dizia que o fato de Spurgeon retirar-se da União Batista foi devido à sua insistência no calvinismo. E continuou:

“Não pode haver nenhuma dúvida quanto ao rumo que a corrente maior está seguindo. Os pensamentos que as pessoas nutrem acerca do caráter de Deus e dos destinos do homem no mundo vindouro têm passado por enorme transformação nos últimos anos... O que é pregado e crido atualmente está muito à frente daquilo que os nossos piedosos ancestrais estavam habituados a ouvir como sendo a Palavra de Deus. O Sr. Spurgeon e seus amigos formam tão-somente uma corrente retardada ou um refluxo das águas na caudal do progresso religioso. Poderíamos ser tentado, ao vermos a imensa multidão que segue o Sr. Spurgeon, seu número e a energia da sua fé, a dizer: “Ora, este homem tem

o povo com ele”; mas essa conclusão seria incorreta. Não se atinge o rompimento da ortodoxia sem que fiquem a lutar alguns sobreviventes numa era que seguramente a está deixando para trás. Não pode haver dúvida sobre esse ponto. As autoridades da denominação batista estão perfeitamente cientes do que está acontecendo; e, poderoso como sempre tem sido entre eles o nome do Sr. Spurgeon, elas sabem que não devem tomar o seu lado contra os mais jovens, que têm consigo o espírito da época... O grande homem tem que ir embora; o grande homem não é nada diante da marcha do espírito da época”.

Muitos se uniram dessa maneira na asserção de que a teologia de Spurgeon não se adequava às necessidades e ao espírito dos tempos modernos. Contudo, a despeito da confiança gerada entre eles pela força do seu número, esses críticos não tinham consciência de que a história e a continuada influência sem rival do Tabernáculo Metropolitano deram muitíssimo peso à sua réplica de que eram *eles* que não sabiam ajudar os homens. À luz dos efeitos do ministério de Spurgeon, será que a sua doutrina era tão antiquada e tão inútil como eles queriam representá-la? Portanto, a credibilidade da causa dos críticos dependia, como eles freqüentemente percebiam, de uma demonstração de que não se podia relacionar o sucesso de Spurgeon com o calvinismo que ele pregava.

Às vezes a demonstração consistia da “prova” de que outros pregadores que se supriam dos puritanos eram completos fracassos. Um ministro batista, ansioso por persuadir os seus colegas de que não se deixassem enganar, tratou desse assunto no curso de uma palestra numa reunião da União Batista do Interior. Um dos seus colegas de estudos em Bristol, disse ele, tinha dedicado quatro horas por dia à “teologia puritânica”. Após esse “excesso”, surgiram dúvidas em sua mente quanto ao valor de tais estudos. “Em sua perplexidade, consultou um eminente ministro (C. H. S.), que

procurou restabelecer-lhe a confiança por meio de um cartão postal no qual estava escrito: “Certamente, leia os puritanos, eles valem mais do que toda a resma moderna junta”. Então, durante quatro anos o estudante foi saturando-se de literatura puritana e, afirmou o orador, com desastrosos resultados! “Nenhuma congregação queria vê-lo, e ele pensou seriamente em reassumir a sua carreira secular. Em seu desespero, ocorreu-lhe uma idéia feliz. Afrito, vendeu cada tira de papel puritano que possuía e, com o produto, comprou Stopford Brooke, Robertson, e mais alguns da mesma escola, e em poucas semanas conseguiu uma igreja.” Por tais palavras de sabedoria, o orador recebeu voto unânime de gratidão do grande número de ministros batistas ali presentes.²⁹

Numa carta a *The Christian World* de 22 de setembro de 1887, W. Copeland Bowie deu apoio a francas asserções que negavam qualquer conexão entre a teologia de Spurgeon e a sua influência:

“O Sr. Spurgeon professa desprezar ou ignorar a ciência, a crítica, bem como a vida e o pensamento progressistas dos dias atuais. Ele é calvinista ortodoxo, e, todavia, as pessoas se ajuntam aos milhares para ouvi-lo. Deveríamos concluir, então, que o calvinismo é o que os indiferentes e os sem igreja necessitam e desejam? Acaso todas as igrejas e capelas nas quais a teologia de fogo e sangue é proclamada em alta e clara voz estão lotadas? Sua oratória e sua fama, seu genuíno zelo e sua genuína bondade, e não o seu calvinismo, é que tornam tão difícil conseguir assento no Tabernáculo aos domingos... Apesar do seu sucesso pessoal, não há nada que mostre que o calvinismo é capaz de salvar o mundo de hoje do seu pecado e da sua dúvida”.

Passamos agora a fazer algumas observações gerais sobre a conexão entre o calvinismo e a controvérsia do Baixo Grau.

²⁹ Relatado em *Word and Work* (Palavra e Ação), 24 de fevereiro de 1888.

Apresentam-se imediatamente algumas perguntas: como foi que os evangélicos que não eram calvinistas deixaram tão singularmente de dar apoio a Spurgeon na controvérsia dentro da União Batista? E mais, por que a igreja de Spurgeon esteve na União, se a oposição à velha perspectiva doutrinária era tão forte? Uma olhada retrospectiva é necessária neste ponto. Na primeira reunião da União Batista em 1812, presidida pelo predecessor de Spurgeon, John Rippon, foi formulada uma declaração doutrinária que, especificando a eleição pessoal e a redenção particular, limitou a associação às igrejas batistas calvinistas – depois conhecidos como “Batistas Particulares”. No interesse de uma associação mais ampla, essa declaração foi abandonada em 1832, e posteriormente as igrejas batistas “Gerais” (evangélicas arminianas) aos poucos foram entrando na União. Em 1863 essas igrejas batistas “Gerais” só constituíam um terço das que havia na União, sobrepujadas consideravelmente em número pelas igrejas professadamente calvinistas. Dez anos depois dessa data notamos a opinião de Spurgeon de que o calvinismo era “crescentemente operativo” e que, portanto, ele não via razão para temer o desaparecimento da velha teologia da União Batista.³⁰ Foi a controvérsia do Baixo Grau que produziu, não somente o aumento da fé liberal nas fileiras da União, mas também o desejo geral de que os velhos credos calvinistas fossem obliterados. Na época em que John Clifford, um batista geral, tinha se tornado Presidente da União Batista, nos críticos anos de 1888-1889, a minoria de outrora se tornara uma poderosa maioria!

Se, como de início Spurgeon esperava, ele tivesse tido

³⁰ Numa carta a um correspondente que tinha chamado a sua atenção para um ministro batista que andava pregando o erro, Spurgeon replicou em 29 de dezembro de 1877: “Quanto eu saiba, não existem mais que uns doze homens levianos em nosso meio, mas um ataque feito a um deles poderia criar um mártir de um partido e causar um mundo de problemas para muitos elementos fiéis entre nós”. (Cópia na *Heritage Room*, Escola de Spurgeon.)

sucesso em unir todos os evangélicos dentro da União com base naquelas verdades que eram sustentadas em comum, alguns liberais poderiam ter sido forçados a retirar-se. No entanto, mesmo supondo que emergisse uma associação de igrejas batistas evangélicas, há motivo para acreditar que tal união não poderia durar; o velho evangelismo calvinista, com sua grande herança e distintiva literatura, pertencia a uma esfera étnica muitíssimo diferente do evangelismo anti-confessional então em ascendência para possibilitar uma união duradoura.

Num sentido era injusto tanto liberais como evangélicos culparem o calvinismo de Spurgeon por seu afastamento da União, pois ele foi sincero em sua declaração de que não era esse modelo de doutrina que ele procurava impingir à União.³¹ Noutro aspecto, porém, aqueles que divergiam de Spurgeon estavam certos em considerar os seus juízos e ações como inseparavelmente ligados ao seu ponto de vista doutrinário. Credo como ele cria que o cristianismo calvinista é o cristianismo bíblico, os seus críticos o consideravam inevitavelmente prejudicado em sua avaliação do cenário religioso então contemporâneo. Nisso eles estavam certos. A teologia de Spurgeon coerentemente governava a sua total perspectiva: “Calvinismo significa a colocação do Deus eterno na chefia de todas as coisas. Vejo todas as coisas através da sua relação com a glória de Deus. Vejo Deus primeiro, e o homem lá embaixo na lista. Pensamos muitíssimo em Deus, pelo que não agradamos a esta época”.³²

Os evangélicos arminianos tendiam a ver a luta contra a Alta Crítica como uma diferença sobre doutrinas particulares, e não como uma diferença de atitude e de espírito. A força da oposição de Spurgeon ao pensamento liberal não era só que ele o considerava errôneo, mas que o considerava

³¹ *Sword and Trowel*, 1888, 563.

³² *Um Ministério Ideal*, vol. 2, 84.

fundamentalmente errôneo no *espírito*. No cerne da nova teologia havia incredulidade na revelação divina, e assim, para Spurgeon, as pretensões dela, seu brilho intelectual e suas reivindicações feitas em nome do “progresso” ou da “ciência”, nada mais eram que uma evidência do orgulho do homem não regenerado. Sua acusação, numa palavra, contra o movimento do Baixo Grau era que esse movimento se centralizava no homem; em vez de submissão à Palavra de Deus, insistia na acomodação à sabedoria humana: “A nova religião praticamente coloca o “pensamento” acima da revelação e constitui o homem juiz supremo do que deve ser verdade”. O espírito da Alta Crítica foi a sua condenação, e seus mestres, longe de possuírem conhecimento superior, iriam mostrar, se persistissem na incredulidade, que não foram ensinados e escolhidos por Deus.³³

Poucos evangélicos arminianos do tempo do Baixo Grau cuidaram de endossar tal avaliação da situação. Spurgeon tomou base mais alta. Ele julgava as coisas partindo do seu aspecto voltado para Deus, e pouco se pode questionar que foi esse ponto de vista teológico que primariamente foi responsável por seu isolamento no fim.

Contudo, o evangelismo vago e não calvinista das décadas de 1870 e 1880 em geral não só falhou não fazendo firme resistência contra a Alta Crítica, mas também se pode até afirmar que ele serviu aos interesses daquele movimento. Às vezes era dado apoio tácito por evangélicos professos como, por exemplo, pelo Dr. John Clifford, que se poderia associar aos que negavam a deidade de Cristo porque acreditava que o “movimento evangélico” e o liberalismo teológico poderiam unir-se.³⁴ Com maior freqüência, era dada ajuda

³³ Cf. o seu sermão sobre João 6:45, intitulado *Choice Teaching for the Chosen* (Ensino Escolhido para os Escolhidos), 45, 38.

³⁴ A posição de Clifford ficou esclarecida no Baixo Grau; antes disso Spurgeon tinha dirigido cultos para Clifford. Uma vez, no gabinete paroquial deste, antes do culto, Spurgeon abriu o coração: “Não posso >>

inconscientemente ao movimento da Alta Crítica por homens que no coração não tinham nenhuma simpatia pela incredulidade nas Escrituras. Notamos anteriormente que o ascendente movimento evangélico da década de 1870 era adoutrinário em sua ênfase e não se interessava pelos credos históricos. Forte no zelo e fiel na pregação da necessidade de uma experiência de conversão, não obstante foi especialmente vulnerável ao velho erro do deísmo, que os mestres da Alta Crítica tinham revivido, a saber, que uma pessoa pode ter uma experiência verdadeiramente cristã independentemente do que ela creia ou não creia.

Uma grave fraqueza do ministério de D. L. Moody foi que ele não foi suficientemente perspicaz para ver esse perigo. Seu tipo popular de pregação, repleto de anedotas e notavelmente ralo quanto ao conteúdo doutrinário, era próprio para aqueles que queriam promover a idéia de que o evangelho e os novos conceitos críticos não eram incompatíveis. Os liberais achavam que podiam elogiar Moody e associar-se a ele. Henry Drummond, um dos mais proeminentes sustentáculos do referido evangelista na Escócia, fez esta consideração, para crédito de Moody:

“Nenhum outro homem vivo tem feito tanto para unir pessoa a pessoa, derribar rancores pessoais e barreiras eclesiásticas, levando à adoração unida e à cooperação harmoniosa homens de diversas opiniões e disposições.... Nenhum outro evangelista se manteve tão distante das modas, religiosas ou não; dos ismos, de reformas especiais, de passar doutrinas específicas, ou de atacar pecados específicos; dessa forma, ele tem concentrado a sua vida no esforço único e supremo”.³⁵

< <imaginar, Clifford, por que você não vem para o meu modo de pensar”, disse ele, referindo-se às suas crenças calvinistas. “Bem, você vê, Sr. Spurgeon”, veio a esperta resposta, “eu só vejo você mais ou menos uma vez por mês, mas leio a Bíblia todos os dias.” Fullerton, *op. cit.*, 255.

³⁵ *Life of Moody*, Henry Drummond, 123.

Drummond, cujo livro *The Greatest Thing in the World* (A Coisa Mais Grandiosa do Mundo) foi um dos mais vendidos na era vitoriana, parece ter se afastado de todas as doutrinas centrais da fé; contudo, em sua morte prematura, aos quarenta e cinco anos de idade, Moody falou dele como “o homem mais parecido com Cristo que eu já encontrei”.³⁶

Foi precisamente essa atitude que Spurgeon teve que combater no Baixo Grau. O temperamento da época era contra os credos de todo e qualquer tipo, e os evangélicos, com sua fé já diluída, sucumbiram em grande número à idéia de que posições doutrinárias nítidas e precisas eram de tendência “anticristã”.

Moody enfraqueceu o calvinismo e, ao fazê-lo, deixou as igrejas mais expostas à Alta Crítica que os evangélicos não doutrinários não estavam preparados para combater. A tendência, como dissemos, estava na Igreja antes das missões de Moody, mas ganhou força rapidamente depois da década de 1870. John Aldis, Joseph Angus e Alexander Maclaren, todos eles líderes evangélicos batistas, tomando o lado oposto ao de Spurgeon em 1887, declararam: “Achamos que a imposição de testes teológicos ou de um credo humano... derrotaria os objetivos da União”.³⁷ Ao fazerem isso eles não tinham a intenção de proteger os liberais, porém foi o que com efeito fizeram, e, subseqüentemente, em dezenas de igrejas, os conceitos da Alta Crítica iriam substituir a fé evangélica.

O declínio do calvinismo foi, pois, claramente relacionado

³⁶ Spurgeon recomenda uma crítica ao livro de Drummond intitulada *The Strangest Thing in the World* (A Coisa Mais Estranha do Mundo), de Charles Bullock. “O Sr. Charles Bullock acha que a coisa mais estranha do mundo é *“The Gospel with the Gospel omitted”* (O evangelho com a omissão do evangelho) – e julga que o ensino de Drummond é precisamente *isso...* O Sr. Bullock prestou grande serviço ao desnudar o estratagema de apagar a expiação de Cristo com a idéia de promover a imitação de Jesus.” *Sword and Trowel*, 1891, 340.

³⁷ Pike, 6, 289.

com o crescimento da teologia liberal. O arminianismo tinha “amaciado” os evangélicos para que os conceitos da Alta Crítica pudessem permear as denominações não-conformistas com pouca oposição. Para Spurgeon a história estava se repetindo, pois a sua geração reeditou o que os não-conformistas do século 18 tinham feito quando as confissões e os catecismos do século 17 foram abandonados: “Seguiu-se um período de prosa fiada, no qual o nosso movimento não conformista existia, mas gradativamente minguou, degenerando primeiro em arminianismo, depois em unitarismo, até quase deixar de existir. Os homens sabem que foi isso que aconteceu, e, todavia, querem fazer tudo da mesma forma outra vez. Eles lêem a história, e, contudo, exigem que a velha doutrina seja de novo posta de lado... oh, néscios e tardos de coração! Acaso a história não os ensinará? Não, não o fará, se a Bíblia não o fizer... Certamente se aproximam maus dias, a menos que a Igreja volte a abraçar de coração a verdade”.³⁸

Como dissemos, Spurgeon não fez do calvinismo o ponto em questão na controvérsia do Baixo Grau, mas tampouco ocultou seu compromisso pessoal com a velha fé que ele sabia que no tempo de Deus retomaria seu lugar próprio: “A doutrina agora rejeitada como sendo a gasta teoria dos puritanos e dos calvinistas, ainda dominará o pensamento humano e reinará suprema. Tão certamente como o sol que se põe esta noite se levantará amanhã na hora predestinada, assim a verdade de Deus refulgirá sobre toda a terra”.³⁹

³⁸ 29, 394. Esse argumento baseado na história foi utilizado mais completamente por Robert Shindler em seus artigos intitulados “The Down-Grade”, que precederam à controvérsia. Ver *Sword and Trowel*, 1887, 122-126 e 166-172.

³⁹ 23, 514; 32, 91. O material calvinista de *The Sword and the Trowel* do tempo do Baixo Grau incluía “John Bunyan on Election” (João Bunyan sobre a Eleição) e “A Plea for Calvin” (Pleito em prol de Calvino).

Admiramos um homem que foi firme na fé, digamos há quatrocentos anos... mas tal homem hoje é um estorvo e deve ser posto abaixo. Chamem-lhe fanático de mente estreita, ou dêem a ele um nome pior, se puderem pensar num. Contudo, imaginem que naqueles pretéritos tempos Lutero, Zwinglio, Calvino e seus companheiros tivessem dito: “O mundo está em desordem; mas, se tentarmos endireitá-lo, só causaremos um grande transtorno e ficaremos em desgraça. Vamos para os nossos quartos, ponhamos nossos barretes, e durmamos sobre os maus tempos, e talvez, quando acordarmos, as coisas tenham melhorado”. Tal conduta da parte deles nos acarretaria uma herança de erro. Era após era teríamos descido a profundezas infernais, e os pestíferos pântanos de erro teriam tragado tudo. Esses homens amavam por demais a fé e o nome de Jesus para vê-los espezinhados... Hoje é como foi nos dias da Reforma. Requer-se decisão. Eis aqui o dia para o homem; onde estará o homem para o dia? Nós, a quem o evangelho foi passado por mãos de mártires, não ousamos menosprezá-lo, nem sentar-nos por aí e ouvi-lo negado por traidores que fingem amá-lo, mas interiormente detestam cada linha dele... Observem, senhores, ainda há eras por vir. Se o Senhor não vier logo, outra geração virá, e outra, e todas essas gerações estarão manchadas e feridas, se vocês não forem fiéis a Deus e à Sua verdade hoje. Chegamos a um ponto decisivo da estrada. Se tomarmos a direita, pode acontecer que os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos sigam esse caminho; mas, se formos pela esquerda, gerações ainda não nascidas amaldiçoarão os nossos nomes por termos sido infiéis a Deus e à Sua Palavra.

9: “Ainda que os céus caiam...”

Em nosso capítulo anterior procuramos mostrar a relação existente entre a primeira e a última grandes controvérsias de Spurgeon. As convicções que ele sustentava sobre a livre graça na primeira deram suporte à luta final e, porque o espírito de um movimento evangélico decadente ia contra essas convicções, Spurgeon ficou relativamente só em meio aos líderes da Igreja Livre no Baixo Grau. Agora passamos, finalmente, a perguntar como a controvérsia intermediária – o debate sobre a regeneração batismal – encaixa neste quadro, e onde o catolicismo ressurgente fica, em relação ao movimento evangélico por um lado, e ao liberalismo do movimento da Alta Crítica por outro.

E. B. Pusey, o líder anglicano-católico na Igreja Estabelecida, falecido em 1882, fez a significativa previsão de que os dois combatentes finais no que ele previa ser a próxima luta religiosa seriam, de um lado, Roma, com uma fé que pretende ser autoritária e sobrenatural, e, de outro, o liberalismo teológico sustentado pelas escolas racionalistas de pensamento dominantes no protestantismo continental (europeu).¹ Noutras palavras, o protestantismo evangélico já estava tão enfraquecido, na opinião de Pusey, que estava a ponto de abandonar a arena, e não desempenharia nenhuma parte decisiva na determinação do cristianismo futuro. O grau em

¹ “Dois sistemas estão agora, e provavelmente pela última vez, em conflito – o católico e o genebrino.” Citado de uma carta de Pusey ao arcebispo da Cantuária, por J. H. Merle d’Aubigné, em *Discourses and Essays* (*Discursos e Ensaio*), 1846, 174. Genebra era então um centro do racionalismo ao qual Pusey se opunha habilmente.

que o movimento evangélico foi eclipsado nas principais denominações inglesas antes do fim do século 19 foi uma confirmação desta avaliação.

Todavia, Pusey errou em apresentar o catolicismo e o liberalismo como necessariamente em permanente oposição. A publicação de *Lux Mundi* (Luz do Mundo), livro escrito por jovens discípulos do movimento tractariano, em 1889, indicou que o pensamento racionalista e uma religião sacramental não eram tão incompatíveis como Pusey supunha. Os dois lados não se destruíram um ao outro; na verdade, liberais como H. E. Ryle deram suporte à moção para legalizar vestes romanistas na Igreja Estabelecida,² ao passo que, *pari passu*, bispos anglicano-católicos defenderam liberais da acusação de heresia. E no século 20, apesar do liberalismo teológico de muitos clérigos, as simpatias anglicano-católicas passaram a permear a Igreja da Inglaterra.³ Uma confrontação direta nunca

² *Herbert Edward Ryle*, Maurice H. Fitzgerald, 1928, 164. Herbert Ryle, filho do grande evangélico, é um trágico exemplo dos frutos da influência da Alta Crítica. Um dos primeiros expoentes das novas idéias, é descrito por seu biógrafo como um daqueles que vivem “para ver a “heresia” da sua mocidade aceita como a “ortodoxia” da sua velhice”. Mas o mesmo escritor revela também que em sua enfermidade final, quando Deão de Westminster, H. E. Ryle “nunca falou com a Sra. Ryle nem com o seu filho sobre o futuro ou sobre religião”.

³ O professor Norman Sykes observou a diferença entre as Conferências de Lambeth de 1920 e 1948 com relação à predominância de conceitos distintamente anglicano-católicos sobre episcopado e sacramentos. *Old Priest and New Presbyter* (Velho Sacerdote e Novo Presbítero), 1956, 243. O relatório de 1958 da Conferência de Lambeth, apresentou uma explícita afirmação da doutrina tractariana: “Deve-se... reconhecer como fato que os anglicanos conscientemente sustentam que o celebrante da eucaristia deve ter sido ordenado por um bispo pertencente à sucessão histórica e em geral crêem que é seu dever dar testemunho deste princípio só recebendo a Santa Comunhão (a Ceia do Senhor) daqueles que foram ordenados dessa maneira”. A fraqueza evangélica da Igreja Estabelecida foi revelada em 1964, quando as vestes associadas à missa foram legalizadas por uma votação de 214 a 30 na Casa do Clero e por voto unânime de 31 bispos. Porventura não estava certo o finado lorde Alexander de Hillsborough quando declarou que não se haveria de achar nenhum bispo verdadeiramente protestante na Igreja da Inglaterra?

se materializou e, no cenário mais amplo, a cooperação de liberais e pró-católicos no movimento ecumênico dá clara prova de que a luta final não será como Pusey a previu.

Tampouco há a menor probabilidade de que o não-conformismo, em sua presente condição, forneça um antídoto final contra o ressurgente poder de Roma. É visível o mais extraordinário contraste entre o espírito que há setenta anos⁴ uniu os homens de igreja livres no Concílio Nacional da Igreja Livre, e a presente posição dos líderes das denominações não-conformistas. Falando sobre o concílio acima, Silvester Horne escreveu em 1903: “As igrejas livres se juntaram à sombra de um grande perigo. Em toda parte sentia-se e reconhecia-se que a manutenção do valente caráter protestante da vida e do culto ingleses dependia mormente delas”.⁵ As palavras são patéticas, à luz da história subsequente. A grande característica do não-conformismo do século 20 tem sido o seu declínio a um estado de anemia perniciosa,⁶ e atualmente os seus líderes estão tão debilitados que as pretensões do episcopado não apenas são ouvidas com docilidade mas também é posta abertamente em dúvida a garantia de qualquer existência continuada do não-conformismo.

No entanto, deve-se buscar a causa da mudança de atitude das igrejas livres para Roma e para o anglo-catolicismo antes, e não depois do ano de 1903, quando Horne escreveu as palavras acima. Conquanto o próprio Horne estivesse cego para isso, a mudança foi o inevitável resultado do conceito liberal sobre as Escrituras que, como o Baixo Grau mostrou, avançava desenfreadamente nas igrejas antes do fim do século 19. Por

⁴ Lembre-se o dileto leitor de que a obra aqui traduzida teve sua primeira edição em 1966. Nota do tradutor.

⁵ Horne, *op. cit.*, 424.

⁶ O professor D. W. Brogan escreveu em 1943: “Na geração que se passou desde a grande avalanche liberal de 1906, uma das maiores mudanças ocorridas no panorama religioso e social inglês é o declínio do não-conformismo”.

volta de 1900 a generalidade dos homens de igreja livres era não-conformista pelas tradições de nascimento e de educação, antes que por lealdade às Escrituras, e embora essas tradições levem muito tempo para morrer, provaram mais que suficientemente sua impotência na luta contra convicções profundamente arraigadas – mesmo que essas convicções sejam falsas e antibíblicas. Foi isso precisamente que Spurgeon previu. Ele deplorou a prontidão para apegar-se à casca externa do não-conformismo, quando o núcleo interno, a saber, a lealdade a seus princípios básicos, tinha sido abandonado: “Conformidade ou não-conformidade, *per se* não é nada; porém uma nova criatura é tudo, e a verdade unicamente sobre a qual se pode viver, vale a pena morrer mil mortes para conservar. O que é tão precioso não é a casca, e sim o núcleo que ela contém; quando o núcleo se vai, o que sobra valeria um pensamento? O nosso não-conformismo é imensurável como força espiritual vital, mas só justificará a sua existência enquanto permanecer como tal”.⁷

Hoje, nem nas principais denominações não-conformistas, nem na Igreja Estabelecida, há qualquer baluarte contra a pressão oriunda da união de todas as “igrejas” numa abrangência especiosamente amistosa, mas na realidade resolutamente inimiga do cristianismo verdadeiro. O movimento evangélico interdenominacional, igualmente, não tem espinha dorsal que resista a essa espécie de pressão: concessões e uma teologia diluída reduziram o testemunho ao ponto das cruzadas de cujo patrocínio participam liberais e anglicano-católicos não serem consideradas negação nenhuma da nossa mensagem. O arminianismo, centrado na experiência e não na verdade, revelou-se muito mais compatível com as tradições não evangélicas e não protestantes do que com o velho “evangelicalismo” reformado que, devido sua definida formulação das doutrinas bíblicas do pecado, da

⁷ *Sword and Trowel*, 1887, 399.

graça e da justificação, não poderia misturar-se muito. Uma notável característica do pensamento moderno é que o triunvirato de males combatidos por Spurgeon – “livre-arbítrio”, sacramentalismo e liberalismo – muitas vezes já não são considerados como males. Opositores de outrora tornaram-se “seguidores de acampamento”. Portanto, não causa surpresa o fato de que muitos evangélicos se dispõem a rejeitar o ponto de vista de Spurgeon como um pavoroso anacronismo.

A nossa crença pessoal é que, nas três grandes controvérsias que esboçamos, Spurgeon foi levado a posicionar-se contra erros que haveriam de dominar as gerações vindouras. Ele se envolveu em suas controvérsias com propósito deliberado e com a profunda convicção de que não estava enganado em seu reconhecimento da importância daquilo que estava em disputa. Muitos debates antigos que uma vez eletrizaram as igrejas agora não despertariam nem uma centelha de interesse, porém isso não é verdade quanto a essas três controvérsias. Ainda são explosivas, e isso porque os erros envolvidos tornaram-se muito prevalescentes.

A abordagem feita por Spurgeon das controvérsias pode ensinar-nos muita coisa.

Primeiro, em todas as importantes controvérsias nas quais ele se envolveu havia um evidente interesse pela felicidade espiritual dos homens e das mulheres. Assim, na primeira grande controvérsia, embora admitindo a posição cristã de alguns que não podiam aceitar as doutrinas da graça, Spurgeon viu que uma tolerância geral dos erros concernentes a essas doutrinas prejudicava a prosperidade da Igreja e o progresso do evangelho. Ele falava em conformidade com isso. Similarmente, em 1864, sua objeção fundamental à Igreja Estabelecida foi o apoio dado por ela a uma abrangência que confundia a diferença entre os regenerados e os não regenerados. Mas o seu motivo pastoral tornou-se supremamente público no Baixo Grau. Ele

considerava como carregada de perigo a atitude do pensamento religioso corrente, que tratava as doutrinas bíblicas centrais como meras opiniões ou teorias e afirmava que a incredulidade em “dogmas” não afeta a relação pessoal com Cristo. De sua parte, a aceitação das novas idéias equivalia a abandonar o interesse salvífico por Jesus Cristo, e ele acreditava que, se o liberalismo tomasse posse dos púlpitos em nome do cristianismo, os ministros e as congregações compareceriam ao tribunal de Cristo perdidos e destruídos. Portanto, para ele não havia exagero em apontar para a tremenda destruição de Pompéia sob as lavas vulcânicas e compará-la com o perigo que a Igreja corria de “ser sepultada sob as enxurradas de lama fervente da heresia moderna”.

Foi porque Spurgeon ligava a salvação à fé num definido corpo de verdade bíblica, e questionava a posição cristã daqueles que negavam essa verdade, que a controvérsia do Baixo Grau foi marcada por forte emoção nos dois lados. Disso Spurgeon tem sido acusado freqüentemente, pois ele deixou de reconhecer, é o que se diz, que, subjacente, certa unidade espiritual em Cristo deve existir juntamente com as diferenças de opinião sobre “dogmas”. Segundo esse ponto de vista, ambos os lados eram realmente cristãos, e foi uma tragédia que Spurgeon não tenha podido ver isso. Richard Ellsworth Day, um expoente dessa atitude, após um breve esboço do Baixo Grau, conclui: “É trágico descobrir que estamos lutando contra um aliado, o Sr. Opinião Divergente, confundindo-o com o inimigo, o Sr. Coração Diferente”.⁸ Day deixa implícito que Spurgeon foi culpado de pensar negligentemente ao não se aperceber de que a verdadeira “fé” não precisa identificar-se com nenhum conjunto de opiniões teológicas. Mencionamos isso porque, se a crítica fosse

⁸ *The Shadow of the Broad Brim: the Life Story of Charles Haddon Spurgeon, Heir of the Puritans* (A Sombra do Chapéu de Abas Largas: História da Vida de Charles Haddon Spurgeon, Herdeiro dos Puritanos), 1934, 150.

verdadeira, as palavras de Spurgeon no Baixo Grau revelariam justamente o oposto de um espírito pastoral – elas poderiam ser consideradas, com justiça, desnecessariamente duras. Precisamente porque a espécie de distinção feita por Day tem sido aceita como uma premissa, Spurgeon tem sido acusado de haver caído numa severa intolerância na controvérsia do Baixo Grau. Era intolerável sua insinuação de que eminentes líderes religiosos poderiam ser adversários do Senhor

O único meio de julgar o espírito de Spurgeon é consultar as Escrituras. Acaso as Escrituras permitem uma dicotomia entre uma experiência espiritual verdadeira e a fé nas verdades doutrinárias do evangelho? Dariam elas algum apoio à idéia liberal de que os homens podem receber “de Deus a graça e a verdade por meios não incluídos no roteiro estabelecido pela teologia cristã”? Spurgeon acreditava que as Escrituras respondem decisivamente a essas questões e que a ampla definição do que é “cristão”, implícita nas idéias da nova escola, era escrituristicamente falsa. Não obstante, ele estava longe de imaginar que todos os que não estavam na posição em que ele estava no Baixo Grau não eram cristãos. Ele teria concordado com as palavras de um dos seus favoritos escritores puritanos, George Hutcheson, em seu comentário de João 12:42: “Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nele; mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga”. Diz Hutcheson: “Pode haver verdadeira fé e graça onde ainda há muita fraqueza para abafar e destruir”, e então ele continua dizendo que devemos ser caridosos e não achar que tais pessoas “estão destituídas da graça por serem fracas”. Havia muitíssima evidência no Baixo Grau da existência de ministros cristãos que, por sua fraqueza, mantinham silêncio: “O ostracismo parece ser tão temido que homens bons e fiéis prendem a língua”.⁹

⁹ *Sword and Trowel*, 1891, 249.

Mas havia outros homens e “religionistas de proa”¹⁰, como Spurgeon lhes chama, cuja situação era muito diferente. Eles declaravam pública e persistentemente sua descrença em verdades cardinais e, em conseqüência, na opinião de Spurgeon, de modo algum podiam ser considerados cristãos. Aí está a grande linha divisória; haveria um evangelho definido no qual os homens devem crer para serem salvos? Se o testemunho das Escrituras é confiável, a fé requerida dos pecadores é uma indivisível entrega a Cristo – à Sua Pessoa, à Sua Palavra, à Sua obra. E essas coisas são inseparáveis, pois a fé em Sua Pessoa como Deus desde logo exige submissão à autoridade da Sua Palavra; por conseguinte, vemos que Cristo considera a não aceitação da Sua Palavra como a mesma coisa que rejeitá-lo (João 12:48), ao passo que, inversamente, o verdadeiro discipulado é comprovado pela perseverança em Sua Palavra (João 8:31).¹¹ Segundo Ele mesmo o declara, crer em Sua majestade divina é a única alternativa para “morrer em vossos pecados” (João 8:24). Para o cristão essas declarações são conclusivas, porque a autoridade de Cristo como Senhor não tem sentido, a menos que O aceitemos como mestre infalível. Aceitar o Salvador sem aceitar a verdade que Ele veio ao mundo para testificar, é uma impossibilidade (João 18:37). Para Spurgeon isso é fundamental, pois, “Se não aceitarmos as palavras de Cristo, não poderemos aceitar a Cristo; e se não

¹⁰ “*Leading religionists*”. Nota do tradutor.

¹¹ R. C. H. Lenski corretamente comenta as palavras “Quem me rejeitar a mim, e não receber as minhas palavras”: “Esse homem não tem necessidade de agredir Jesus ou de enfurecer-se contra as Suas palavras; simplesmente não aceitá-las é fatal e determina o seu julgamento”. *Commentary on John* (Comentário sobre João), 1963, 896. “Se permanecermos em Cristo tendo-o como “a verdade”, escreve John Murray, “permanecemos em Sua Palavra, e permanecer nele sem permanecer em Sua Palavra é coisa que não existe.... Falar em conhecer a Deus e a verdade que Ele é, separadamente da palavra da revelação que é incorporada para nós nas Escrituras, é, quanto a nós, uma abstração que não tem sentido nem relevância.” *Principles of Conduct* (Princípios de Conduta), 1957, 129.

aceitarmos as palavras dos Seus apóstolos, não aceitamos a Cristo; porquanto João diz (1 João 4:6): “Aquele que conhece a Deus ouve-nos; aquele que não é de Deus não nos ouve. Nisto conhecemos nós o espírito da verdade e o espírito do erro”.¹²

Com base nos mesmos fundamentos, não pode haver benefício da obra de Cristo para os que não crêem em Seu testemunho concernente ao propósito dessa obra. A fé pessoal em Sua morte em lugar dos pecadores é apresentada como indispensável para a salvação: “Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos” (João 6:53). Na cruz o Filho de Deus “sofreu uma morte na qual o peso da vingança divina pelo pecado comprimiu-se em poucas horas de angústia física e espiritual”, e renunciar à verdade segundo a qual Cristo foi “ferido de Deus” como nossa garantia é renunciar completamente a Jesus. Pregando sobre “The Sine Qua Non”,¹³ Spurgeon diz:

“Se você não aceita o lavamento perfeito, inigualável e divino realizado por Seu sangue, não é cristão. Seja o que for que professe, seja qual for a sua pretensa experiência, seja qual for a sua reforma, seja o que for que tenha tentado realizar ou já realizou, se nunca veio como culpado e nunca viu o seu pecado lançado sobre o Filho de Deus e Seu sangue derramado, você está no amargor do fel e nos laços da iniquidade.... Sem fé na expiação não pode ter parte alguma em Cristo... Ou Jesus Cristo será reconhecido como o Salvador ungido, ou Ele não será nada para você. Se não O receber como expiação dos seus pecados... você O estará recusando totalmente”.¹⁴

¹² *Um Ministério Ideal*, vol. 2, 84.

¹³ Em latim no original. Condição indispensável. Nota do tradutor.

¹⁴ 16, 220 & 223. Sobre a doutrina da expiação em sua relação com a ordem para “provar se os espíritos são de Deus”, ver o valioso capítulo 29 das *Lectures on The First Epistle of John* (Dissertações sobre a Primeira Epístola de João), de R. S. Candlish, 1870. A confissão de que Jesus Cristo veio em carne, o autor mostra, quando verdadeira e genuinamente admitida, > >

Dado as novas idéias popularizadas no último quartel do século 19 lançarem dúvida tanto sobre a fidedignidade das palavras de Cristo como sobre o valor do Seu sangue, Spurgeon não hesitou em considerar o movimento como basicamente não cristão. “Um coração não regenerado jaz no fundo do “pensamento moderno”. Seus protestos no Baixo Grau não eram feitos com espírito de amargura, mas com espírito de compaixão para com aqueles que, não somente em sua geração, como também nas eras futuras, poderiam enganar-se fatalmente ao aceitar um evangelho que não é evangelho (Gálatas 1:7).

Na consideração de como o próprio sentido de “cristão” foi envolvido no Baixo Grau, pode-se citar a posição de Marcus Dods. Dods, eminente Doutor em Teologia escocês da mesma escola de pensamento do seu amigo Henry Drummond, deplorou as palavras de Spurgeon no Baixo Grau, e teria recomendado Aristóteles a seus alunos mais prontamente do que os escritos do pastor do Tabernáculo Metropolitano. Ele acreditava que Cristo “de algum modo misterioso achou entrada para o Seu pensamento em muitas mentes que pouco ou nada sabem dEle”. Escrevendo sobre o budismo em 1907, diz ele a um correspondente: “É espantoso como, por um lado, tão poucos cristãos entendem Cristo; e, por outro lado, quão instintivamente os homens de todas as

<<significa que Ele veio para redimir, por substituição, aqueles cuja carne Ele compartilhou. A certeza da presente vitória dos cristãos sobre os espíritos e os homens anticristãos (1 João 4:4) é tornada necessária em termos da luta constante travada pelo espírito do anticristo, e nessa guerra uma verdade central é sempre atacada: “Desde o dia em que Caim matou seu irmão – pode-se ver isso sobrevir à questão do culto de Deus pelo sacrifício expiatório. Seria preciso ou não haver derramamento de sangue para a remissão de pecados? Esse, com maior ou menor clareza, com variações aplicáveis aos diversos aspectos da Igreja e do mundo, daquele tempo em diante sempre tem sido substancialmente o ponto em questão”. Candlish, *op. cit.*, 2, 82.

religiões adoram o que é bom, e quão freqüentemente eles procuram possuí-lo. Este é um mundo estranho, ininteligível, e o único ponto estabelecido no qual a esperança pode repousar é que Deus é Pai de todos. Se não é assim, então o sólido firmamento, na verdade é podridão e “a terra foi construída sobre restolho”.¹⁵

Toda a teologia de uma geração que tinha rejeitado o evangelho sobrenatural foi construída sobre a falsa esperança de que os pecadores podem encontrar abrigo em Deus sem fé na propiciação oferecida no Calvário. Spurgeon não tinha exagerado a magnitude do que estava envolvido.

Segundo, Spurgeon engajou-se na controvérsia com grande fé em Deus e com senso do seu dever de fazer a vontade de Deus qualquer que fosse a consequência. “Tenho tido que apoiar-me simplesmente no braço de Deus”, escreveu ele a um amigo nas trevas horas do Baixo Grau. Spurgeon não baseava as suas ações em cálculos sobre a provável proporção de apoio humano que receberia se assumisse a liderança na oposição ao erro. Na controvérsia sobre a regeneração batismal ele obteve considerável apoio de muitos que ele pensava iriam opor-se a ele, ao passo que no Baixo Grau ele esperava simpatia e, ao contrário, sofreu dolorosa decepção; contudo, nem neste nem naquele caso isso afetou a sua posição. “Em ambos os casos ele saiu para a peleja certo de que haveria consequência”, diz Fullerton, “mas em nenhum deles ele previu qual seria a consequência”.¹⁶ Era um homem de fé; ele cumpriria o seu dever “ainda que os céus caiam”. A mesma fé o ligou às promessas das Escrituras numa hora de deserção geral. Ele observou profeticamente as possibilidades

¹⁵ *Later Letters of Marcus Dods* (Últimas Cartas de Marcus Dods) (finado Diretor do *New College*, Edimburgo), obra editada por seu filho Marcus Dods, 1911, 153 & 256. Quanto a uma interessante carta a Dods, escrita por Robertson Nicoll em 1892 em defesa de Spurgeon, ver *William Robertson Nicoll*, 103-104.

¹⁶ *op. cit.*, 304.

ameaçadoras, viu à frente anos de esterilidade e declínio, e, pela fé, chegou a uma firme conclusão: “Meu Senhor fará reviver a Sua verdade sepultada tão certo como Ele é Deus”.¹⁷

Foi essa mesma fé em Deus que capacitou Spurgeon a apreciar a aprovação de Deus acima de toda e qualquer recomendação humana. Na verdade, ele repudiava essa recomendação quando vinha daqueles que não mostravam nenhum zelo por Deus. “Quando Spurgeon morreu”, escreveu J. C. Carlile, “os líderes da União Batista, sem exceção, fizeram altos elogios ao homem.”¹⁸ Mas Spurgeon tinha recebido esse tipo de “elogio” antes da sua morte, e para ele era “mais leve que a vaidade”. Em 1888, referindo-se àqueles líderes que falavam dele como um “honrado amigo” e contudo se opuseram ao que lhe era mais valioso, ele escreveu: “A linguagem mais dura de opositores mais francos contém mais música do que essas congratulações frívolas”.¹⁹ Outro incidente, ocorrido num ano anterior, ilustra a mesma característica da personalidade de Spurgeon. Tendo tido ocasião de falar contra os pronunciamentos de certo bispo, chegou aos seus ouvidos que o mesmo bispo se havia referido ao seu livro *The Treasure of David* (O Tesouro de Davi) qualificando-o como o livro sobre Salmos. Spurgeon, diz Pike, “não se deixou aplacar por esse elogio, mas, ao contrário, sentiu que aquilo não passava de lisonja, e observou que aquele homem dizia coisas bonitas sobre todo mundo e depois fazia o que podia para opor-se àqueles a quem ele odiava”.²⁰

Terceiro, as diversas controvérsias da vida de Spurgeon ganham unidade quando as vemos como partes do seu total compromisso com a Palavra de Deus. Esse é talvez o seu maior legado. Alguns podem tê-lo seguido com zelo em sua investida contra o anglicano-catolicismo, para então encolher-se, alarmados, face à sua atitude para com a União Batista quando

¹⁷ 30, 680.

¹⁹ *Sword and Trowel*, 1888, 249.

¹⁸ *op. cit.*, 257.

²⁰ Pike, 6, 223.

esse corpo negou-se a impor disciplina. Mas em ambos os casos ele estava agindo com base no mesmo princípio bíblico. Outros podem ter esposado a sua apresentação das doutrinas da graça, porém deixaram de ver que uma teologia que coloca Deus em primeira plano não poderá ser fiel a si mesma, nas áreas do alinhamento e da prática da Igreja, se baixar ao nível da conveniência. Um zelo que se confina a alguns aspectos do ensino escriturístico é consequência de um indigno conceito sobre a Palavra de Deus, e de tal incoerência Spurgeon continuamente procurou fugir.

O conflito inconciliável não é entre o liberalismo e o catolicismo, como pensava Pusey, mas entre um cristianismo que só apela para as Escrituras por segurança e um catolicismo que se recusa a aceitar as Escrituras como seu único guia. E se perguntassem onde se pode achar tal cristianismo, Spurgeon nos apontaria aquele sistema de verdade que, transmitido desde os dias apostólicos, por meio dos reformadores e dos puritanos, chegou até nós sob o nome de calvinismo. Não temos necessidade nem de enamorar-nos pelo nome nem de envergonhar-nos dele. Seu nome serve apenas para caracterizar uma posição e um credo que é a única e final alternativa a Roma. O arminianismo obscurece a natureza da graça na salvação, enquanto que o liberalismo ataca a inerrância das Escrituras e ensina a insuficiência da Palavra escrita. Agarrando-se, como se agarra, às obras e à autoridade humana em sua doutrina da salvação, Roma pode acomodar-se tanto ao erro arminiano como ao erro liberal em seu sistema. A única base segura de um movimento evangélico sólido e coerente e que nunca pode ser enganado pela heresia é aquela em que Spurgeon se firmou no tempo da controvérsia da Rua do Novo Parque, na controvérsia em torno do Livro de Oração, em 1864, e finalmente no Baixo Grau.

Quarto, ao lado da completitude do apego de Spurgeon às Escrituras em todas as questões controvertidas, ia o seu desejo de verdadeira união com todos os cristãos evangélicos. Ele

expressou esse desejo na grande controvérsia sobre a regeneração batismal, e tal desejo se viu de novo fortemente em seus dilacerantes anos finais. Forçado pelo Baixo Grau ao “isolamento da independência”, seu espírito anelava outra coisa: “Oh, se viesse o dia em que, numa comunhão mais ampla que aquela que qualquer seita pode oferecer, todos aqueles que são um em Cristo pudessem fundir-se em manifesta unidade!”²¹ É comum o argumento segundo o qual a ênfase puritana à total submissão à Palavra de Deus, juntamente com seu senso de responsabilidade de “obedecer até a todo jota e til, haja o que houver”, tem a tendência de dilacerar e separar. Para Spurgeon a verdade da questão é totalmente outra. A desunião, argumentava ele, não é causada por um total e completo apego às Escrituras, mas pela intrusão e tolerância de crenças e práticas que são produtos unicamente da sabedoria humana: a vontade do Senhor “está nas Escrituras; e, se a procurássemos mais e mais, e estivéssemos determinados a, independentemente de qualquer coisa que a Igreja, ou o mundo, ou o governo, ou quem quer que seja, tenha feito ou faça, seguir a vontade do Senhor, chegaríamos a ter união mais estreita. Estamos divididos porque não estudamos a vontade do Senhor como deveríamos”.²² Isso não é negar que os homens, mesmo em suas melhores condições, estão sujeitos a preconceitos e à falibilidade em sua interpretação da Palavra. Contudo, embora a fraqueza humana faça com que a nossa obediência às Escrituras seja imperfeita, de maneira nenhuma isso dispensa a necessidade de total compromisso, nem o registro da fraqueza humana que se vê na história da Igreja invalida a grande verdade segundo a qual a unidade e prosperidade espiritual não pode ser alcançada por nenhum meio, exceto o da submissão à Palavra de Deus. “Os preceitos do Senhor são retos... em os guardar há grande recompensa” (Salmo 19:8-11).

²¹ *Sword and Trowel*, 1887, 560.

²² 19, 354-355.

Finalmente, Spurgeon lembra-nos que a piedade e a devoção a Cristo não constituem uma alternativa preferível à controvérsia, mas, antes – quando as circunstâncias o exigem – devem levar a ela. Ele tinha todo o cuidado de manter essa ordem. O ministro que faz da controvérsia o seu ponto de partida logo terá seu ministério ressequido, e a espiritualidade fenecerá. Todavia, a controvérsia travada por amor a Deus e por reverência ao Seu nome cobrirá o espírito do homem de paz e de alegria, mesmo quando ele está no pleno fragor da batalha. A piedade que Spurgeon admirava não era a de um pacifismo enclausurado, mas o espírito de homens como William Tyndale e Samuel Rutherford que, enquanto contendiam por Cristo, podiam subir aos céus, arriscando “suas vidas até à morte nos lugares altos do campo”. Nos pontos culminantes das suas controvérsias Spurgeon pregou alguns dos mais fragrantos de todos os seus sermões. Um deles, pregado durante o Baixo Grau e intitulado “Alguma Coisa Feita para Jesus”, revela os mananciais dos motivos de Spurgeon e é um pertinente sumário para concluir um registro dos seus labores:

“Amamos nossos irmãos pelo amor de Jesus, mas Ele é o Cabeça entre dez milhares, e totalmente adorável. Não podemos viver sem Ele. Gozar Sua companhia é bem-aventurança para nós; esconder Ele Seu rosto de nós é nossa densa noite de tristeza... Oh, o poder de viver, morrer, trabalhar, sofrer para Ele, e somente para Ele!... Se algo feito para Jesus lhe trazer desfavor e ameaçar privá-lo da sua utilidade, mesmo assim, faça-o. Eu considero o meu caráter, a minha popularidade e a minha utilidade como o diminuto pó da balança, comparados com a fidelidade ao Senhor Jesus. É a lógica do diabo que diz: “Vejam vocês, não posso sair e declarar a verdade porque tenho uma esfera de utilidade que mantenho temporizando com aquilo que receio que pode ser falso”. Ó senhores, que havemos de fazer com as conseqüências? Que os céus caiam, mas que o bom homem

seja obediente a seu Senhor e leal à Sua verdade. Ó homem de Deus, seja justo e não tema! As conseqüências estão com Deus, e não com você. Se realizou uma boa obra para Cristo, embora pareça aos seus ofuscados olhos que dela lhe virá um grande mal, você, contudo, a tem realizado, Cristo a aceitou, Ele fará registro dela e, em sua consciência, Ele lhe dará o sorriso da Sua aprovação”.²³

²³ 36, 53-58.

Às vezes penso que, se eu estivesse no céu, quase desejaria visitar minha obra no Tabernáculo, para ver se terá resistido ao teste do tempo e se terá prosperado desde quando eu tiver partido. Vocês manterão a verdade? Sustentarão as velhas e grandes doutrinas do evangelho? Ou esta igreja, como muitas outras, vai desviar-se da simplicidade da sua fé e estabelecer cultos pomposos e falsa doutrina? Penso que me revoltarei no túmulo se acontecer tal coisa. Não o permita Deus! Mas não haverá retorno... Não poderemos voltar para salvar a massa em chamas, nem para reconstruir o arruinado, porém, sem dúvida, veremos e saberemos o que vai ser feito dela.

C. H. S., SERMONS, 23, 514.

10: Acontecimentos Posteriores no Tabernáculo Metropolitano

Se a convicção que está por trás da produção deste livro for verdadeira, qual seja, que o real caráter do ministério de Spurgeon definiu porque alguns dos seus traços essenciais ele diferiu marcadamente demais para poder coexistir com a escola de fé evangélica que prevalecia quase universalmente na Inglaterra na primeira metade deste século, então resta considerar uma questão: como foi que ocorreu tal mudança no movimento evangélico depois de concluído o curso da vida de Spurgeon? Neste capítulo de conclusão quero mostrar, não somente que houve uma revolução no pensamento e na prática evangélicos, mas também que a própria igreja de Spurgeon desempenhou proeminente papel no distanciamento da crença e da prática dos puritanos. Assim como o Tabernáculo Metropolitano havia ficado de pé por uma só perspectiva através do período de trinta anos – “assim como fomos impulsionados por um sinal e toque de poder do antiquado evangelho” – assim ocorreria por outros trinta anos. Não vou afirmar que o Tabernáculo simplesmente perdeu a sua influência. Se assim fosse, a história toda poderia ser explicada em termos da incapacidade de encontrar alguém que sucedesse à estrutura única erigida por Spurgeon ao seu redor. O caso é mais grave; é que o Tabernáculo pusera todo o seu peso numa influência diferente, dedicara a sua liderança a um “evangelicalismo” relativamente novo para a Inglaterra, e sua história nos vinte e tantos anos depois da morte de Spurgeon, ocorrida em 1892, provê, num microcosmo, um exemplo da mudança que estava afetando toda a

tradição evangélica das Ilhas Britânicas.

Antes de Spurgeon sair de Londres pela última vez, no outono de 1891, ele tinha providenciado para que um ministro presbiteriano, oriundo da Filadélfia, Arthur T. Pierson, ocupasse o seu púlpito. Os dois homens tinham se conhecido uns três anos antes, e Pierson tinha pregado pela primeira vez no Tabernáculo em dezembro de 1889. Ele tinha cinqüenta e dois anos de idade e pouco antes renunciara a seu pastorado no interesse de um ministério mais amplo. Estando disponível quando o estado de saúde de Spurgeon se agravou tão seriamente em 1891, Pierson lhe ofereceu ajuda e Spurgeon a aceitou. A natureza e a personalidade de Pierson era tal que se podia esperar que ele mantivesse a congregação do Tabernáculo, enquanto que o seu apego às Escrituras, a sua união com Spurgeon na oposição à infidelidade religiosa contemporânea, e a sua visão missionária eram bem conhecidos.

Naquela data ninguém pensava nele como sucessor de Spurgeon; Spurgeon animou a sua congregação com a expectativa de que poderia voltar de Mentone,¹ onde convalescera tantas vezes antes, e, em todo caso, Pierson era um pedobatista. O que sucedeu com Spurgeon já anotamos; ele morreu menos de quatro meses depois da chegada de Pierson. Agora, aos olhos humanos, o americano era ainda mais urgentemente necessário no Tabernáculo, e ele continuou a ministrar sem interrupção até junho de 1892. Por volta dessa data, o irmão de Spurgeon, James, que ainda era co-pastor do Tabernáculo, tinha proposto que Pierson fosse convidado para ocupar permanentemente o púlpito, ao passo que ele próprio continuaria a executar muitos dos deveres pastorais. O assunto foi deixado temporariamente em suspense quando Pierson teve que voltar por breve tempo aos Estados Unidos

¹ Cf. suas palavras relativas a Pierson em sua carta à congregação publicada em *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, 37, 552.

no verão de 1892. Nesse meio tempo, foi solicitado ao filho de Spurgeon, Thomas, que acabara de voltar para casa, vindo da Nova Zelândia, que surpreisse o Tabernáculo.

Falando sobre os meses do ministério de Pierson, W. Y. Fullerton, em sua obra *Thomas Spurgeon*, uma biografia, escreve: “Esse ano fora muito beneficente às pessoas, porém era um ministério muito diferente daquele que elas tinham desfrutado. Quando o filho veio da Nova Zelândia, muitos elementos da congregação começaram a detectar novamente a autêntica marca de Spurgeon e seus corações se aqueceram de entusiasmo pelo pregador mais jovem”.² Quando Pierson reassumiu no Tabernáculo, em novembro de 1892, a congregação de modo nenhum estava tão harmoniosa como estivera doze meses antes. Uma divisão – descrita pelos jornais como “tempestade no Tabernáculo” – emergiu entre os que queriam convidar Pierson e os que queriam que o filho sucedesse ao pai. Thomas Spurgeon tinha regressado à Nova Zelândia, mas em março de 1893, por votação de três a um, mais de dois mil membros o convidaram para ocupar o púlpito por doze meses, com vistas ao pastorado. Em consequência, James Spurgeon renunciou e Pierson terminou seu ministério em junho de 1893. Oito meses depois que o filho gêmeo de Spurgeon assumiu a obra, ele foi eleito para o pastorado. Parece que mesmo então o desacordo sobre quem seria o melhor sucessor no Tabernáculo não tinha terminado inteiramente, e quando Pierson foi rebatizado por imersão na Capela Batista de James Spurgeon, em West Croydon, em fevereiro de 1896, houve aqueles que injustamente questionaram os seus motivos. A verdade é que Pierson tinha sido muito moderado em sua adesão à fé pedobatista por alguns anos, e não há motivo para duvidar de que a sua decisão final foi conscienciosa.

Antes que alguém julgue que a controvérsia ocorrida no

² *Thomas Spurgeon*, 1919, 152.

Tabernáculo em 1892-1893 foi simplesmente outro daqueles episódios nada edificantes da história da igreja, quando os cristãos se dividiam por apego excessivamente zeloso a “Paulo” ou a “Apolo”, é preciso mostrar que o que estava acontecendo tinha significação muito mais abrangente. O Dr. Pierson tinha mente melhor que Thomas Spurgeon e era uma personalidade magnética; por outro lado, o filho de Spurgeon estava na tradição da família, de maneira que a sua pregação ia mais ao coração que a do americano, e, para o prazer de muitos, ele tinha a voz do pai. Todavia, todas essas coisas eram relativamente sem importância, comparadas com a questão principal. Sob o ministério de C. H. Spurgeon, o Tabernáculo se posicionara conscientemente a favor do velho evangelicalismo; pelos serviços comuns de domingo e do meio de semana, pelo culto conduzido segundo a simplicidade escriturística da tradição puritana, pela definida teologia paulina da tradição reformada, e pela mensagem evangélica do viver santo – por esses meios, e sem quaisquer outros – a congregação do Tabernáculo tinha continuado a ser uma testemunha do poder de um cristianismo que em toda parte estava desaparecendo nos fins do século dezenove. A tragédia do Tabernáculo Metropolitano depois de Spurgeon foi que as discussões públicas que perturbavam a sua vida não se centralizavam no que era mais fundamental.

A prolongada discussão sobre o possível convite a Pierson para o pastorado devia ter terminado muito mais cedo, ante a evidência de que o seu calvinismo não era o calvinismo evangélico de Spurgeon. Alguém que ouviu Pierson no Tabernáculo disse: “Ele parece um puritano saído do túmulo”, referência, porém, só à sua aparência!³ A biografia de Pierson não revela que ele tivera o mais ligeiro interesse pelos puritanos. Os livros que tinham sido artigos de primeira necessidade para a educação espiritual de Spurgeon não eram a leitura de Pierson.

³ Arthur T. Pierson, *A Biography*, D. L. Pierson, 1912, 232.

Não há dúvida de que o próprio Pierson reconhecia que a sua vinda para ocupar o cargo de Spurgeon o trouxera a uma tradição muito diferente da dele. Comentando mais tarde o que foi requerido dele quando chegou a Londres, ele escreveu: “Cabia-me pregar a uma imensa multidão de pessoas que tinham sido instruídas em diferentes modos de explanar uma boa porção do ensino das Escrituras como também da prática inicial da Igreja apostólica”.⁴ Também, numa das primeiras descrições feitas por Pierson da congregação do Tabernáculo Metropolitano, como a encontrou em 1891, ele escreveu: “Aqui nada tira a atenção da simplicidade do culto e do evangelho... Um chantre dirige o canto congregacional sem sequer a ajuda de uma corneta; a oração, o louvor e a leitura da Palavra de Deus, com clara colocação da verdade do evangelho – esses foram os “meios de graça” utilizados durante toda a vida do Sr. Spurgeon”.⁵

Esse elogio à primitiva simplicidade do Tabernáculo poderia enganar-nos, se imaginássemos que ele evidenciava um adequado entendimento da significação teológica subjacente. Pois pouco tempo depois da chegada de Pierson houve um significativo acréscimo aos “meios de graça” acima, a saber, o método de separar a congregação no fim do culto com o uso da sala de perguntas – o pregador aconselhando todos os interessados a permanecerem para que ele se dirigisse a eles coletiva ou individualmente. Como uma experiência que ele já havia provado noutros lugares, existia um curto passo entre isso e o anúncio do número de “convertidos” – quer dizer, daqueles que, ao seu ver, tinham passado satisfatoriamente pela “sala de perguntas”.

Escrevendo em seu diário em dois de janeiro de 1892, Pierson registrou: “Três meses de boa saúde e de felicidade

⁴ *James Arthur Spurgeon*, G. Holden Pike, 1894, 6 (prefácio escrito por A. T. Pierson).

⁵ *Sword and Trowel*, 1892, 81.

não interrompidas. Todos cordiais, simpáticos e responsivos. Cinquenta almas colhidas em dezembro, e muitas outras interessadas. Imensas reuniões pós-culto no Tabernáculo. Reuniões de oração do mais profundo interesse”.⁶ Se até aquela ocasião Pierson não havia feito apelos para imediata profissão de fé no fim da sua pregação do evangelho, mais tarde isso viria a acontecer. Escrevendo a seus filhos sobre um compromisso de pregação no Tabernáculo em 1909 (sua primeira visita ali após dezesseis anos), diz ele:

“Foi tão claro que o Espírito Santo estava se movendo poderosamente que eu me senti impelido a fazer um teste para a congregação. Quando foi pedido àqueles que estavam querendo receber a salvação oferecida no evangelho que se levantassem, a princípio poucos se levantaram, depois outros mais se seguiram, até que não ficou nem uma só pessoa sentada no imenso auditório. A emoção foi intensa. Depois os oficiais me abordaram com referência à realização de uma série de cultos no edifício”.⁷

Os cultos propostos não se realizaram, pois ficou demonstrado que essa foi a última visita de Pierson à Grã-Bretanha antes da sua morte em 1911.

À luz das palavras de Fullerton, que contrastam desfavoravelmente Pierson com Thomas Spurgeon, poder-se-ia supor que, assim que o filho se estabelecesse no Tabernáculo, a “autêntica” tradição de Spurgeon estaria assegurada. Infelizmente não foi esse o caso. Thomas Spurgeon tinha uma fé evangélica simples, gostava de arte e de poesia, e, como seu pai, tinha os dons de humor e de imaginação. Em seu púlpito, quanto ao uso de anedotas e ilustrações, Fullerton fala dele como magistral.⁸ Contudo, ele não tinha estrutura

⁶ *Arthur T. Pierson, op. cit.* 241.

⁷ *Ibid.*, 271.

⁸ Diz-nos Fullerton que o discurso de Thomas Spurgeon na Conferência do Colégio de Pastores em 1896 foi sobre o assunto “Antídotos”, “sugerido pelo que disse uma mulher que ficava em casa nos domingos e lia os > >

de pensamento teológico, nem espírito para acompanhá-lo, que eram a essência do ministério do seu pai. Quanto ao teor evangélico, coube a Thomas estabelecer a nova característica essencial no Tabernáculo, uma característica que outra não era senão aquela na qual Pierson trabalhava. No caso de ambos esses homens, a fonte da nova influência era a mesma: no passado, na década de 1870, D. L. Moody e Ira Sankey tinham introduzido uma nova era, e depois da morte de Spurgeon esses dois homens continuaram sendo, sem dúvida nenhuma, as figuras evangélicas mais conhecidas no mundo de fala inglesa.

Em outubro de 1892, quando Thomas Spurgeon estava suprindo o púlpito durante a ausência de Pierson, que estava na América, ele promoveu uma missão de Moody no Tabernáculo. O número de novembro de *The Sword and the Trowel* registrou o sucesso dessa campanha – “algumas centenas de pessoas declararam que encontraram Cristo e a salvação” – mas não registrou que agora o Tabernáculo tinha endossado o método que C. H. Spurgeon nunca aceitaria. Quanto a isso, devemos dar atenção a uma testemunha ocular, E. J. Poole-Connor, presente na referida missão. Seu relato, escrito em 1941, há muito tempo está sem divulgação, pelo que o transcrevemos integralmente:

“Pode ser de interesse registrar algumas lembranças pessoais de uma reunião missionária dirigida pelo Sr. Moody no Tabernáculo Metropolitano em 1892. O presente escritor e duas pessoas amigas – uma delas agora sua mulher – pudemos entrar, apesar do aperto da multidão, quase uma hora antes da anunciada para o início da reunião, e, como agora o edifício estava com sua capacidade esgotada, as portas foram

<<sermões de Spurgeon, em vez de ir à capela a que pertencia, dizendo do pregador: “Só falou em antídotos, antídotos, antídotos, do começo ao fim, nada senão antídotos”. A queixa da velha mulher sobre a multiplicidade de anedotas nos sermões de um novo estilo estava provavelmente perto demais da verdade para ser assunto para brincadeira.

fechadas e começou o culto. Havia um coral enorme, e o Sr. Stebbins era o solista. Ele cantou “Talvez de manhã, quando o dia estiver despertando”. O texto do Sr. Moody foi Lucas 23:51, e o assunto foi a coragem moral muitas vezes requerida para confessar Cristo. “Suponho que existem tantos covardes por metro quadrado na Inglaterra como na “Amúrrica”, disse ele. Como podemos lembrar-nos, ele era forte, de compleição robusta, usava barba, a cabeça meio que dobrada sobre os ombros. Sua aparência geral era a de um vivo e próspero homem de negócio, muito aplicado ao trabalho que tinha diante de si. Não parecia nem um pouco ministerial, o colarinho um tanto gladstoniano que usava realçando o efeito “laico” do seu traje; e a ausência de linguagem bombástica ou de indevido pietismo contribuía para o jeito direto e próprio de negociante dos seus modos. Sua fala era viva, vigorosa, ia direto ao ponto, e era alegrada por anedotas ou historietas interessantes. Não nos lembramos de haver notado erros gramaticais, como os que às vezes dizem que ele comete. Parecia não haver grande poder em suas palavras enquanto as pronunciava, porém no fim do seu discurso o efeito foi eletrizante. Quando ele pediu àqueles dos seus ouvintes – particularmente homens – que estivessem dispostos a confessar Cristo pela primeira vez que se pusessem de pé e dissessem, “Eu o farei, senhor”, uma onda de profunda emoção varreu o grande auditório, e de todos os cantos homens se levantaram para responder. “Eu o farei, senhor.” “Eu o farei, senhor.” “Eu o farei, senhor.” Ao nosso redor quase todos estavam em lágrimas, e se podia ouvir orações murmuradas em todo o edifício. Soubemos que umas trezentas pessoas se declararam convertidas aquela noite”.⁹

Thomas Spurgeon voltou para a Nova Zelândia pouco antes do término dessa missão. Em seu último domingo, com Moody no Tabernáculo, conta-nos ele que o evangelista

⁹ *Evangelical Unity* (Unidade Evangélica), E. J. Poole-Connor, 1941, 98-99.

americano “teve uma conversa comigo no gabinete pastoral, quando disse: “Você ainda voltará para este lugar, e eu vou orar a Deus aqui e agora para que aconteça isso”.¹⁰ Quando o convite da igreja chegou a Thomas no ano seguinte, ele resolveu viajar via América e visitar Moody *en route*.¹¹ A predominância geral dos métodos de Moody que ele viu nas grandes congregações evangélicas dos Estados Unidos nada fizeram para levá-lo a pensar duas vezes se não estava acontecendo uma virada errônea com as inovações feitas no Tabernáculo Metropolitano.

O quanto mudou o espírito no Tabernáculo pode-se julgar pelas reuniões realizadas para celebrar a inauguração do novo Tabernáculo em outubro de 1900, depois que o antigo foi destruído por um desastroso incêndio em abril de 1898. Compare o leitor essas reuniões com as que foram realizadas no tempo da inauguração do edifício original em 1861, e verá que todo um mundo se fora. Nas reuniões de 1861 Spurgeon declarou, “A controvérsia que tem sido levada a efeito entre o calvinista e o arminiano é muitíssimo importante”, e, por conseguinte, ele teve a abertura do Tabernáculo assinalada por cinco discursos sobre as principais doutrinas da graça, as doutrinas da eleição e da redenção particular inclusive.¹² Não houve música, salvo o solene louvor a Deus pela adoração unida da congregação toda. Em contraste, relatando a inauguração do novo Tabernáculo, Fullerton escreve: “Algo que marcou os cultos de inauguração foi a presença do Sr. Ira D. Sankey”.¹³ Ele passa então a mencionar os oradores que falaram nas reuniões do segundo dia, que foram o Rev. F. B. Meyer e o Rev. J. H. Jowett, ambos decididamente não pertencentes à tradição teológica de Spurgeon. No tempo da controvérsia do Baixo Grau Meyer tinha proposto uma

¹⁰ *Thomas Spurgeon, op. cit.*, 158.

¹¹ No percurso. Em francês no original. Nota do tradutor.

¹² 7, 294-328.

¹³ *Thomas Spurgeon, op. cit.*, 197.

resolução, na Associação Batista de Londres, *contra* a adoção de uma declaração doutrinária e, embora ele próprio fosse evangélico, era o evangelismo da nova escola que iria mostrar-se comprovadamente arminiano em sua simpatia. Outro orador foi o Dr. Alexander McLaren, que, como anotamos num capítulo anterior, singularmente deixou de apoiar Spurgeon na época do Baixo Grau. “O Sr. Sankey cantou em diversas daquelas reuniões”, diz Fullerton, “e na noite de sábado, a um Tabernáculo abarrotado de gente, ofereceu um culto de canto.”

Praticamente a única história do Tabernáculo Metropolitano referente ao princípio do século vinte que Fullerton nos dá em sua biografia de Thomas Spurgeon, diz respeito a várias missões ou campanhas evangelísticas, que desempenhavam então um papel muito importante na vida da igreja. Nas reuniões especiais de 1905 – às quais se faz referência em *The Sword and the Trowel* como um “avivamento” – setecentos nomes dos que “confessaram Cristo” foram registrados. Na época em que Thomas Spurgeon renunciou por motivo de enfermidade, em 1908, 2.200 pessoas tinham sido admitidas na igreja durante os seus felizes catorze anos. Apesar do número que acaba de ser dado, Fullerton fala reservadamente de “rol de membros em decréscimo”.¹⁴ Numa carta particular a um amigo em 1902, o filho de Spurgeon escreveu: “Tem havido muitas e dolorosas provações, e no presente tenho estado deprimido além da conta. Para dizer a verdade, no presente não estou inteiramente jubiloso. As dificuldades são enormes e parecem aumentar... Meu grande temor é permanecer num cargo de honra mais tempo do que deveria”.¹⁵

Depois da renúncia de Thomas Spurgeon, o cargo pastoral foi ocupado por A. G. Brown. Embora dez anos mais novo que C. H. Spurgeon, Brown lhe era chegado e havia dirigido os seus funerais. Provavelmente ele tinha melhor

¹⁴ *Thomas Spurgeon, op. cit.*, 211.

¹⁵ *Ibid.*, 211.

entendimento do ministério de Spurgeon do que qualquer dos outros ocupantes do púlpito depois de 1892, e em T. L. Edwards, assistente designado em 1908, ele teve um colega com o qual tinha afinidade de pensamento. Contudo, isso duraria apenas três breves anos. Brown renunciou em 1910, e no ano seguinte, com a designação de Amzi Clarence Dixon, o Tabernáculo sucumbiu ao impacto total do fundamentalismo americano e do seu próprio tipo de evangelicalismo. O Dr. Dixon veio diretamente dos cinco anos de ministério na Igreja Memorial de Moody, Chicago, onde, diz-nos o seu biógrafo, “no transcurso de cada ano, de quinhentas a mil profissões de conversão tinham sido registradas nos livros da Igreja de Moody”. Com sua vinda, qualquer distinção restante entre o ministério de Spurgeon e a que caracterizou o de Moody parece ter sido obliterada. Foi instalado um grande piano, e “o cântico do evangelho”, juntamente com apelos públicos para “decisão” e com o sistema de sala de perguntas, tudo se tornou parte da vida usual da igreja. O ocasional e o irregular tinham-se tornado finalmente o lugar-comum.

O próprio Dixon tinha consciência de que estava instaurando mudanças. Antes de assumir o pastorado regular em Londres, ele tinha passado algumas semanas pregando no Tabernáculo, logo em 1911, e cedera a seguinte entrevista em seu retorno aos Estados Unidos:

“Você teve uma reunião pós-culto, como faz em Chicago?”, perguntou o representante de *The Advance*.

“Sim”, respondeu o Dr. Dixon, “e eu quero contar-lhe algo extraordinário sobre isso. Dirigi a primeira reunião pós-culto jamais feita no Tabernáculo de Spurgeon, e continuei a fazê-la todos os domingos à noite, enquanto estive lá. Houve quinze conversões na primeira noite, trinta na segunda, e o número subiu a trinta e cinco e até a quarenta nalgumas noites.”

“Eles adotaram os seus métodos?”

“Não posso dizer que o fizeram, a princípio. Meus métodos

eram demasiado americanos; mas ficaram entusiasmados com eles mais tarde.”

“Quais foram as suas primeiras impressões de um auditório londrino?”

“No começo parecia muito fleumático. Fazia frio; talvez isso tenha algo a ver com o fato de as pessoas parecerem frias. Todavia, depois do gelo ser quebrado eles fizeram a mais entusiástica apreciação que já se viu.”¹⁶

Entusiasmo pode-se tomar como a palavra chave para o ministério inicial de Dixon em Londres, e o espírito logo foi comunicado a outros. Um jornal cristão, comentando o Tabernáculo, falou em “Sinais de um Avivamento”, dando a informação de que a galeria inferior tinha voltado a estar em uso nas noites de quinta-feira. A um representante do jornal *South London Press*, que entrevistou o Dr. Dixon em seu gabinete, ele revelou a esperança de que haveria um avivamento que iria “Sacudir a Zona Sul de Londres” – visivelmente dando suporte à sua opinião com uma declaração sobre o número de interessados que recentemente haviam confessado sua fé. No verão de 1912, quando Dixon foi um dos oradores em Keswick, houve mais vibração quanto aos grandes progressos a serem feitos no Tabernáculo. *The Christian Age* correspondente a 5 de julho de 1912 comentou o espantoso propósito que Dixon tinha em vista da conversão de “O Elefante e o Castelo” numa colmeia¹⁷ evangélica. Mas havia um traço de ceticismo nas palavras do repórter: “Todo o crédito ao Dr. Nixon por suas grandes idéias. Entretanto, as cem mil libras que ele quer não incluem os grandes edifícios que tomariam o lugar do “Elefante”, nem a manutenção deles, e a gente se pergunta se realmente é necessária aqui outra dispendiosa missão central”.

¹⁶ Publicado em *The Christian Age*, em 4 de maio de 1911.

¹⁷ Prefiro esta forma a “colmeia”. “Colmeia” tem melhor estrutura etimológica. Nota do tradutor.

Não é fácil avaliar o fruto espiritual dos oito anos de Dixon em Londres. O grande projeto de nova construção jamais se realizou; isso de fato não é mencionado pela biógrafa de Dixon, sua segunda mulher, Helen C. A. Dixon. Mas, de acordo com a Sra. Dixon, certamente houve avivamento. Numa campanha realizada em 1912 “mais de trezentas pessoas confessaram sua decisão por Cristo”;¹⁸ em 1915 Dixon empenhou-se com alguns dos membros da sua igreja no sentido de “tentarem conquistar ao menos uma alma para Cristo cada semana”,¹⁹ e num culto em maio desse ano, em favor dos refugiados continentais, “Numa só reunião vinte e sete franceses se decidiram por Cristo”. No ano subsequente Dixon ajudou a dirigir a “Campanha do Jubileu”, de seis meses de duração, das igrejas batistas de Londres, e escreveu sobre “sinais de um grande avivamento no Tabernáculo”.²⁰ Em 1912, quando houve a “Campanha da Trincheira”, de cinco meses, e uma “Missão de Quadros do Evangelho”, “mais de setecentas pessoas aceitaram a Cristo”.²¹ “O Tabernáculo”, escreveu Dixon nos fins de 1918, “nunca esteve em condições mais prósperas”.²² Todavia, nessa mesma data, Charles Noble, velho membro do Tabernáculo, escreveu um relato muito diferente sobre as condições da igreja²³ - relato que o presente autor ouviu confirmado por outros que também pertenciam à congregação e cuja memória lembrou aquele período.

¹⁸ A. C. Dixon, *A Romance of Preaching* (Um Romance de Pregação), 1931, 212.

¹⁹ *Ibid.*, 218.

²⁰ *Ibid.*, 222.

²¹ *Ibid.*, 233.

²² *Ibid.*, 237.

²³ Ver o Apêndice deste livro. Na biografia de Dixon não há nenhuma insinuação de que existiam críticas a seu pastado no Tabernáculo, apesar de, numa carta de 1917 à sua primeira esposa, considerando se deveria continuar no Tabernáculo, ele ter escrito: “Parece-me que Deus quer que eu permaneça aqui mesmo e dê testemunho dEle, se bem que eu posso ver que isso significará oposição, se não perseguição e sofrimento” – A. C. Dixon, 228. O sentido dessa declaração a biografia dele não explica.

O ministério de Dixon ilustra quão diferente a nova perspectiva evangélica era da de Spurgeon. No vocabulário da escola puritana, os avivamentos eram manifestações extraordinárias do poder de Deus, e, por definição, não eram produzidos por nenhum labor humano. Mas, sob C. G. Finney, e mais tarde sob Moody, as campanhas tinham tantos “resultados” que elas também vieram a ser mencionadas como “avivamentos”. Na verdade, Finney deliberadamente tratava o esforço evangelístico e os avivamentos como sinônimos, e incentivava a filosofia de, “quanto mais esforço, mais avivamento”. Esse foi o modelo de pensamento que compôs o cenário de fundo de Dixon, colocado em palavras pelo próprio pai no conselho que lhe deu sobre continuar no seu primeiro pastorado: “Meu filho, tenha quantas reuniões de oração e quantos avivamentos puder, e tão poucas reuniões da igreja quando possível”.²⁴ No entanto, diversamente dos velhos avivamentos, a vara de medir das campanhas não era primariamente a evidência de vidas transformadas – recebendo homens e mulheres à disciplina e aos deveres próprios dos membros da igreja – era, mais simplesmente, o número de “decisões”. Para obter “decisões”, uma oportunidade para resposta à mensagem era essencial, e assim foi que essa prática tornou-se praticamente o carimbo áureo universal da “pregação evangelística”. “Ele sempre encerrava o seu sermão com um apelo para aceitar a Cristo”, escreveu um observador de Dixon,²⁵ e outro concordou em esse testemunho; “A evangelização era a paixão da sua vida. Mesmo depois de dissertar sobre “Abraão Lincoln”, eu o ouvi concluir com um apelo, e almas vieram a Cristo”.²⁶

A Sra. Dixon, falando da pregação evangelística do seu marido, refere-se a uma crítica feita por um diácono numa “igreja histórica” da qual o seu marido era pastor. A frase e a

²⁴ A. C. Dixon, *A Romance of Preaching* (Um Romance de Pregação), 1931, 275.

²⁵ *Ibid.*, 264.

²⁶ *Ibid.*, 282.

natureza da narrativa apontam para o Tabernáculo de Spurgeon. Disseram-nos que a crítica foi suavizada desta maneira: “No domingo seguinte o Espírito de Deus tocou seu coração, e o orvalho do céu caiu sobre a igreja. Pela primeira vez, na lembrança de todos os presentes, houve conversões no culto matutino. Cinco pessoas atenderam a um apelo para decisões”.²⁷ Tal modo de escrever indica como a Sra. Dixon parece ter esquecido a advertência freqüentemente repetida por Spurgeon de que “decisões” e “conversões” poderiam muito bem ser duas coisas diferentes.

A evidência da freqüente ocorrência de grande número de supostos “convertidos” sob o novo tipo de evangelização, cujo cristianismo provou-se de curta duração, deveria ter sido prova suficiente disso,²⁸ mas tal era o fervor evangelizante e a impaciência para com definições doutrinárias, que poucos paravam para questionar se o número dos que atendiam aos “apelos” era uma indicação de realidades espirituais.

²⁷ A. C. Dixon, *A Romance of Preaching* (Um Romance de Pregação), 1931, 273.

²⁸ Um escritor que pertencia à velha escola evangélica ofereceu esta reportagem, publicada em *The Signal* de primeiro de julho de 1884, sobre os resultados comuns dos novos métodos na Escócia: “Um evangelista deu como informação de reuniões durante duas semanas, em conexão com uma igreja, “sessenta salvos”. Posso perguntar ao leitor quantos desses sessenta ele supõe que três meses depois fariam sequer uma declaração de cristianismo? Lamentamos dizer, nenhum. Imaginamos que, enquanto a Igreja durar na terra, devemos esperar o cumprimento da parábola do Senhor que fala dos quatro tipos de terreno, ou melhor, das quatro amostras de terreno, em diferentes estados de preparação para a semente, mas nunca vimos o terreno pedregoso, o terreno pisado e o terreno raso em tais proporções como os vemos agora”. Aqueles líderes escoceses que deram sua aprovação a Moody nunca previram esta consequência do seu apelo público, embora tivessem desconfiança sobre isso na época. John Cairns, por exemplo, comentando a obra de Moody na Escócia, escreveu: “O único aspecto que talvez nem todos aprovassem foi a vinda de pessoas à frente para orarem em seu favor, mas eu me acostumei com isso, e todas as outras coisas eram tão decorosas que eu fiquei satisfeito, e até agradecido”. *Life and Letters of John Cairns* (Vida e Cartas de J. C.), A. R. MacEwan, 1895, 721.

Temos, pois, considerado algo da história do Tabernáculo posterior a 1892. Resta agora perguntar como foi possível tal mudança justamente no centro da obra de Spurgeon. Para o presente escritor sobressaem três razões.

Primeira, as influências que produziram a mudança estavam em ação durante a vida de Spurgeon. Mesmo no círculo mais amplo de algumas das instituições a que ele dera início, tinham tomado pé certos métodos e práticas que ele não tinha autorizado e que, entretanto, não tinha proibido. Os casos mais notáveis ocorreram na Sociedade de Evangelistas do Colégio de Pastores, organização que tinha começado como um ramo do Colégio na década de 1870, com vistas a esforços evangelísticos especiais em partes necessitadas do país. Entre os homens que serviram nessa sociedade, os mais proeminentes foram “os evangelistas de C. H. Spurgeon, Fullerton e Smith”.²⁹ Conforme relatório posterior de Fullerton, ele foi o principal orador nos cultos missionários, ao passo que os dons de J. Manton Smith constavam do uso de anedotas, de sua habilidade com a corneta e do seu canto. “Reconheço que era Manton que atraía as pessoas às quais eu pregava... A princípio costumávamos descansar sábado à noite, porém, com o tempo, repousando na sexta-feira, idealizamos “Cultos de Canto”, selecionando certo número de peças musicais, tratando na seqüência de um só assunto. Isso atraía muita gente, e dava a meu colega ampla oportunidade para fazer uso dos seus talentos especiais...”.³⁰

W. Y. Fullerton propiciou-nos sua autobiografia em seu livro, *At The Sixtieth Milestone*. Convertido quando “adolescente na antiquada Igreja Presbiteriana da sua meninice em Belfast, “descobriu” o trabalho da sua vida quando Moody e Sankey estiveram nessa cidade em 1874. Sobre a missão deles naquele

²⁹ Ver *Autobiography*, 4, 335.

³⁰ *At the Sixtieth Milestone* (No Sexagésimo Marco), W. Y. Fullerton, sem data, 77 e 96.

tempo, ele escreve: “Aqueles para quem tais movimentos são familiares não podem fazer idéia da revolução que pode ser causada numa vida jovem por tal ministério”.³¹ Posteriormente, indo a Londres e ao Colégio de Spurgeon, ele empreendeu pessoalmente uma evangelização itinerante, e adotou de todo o coração os novos métodos. A crença em que a música é uma influência essencial de atração, o apelo para decisões públicas por Cristo, o aparelhamento da sala de perguntas e o subsequente anúncio do número de decisões – todas essas coisas caracterizavam o ministério de Fullerton, como o leitor da sua autobiografia logo vê. Não está bem claro como foi que todas essas coisas se tornaram comuns na Sociedade de Evangelistas antes da morte de Spurgeon. Significativamente, uma recomendação dos métodos de C. G. Finney não apareceu nas colunas de *The Sword and the Trowel* até o ano depois do qual a pena editorial de Spurgeon foi posta de lado, quando A. A. Harmer, outro membro da mesma sociedade, escreveu: “O evangelista de hoje pode aprender muito dos métodos adotados na obra de avivamento realizada pelo Sr. Finney”.³² Não obstante, alguma evidência do afastamento da posição de Spurgeon pode-se ver nas Notas da mesma revista, as quais registram a obra da Sociedade de Evangelistas antes de 1892. O Secretário da Associação Cristã de Moços (“Y.M.C.A.”) de Bradford, por exemplo, informa aos leitores de *The Sword and the Trowel*, em dezembro de 1890, que em recentes cultos de Fullerton e Smith, “foram atendidos pessoalmente 350 interessados ansiosos nas reuniões pós-culto”. Sobre outra missão de Fullerton no mesmo ano lemos: “Todas as noites, durante a missão, almas foram salvas, e a cena que testemunhamos na noite do último domingo,

³¹ *At the Sixtieth Milestone* (No Sexagésimo Marco), W. Y. Fullerton, sem data, 60.

³² *Sword and Trowel*, 1893, 188. Não admira que o biógrafo de A. C. Dixon faça elogio irrestrito a Finney, *op. cit.*, 6.

quando cerca de cem pessoas encheram o recinto da sala de perguntas, fez os nossos corações cantarem de alegria”.

Por que Spurgeon teria permitido essas coisas no círculo em que a sua palavra poderia ter sido decisiva? Sem dúvida, uma consideração que o fez tolerante era que os evangelistas se dedicavam zelosamente à conquista de almas: ele não duvidava dos motivos deles, e se o seu entendimento teológico não era forte, ele se lembrava de que Deus dá diferentes dons aos homens. Além disso, grande parte dessa obra evangelística “especial” não era considerada como culto público. A era em que as salas de missões, os teatros e outros edifícios passariam a ser locais para evangelização tinha começado, e Spurgeon sempre teve simpatia pelas tentativas de alcançar as massas por quaisquer meios; num sentido ele mesmo tinha feito isso em anos anteriores. Em algo que era clara referência a Moody e Sankey, ele dissera em 1873: “Não hesito em dizer que grande parte da ordem da igreja, e grande parte do que é apropriado e do decoro, dos regulamentos, e do “como-era-no-começo-é-agora-e-o-será-para-sempre” – ismo, não passam de especiarias e linho para um Cristo morto, e Cristo está vivo, e o que se requer é dar-lhe lugar! Não digo isso por mim – não sou sempre correto? – mas o digo por amor dos zelosos irmãos evangelistas...”³³

Spurgeon estava disposto a acautelar os homens contra o freqüentíssimo emprego de reuniões especiais, mas, em princípio, aceitava a sua utilidade; o que não foi deixado claro por nenhuma das partes na época foi a questão sobre até que ponto aquelas reuniões deveriam ser reguladas pelos mesmos princípios que governavam o culto e as atividades regulares da igreja. Se no início fosse proposto que os novos métodos evangelísticos fossem introduzidos nos cultos regulares das igrejas, pouca dúvida há de que sofreriam ampla oposição. O fato é que eles ganharam a sua ascendência

³³ 19, 215.

noutra esfera. O trabalho do amigo de Moody, F. B. Meyer, pastor da Igreja de Cristo, uma congregação não distante do Tabernáculo, ilustra o modelo comum. Num esforço para alcançar os não freqüentadores de igreja, Meyer começou, no fim de 1893, a ter reuniões especiais para homens, designadas “Uma Agradável Tarde de Domingo”. Nessas reuniões, diferentemente dos seus cultos na igreja, havia banda, coro e órgão! Em acréscimo, a reunião era considerada “informal”, e até “aplausos” não estava fora de lugar. Havia, porém, uma ordem, que Meyer nos diz ter sido como segue:

- 3h30 Hino.
- 3h35 Leitura das Escrituras; cerca de dez versículos, por um irmão escolhido.
- 3h38 Antífona ou Hino com Coro, participação do *Prize Choir* (Coro do Galardão).
- 3h43 Oração, seguida pela Oração do Senhor, dirigida por um irmão.
- 3h45 O primeiro solo.
- 3h50 Notícias, pelo Secretário.
- 3h53 Dirigente; sempre que possível, eu mesmo.
- 4h00 Hino.
- 4h05 Nosso orador da tarde.
- 4h25 O segundo solo.
- 4h30 Exortações a assinar a Promessa e a decidir-se por Deus, seguidas do último hino.
- 4h35 Breve oração.³⁴

³⁴ *Reveries and Realities; or, Life and Work in London* (Fantasias e Realidades; ou, Vida e Obra em Londres), F. B. Meyer, 51. Quando Meyer foi para a Igreja de Cristo, W. Y. Fullerton foi designado para o seu cargo anterior, Melbourne Hall, Leicester. Subseqüentemente Fullerton veio a ser biógrafo de Meyer. Nesse livro, como em sua biografia de Spurgeon, Fullerton deixa de dar qualquer indicação de quanto o movimento evangélico do início do século vinte se afastara da posição de Spurgeon. Quando a biografia de Spurgeon saiu, em 1920, H. Tydeman Chilvers, que era então pastor no Tabernáculo, criticou Fullerton por ter escrito em termos tão >>

Os que desejavam tornar-se cristãos, Meyer escreve, eram exortados a ir a uma área da igreja denominada “Recanto da Consagração”.

Contudo, o caso não é apenas que a atitude de Spurgeon para com essas coisas era simplesmente de indulgência. Ele fez repetidas advertências contra a nova tendência. Bem cedo, já em 1875, ele expressou preocupação de que a prática de Moody e de Sankey produzisse um novo tradicionalismo. “Todos nós somos muito propensos a meter-nos dentro de uma bela armadura e de nos amarrarmos a regras e métodos... Ora, valha-nos Deus, se havemos de ter um culto especial, um irmão precisa dirigi-lo segundo o método de Moody, e outro só pode ter os hinos de Sankey. Quem somos nós, então, que tenhamos que seguir outros? Nem nos falem de inovações, e tudo mais; fora com o seu lixo!”³⁵ A prontidão em considerar a música uma parte vital da evangelização ele também condenava. “Caros amigos, sabemos que não devemos objetivar a conquista de almas pela música”; se fosse assim, continua ele, seria hora dos pregadores abrirem alas para os cantores de ópera.³⁶ Em 1882 ele declarou: “A prática de submeter as multidões ao peso das excitações recentemente inventadas, infelizmente identificamos muito depressa com o poder de Deus. Esta época de novidades parece ter descoberto poder espiritual no metal das bandas de música e nos pandeiros... A tendência da hora é para grandeza, ostentação e exibição de força, como se essas coisas pudessem fazer com certeza o que os instrumentos mais regulares não têm conseguido

<< descomprometidos sobre a Controvérsia do Baixo Grau e por não ter feito “ousada defesa da atitude do Sr. Spurgeon” (citado em *A Centennial History of Spurgeon’s Tabernacle* (História Centenária do Tabernáculo de Spurgeon), Eric W. Hayden, 1971, 43), mas todo o tratamento dado por Fullerton em seus escritos publicados, em sua pobreza de entendimento teológico, merece censura. Algumas das coisas mais valiosas a Spurgeon, Fullerton, por seu silêncio, deixou que os seus leitores ignorassem.

³⁵ 21, 515.

³⁶ 18, 239.

realizar.”³⁷ Novamente, em 1888: “Jesus disse: “Pregai o evangelho a toda criatura”. Mas os homens estão ficando cansados do plano divino; eles vão ser salvos pelos clérigos, vão ser salvos pela música, vão se salvar por teatralidades, e ninguém sabe mais o quê!” Bem, eles podem tentar essas coisas quanto quiserem; porém, de tudo isso nada poderá vir, senão decepção e confusão, Deus sendo desonrado, o evangelho mascarado, hipócritas manufaturados aos milhares, e a Igreja arrastada para baixo, para o nível do mundo”.³⁸

Igualmente fortes foram suas palavras contra o sistema de fazer com que os interessados dêem o passo *público* que os compromete, ou que sejam levados para serem atendidos por “obreiros pessoais”. Ele nunca adotou essa prática, porque acreditava que os pecadores têm que tratar diretamente com Deus; uma vez que o evangelho tenha sido pregado, todo o conselho de que as almas inquiridoras precisarão receber pode ser dado com palavras como estas: “Você não está longe de encontrar Cristo. Ponha-se atrás de uma das colunas de fora, ou vá pela rua, e que o seu coração diga: “Salvador, quero paz, e paz nunca terei enquanto não Te encontrar. Vê, eu confio em Ti. Manifesta-Te a mim neste momento e diga à minha alma: “Eu sou a sua salvação”.”³⁹

Mesmo assim, se outros ocasionalmente designassem uma sala de perguntas, ou pós-reuniões, ele não condenaria isso, desde que não fosse tratado como uma parte *necessária* da evangelização.

Nos anos finais da vida de Spurgeon ele se alarmou temendo que alguns dos seus colaboradores não estavam enxergando os perigos. Falando a seus alunos e a membros da Sociedade de Evangelistas do Colégio de Pastores, ele disse: “Em nossos cultos de avivamento, faríamos bem em variar o nosso procedimento. Às vezes, fechem a sala de perguntas. Tenho meus temores quanto a essa instituição, se for usada

³⁷ 28, 377.

³⁸ 40, 199.

³⁹ 24, 84.

permanentemente e como parte inevitável dos cultos”.⁴⁰ E novamente, aos mesmos homens:

“É um fato que milhares de pessoas vivem perto dos nossos notáveis santuários e nunca sonham em entrar neles. Até a curiosidade parece embotada.

“Por que será? Donde vem essa aversão pelos cultos comuns do santuário? Acredito que, em certa medida, a resposta está numa direção da qual pouco se suspeita. O sensacionalismo tem sido cada vez mais paparicado; e, como esse miserável apetite aumenta em fúria quanto mais gratificado é, acaba sendo impossível satisfazer às suas exigências. Aqueles que introduziram toda espécie de atrativos em seus cultos terão que se culpar a si mesmos, se o povo abandonar os seus ensinamentos mais sóbrios e exigir cada vez mais o que é ruidoso e singular. Como acontece com o viciado em bebida, a sede de excitação cresce. A princípio, o espírito fogo pode ser esfriado com um gole; mas o próximo trago tem que ser mais forte, e logo vai ser exigida uma dose dupla. O habitual usuário de gim quer coisa mais forte do que a bebida pura, por mortal que lhe seja o trago. “Você chama *isso* gim? Ora, conheço um lugar onde, por alguns centavos, posso ter uma bebida que vai queimar até a sua alma!” Sim, o gim leva até ao ácido sulfúrico; e o sensacional leva ao ultrajante, se não ao blasfemo. Não quero condenar ninguém, mas confesso que me sinto profundamente triste com algumas invenções da obra missionária moderna”.⁴¹

Dos parágrafos anteriores pode-se ver que havia uma certa ambivalência na atitude de Spurgeon para com a nova abordagem evangelística. Suas advertências eram claras e a ênfase a elas fortaleceu-se até à sua morte, entretanto ele se

⁴⁰ *An All-Round Ministry*, 372.

⁴¹ *Ibid.*, 296-297. Seus sermões contêm muitas advertências similares. “Se você quiser promover avivamentos, como o termo está, você poderá fazê-lo, justamente como poderá cultivar morango sem gosto no inverno, com calor artificial.” 17, 499.

dispunha a passar generosamente por alto muita coisa em seus obreiros, e, como ele não insistisse em sustar os métodos que o perturbavam, aqueles que os estavam usando não eram vistos pelo público como estando em desacordo com o seu líder. A corrente popular movia-se fortemente em favor dos métodos que reivindicavam resultados mais imediatos e mais numerosos da pregação do evangelho. Em seus últimos anos Spurgeon foi ficando cada vez mais isolado em seu apego à simplicidade da velha abordagem. Para muitos, a mudança da antiga para a nova parecia tão natural como a mudança da luz de gás para a eletricidade, e assim que o pastor do Tabernáculo Metropolitano partiu, não restou mais nenhuma voz que lhes dissesse por que a antiga era melhor.

Uma segunda razão pela qual o Tabernáculo Metropolitano falhou não sustentando a posição de Spurgeon pode ser encontrada no predomínio da influência americana entre 1891 e 1919, isto é, desde a época da chegada de Pierson até a data da renúncia de Dixon. Mesmo no pastorado de Thomas Spurgeon observamos quão forte foi a influência de D. L. Moody, e foi o mesmo filho que aprovou o convite a Dixon para o Tabernáculo. O Dr. Pierson tinha igualmente insistido na designação de Dixon, enviando ao Diácono Olney a mensagem: “Confiem em Deus, e chamem Dixon para o pastorado”.⁴²

Há uma explicação para a ascendência dessa liderança dos Estados Unidos sobre o cargo de Spurgeon, e se relaciona com a maneira pela qual os últimos anos da sua vida foram dominados pela Controvérsia do Baixo Grau. Nessa controvérsia a abjeta fraqueza de muitos líderes da Igreja Inglesa Livre foi claramente revelada, e a desconfiança de Spurgeon na União Batista foi registrada abertamente. As circunstâncias dessa penosa situação animaram Spurgeon a pôr a prêmio amigos em quem ele tinha confiado que manteriam sua posição

⁴²A. C. Dixon, *op. cit.*, 193.

ao lado da Bíblia como a Palavra de Deus, e em homens como Pierson e Moody ele viu aliados solidários no combate à infidelidade. Com a própria sobrevivência do cristianismo sobrenatural em perigo nos púlpitos da Inglaterra, Spurgeon se dispôs a dar as boas-vindas ao auxílio de homens que, embora talvez não compromissados com o calvinismo evangélico histórico, estavam defendendo os “fundamentos”. Sua ênfase, em face da ameaça da Alta Crítica, era pela “unidade daqueles que se mantinham livres do racionalismo e da superstição”. Em parte no interesse desta união mais ampla de crentes na Bíblia, Spurgeon insistia, como notamos, em que a Controvérsia do Baixo Grau não era sobre verdades do calvinismo. Isso abriu o caminho para a aliança americana. É difícil avaliar até que ponto Spurgeon estava cômico do fato de que os pregadores americanos que acompanharam Moody à Inglaterra estavam mais próximos da escola de Finney do que da posição evangélica americana clássica de Jonathan Edwards e dos homens de Princeton – afinal, falando em termos gerais, ele nunca os ouvira pregar – e, contudo, não obstante qualquer medida de dúvida que ele possa ter tido a respeito do inteligente compromisso deles com as confissões reformadas, ele sentiu necessidade do seu companheirismo na oposição ao perigo da hora. Falando desse elo transatlântico, Helen C. A. Dixon escreveu: “Um constante intercâmbio de pregadores e evangelistas estava fazendo muito, naqueles dias, para unir os crentes evangélicos da Inglaterra e da América na oposição aos destrutivos ensinamentos da Nova Teologia”.⁴³

Todavia, o incentivo que Spurgeon deu à aliança americana e a uma comunhão evangélica mais ampla não foi um incentivo à unidade da Igreja desvinculada do calvinismo. Numa carta a um colega de ministério, em 1889, Spurgeon escreveu sobre manter uma frente comum com os Batistas

⁴³ A. C. Dixon, *op. cit.*, 95. Dixon visitou a Inglaterra e se encontrou com Spurgeon no Tabernáculo pela primeira vez em 1889.

Gerais, que eram evangélicos, ainda que talvez arminianos: “Há uma diferença vital entre nós e os do Baixo Grau, mas há uma clara plataforma evangelística sobre a qual podemos postar-nos com eles”. Contudo, na mesma carta ele diz: “Não vejo como nós, calvinistas, podemos tornar-nos pastores de igrejas assumidamente arminianas”.⁴⁴ Na obra e no ensino regular da igreja ele reconhecia que havia uma séria objeção ao enfraquecimento da verdade calvinista por amor da unidade. Para ele nem se poderia pensar num pastor arminiano ser aprovado para o Tabernáculo. Mal pôde prever que, acolhendo bem os visitantes americanos, e dando a impressão de que em todos os aspectos importantes eles eram um, até certo ponto estava preparando o caminho para que se estabelecesse em seu púlpito uma tradição alheia à dele. O espírito católico com o qual Spurgeon acolheu a comunhão com cristãos de outra escola evangélica certamente não precisa de defesa; acreditamos que onde ele calculou mal foi em não prever que dessa aliança, formada numa crise temporária, emergiria uma nova forma de evangelicalismo. Ele considerava Moody como um homem que estava fazendo uma contribuição para o movimento evangélico, e não avaliou a extensão em que a perspectiva evangélica geral, por longo tempo no futuro, haveria de ser influenciada pelo “moodyismo”. Nesse julgamento errôneo Spurgeon não estava só. Já em 1903 o Dr. David R. Breed, num artigo sobre “A Nova Era do Evangelismo”, em *The Princeton Theological Review*, um bastião da ortodoxia reformada, seguia uma linha similar à de Spurgeon. Ele elogiou Moody, mas criticou o “moodyismo”: “O “moodyismo” significava muita coisa que era evangélico, vital e profundamente zeloso; mas também significava muita coisa defeituosa, errônea e divisora... No transcurso do tempo os defeitos começaram a acarretar a sua

⁴⁴ Carta ao Sr. Mills, primeiro de março de 1889, cópia na Escola de Spurgeon.

decadência. O próprio Sr. Moody parecia dar-se conta disso”. O mesmo escritor prossegue e fala do “moodyismo” como coisa do passado. Essa avaliação foi profundamente errada.

O movimento evangélico do século vinte dos dois lados do Atlântico viria a ser um movimento em que tudo o que era distintivo do cristianismo reformado sairia de cena – seria o evangelicalismo de “*The Fundamentals*” – Os Fundamentos – (nome dos doze volumes que Lyman Stewart e A. C. Dixon começaram a publicar em 1910), de Keswick,⁴⁵ da Bíblia de

⁴⁵ Spurgeon considerava o ensino sobre a “vida espiritual superior”, que inspirou a Convenção de Keswick, como fundamentado num erro e, portanto, causador de uma tensão antibíblica de piedade, “Miserável homem que eu sou”, disse o apóstolo Paulo, “quem me livrará do corpo desta morte?” Disse isso, não porque não era um santo, mas porque estava muito adiantado no caminho da santidade”. *Met. Tab. Pulpit*, 24, 436. “Alguns dizem que vivem bem perto de Jesus. É um mau sinal quando os homens falam das suas próprias conseqüências.... Gosto de estar com pessoas de Deus da classe mais pobre e do tipo que enfrenta mais conflitos e aflições. Gosto de estar com pessoas de Deus que luta duramente contra pecados, dúvidas e temores. Se irmãos superiores falam comigo, vejo que tenho bem pouca comunhão agradável com eles, pois nada sei da sua maravilhosa experiência de liberdade do conflito, e da libertação completa de todas as más tendências. Jamais passei um dia que não tenha tido tristeza por minhas imperfeições”. *Ibid.*, 34, 623. “Digo-lhes solenemente que a prosa que tenho ouvido ultimamente sobre perfeição na carne vem da ignorância da lei e do ser pessoal interior.” *Ibid.*, 25, 367. “Os filhos de Deus pecam, pois ainda estão no corpo. Se estiverem no correto estado de coração, lamentarão isso, e esse será o fardo da vida deles. Oh, se pudessem viver sem pecar! É o que anelam, e nunca estarão plenamente contentes enquanto não o conseguirem. Eles não se escusam, dizendo, “Não posso ser perfeito”, mas sentem que a sua incapacidade é o seu pecado. Eles consideram toda transgressão e tendência para pecar como falta grave e se lamentam por isso dia após dia. Eles gostariam de ser santos como Cristo é santo. A vontade está presente neles, porém não vêem como realizar esse seu desejo.”

Neste sentido também A. T. Pierson estava em marcante contraste com Spurgeon. Seu biógrafo escreve: “Ele conheceu bem o “Ensino de Keswick”, como é comumente chamado, ainda antes de visitar Keswick. No ano de 1895 ele tinha aprendido por experiência o propósito e o poder de Deus de transformar o caráter e de conceder vitória sobre todo pecado conhecido”. Posteriormente ele foi um orador popular nos círculos de Keswick em ambos os lados do Atlântico. *Arthur T. Pierson, op. cit.*, 287ss.

Scofield ⁴⁶ e das campanhas evangelísticas com seu aparelhamento para “decisões”. Para crédito desse movimento, é preciso dizer que se opunha ao modernismo e acreditava em levar o evangelho às massas, mas na coluna do débito sua condenação está em que ignorou muita coisa da herança cristã histórica; foi após novas modas – por exemplo, o premilenismo dispensacional e o ensino de que o crente deve receber, pela fé, a plenitude do Espírito Santo e assim passar do “cristianismo carnal” para o “viver vitorioso”. Em geral, ele criou nas igrejas evangélicas uma geração que gostava de anedotas, humorismo e música, porém que não conhecia quase nada de teologia e das confissões de fé. Tudo isso aconteceu porque a doutrina de Deus tinha sido removida da sua posição central na revelação bíblica e, conseqüentemente, a visão cristã da glorificação de Deus – “para que Deus seja tudo em todos” – perdeu-se de vista. Os evangélicos começaram a pensar e a falar como se a mensagem de salvação não fosse “o evangelho de Deus” (Romanos 1:1) e como se somente Cristo fosse objeto de fé. Já em 1879 Spurgeon notara esse perigo: “Hoje em dia parece que na mente de alguns o Pai é olvidado. Cristo é amado, pois Ele morreu, mas muitos parecem ver o Pai como não tendo nenhuma participação na maravilhosa obra de redenção.”⁴⁷ Essa falta de fé teocêntrica veio a ter grave efeito no conteúdo da mensagem do evangelho; com muita freqüência o perdão era apresentado como se isso, e não o conhecimento e a glorificação de Deus, fosse o fim da salvação. Similarmente, a maneira

⁴⁶ Sobre o papel que a interpretação da profecia desempenhou na formação do espírito fundamentalista, ver Ernest R. Sandeen, *The Roots of Fundamentalism*, “British and American Millenarism 1800-1930” (Registro do Fundamentalismo, Milenarismo Inglês e Americano, 1800-1930). O leitor encontrará também mais sobre a história de A. C. Dixon neste volume. As idéias de Spurgeon sobre profecia, e sua oposição ao dispensacionalismo, discuti num apêndice do meu livro, *The Puritan Hope* (A Esperança Puritana), 1971.

⁴⁷ 25, 170.

pela qual a mensagem era apresentada aos homens sofreu mudança. Em sua avidez por “conquistar” homens para Cristo, os evangelistas tendiam a passar por algo o fato de que, se o pecado for avaliado sob sua verdadeira luz, os homens têm que saber que são criaturas – dependentes do Criador e Seus devedores. No interesse de uma “evangelização de sucesso”, a ênfase já não era sobre a declaração do caráter de Deus e das exigências da Sua santa lei, mas em animar os homens a “abrirem seus corações” para Cristo. A frase apostólica “arrependimento para com Deus” caiu do uso comum e “decidir-se por Cristo” tornou-se a nova expressão ampla.

Não há acusação mais grave que se possa fazer contra a escola “fundamentalista” de cristianismo do que o fato de que ela produziu uma geração de evangélicos que se mostravam grandemente destituídos de reverência a Deus e cuja familiaridade com Jesus era muitas vezes produto de ignorância.⁴⁸

É preciso dizer mais uma coisa para explicar o curso que o Tabernáculo seguiu depois da morte de Spurgeon. Por motivos que ainda tentaremos explicar, Spurgeon deixou após si bem poucos colegas que permaneceram na posição que ele ocupara. Nesse aspecto a seguinte passagem de um obituário publicado em *The Daily Chronicle* de primeiro de fevereiro de 1892 foi em grande parte acurada:

⁴⁸ Um pregador do início do século 20 que enxergou o perigo. G. H. Morrison, de Glasgow, escreveu: “Jamais houve uma época em que tanto se tenha falado e escrito sobre o amor cristão. Se agíssemos mais e falássemos menos sobre isso, poderíamos dar nova vida à nossa reverência moribunda. Quanto do nosso amor a Jesus, assim chamado, é desdenhado e rejeitado por um Deus infinito porque nesse amor não está presente o sentimento de reverência. É muito fácil falar em reclinar-se sobre o peito de Jesus. É muito fácil esquecer que aquele se reclinou sobre o peito de Jesus caiu aos pés de Jesus como se estivesse morto”. *Flood-Tide*, “Sunday Evenings in a City Pulpit” (Maré Enchente, Noites Dominicais num Púlpito da Cidade), 8ª. edição, 113.

“Num sentido, de fato, Spurgeon viveu grandemente no passado. Ele não se preocupava com novas idéias, com os modernos refinamentos da fé e da moral. Sua linguagem, salvo por seus característicos lances de humor, e talvez nem mesmo por isso, pouco diferia da de certos vigorosos pregadores militantes dos tempos de Cromwell. Em grande parte, o seu método de interpretar as Escrituras era o deles. Suas idéias sobre a vida futura e suas relações com a existência de hoje, em nenhum sentido importante eram diferentes das dos autores da Confissão de Westminster. Na verdade, uma das maravilhas da época foi que, em meio à nossa era humanitária, estética e sensível, com suas fórmulas universalistas, sua fuga de extremos lógicos e sua propensão para o idealismo otimista, uma voz poderosa, insistente, estrênuo, pregou resolutamente as velhas doutrinas no velho estilo, iluminada pela luz dada pelo gênio, mas dedicada incondicionalmente ao tom que achava favor entre os “rudes antepassados” que formaram o puritanismo inglês. E foi uma voz solitária. Spurgeon não deixa herdeiros. A tentativa de fundar uma espécie de Sacro Colégio, da qual ele foi o cabeça, fracassou. Seus “jovens” só evocam os aspectos menos desejáveis do seu ministério. Verdadeiramente, o último dos Puritanos foi-se dentre nós”.

Seu irmão James, convidado para falar sobre a “Redenção Particular” por ocasião da inauguração do Tabernáculo em 1861, não tinha a mesma convicção trinta anos depois. Seu pensamento confuso viu-se na parte indecisa que ele desempenhou na Controvérsia do Baixo Grau, e finalmente ele renunciou à presidência do colégio, em maio de 1896, “com base”, diz Fullerton, “na lealdade à *Trust Deed* (Resolução Administrativa), segundo a qual o colégio existia para treinar homens para a denominação Batista Particular (*i.e.*, calvinista)”. Ele morreu em 1899, durante uma viagem de trem para Londres.⁴⁹

⁴⁹ É um pena que o livro de G. Holden Pike, *Life of James Spurgeon*, > >

Thomas Spurgeon só esteve na Inglaterra por dois períodos entre 1877 – sua primeira visita à Austrália – e a morte de seu pai, em 1892. Não temos meios de saber até que ponto esta longa ausência pode ter influenciado seus julgamentos posteriores. Certamente, a julgar pelos padrões do seu pai, a biografia de Thomas Spurgeon, escrita por Fullerton, é um livro muito decepcionante.

Dos que sobreviveram a Spurgeon e que entenderam completamente aquilo em que ele cria, Joseph Harrald é possivelmente o mais significativo. Ele teve sobre os seus ombros o fardo de produzir o grande quarto volume da Autobiografia de Spurgeon – de todas as obras sobre o pregador a mais acurada – e continuou a editar diligentemente os seus sermões semana após semana até sua morte, ocorrida em 1912. No passado Spurgeon pagara sorridentemente tributo ao seu amigo com rimas, e uma estrofe diz:

*Tão conhecido nosso, esquecemos
Que ele é o Reverendo Joseph Harrald;
De Genebra ele é; sua teologia
É “Calvinizada” e “Farelada”.⁵⁰*

Coube a Harrald fazer o máximo para estender o testemunho da vida e do ministério de Spurgeon para além da sua morte! Contudo, ele não deixou de ter suas tristezas, como o leitor das páginas acima pode imaginar. Em *The Sword and the Trowel* de abril de 1892 há uma Nota sobre o Sr. J. W. Harrald, que o descreve como “o amigo de Spurgeon em quem ele mais confiava, e seu mais fiel aliado”. A mesma Nota continua: “Em várias ocasiões ele ocupou o púlpito de

< <não vá além de 1892. O pai de Spurgeon, John Spurgeon, viveu até 14 de junho de 1902; seu filho Thomas morreu em 1917, com a idade de 61 anos.
⁵⁰ “Farelada”: Seguramente referência a Farel (Guilherme Farel, 1489-1565), reformador francês, amigo e companheiro de João Calvino.

Spurgeon, sendo bem aceito; e muitos se alegrarão em saber que, no futuro, ele deverá dirigir os cultos vespertinos do Dia do Senhor no salão de preleções do Tabernáculo”. Por razões não declaradas, esse planejamento foi desfeito durante a “Tempestade no Tabernáculo”, ocorrida mais tarde no mesmo ano. Parece extraordinário que um homem tão chegado a Spurgeon e tão unido a ele em sua crença, pôde ter sido posto de lado da maneira como foi, como se pode ver pelo relato de A. Harwood Field, em seu livro *The Reverend Joseph William Harrald*:

“Então vieram os dias tempestuosos do Tabernáculo, quando a imprensa pública exultou abertamente com as dissensões que tinham surgido na grande igreja e com a falta de união que desse modo foi revelada. Como só se podia esperar, o Sr. Harrald teve que suportar muita coisa desagradável, dura e injusta naquele tempo. Dizia-se que ele foi proibido de pregar no Tabernáculo, e muitas vezes se levantaram contra ele. Oh, que lástima esses conflitos nas igrejas! Como retardam a obra do Espírito Santo e limitam o propósito de Deus com relação ao mundo pecador e sofredor! O Sr. Harrald suportou toda essa provação com a serena paciência que era uma das suas notáveis características. Ele declarou que ele mesmo tinha enviado seu termo de renúncia como pregador nos cultos vespertinos do Tabernáculo. É o que ele tinha feito, mas não teria sido impelido a isso, não fossem as desagradáveis influências ocultas que lhe tornaram imperativo dar o passo que deu. Sua dor sempre teve cura em sua paz secreta”.⁵¹

Com sua obra no Tabernáculo concluída, e depois, em 1902, com a morte da Sra. C. H. Spurgeon, a quem ele tinha prestado tanta ajuda, findada assim a sua necessidade de permanecer em Londres, Harrald voltou para Shoreham, na costa de Sussex – cenário do seu primeiro pastorado. Em

⁵¹ *Joseph William Harrald*, sem data, 117.

primeiro de julho de 1912, ele fez sua costureira caminhada pela praia e depois morreu pacificamente, quando estava revisando um dos sermões de Spurgeon para publicação. Em tributo a ele, Harwood Field diz: “Ele estava sempre por trás da cortina, por assim dizer. Ele realizou a obra, e, contudo, não recebeu nenhum reconhecimento pelo que fez. Somente aquele que vê em secreto pode conhecer e avaliar o serviço prestado por este devotadíssimo trabalhador na seara”.⁵²

Sucedeu, pois, que não foi permitido a Harrald desempenhar nenhum papel na modelagem do futuro do Tabernáculo, após a morte de Spurgeon. Mas, poder-se-ia perguntar, que foi feito de todos os presbíteros e diáconos que perseverantemente apoiaram seu líder durante sua vida? Não podemos lançar nenhuma luz sobre o comportamento deles, exceto aquilo que Harrald nos dá em duas linhas crípticas no meio do quarto volume da *Spurgeon's Autobiography*, publicado em 1900. Após uma carta da igreja, por volta do ano de 1880, quando o pastor estava ausente por enfermidade – seu secretário nos informa que a carta fora assinada por quinze diáconos e presbíteros – ele acrescenta: “É significativo que somente dois daqueles oficiais da igreja cujas assinaturas foram apensas à carta – um diácono e um presbítero – ainda sobrevivem”.⁵³ Houve assim, evidentemente, grandes mudanças entre os que tinham cargos oficiais antes do fim do século, e aqueles que tinham feito o máximo para conduzir a obra nos anos anteriores não tinham mais o leme em suas mãos.

Vê-se que, durante o ministério do Dr. Dixon, o tratamento que anteriormente havia forçado a renúncia de Harrald repetiu-se no caso de dois outros assistentes, Benjamin Reeve, que serviu como segundo pastor auxiliar durante dois anos desde 1915, e T. L. Edwards, designado, como já foi anotado, em 1908 e compelido por Dixon a retirar-se depois

⁵² *Joseph William Harrald*, sem data, 118.

⁵³ *Autobiography*, 4, 231.

de sete anos de serviço. Detalhes da injustiça feita a a Edwards foram dados por Charles Noble no panfleto ao qual anteriormente foi feita referência. A acusação feita por Noble foi que a raiz do problema estava no fato de que o Tabernáculo tinha passado a ser governado por um pastor e oficiais que não acreditavam na constituição da igreja: “Vocês têm permitido que muitas das suas cláusulas sejam ignoradas, quanto à doutrina e à ordem. Desde logo, a primeira delas é que o pastor seja um homem que sustente e mantenha as doutrinas comumente chamadas calvinistas, e só deve ter o cargo enquanto o fizer. O próprio púlpito lhe será negado, se falhar nisso. Mas vocês têm permitido que essas verdades sejam esquecidas e que o arminianismo lhes tome o lugar”.

Um ano depois Dixon renunciou, e um homem melhor foi seu sucessor. Contudo, tinha sido causado um dano, não somente ao Tabernáculo mas também ao movimento evangélico inglês em geral, que muitas gerações não conseguiriam reparar. Fazia pouco tempo que a voz de Spurgeon silenciara, quando o novo espírito evangélico – intoxicado por toda aquela era impressionante, moderna e sensacional – varreu tudo o que tinha diante de si. A idade do “fundamentalismo” tinha começado, e de Spurgeon bem pouca coisa se recordava, salvo que ele foi um “conquistador de almas”. Quando o Tabernáculo Metropolitano foi destruído pela segunda vez, agora por um bombardeio inimigo em 1941, viu-se que sob a pedra fundamental a Confissão de Fé, datada de 1680, ainda estava onde Spurgeon a tinha colocado em 1860. Em 1941 não se sabia de nenhuma congregação influente na Inglaterra que sustentasse a teologia que aquele documento continha; como também não havia nenhuma escola preparando homens para pregar aquela fé. Todavia, como aqueles que lerem este livro saberão, apesar da história dos últimos oitenta anos, o calvinismo não chegou ao triste fim que os seus oponentes do século 19 predisseram. Em

O SPURGEON QUE FOI ESQUECIDO

diferentes edifícios, em vidas mais jovens, em púlpitos e em seus ouvintes, a verdade que dá toda a glória à graça de Deus ainda é proclamada ao mundo e, enquanto for feito isso, Spurgeon, que tanto falou sobre Aquele que é “o mesmo ontem, e hoje, e eternamente”, certamente não será esquecido.

Apêndice

CARTA ABERTA

AOS MEMBROS DA IGREJA DE CRISTO
QUE SERVEM AO SENHOR
NO TABERNÁCULO METROPOLITANO

DE UM ANTIGO MEMBRO

*"Assim diz o Senhor: ponde-vos nos caminhos,
e vede, e perguntai pelas veredas antigas, qual
é o bom caminho, e andai por ele; e achareis
descanso para as vossas almas."*

– Jeremias 6:16

Publicada no quarto ano da Primeira Guerra Mundial,
julho de 1918.

UMA PALAVRA OPORTUNA

AMADOS AMIGOS, OFICIAIS E DEMAIS IRMÃOS NA FÉ

Ao dirigir-lhes algumas palavras, quero que se lembrem que crer na Palavra de Deus e segui-la era motivo de orgulho para nós, e de que, “se alguém não falar segundo esta regra” é “porque nele não há luz”. Lamento, mas chegou a hora em que calar-nos sobre o estado em que se encontra a igreja (Tabernáculo Metropolitano) é um crime, em minha opinião, e espero que vocês dêem sua diligente, honesta e conscienciosa atenção ao que aqui é dito. Se me fora dada a oportunidade de falar em alguma das nossas recentes reuniões na igreja, poderia haver me expressado ali de boca, mas não tivemos nenhuma oportunidade, e assim sou compelido a lhes falar por carta. Preocupo-me muito com a felicidade presente e futura da igreja, e sinto que sobre nós, e especialmente sobre os diáconos, pesa uma grande responsabilidade. Se o que eu disser os fizer voltar às boas veredas antigas, eu me regozijarei, e sem dúvida o Senhor irá adiante de nós na coluna de fogo e na nuvem, como antigamente.

De início permitam que lhes diga que, como membro da igreja, sou constitucionalista: defendo nossas Resoluções da igreja e a Constituição da igreja nelas exarada – sua doutrina, sua ordem eclesiástica, suas exigências, seus direitos, privilégios e responsabilidades. Tais coisas estão de acordo com a Palavra de Deus e sobre ela foram construídas. Portanto, é algo sagrado e não deve ser mudado, nem menosprezado, nem evitado. Quem quer que se aparte disso por querer, é um

extraviado e deve ser levado a envergonhar-se.

Quando me uni à igreja eu o fiz porque aprovei a sua Constituição. Vocês não aprovaram? Certamente todo membro da igreja deve ser constitucionalista. Se eu não acreditasse nas doutrinas, nas responsabilidades, nos direitos, na ordem e nos privilégios da igreja, não deveria ter procurado ser membro dela; não deveria ter direito de candidatar-me à admissão a ela, nem deveria ter sido admitido. Admitir numa igreja ou sociedade uma pessoa que não concorda com os seus princípios, doutrinas, regras e objetivos é corromper essa igreja ou sociedade. Nenhuma pessoa honrada desejaria isso, e nenhum oficial honrado o permitiria. Nenhum clube ou sociedade de amigos respeitável permite que outras pessoas se tornem membros, a não ser que livre e honestamente concordem com as suas regras – perguntem à “Oddfellows”, aos “Foresters”¹, à Livre Maçonaria, aos Bons Templários ou aos membros da Fênix. Se essas instituições seculares insistem em manter sua pureza, como ousaremos – vocês, os diáconos, o pastor, ou membros da igreja – permitir que as grandes doutrinas, regras, ordens, direitos, privilégios e responsabilidades da Igreja de Deus sejam desconsideradas? A responsabilidade, diante de Deus, está sobre vocês que foram nomeados diáconos. Vocês foram designados para serem guardiães da nossa Constituição, e é seu dever velar para que as suas exigências sejam satisfeitas e a igreja seja mantida pura. Mas ela está sendo tratada levianamente e está sendo desprezada e espezinhada.

Os homens de Deus que, reunidos no Tabernáculo Metropolitano, elaboraram a Constituição desta igreja de Deus não eram fanáticos, nem hereges, nem aventureiros, e

¹ *Oddfellows*: Ordem Independente dos Companheiros Especiais, fraternidade beneficente secreta, provavelmente fundada na Inglaterra no século 18. Mais de um milhão de membros no mundo atualmente. Antiga Ordem dos *Foresters*, sociedade fraternal de ajuda mútua, estabelecida em 1834, uma das maiores sociedades dessa natureza na Inglaterra. Nota do tradutor.

sim homens santos movidos por Deus. Entre eles estavam homens como James Low, Thomas Olney, G. Moore, Wm. Potter Olney, Thomas Cook, T. H. Olney, H. Tarnell, Wm. Higgs, E. J. Inskip, B. W. Carr, F. Passmore, Henry Greenfield, John Ward, e, maior que todos eles, Charles Haddon Spurgeon, de quem a igreja atual não é digna. Esses homens santos de Deus, movidos por Deus, não somente providenciaram uma casa para nos reunirmos – da qual nos alegamos em servir-nos – mas também nos deixaram uma organização sólida, firmada num alicerce sólido, com a qual temos rompido. A Constituição da igreja expressava a vontade deles e suas solenes convicções e fé, e cada membro, oficial e pastor tem o dever inapelável de manter-se nela.

Por que será, então, que se mostra tão pouca consideração por ela? Por que os diáconos têm tão pouca consideração por ela? Vocês têm permitido que muitas das suas cláusulas sejam ignoradas, quanto à doutrina e à ordem. Desde logo, a primeira delas é que o pastor seja um homem que sustente e mantenha a doutrina comumente chamada calvinista, e que só seja mantido no cargo enquanto o fizer. O próprio púlpito lhe deve ser negado, se ele deixar de agir assim. Contudo, vocês permitem que essas verdades sejam olvidadas e que o arminianismo lhes tome o lugar. Outra cláusula é que “não seja admitida na igreja nenhuma pessoa que não sustente e não mantenha as doutrinas chamadas calvinistas”; porém são admitidas todas as espécies de pessoas; nenhum esforço é feito para assegurar a unidade da fé; também não há nenhuma união entre nós. Nem presbíteros nem diáconos nem tesoureiro nem pastor mantêm seu ofício em harmonia com a Constituição da igreja. Tudo é baixo grau. Há falhas por toda parte, e vocês não parecem incomodar-se. Todos os nossos direitos, liberdades e poderes foram usurpados e arrebatados de nós, e instalou-se uma tirania que nos degrada e nos escraviza. O povo de Deus é tratado como se fosse povo de vocês. Vocês e o pastor “dominam sobre” ele, e vocês são

responsáveis por toda a confusão, briga, divisão, amargor e ódio que prevalecem na igreja – e há muitíssimo disso. As obras da carne estão em ascendência; tem sido assim desde longa data, e em grande parte a culpa cabe a vocês.

Se acompanharmos o caso do pastor e retrocedermos alguns anos, como ele fez quando apresentou sua causa contra o pastor Edwards, poderemos ver como a coisa é. Tomemos o caso da eleição do Dr. Dixon para o pastorado. Tão séria questão deveria ter sido dirigida com oração e de maneira aberta, e com plena confiança uns nos outros, e todo esforço deveria ter sido feito para verificar a adequação do homem e o sentir e a convicção da igreja. Vocês deveriam ter procurado conhecer as suas crenças e receber dele a promessa de “pregar e manter as doutrinas comumente chamadas calvinistas”, e em geral agir em harmonia com a nossa Constituição. Imaginávamos que vocês tinham feito isso. Entretanto, a julgar pelas obras dele, não conseguimos encontrar prova de que vocês fizeram alguma coisa do gênero. Parece que vocês se consideraram livres para ter qualquer homem que quisessem, e que conspiraram para dar-lhe carta branca para revolucio-nar tudo quanto nos é precioso.

Com o fim de conseguirem o que parecia voto unânime em favor do convite ao Dr. Dixon para vir dirigir-nos, vocês pressionaram a igreja para levá-la a fazer uma demonstração de unidade e consentir unanimemente em sua vinda sem nenhum voto contra. Ele devia saber disso. Logo que lhe foi dada posse, vocês concordaram com uma mudança na maneira de concessão dos assentos. Foi posto em ação um esquema absurdo com relação aos assentos gratuitos; os subscritores deixaram de ter seus próprios assentos, mas ainda deviam continuar pagando a mesma coisa. Tiveram que ser miseravelmente perturbados para dar lugar a uma congregação fantasma de estranhos que haveriam de lotar o Tabernáculo, porém eles nunca vieram, e grande número dos antigos usuários dos assentos também se recusaram a vir.

Muitas outras mudanças ofensivas foram permitidas – entre elas quanto aos dízimos. Exigiram-se os dízimos, e o dinheiro veio a ser arrecadado por todos os meios. Vocês sorriram em face disso tudo, e foram os responsáveis por isso. De igual modo, vocês permitiram que o culto de quinta-feira se convertesse numa espécie de aula para crianças, com quadro-negro e tudo. Anedotas engraçadas nos eram contadas para fazer-nos rir, e se recebiam com indulgência curiosas críticas aos antigos, com aplicações modernas. Naturalmente, para tudo isso havia coletas. Nós fomos admitidos de graça, mas pagamos para sair. Toda a espiritualidade foi perdida. No que se fazia não havia adoração a Deus. Mas vocês o permitiram. Foi a mesma coisa com o ato de levantar as mãos depois de cada culto, que era um esforço para impelir as pessoas a fazerem algum tipo de profissão de fé e desejarem ingressar na igreja, a fim de parecer que estavam fazendo maravilhas em termos de conversões e acréscimos. Moisés operou grandes maravilhas diante do rei do Egito, e os mágicos tentaram fazer o mesmo, e fizeram mais ou menos a mesma coisa com os seus encantamentos. O que fizeram não sabemos. Estávamos acostumados a conversões verdadeiras por meio do evangelho da graça de Deus, e agora acham necessário fazer algo, ainda que “mais ou menos igual”.

Bem, grande ofensa foi feita à nossa mente, e muitos abandonaram a nossa comunhão. Vocês deviam ter parado com isso. Podiam tê-lo feito, porém não o fizeram, e a responsabilidade está com vocês. Vocês também permitiram que fossem feitas palestras arminianas aos obreiros sobre como conquistar almas. Muito absurdo foi dito sobre a facilidade com que as pessoas podem ser convertidas a Deus; e quando certa ocasião expressamos as nossas opiniões, ele (Dr. Dixon) se declarou calvinista, mas disse que a questão era “se não podemos apressar um pouquinho as coisas”! - Imaginem, um calvinista falar em apressar Deus um pouco – Deus ser apressado pelo Dr. Dixon e pela igreja no Tabernáculo

Metropolitano! Pensem num crente professo que crê na eleição eterna, na predestinação dos tempos e dos meios para a vocação eficaz, falar em apressar Deus um pouco! Sim, e daí em diante ele tem sido levado a seguir essas linhas, e vocês lhe têm permitido tentar isso tudo o tempo todo. Para apressar Deus um pouco, todos os obreiros antigos foram substituídos por um grande grupo de rapazes ou moços e moças inexperientes, e pessoas arminianas, e íamos ter centenas de novos membros por ocasião da próxima Reunião Anual da Igreja; mas não foi o que aconteceu. Ele não conseguiu o seu contingente de tantos por dia, semana e mês; nem conseguiu nenhuma outra pessoa. Se vocês tivessem cumprido o seu dever, nem se ouviria falar desses sonhos absurdos, nem os experimentados e fiéis obreiros da igreja teriam sido postos de lado. Vocês se gloriavam em ver esses homens e mulheres serem desprezados e um magote de rapazes chamados para tomar o lugar deles, pois isso deu a vocês senhorio.

Então, mais tarde, foram introduzidos os dízimos, e a Lei foi enganchada no evangelho. "...pois nós não estamos debaixo da lei, mas da graça", coisa que vocês logo esqueceram. Foi Paulo que, falando pelo Espírito Santo, disse: Cristo "na sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos"; e Tiago, falando à igreja de Jerusalém sobre os gentios, disse: não queremos "vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias: que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da fornicção". Os dízimos não foram mencionados, nem foram requeridos na Igreja Primitiva por centenas de anos. Só quando ela se tornou corrupta eles foram exigidos, e então por um sacerdote avaro, extravagante e muito bons em esvaziar bolsos. Os dízimos causaram suficiente problema neste país, e, todavia, o Dr. Dixon prega sermão após sermão sobre o nosso dever de pagar os dízimos. A fim de privar a igreja do direito de eleger os anciãos ou presbíteros vocês toleraram uma monstruosa solicitação de que se faça isso numa pequena

reunião da igreja, de modo que os presbíteros sejam eleitos por um comitê, e que o comitê seja escolhido pelo pastor. A nossa Constituição diz: “eles devem ser escolhidos pelo sufrágio comum da igreja”. Ela determina que eles sejam servidores da igreja, sendo chamados e nomeados pela igreja, tal como os pastores e os diáconos; mas o Dr. Dixon pediu, de improviso, a uns poucos simples membros, que lhe dessem o poder de escolher um comitê para eleger presbíteros. Eles lhe deram esse poder, porém não tinham direito de fazer isso, e o resultado é que um comitê do seu naipe é escolhido, e presbíteros do seu naipe são escolhidos, e como todos eles são sua escolha e dele recebem o seu ofício, são servidores dele. Assim, a igreja não tem servidores. Vocês escolhem o pastor, ele escolhe os diáconos e os presbíteros; nós só damos assentimento a isso depois, mas não temos servidores recebendo seu ofício de nós como igreja. Isso é um desrespeito à ordem e é ilegal. Aqueles que vocês chamam presbíteros não têm nenhum suporte constitucional e não têm como reivindicar reconhecimento. Contudo, vocês permitiram que o sufrágio da igreja fosse arrebatado, e ainda permitem que a igreja seja defraudada de seus direitos constitucionais. Isso é uma grande vergonha. É um insulto a nós.

E não é tudo. Não somente os homens a quem vocês chamam presbíteros realizam a obra dos presbíteros, mas também vocês se assentam com eles e trabalham com eles num tal de Tribunal de Conciliação, assim chamado. Um belo nome, na verdade, mas, pelo que sei desse tribunal, mais merece o nome de Tribunal de Inquisição. Pessoas chamadas a comparecer perante ele são acusadas e são exortadas a confessar pecados, para então serem absolvidas ou condenadas, e virtualmente excomungadas. Só fica restando os nomes dessas pessoas serem colocados diante da igreja, com a solicitação de que sejam retirados da lista de membros, e a obra está completa.

A igreja é o tribunal apropriado e constitucional, e não há

outro, quer para os membros quer para os oficiais ou para os pastores. Eu jamais reconhecerei outro, e aconselho todos os membros da igreja a fazerem o mesmo. Vocês são responsáveis pela existência desse tribunal, como também pela contenda e pela divisão à Mesa do Senhor. Aqui uma grande parte da igreja tem sido ensinada e incentivada a recusar-se a comer e beber com a outra parte. Aqueles se assentam separadamente, temendo ser contaminados se beberem do mesmo cálice com outros. Provavelmente esse é o sinal da divisão existente entre nós. É uma das conseqüências da prática de contrabandar para a igreja pessoas impróprias, e vocês são culpados disso também.

Vocês desafiam a igreja, desafiam a Constituição da igreja, mas deveriam estar do lado da igreja e servir à igreja – não a si mesmos, nem ao pastor. É uma coisa horrenda vocês cantarem “Coroai o Senhor de todos” em público, e depois, em particular, colocarem a coroa na cabeça de vocês. Como eu e muitos outros o vêem, vocês são responsáveis por muita coisa errada que está acontecendo na igreja – pela opressão, contenda, maledicência, ira, ódio, desconfiança, distinções, afastamentos, e por toda a dor e todas as lágrimas e lamentos do povo de Deus por causa das calamidades sobrevindas à cidade (casa) de Deus. Não há nenhum esforço para cativar a alma do povo de Deus, porém, antes, para escandalizá-lo e pô-lo fora. “Mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!”

A grande acusação lançada por Jesus contra Jerusalém foi que ela “apedrejou os profetas e matou aqueles que lhe foram enviados”. Pois essa é a nossa situação. Quanto mais verazes e fiéis os homens forem a Deus, mais certo será que serão expulsos; homens que se mantiveram firmes na fé uma vez dada aos santos têm sido apedrejados e mortos (falo figuradamente); presbíteros que eram e são firmes na fé e retos em sua maneira de viver, foram maltratados, agulhoados e mordidos (de novo falo figuradamente), até que a

renúncia foi o único caminho que se lhes deparou; homens empregados para realizarem a obra da igreja em seu ofício, com solenes promessas de apoio e de cooperação, foram sacrificados a Moloque (continuo falando figuradamente). Tenho em mente o nosso amado presbítero Thos. Cox, chefe da secretaria, a quem foi feita injúria injusta e a quem foi negado o direito que o criminoso tem de se defender, e que depois foi expulso da sala da classe de Bíblia, junto com a classe, não por outra razão senão a de que eles queriam justiça, e depois disso foi expulso do cargo e privado do pão de cada dia. Estou pensando também no pastor Reeve e no pastor Edwards. Eles também foram tratados de maneira ultrajante, foram acusados caluniosamente e figuradamente mortos; eles foram verdadeiros mártires pelo direito e pela verdade.

Quando vocês vieram à igreja pedir apoio para compelir o pastor Edwards a apresentar a sua renúncia, vocês disseram em sua mensagem escrita, redigida por vocês como um corpo, que estavam agradecidos a Deus por todo o bom trabalho que tinha sido feito pelo pastor Edwards durante os nove anos em que ele serviu à igreja. Depois vocês disseram que, contudo, havia uma coisa que os fazia pensar que a renúncia dele era desejável. Vocês não disseram que coisa era essa, nem se era alguma falta dele ou de outrem; vocês não o acusaram de nada, e, contudo, pediram-nos que déssemos o nosso voto contra ele. Foi-nos solicitado que exercêssemos fé implícita em vocês e que expulsássemos um fiel servidor da igreja. Foi uma solicitação ultrajante; se houvesse algo errado no pastor Edwards, sem dúvida vocês no-lo diriam, mas não havia nada, e a igreja votou contra vocês.

Foi um voto de censura e de falta de confiança em vocês, pelo que vocês contestaram a validade do voto e, ignorando as Resoluções da Igreja, consultaram autoridade de fora. Procuraram advogados, e não nos disseram quem eram eles; suponho que eles não tinham autoridade alguma; e então vocês convocaram outra reunião e puseram na presidência

um homem parcial; e a direção dele foi afrontosa. Todos os esforços foram feitos para induzir-nos a votar pela demissão do pastor Edwards sem discussão e cegamente, apesar de vocês não encontrarem falta nele. Todavia, a igreja não concordou, e vocês foram compelidos a adiar a reunião. Mais ou menos uma semana depois, reunimo-nos novamente, e o caso do pastor Edwards deveria ser discutido. O Dr. Dixon disse que estávamos ali para discutir a renúncia do pastor Edwards, mas que ele não ia permitir nenhuma discussão. Ele recusou e suprimiu indignadamente qualquer discussão. Ele fez um longo e excitado discurso, abrangendo nele todos os sete anos que o pastor Edwards o estivera auxiliando, acusou-o de muitas faltas e fez muitas queixas incoerentes, que poucos conseguiram acompanhar. Depois foi dada ao pastor Edwards oportunidade para falar em sua defesa, e, a seguir, o Sr. Passmore falou um pouco e revelou a tal “coisa” que levava os diáconos a achar necessário que o pastor Edwards renunciasse. Entretanto, não houve discussão. Foi feita uma acusação, foi apresentada uma defesa e houve uma testemunha. Não houve discussão, a e foi feita uma votação às pressas, e uma multidão parcial e preconceituosa deu-lhes seu voto. Tristes foram as conseqüências, e vocês são responsáveis por elas.

Como constitucionalista, exorto vocês a se firmarem em nossa Constituição, a insistirem na pregação e na manutenção das doutrinas comumente chamadas calvinistas – elas são verdadeiras e importantes agora como o foram na antigüidade – a expurgarem a igreja de todos aqueles que não sustentam nem mantêm as doutrinas comumente chamadas calvinistas, a dirigirem todos os negócios da igreja de acordo com a nossa constituição, e a andarem no espírito de Cristo em todos os seus procedimentos para com os membros da igreja, ou, se não, a renunciarem ao seu ofício e à condição de membros. É desonroso e imoral insistir em manter a posição que vocês ocupam, a não ser que tenham a intenção de ser fiéis a suas

obrigações. Se deixarem de fazer essas coisas, preparem-se para o desastre. Seu orgulho e sua infidelidade fracassarão; eles não poderão impedir as pessoas bem intencionadas e amantes da liberdade de pensar. Lembrem-se, a igreja não é de vocês, nem do Dr. Dixon. Ele não tem direito ao nosso púlpito, e vocês não têm direito de apoiá-lo, pois ele não é fiel à nossa fé e à nossa Constituição.

Na última reunião da igreja relacionada com o pastor Edwards, quando, referindo-se àqueles que achavam que ele (o Dr. Dixon) deveria retirar-se, ele disse: “Não irei!”, e vocês continuaram a apoiá-lo. Posteriormente ele disse: “Se vocês votarem pela permanência do pastor Edwards, eu não farei uso dele, ou não lhe darei nada para fazer, e assim ele terá que ficar sentado aí, num dos bancos. Não seria isso uma provocação? Não seria o próprio espírito de rebelião contra a igreja? Ele esteve alegre ao vir atendendo ao convite dos diáconos, mas agora nos desafia e diz: “Não irei”. Não, ele não obedecerá; ele pretende grudar aqui como um sanguessuga. Desejado ou não desejado, ele não irá. Eu gostaria que *ele* se lembrasse de que “nenhum cavalheiro entra ou fica onde não é desejado”. Que ele não se engane; ele poderá ser removido, se a igreja realmente o quiser. Mas, se a igreja não puder persuadir-se de que deve removê-lo, como lhe cabe fazer com as pessoas inadequadas que nela foram introduzidas pela negligência de vocês, então a corrupção e a deterioração seguirão rapidamente seu rumo, e padrões cada vez mais baixos de piedade prevalecerão. Relatórios falsos de prosperidade serão feitos freqüentemente. O espírito do mal aumentará, densas trevas sobrevirão aos seus corações. A graça de Deus em Cristo será olvidada, e a casa de vocês lhes será deixada desolada. Nada sofre tanta desolação como onde Deus não está. A casa construída para uso de um povo santo e peculiar, eleito e zeloso de boas obras, que haveria de sustentar e manter as doutrinas comumente chamadas calvinistas, cairá nas mãos de pessoas mundanas, dependentes de

instrumentos, concertos e solistas mundanos, e da bolsa de homens ricos, porém mundanos, sem nenhuma consideração pela verdade como ela é em Cristo Jesus, ou poderá ser vendida para outros propósitos, completamente diferentes; e assim se tornará um monumento ao fracasso e à infidelidade.

Que perspectiva se apresenta à contemplação da igreja! Não o permita Deus, e queira Ele enviar raios da luz da Sua verdade e glória para iluminar o entendimento de vocês no conhecimento dEle e da Sua justiça, e queira Ele estender Seu santo braço e remover do caminho todas as pedras de tropeço, e dar nova vida à Sua obra no coração do Seu povo, e dar-lhes paz, unidade e amor. Até quando?! Ó Senhor, até quando?! E, ó, braço do Senhor, desperta, reveste-te de força. Oxalá a igreja se revista da armadura da justiça e prossiga, “bela como a lua, clara como o sol e terrível como um exército e seus estandartes”. Tenhamos Cristo como Rei, façamos da Sua verdade a lei e do Seu Espírito nosso Guia, e seremos salvos. _____

Esta carta é uma palavra fraternal a todos os meus irmãos na fé, membros da mesma igreja, e aos oficiais da igreja. Espero que seja recebida e considerada como vinda de alguém que deseja sinceramente a felicidade da igreja, e que ela leve à produção de algum esforço com vistas a deter a marcha descendente das coisas. Devemos juntar forças e fazer o melhor que pudermos para nos conhecermos melhor uns aos outros. Alegrar-me-á se tantos quantos tiverem simpatia pelo que acima foi dito tiverem a bondade de me escreverem e me cederem seu endereço. Não temos acesso ao rol de membros da igreja, e, por isso, somos forçados a usar outros meios. Não podemos tirar proveito dos direitos e poderes dados por nossa Constituição, a menos que nos conheçamos uns aos outros e saibamos onde localizar uns aos outros, e possamos unir-nos e cooperar uns com os outros; também

O SPURGEON QUE FOI ESQUECIDO

me alegrarei por ver que alguém deseja mais luz sobre as cláusulas da nossa Constituição e sobre as grandes verdades pelas quais lutamos. Vocês me encontrarão, quase a qualquer hora, no seguinte endereço: 28, Grove Lane, Camberswell, S.E.

Agora, com amor fraternal, sou seu,

Sinceramente em Cristo,

CHAS. NOBLE

Índice

- Aldis, John 227
Alexander of Hillsborough, Lord
232
Anderson, John 66
Angus, Joseph 227
Agostinho, de Hipona 24, 79, 82,
83ⁿ, 212
- Beecher, Henry Ward 21, 217
Binney, Thomas 78ⁿ
Blaikie, W. G. 210ⁿ
Bonar, Horatius 108, 141ⁿ, 211ⁿ,
212ⁿ
Booth, S. H. 176, 178, 187
Bowie, W. Copeland 222
Bradford, John 162ⁿ
Breed, David R. 273
Brogan, D. W. 233ⁿ
Brooke, Stopford A. 222
Brown, Archibald G. 199, 207,
258
Bull, Josiah 163ⁿ
Bullinger, Henry 162ⁿ
Bullock, Charles 227ⁿ
Bunyan, João 51, 54, 228ⁿ
- Cairns, John 263ⁿ
Calvino, João 36, 77, 79, 82, 83ⁿ,
101ⁿ, 104ⁿ, 212, 215, 217,
228, 230
Cameron, Richard 51
Campbell, John 160
Campbell, John MacLeod 212
Candlish, R. S. 239ⁿ, 240ⁿ
- Cargill, Donald 51, 74
Carlile, J. C. 29, 75, 76, 111, 178ⁿ,
179ⁿ, 180, 184ⁿ, 242
Clifford, John 163, 203, 223, 225
Colenso, John William 173
Coles, Elisha 218
Cook, C. T. 108
Cox, Thomas 292
Culross, Dr. 189ⁿ
Cunningham, William 88, 89ⁿ,
212
Cunningham-Burley, A. 29
- Dabney, R. L. 165ⁿ
Daniels, W. H. 209ⁿ
Dale, R. W. 174, 206, 207, 213
d'Aubigné, J. H. Merle 41, 231ⁿ
Davidson, A. B. 173
Day, Richard Ellsworth 236
Denney, James 174ⁿ
Dixon, A. C. 259, 260, 261, 262,
263ⁿ, 265ⁿ, 271, 272ⁿ, 274,
275ⁿ, 287-290, 293, 294
Dixon, Helen C. A. 261, 272
Dixon, R. W. 154, 155
Dods, Marcus 240, 241ⁿ
Drummond, Henry 226, 240
Duncan, John 73ⁿ, 87ⁿ
- Edwards, Jonathan 144, 272
Edwards, T. L. 259, 280, 292, 293
Elmslie, W. G. 173
Evans, Percy W. 30ⁿ

O SPURGEON QUE FOI ESQUECIDO

- Field, A. Harwood 199ⁿ, 279
 Finney, Charles G. 211, 212ⁿ,
 217, 261, 265, 272
 Fitzgerald, Maurice H. 233ⁿ
 Fletcher, John 89
 Fox, George 60
 Foxe, John 154
 Fullarton, William 36
 Fullerton, W. Y. 29, 74, 75ⁿ, 184ⁿ,
 226ⁿ, 241, 251, 254, 257, 258,
 264, 265, 267ⁿ, 277, 278

 Gairdner, James 154, 155
 Gill, John 69, 82
 Gladstone, W. E. 150
 Glover, T. R. 29, 191
 Godet, F. 18
 Goodwin, Thomas 100ⁿ, 107ⁿ
 Grimshaw, William 60, 147

 Haldane, Robert 99
 Harmer, A. A. 265
 Harrald, J. W. 199-201, 278, 279,
 280
 Henn, Silas 77
 Hill, George 208
 Hodge, A. A. 104, 124, 218
 Hodge, Charles 26ⁿ, 101, 104,
 122, 126, 212
 Horne, C. Silvester 171, 233
 Horton, R. F. 175
 Hutcheson, George 237

 James, John Angell 41, 147, 166
 Jowett, J. H. 257
 Jullien, Monsieur L. A. 45

 Kennedy, John 210-213
 Keys, J. L. 199ⁿ
 Knox, John 79, 159

 Latimer, Hugh 53
 Lenski, R. C. H. 238
 Lutero, Martinho 57, 230
 Lynch, Thomas 172

 MacEwan, A. R. 263ⁿ
 Mackintosh, H. R. 174ⁿ
 MacKennal, Alexander 175
 MacLeod, John 212
 Martin, Hugh 98ⁿ
 Mártir, Pedro 162ⁿ
 McLaren, Alexander 227, 258
 M'Crie, Thomas 147
 Meyer, F. B. 257, 267, 268
 Moody, D. L. 140, 207-213, 226,
 227, 255-257, 262, 263ⁿ, 264,
 266-268, 271-274
 Morrison, G. H. 276ⁿ
 Murray, John 99ⁿ, 124, 238ⁿ

 Newman, John Henry 149, 151,
 153
 Newton, John 147, 163ⁿ
 Nicoll, W. Robertson 19, 21, 28ⁿ,
 32ⁿ, 35, 59, 174, 241ⁿ
 Noble, Charles 10, 261, 283-296
 North, Brownlow 206, 211
 Norton, Sidney 19

 Oakley, Henry 182, 192
 Olney, Thomas 271, 286
 Owen, John 82, 102

 Parker, Joseph 21, 32ⁿ, 219, 220
 Passmore, Joseph 286, 293
 Payne, E. A. 188, 191
 Peake, A. S. 174ⁿ
 Philpot, J. C. 155ⁿ
 Pierson, A. T. 250-255, 271, 272,
 274

- Pike, G. H. 28ⁿ, 31ⁿ, 33, 45ⁿ, 167ⁿ,
 168ⁿ, 178ⁿ, 181ⁿ, 182ⁿ, 184ⁿ,
 208ⁿ, 227ⁿ, 242, 253ⁿ 277ⁿ
 Pollock, J. C. 209ⁿ, 211ⁿ
 Poole-Conner, E. J. 184ⁿ, 255
 Pope, W. B. 112ⁿ
 Punshon, W. Morley 209
 Pusey, E. B. 151ⁿ, 231, 232, 243
- Rainy, Principal Robert 212
 Ray, Charles 28, 33ⁿ
 Reeve, Benjamin 280, 292
 Rippon, John 223
 Robertson, F. W. 101, 222
 Rutherford, Samuel 36, 199, 245
 Ryle, H. E. 232
 Ryle, J. C. 140, 155, 156, 157ⁿ,
 169, 213ⁿ
- Sandeen, Ernest R. 275ⁿ
 Sankey, Ira D. 140, 207, 208,
 209ⁿ, 255, 257, 258, 264, 266,
 268
 Shaftesbury, Lord (7th Earl) 167ⁿ
 Shedd, W. G. T. 122
 Shindler, Robert 28, 228
 Simeon, Charles 59ⁿ, 147
 Simpson, P. Carnegie 212
 Simpson, E. K. 22, 29ⁿ
 Slack, Kenneth 59ⁿ
 Smith, J. Manton 264, 265
 Smith, Wilbur 30
 Smith, W. Robertson 173
 Spiller, Charles 81
 Spurgeon, Mrs. C. H. 46, 62, 279
 Spurgeon, James (avô) 148, 198
 Spurgeon, John (pai) 278ⁿ
 Spurgeon, James (irmão) 181,
 250, 251, 277
- Spurgeon, Thomas (filho) 251,
 254, 255, 258, 271, 278
 Stebbins, Mr. 256
 Stevenson, George J. 34
 Stevenson, T. R. 217, 218
 Stewart, Lyman 274
 Stuart, A. Moody 73ⁿ
 Sykes, Norman 232ⁿ
- Tennyson, Lord Alfred 183
 Tiptaft, William 155ⁿ
 Tyndale, William 25ⁿ, 245
- Underwood, A. C. 191ⁿ
- Warfield, B. B. 140
 Watts, Isaac 38
 Wesley, Charles 130
 Wesley, John 23, 41, 44, 89, 90,
 147
 Whitefield, George 41, 44, 46, 53,
 60, 143, 147
 Williams, Charles 183
 Williams, J. P. 217
 Williams, William 59ⁿ
 Wilmot, John 30ⁿ
 Wood, Maurice A. P. 156ⁿ
 Wright, William 53ⁿ
 Wycliffe, John 34
- Zanchius, Jerome 101ⁿ
 Zwingli, Ulrich 230

O SPURGEON que Foi Esquecido

Este livro procura lançar luz sobre as razões que deram surgimento à imagem superficial de Spurgeon como um genial pulpiteiro vitoriano, uma espécie de vovô do movimento evangélico moderno. Mesmo antes da sua morte, em 1892, os jornais e os líderes da Igreja discutiram as características da sua vida que lhe deram direito à fama. Não o seu “credo estreito”, e sim, o seu “genuíno caráter amoroso”, foi mais merecedor de lembrança, disse um periódico, fazendo eco à opinião geral. Quando Joseph Parker contrastou o rígido calvinismo pregado no Tabernáculo de Spurgeon com o louvável cristianismo exemplificado em seu orfanato, o jornal *The Baptist* protestou dizendo que o homem acerca de quem Parker escrevera “não é o Spurgeon da história”. Mas a distorção continuou, e Spurgeon prenunciou como a posição sustentada por ele poderia estar no século vinte: “Estou bem disposto a ser devorado por cães nos próximos cinquenta anos, mas o futuro mais distante me vindicará”.

Este livro traça as linhas principais do pensamento espiritual de Spurgeon em conexão com as três grandes controvérsias ocorridas em seu ministério – a primeira foi sua posição contra o diluído evangelho que estava na moda em Londres, para onde o jovem pregador veio na década de 1850; a segunda, o famoso debate sobre “Regeneração Batismal”, em 1864; finalmente, a dilacerante controvérsia do Baixo Grau, de 1887 a 1891, quando Spurgeon procurou despertar os cristãos para o perigo que a Igreja corria de “ser sepultada sob as ferventes chuvas de lama da heresia moderna”.



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Rua 24 de Maio, 116 – 3º andar – salas 14-17

01041-000 – São Paulo – SP